Ditos de Sri Ramakrishna

Audrey Yoshiko Seo & Stephen Addiss

Tradução: Amadeu António

DITOS DE

SRI RAMAKRISHNA

A COLEÇÃO MAIS EXAUSTIVA DOS MESMOS,

NUM TOTAL DE 1120

LIVRO I: O HOMEM E O MUNDO

Uma parte eterna de Mim mesmo, tendo-se tornado uma alma viva no mundo da vida, atrai a si a mente e os cinco sentidos que repousam na Natureza.

Três são as portas deste inferno que conduzem à ruína da alma — a luxúria, a ira e a ganância. Portanto, que o homem renuncie a estas três.

O homem que escapou a estas três portas das trevas, ó Arjuna, trabalha pelo seu próprio bem e alcança o estado supremo. — *Bhagavad-Gita*

CAPÍTULO I

O HOMEM

[O destino do homem — A verdadeira natureza do homem — O homem no cativeiro — A morte e a reencarnação]

O DESTINO DO HOMEM

1. Vê muitas estrelas no céu à noite, mas não quando o sol nasce. Pode por isso dizer que não há estrelas nos céus durante o dia? Ó homem, porque não consegue encontrar Deus nos dias da sua ignorância, não diga que Deus não existe.

2. Nasce em vão aquele que, tendo atingido o nascimento humano, tão difícil de obter, não tenta realizar Deus nesta mesma vida.

3. Um homem é recompensado de acordo com os seus pensamentos e motivos. O Senhor é como *Kalpataru*, a árvore do céu que realiza os desejos. Cada um recebe d'Ele o que quer que procure. O filho de um homem pobre, tendo recebido educação e tornado-se juiz do Tribunal Coeso por meio de trabalho árduo, é propenso a pensar: «Agora sou feliz. Alcancei o degrau mais alto da escada. Está tudo bem agora.» A este, o

Senhor diz: «Permanece assim.» Mas quando o juiz do Tribunal Coeso se reforma com uma pensão e revê o seu passado, compreende que desperdiçou a vida e exclama: «Ai de mim! Que trabalho real fiz eu nesta vida!» A este, o Senhor também diz: «Ai de mim! O que fizeste tu!»

4. O homem nasce neste mundo com duas tendências — *Vidya*, a tendência para seguir o caminho da libertação, e *Avidya*, a inclinação para o mundanismo e o cativeiro. Ao nascer, ambas as tendências estão, por assim dizer, em equilíbrio como os dois pratos de uma balança. O mundo logo coloca os seus gozos e prazeres num prato, e o Espírito coloca as suas atrações no outro. Se a mente escolhe o mundo, o prato de *Avidya* torna-se pesado e o homem gravita em direção à terra; mas se escolhe o Espírito, o prato de *Vidya* torna-se mais pesado e puxa-o em direção a Deus.

5. Conheça o Um, e conhecerá o todo. Os zeros colocados depois do algarismo um ganham o valor de centenas e de milhares, mas tornam-se sem valor se apagar esse algarismo. Os muitos têm valor apenas por causa do Um. Primeiro o Um e depois os muitos. Primeiro Deus, e depois os *Jivas* e o *Jagat* (as criaturas e o mundo).

6. Primeiro conquiste Deus, e depois conquiste a riqueza; mas não tente fazer o contrário. Se, após adquirir a espiritualidade, levar uma vida mundana, nunca perderá a sua paz de espírito.

7. Fala em reforma social? Bem, pode fazê-lo após a realização de Deus. Lembre-se, os *Rishis* de outrora abandonaram o mundo a fim de alcançar Deus. Esta é a única coisa necessária. Todas as outras coisas lhe serão acrescentadas, se de facto fizer questão de as ter. Primeiro veja Deus, e depois fale de conferências e reformas sociais.

8. Um recém-chegado a uma cidade deve primeiro assegurar um quarto confortável para o seu descanso à noite e, depois de ali deixar a sua bagagem, pode passear livremente pela cidade para fazer turismo. Caso contrário, poderá ter de sofrer muito na escuridão da noite para conseguir um lugar para descansar. Da mesma forma, após assegurar o seu lugar de descanso eterno em Deus, um recém-chegado a este mundo pode mover-se destemidamente a fazer o seu trabalho diário. Caso contrário, quando a noite escura e terrível da morte cair sobre ele, terá de enfrentar grandes dificuldades e sofrimentos.

9. Às portas dos grandes celeiros são colocadas armadilhas contendo arroz frito (*Muri*) para apanhar ratos. Os ratos, atraídos pelo aroma do arroz frito, esquecem o prazer mais sólido de saborear o arroz dentro do celeiro e caem na armadilha. São ali apanhados e mortos. Exatamente o mesmo acontece com a alma. Ela encontra-se no limiar da bem-aventurança Divina, que é como milhões dos mais elevados prazeres mundanos solidificados num só; mas, em vez de lutar por essa bem-aventurança, deixa-se seduzir pelos pequenos prazeres do mundo e cai na armadilha de *Maya*, a grande ilusão, e nela morre.

10. Um *Pundit*: Os Teosofistas dizem que existem "Mahatmas". Dizem também que existem diferentes planos e esferas, como o plano astral, o plano devachânico, a esfera solar, a esfera lunar, etc., e que o corpo subtil do homem pode ir a todos estes lugares. Dizem muitas outras coisas semelhantes. Bem, Senhor, qual é a sua opinião sobre a Teosofia? O Mestre: Apenas *Bhakti* é suprema — *Bhakti* ou a devoção a Deus. Eles importam-se com *Bhakti*? Se sim, isso é bom. É bom se tiverem a realização de Deus como o seu objetivo e meta. Mas lembre-se, estar absorto em coisas tão triviais como a esfera solar, a esfera lunar, a esfera astral, etc., não é uma busca genuína de Deus. É preciso fazer *Sadhanas* (práticas espirituais) a fim de obter devoção aos Seus pés de lótus; é preciso chorar por Ele com o anseio intenso do coração. A mente deve ser recolhida dos diferentes objetos e concentrada exclusivamente n'Ele. Ele não está nos *Vedas* ou no *Vedanta* ou em qualquer escritura. Nada será alcançado a menos que o coração da pessoa anseie por Ele. É preciso rezar-Lhe com devoção intensa e praticar *Sadhanas*. Deus não pode ser realizado tão facilmente. As *Sadhanas* são necessárias.

11. Todos os homens verão Deus? Nenhum homem terá de jejuar o dia inteiro; alguns recebem a sua comida às 9 da manhã, alguns ao meio-dia, outros às 14 horas e outros ainda à noite ou ao pôr do sol. Da mesma forma, numa altura ou noutra, nesta mesma vida ou após muitas mais vidas, todos verão, e devem ver, Deus.

12. As crianças pequenas brincam com bonecas na sala exterior exatamente como querem, sem qualquer cuidado, medo ou restrição; mas assim que a sua mãe entra, deitam fora as bonecas e correm para ela chorando: «Mamã, mamã». Também tu, ó homem, estás agora a brincar neste mundo material, infatuado com as bonecas da riqueza, da honra, da

fama, etc., e não sentes qualquer medo ou ansiedade. Se, contudo, vires uma vez a tua Mãe Divina, não encontrarás depois prazer em tudo isto. Deixando tudo de lado, correrás para Ela.

13. Há pérolas no mar profundo, mas deve arriscar todos os perigos para as obter. Se não conseguir apanhá-las num único mergulho, não conclua que o mar está sem elas. Mergulhe repetidamente, e terá a certeza de ser recompensado no final. Da mesma forma, na busca pelo Senhor, se a sua primeira tentativa de O ver se revelar infrutífera, não desanime. Persevere na tentativa, e terá a certeza de O realizar finalmente.

14. Medite sobre o Conhecimento e a Bem-aventurança Eterna, e terá bem-aventurança. A Bem-aventurança é de facto eterna, apenas está coberta e obscurecida pela ignorância. Quanto menor for o seu apego aos objetos dos sentidos, maior será o seu amor por Deus.

15. A mera posse de riqueza não torna um homem rico. O sinal da casa de um homem rico é que uma luz arde em cada divisão. Os pobres não têm posses para o óleo; portanto, não providenciam muitas luzes. Este templo do corpo não deve ser mantido nas trevas; a lâmpada do Conhecimento deve ser acesa nele. «Acenda a lâmpada do Conhecimento no seu quarto e olhe para o rosto da Mãe Divina.» Todos podem alcançar o Conhecimento. Existe o eu individualizado e existe o Eu superior. Cada indivíduo está ligado ao Eu superior. Há uma ligação de gás em cada casa, e o gás pode ser obtido da Companhia de Gás. Basta pedir às autoridades competentes, e o fornecimento será providenciado. Então terá a luz do gás no seu quarto.

A VERDADEIRA NATUREZA DO HOMEM

16. O algarismo um pode ser elevado a um valor qualquer acrescentando zeros depois dele; mas se esse um for omitido, os zeros por si mesmos não têm valor. Da mesma forma, enquanto o *Jiva* (alma individual) não se apegar a Deus, Que é o Um, ele não tem valor, pois todas as coisas aqui obtêm o seu valor da sua ligação com Deus. Enquanto o *Jiva* se apegar a Deus, Que é o algarismo que dá valor por trás do mundo, e fizer todo o seu trabalho para Ele, ganhará cada vez mais com isso; pelo contrário, se ele ignorar Deus e acrescentar ao seu trabalho muitas grandes realizações, todas feitas para a sua própria glorificação, nada ganhará com isso.

17. Assim como uma lâmpada não arde sem óleo, também um homem não pode viver sem Deus.

18. Deus é para o homem o que um íman é para o ferro. Por que razão não atrai Ele então o homem? Assim como o ferro profundamente enterrado na lama não é movido pela atração do íman, também a alma profundamente enterrada em *Maya* não sente a atração do Senhor. Mas quando a lama é lavada com água, o ferro fica livre para se mover. Da mesma forma, quando, pelas lágrimas constantes de oração e arrependimento, a alma lava a lama de *Maya* que a obriga a agarrar-se à terra, é logo atraída pelo Senhor para Si mesmo.

19. A união do *Jivatman* com o *Paramatman* é como a união dos ponteiros das horas e dos minutos de um relógio uma vez a cada hora. Eles estão inter-relacionados e são interdependentes e, embora habitualmente separados, podem unir-se sempre que ocorram oportunidades favoráveis.

20. A alma acorrentada é o homem, mas quando livre da corrente (*Maya*), é o Senhor.

21. Qual é a relação entre o *Jivatman* e o *Paramatman*? Assim como uma corrente de água parece dividir-se em duas quando uma tábua de madeira é colocada contra ela de perfil, também o Indivisível aparece dividido em dois, o *Jivatman* e o *Paramatman*, devido à limitação de *Maya*.

22. A água e uma bolha nela são uma e a mesma coisa. A bolha tem o seu nascimento na água, flutua nela e é, em última análise, dissolvida nela. Assim também o *Jivatman* e o *Paramatman* são um e o mesmo, sendo a diferença entre eles apenas uma questão de grau. Pois um é finito e limitado, enquanto o outro é infinito; um é dependente, enquanto o outro é independente.

23. A ideia de um ego individual é exatamente como fechar uma porção da água do Ganges e chamar à porção fechada o seu próprio Ganges.

24. Assim como um pedaço de chumbo atirado para uma bacia de mercúrio logo se torna uma amálgama com ele, também uma alma individual perde a sua existência limitada quando cai no oceano de *Brahman*.

25. Deus é o Ser infinito, enquanto o *Jiva* é apenas um ser finito. Como pode então o finito compreender o Infinito? É como uma boneca feita de sal a tentar sondar a profundidade do oceano. Ao fazê-lo, a boneca de sal dissolve-se no mar e perde-se. Da mesma forma, o *Jiva*, ao tentar medir Deus e conhecê-Lo, perde a sua individualidade e torna-se um com Ele.

26. O próprio Senhor está a jogar sob a forma de homem. Ele é o grande prestidigitador e esta fantasmagoria de *Jiva* e *Jagat* é a Sua grande prestidigitação. Apenas o Prestidigitador é verdadeiro, a prestidigitação é falsa.

27. O corpo humano é como uma panela, e a mente, o intelecto e os sentidos são como água, arroz e batata. Quando se coloca uma panela contendo água, arroz e batata ao lume, eles aquecem e, se alguém lhes tocar, o seu dedo queima-se, embora o calor não pertença realmente à panela, ou à água, ou à batata, ou ao arroz. Da mesma forma, é o poder de *Brahman* no homem que faz com que a mente, o intelecto e os sentidos desempenhem as suas funções; e quando esse poder cessa de agir, estes também param o trabalho.

O HOMEM NO CATIVEIRO

28. A verdadeira natureza do *Jiva* é Existência-Conhecimento-Bem-aventurança eterna. É devido ao egoísmo que ele é limitado por tantas *Upadhis* (condições limitadoras) e se esqueceu da sua verdadeira natureza.

29. A natureza do *Jiva* muda com a adição de cada *Upadhi*. Quando um homem se veste como um dândi, usando a fina musselina de bordas pretas, as canções de amor de Nidhu Babu brotam dos seus lábios. Um par de botas inglesas infla até um homem lânguido com o deleite da vaidade; ele começa a assobiar imediatamente e, se tiver de subir um lance de escadas, salta de um degrau para o outro como um *Saheb*. Se um homem segurar uma caneta na mão, continuará a rabiscar descuidadamente em qualquer papel que lhe apareça à frente.

30. Assim como a serpente é separada da sua pele velha, da mesma forma o Espírito é separado do corpo.

31. O Eu não está apegado a nada. O prazer, a dor, o pecado, a virtude, etc., nunca podem afetar o Eu de forma alguma; mas podem afetar

aqueles que se identificam com o corpo, tal como o fumo pode enegrecer apenas a parede, mas não o espaço nela contido.

32. Os Vedantinos dizem que o *Atman* é completamente desapegado. O pecado ou a virtude, a dor ou o prazer, não o podem afetar; mas podem infligir sofrimentos àqueles que têm apego ao corpo. O fumo pode sujar as paredes, mas nada pode fazer ao céu.

33. Os homens são de naturezas diferentes de acordo com a preponderância de *Sattva*, *Rajas* ou *Tamas* neles.

34. Embora todas as almas sejam uma e a mesma na sua natureza última, pertencem a quatro classes de acordo com as suas respetivas condições. São *Baddha* ou acorrentadas, *Mumukshu* ou em luta pela libertação, *Mukta* ou emancipadas, e *Nityamukta* ou eternamente livres.

35. Un pescador lançou a sua rede ao rio e teve uma grande pescaria. Alguns peixes jaziam na rede calmos e imóveis, sem exercer o mínimo esforço para sair dela. Outros lutavam e saltavam, mas não conseguiam libertar-se, enquanto uma terceira classe de peixes conseguia, de alguma forma, forçar a sua saída da rede. No mundo, os homens também são deste modo de três tipos — aqueles que estão acorrentados e nunca se esforçam para ser livres, aqueles que estão acorrentados mas lutam pela liberdade, e aqueles que já alcançaram a liberdade.

36. Existem três bonecas — a primeira feita de sal, a segunda feita de pano e a terceira de pedra. Se estas bonecas forem imersas em água, a primeira dissolver-se-á e perderá a sua forma, a segunda absorverá uma grande quantidade de água mas reterá a sua forma, e a terceira permanecerá impermeável à água. A primeira boneca representa o homem que funde o seu eu no Eu universal e omnipresente e se torna um com Ele; ele é o homem libertado. A segunda representa o *Bhakta* ou o verdadeiro amante de Deus que está cheio de bem-aventurança e conhecimento Divinos. E a terceira representa o homem mundano que não admite sequer uma partícula de conhecimento verdadeiro no seu coração.

37. Os homens são como fronhas de almofada. A cor de uma pode ser vermelha, a de outra azul e a de uma terceira preta; mas todas contêm o mesmo algodão no seu interior. O mesmo se passa com o homem; um é belo, outro é negro, um terceiro é santo e um quarto é ímpio; mas o Ser Divino habita em todos eles.

38. As camadas exteriores dos bolos são feitas de farinha de arroz, mas por dentro são recheadas com diferentes ingredientes. O bolo é bom ou mau de acordo com a qualidade do seu recheio. Assim, todos os corpos humanos são feitos do mesmo e único material, contudo os homens são diferentes em qualidade de acordo com a pureza dos seus corações.

39. O filho de um Brâmane é sem dúvida um Brâmane por nascimento; mas alguns destes Brâmanes de nascimento tornam-se grandes eruditos, alguns tornam-se sacerdotes, outros transformam-se em cozinheiros e outros ainda rebolam no pó diante das portas das cortesãs.

40. É verdade que Deus está até no tigre; mas não devemos por isso ir e enfrentar esse animal. É verdade que Deus habita mesmo nos seres mais ímpios, mas não é adequado que nos associemos com eles.

41. A Divindade Narayana (Deus) paira sobre a água, mas nem todo o tipo de água é própria para beber. Da mesma forma, embora seja verdade que Deus habita em todos os lugares, nem todos os lugares são próprios para serem visitados pelo homem. Um tipo de água pode ser usado para lavar os nossos pés, outro para fins de ablução e um terceiro para beber, enquanto existem ainda outros que não são próprios sequer para serem tocados. Da mesma forma, existem locais diferentes, dos quais alguns podem ser abordados e outros visitados, enquanto existem ainda outros que devem apenas ser saudados à distância e aos quais se deve dizer adeus.

42. Cuidado com o seguinte: o homem tagarela; o homem que não tem o coração aberto; o homem que faz ostentação da sua devoção espetando folhas sagradas de Tulsi nas orelhas; a mulher que usa um véu comprido; e a água fria do poço estagnado coberto de vegetação densa, que é muito prejudicial para a saúde.

A MORTE E A REENCARNAÇÃO

43. Mesmo no momento da morte, as «almas acorrentadas» falam apenas de assuntos mundanos. De nada serve visitar locais de peregrinação, ou banhar-se no sagrado Ganges, ou desfiar contas; se houver apegos mundanos no coração, estes manifestar-se-ão com certeza no momento da morte. Por isso, as «almas acorrentadas» entregam-se a conversas aleatórias mesmo nessa altura. Um papagaio pode ordinariamente cantar o nome

sagrado de Radha-Krishna, mas quando é atacado por um gato, grita «Kang», «Kang» — o seu grito natural.

44. O homem sofre tanto simplesmente por falta de devoção a Deus. Deve-se, portanto, adotar meios que ajudem o pensamento em Deus a surgir na mente no último momento da vida de uma pessoa. O meio é a prática da devoção a Deus. Se isto for feito durante a vida, o pensamento em Deus surgirá com certeza na mente mesmo na última hora.

45. O renascimento de um homem é determinado por aquilo em que ele esteve a pensar momentos antes da morte. As práticas devocionais são, por isso, muito necessárias. Se, pela prática constante, a mente de alguém estiver livre de todas as ideias mundanas, então o pensamento em Deus, que preenche a mente no lugar delas, não a deixará mesmo no momento da morte.

46. Quando uma panela de barro cru se parte, o oleiro pode usar o barro para fazer uma nova; mas quando uma panela já cozida se parte, ele já não pode fazer o mesmo. Assim, quando uma pessoa morre num estado de ignorância, nasce de novo; mas quando fica bem cozida no fogo do verdadeiro conhecimento e morre como um homem perfeito, não nasce de novo.

47. Um grão de arroz cozido não brota novamente quando semeado. Apenas o arroz não cozido produz o rebento. Da mesma forma, quando alguém morre após se tornar um *Siddha*, um homem perfeito, não tem de nascer de novo, mas um *Asiddha*, um homem imperfeito, tem de nascer repetidamente até se tornar um *Siddha*.

CAPÍTULO II

MAYA (ILUSÃO)

[Maya como o Poder Cósmico do Senhor — Maya como o poder ilusório (Avidya) — Maya como o poder libertador (Vidya)]

MAYA COMO O PODER CÓSMICO DO SENHOR

48. *Maya* está para *Brahman* assim como a serpente em movimento está para a serpente em repouso. A força em ação é *Maya*, a força em potência é *Brahman*.

49. Assim como a água do oceano está ora calma, ora agitada em ondas, assim são *Brahman* e *Maya*. O oceano no estado tranquilo é *Brahman*, e no estado turbulento, *Maya*.

50. A relação de *Brahman* com *Sakti* é a do fogo com a sua propriedade de queimar.

51. *Siva* e *Sakti* (Inteligência e Energia) são ambos necessários para a criação. Com argila seca nenhum oleiro pode fazer uma panela; a água também é necessária. Assim, *Siva* sozinho não pode criar sem a ajuda de *Sakti*.

52. Desejoso de ver *Maya*, tive um dia uma visão: Uma pequena gota expandiu-se lentamente e transformou-se numa menina; a menina tornou-se mulher e deu à luz um filho; e, assim que o filho nasceu, ela pegou nele e engoliu-o. Desta forma, muitos filhos lhe nasceram e por ela foram devorados. Então soube que ela era *Maya*.

53. A própria serpente não é afetada pelo veneno nas suas presas; mas quando morde, o veneno mata a criatura mordida. Da mesma forma, *Maya* está no Senhor mas não O afeta, ao passo que a mesma *Maya* ilude o mundo inteiro.

MAYA COMO O PODER ILUSÓRIO (AVIDYA)

54. Um certo *Sadhu* viveu durante algum tempo num quarto no templo de Dakshineswar. Não falava com ninguém e passava todo o seu tempo em meditação sobre Deus. Um dia, de repente, uma nuvem obscureceu o céu e, pouco tempo depois, um vento leve levou a nuvem. O homem santo saiu então do seu quarto e começou a rir e a dançar. Perante isto, o Mestre perguntou-lhe: «Como é que você, que passa os seus dias tão silenciosamente no seu quarto, está a dançar de alegria e a sentir-se tão alegre hoje?» O homem santo respondeu: «Assim é a *Maya* que envolve esta vida! Nenhum vestígio dela existia antes; mas de repente aparece no céu sereno de *Brahman*, criando todo o universo, e é dispersada pelo sopro de *Brahman*.»

55. Rama, Sita e Lakshmana foram para a floresta como exilados. Rama caminhava à frente, Sita no meio e Lakshmana atrás dela. Lakshmana estava muito ansioso por ter sempre uma visão completa de Rama; mas, como Sita estava no meio, ele não conseguia tê-la. Então rezou

a Sita para se afastar um pouco; e, assim que ela o fez, o desejo de Lakshmana foi realizado, e ele viu Rama. Assim é a disposição de *Brahman*, *Maya* e *Jiva* neste mundo. Enquanto a ilusão de *Maya* não se afastar, a criatura não pode ver o Criador — o homem não pode ver Deus.

56. Um homem santo costumava olhar e sorrir para o prisma do candelabro, dia e noite. A razão de assim fazer era que ele via várias cores através do prisma — vermelho, amarelo, azul, etc. Sabendo que essas cores eram falsas, ele percebeu, com um sorriso, que o mundo também era igualmente falso.

57. Hari, usando a máscara de uma cabeça de leão, parece de facto muito terrível. Ele vai até onde a sua irmã mais nova está a brincar e grita de modo horrendo. Ela fica assustada e aterrorizada, e solta um grito de dor para escapar daquela criatura pavorosa. Mas quando Hari tira a máscara, a menina assustada reconhece imediatamente o seu querido irmão e corre para ele, exclamando: «Oh, afinal é o meu querido irmão!» É assim que sucede com todos os homens. Eles são iludidos, assustados e levados a fazer todo o tipo de coisas pelo poder insondável de Maya, ou ignorância, por detrás do qual Brahman Se esconde. Mas quando o véu de Maya é retirado da face de Brahman, já não se vê Nele um Senhor terrível e intransigente, mas o nosso próprio e mais amado Eu interior.

58. Se Deus é omnipresente, porque é que não O vemos? Observando da margem de um lago densamente coberto de escuma e ervas daninhas, não vereis a água que ele contém. Se desejardes ver a água, removei a escuma da superfície do tanque. Com os olhos cobertos pelo véu de Maya, queixai-vos de que não podeis ver Deus. Se quiserdes vê-Lo, removei o véu de Maya dos vossos olhos.

59. Assim como a nuvem cobre o sol, assim Maya esconde a Divindade. Quando a nuvem se afasta, o sol volta a ver-se; quando Maya é removida, Deus torna-Se manifesto.

60. O mítico cisne consegue separar o leite da água com que este é diluído, e beber apenas o leite, deixando a água para trás. As outras aves não conseguem fazer isso. Deus está intimamente misturado com Maya. Os homens comuns não O conseguem ver separado de Maya. Só o Paramahamsa pode rejeitar Maya e alcançar Deus na Sua pureza.

61. Se conseguirdes descobrir a natureza de Maya, a ilusão universal, ela abandonar-vos-á, tal como um ladrão foge quando é descoberto.

MAYA COMO PODER LIBERTADOR (VIDYA)

62. Em Deus existem tanto a Vidya Maya como a Avidya Maya. A Vidya Maya conduz o homem para Deus, ao passo que a Avidya Maya o desvia. O conhecimento, a devoção, o desapego, a compaixão — tudo isto são expressões da Vidya Maya; só com a ajuda delas se pode alcançar Deus.

63. É Maya que revela Brahman. Sem Maya, quem poderia ter conhecido Brahman? Sem conhecer Sakti, o poder manifestado de Deus, não há meio de O conhecer.

64. É apenas devido a Maya que a obtenção do conhecimento supremo e da bem-aventurança final se torna possível para nós. Caso contrário, quem poderia sequer sonhar com tudo isto? Só de Maya provêm a dualidade e a relatividade; para além de Maya não há nem o gozador nem o objecto de gozo.

65. A gata agarra os seus gatinhos com os dentes e eles não se magoam; mas quando um rato é assim apanhado, morre. Deste modo, Maya nunca mata o devoto, embora destrua os outros.

CAPÍTULO III

MAYA COMO «MULHER E OURO»[1]

[O cativeiro do sexo — Sexo e progresso espiritual — Como vencer o sexo? — Riquezas e o aspirante espiritual]

O CATIVEIRO DO SEXO

66. O que é Maya? É a luxúria, que constitui um obstáculo ao progresso espiritual.

67. Será Maya ou Meye (mulher, sexo) que devorou tudo?

68. As almas enredadas na mundanidade não conseguem resistir à tentação da «mulher e do ouro» e dirigir as suas mentes para Deus, mesmo que estas coisas lhes tragam mil humilhações.

69. Tende cuidado, ó chefes de família! Não confieis demasiado nas mulheres; elas estabelecem o seu domínio sobre vós de modo muito insidioso!

70. Não podeis viver num quarto cheio de fuligem e, ao mesmo tempo, escapar a ficar um pouco enegrecidos, apesar de toda a vossa cautela. Assim também, se um homem vive na companhia de mulheres, é inevitável que nele surja alguma carnalidade, por pequena que seja, mesmo que ele seja muito circunspecto e tenha os sentidos sob controlo.

Na leitura dos ditos contidos neste capítulo e noutros, onde se faz referência a Kamini-Kanchana, «mulher e ouro», deve ter-se especialmente em mente que o Mestre não está a propor nenhum culto de ódio às mulheres. O estudo dos seus ditos na sua totalidade, bem como a leitura da Introdução deste Volume, mostrarão que a sua atitude para com o género feminino era de profundo respeito, quase beirando a adoração. Pois ele via nelas, num sentido especial, um símbolo da Mãe Divina do universo. Foi sob esta luz que ele próprio encarou todas as mulheres, e queria que os seus devotos cultivassem também a mesma atitude. Mas, ao mesmo tempo, impressionava os seus discípulos com a ideia de que, quando vistas com um olhar sensual, as «mulheres» eram o maior perigo para o aspirante espiritual. Claro que, por «mulher», ele queria dizer «sexo» ou «carnalidade»; mas o grande mestre que era, com um profundo conhecimento do funcionamento da mente humana, preferia usar o concreto em vez do abstrato, e falava sempre do cativeiro da «mulher» e não do «sexo». O seu motivo deve ter sido puramente psicológico; pois, falando sobre o mesmo assunto às suas devotas, ele costumava adverti-las contra os perigos vindos do «homem». Uma vez que os seus ensinamentos foram todos registados por devotos do sexo masculino, naturalmente recebemos apenas advertências contra os perigos vindos da «mulher», e não do «homem». Tal como «mulher» representa o sexo, «ouro» representa o instinto de posse, e é uma representação concreta de todas as

coisas materiais que os homens valorizam e gostam de possuir. A expressão inglesa correta para isso é «riqueza» ou «fortuna».

71. Se jarros de água gelada e frascos de molhos saborosos forem colocados perto de um homem que sofre de febre muito alta e está semi-delirante, achais que é possível para ele, sedento e inquieto como está, resistir à tentação de beber a água ou provar os molhos? Do mesmo modo, o homem mundano que sofre da febre alta da luxúria, e tem sede de prazeres sensuais, não consegue resistir às tentações quando se encontra entre os encantos da beleza de um lado e os da riqueza do outro. É certo que se desvia do caminho da devoção.

72. Certa vez, um cavalheiro Marwari aproximou-se de Sri Ramakrishna e disse: «Como é, Senhor, que eu não vejo Deus, embora tenha renunciado a tudo?» O Mestre: «Ora, não vistes já odres de couro para guardar azeite? Se um deles for esvaziado do seu conteúdo, ainda assim retém algo do azeite, bem como o seu cheiro. Do mesmo modo, ainda há em vós alguma mundanidade, e o seu odor persiste.»

73. A «mulher e ouro», lembrai-vos, mantêm os homens imersos na mundanidade e afastados de Deus. É estranho que ninguém tenha senão elogios para a sua própria esposa, seja ela boa, má ou indiferente.

74. Assim como o macaco sacrifica a sua vida aos pés do caçador, assim faz o homem aos pés de uma mulher bela.

SEXO E PROGRESSO ESPIRITUAL

75. Aqueles que desejam alcançar Deus ou progredir nas suas práticas devocionais devem proteger-se particularmente das armadilhas da luxúria e da riqueza. Caso contrário, nunca alcançarão a perfeição.

76. Nityananda perguntou a Sri Chaitanya: «Porque é que todo o meu ensino do amor divino não produz nenhum resultado tangível nas mentes dos homens?» Sri Chaitanya respondeu: «Porque, devido à sua associação com as mulheres, eles não conseguem reter os ensinamentos superiores. Ouve, Irmão Nityananda, não há salvação para os mundanos.»

77. Quando é que o indicador de uma balança se afasta da agulha pontiaguda fixada no topo? Quando um dos pratos se torna mais pesado do que o outro. Do mesmo modo, a mente foge de Deus e fica desequilibrada quando a pressão da mulher e da riqueza é colocada sobre ela.

78. Se houver um pequeno buraco no fundo de um jarro de água, toda a água se escoará. Do mesmo modo, se houver o mais pequeno vestígio de mundanidade no aspirante, todos os seus esforços serão em vão.

79. Procurai obter um domínio absoluto sobre o instinto sexual. Se alguém o consegue, produz-se no corpo uma alteração fisiológica pelo desenvolvimento de um nervo até então rudimentar, conhecido como Medha (cuja função é transmutar as energias inferiores em superiores). O conhecimento do Eu superior é alcançado após o desenvolvimento deste nervo Medha.

80. A mente mergulhada na afeição pela «mulher e ouro» é como a areca verde. Enquanto a areca está verde, o seu caroço permanece aderente à casca, mas quando seca, a casca e o caroço separam-se, e o caroço move-se no interior, se for sacudido. Assim, quando a afeição pela «mulher e ouro» seca, a alma é percebida como sendo completamente diferente do corpo.

81. Quando a mente está livre do apego aos objetos dos sentidos, volta-se para Deus e fixa-Se Nele. A alma cativa torna-se livre desta maneira. Aquela alma está cativa que toma o caminho que se afasta de Deus.

82. Quando o apego à riqueza e ao sexo é eliminado da mente, o que mais resta na alma? Apenas a bem-aventurança de Brahman.

COMO VENCER O SEXO?

83. Assim como as pessoas que vivem numa casa infestada de serpentes venenosas estão sempre alerta, assim os homens que vivem no

mundo devem estar sempre vigilantes contra o aliciamento da luxúria e da cobiça.

84. Ao encontrarmos uma serpente, costumamos dizer: «Mãe Manasa, afasta-te, mostrando a cauda e escondendo a cabeça.» Assim também é sábio manter-se afastado de tais influências que tendem a excitar a sensualidade. É muito melhor não entrar em contacto com elas do que ganhar experiência através de uma queda.

85. Certa vez, um discípulo perguntou a Sri Ramakrishna como poderia vencer a luxúria; pois, embora passasse os dias em contemplação religiosa, pensamentos maus surgiam na sua mente de tempos a tempos. O Mestre disse-lhe: «Havia um homem que tinha um cão de estimação. Costumava acariciá-lo, levá-lo ao colo, brincar com ele e beijá-lo. Um homem sábio, vendo este comportamento tolo, advertiu-o para não prodigalizar tal afeição a um cão. Pois, afinal de contas, era um bruto irracional, e poderia mordê-lo um dia.

O dono levou o aviso a sério e, pousando o cão, resolveu nunca mais o acariciar. Mas o animal, a princípio, não entendeu a mudança no seu dono, e corria frequentemente para ele para ser pegado ao colo e acariciado. Depois de ter sido espancado várias vezes, o cão acabou por deixar de incomodar o seu dono. Tal é, de facto, a vossa condição. O cão que tendes acariciado tanto tempo no vosso peito não vos deixará facilmente, embora o desejais. No entanto, não há mal nisso. Não acaricies mais o cão, mas dá-lhe uma boa sova sempre que ele se aproximar para ser acariciado, e com o tempo ficareis totalmente livre das suas importunações.»

86. A «mulher e ouro» afogaram o mundo inteiro no pecado. A mulher fica desarmada quando a vedes como a manifestação da Mãe Divina. Não se pode ver Deus enquanto a paixão pela «mulher e ouro» não for extinta.

87. Uma vez que um homem alcança Deus através de intenso Vairagya (libertação das paixões mundanas), as tentações do sexo desaparecem, e ele se vê fora de perigo até mesmo da sua própria esposa. Se houver dois ímanes desiguais a igual distância de um pedaço de ferro, qual deles o atrairá com maior força? Certamente o maior. Na verdade,

Deus é o maior íman. O que pode o íman mais pequeno, a mulher, fazer contra Ele?

88. As serpentes são répteis venenosos. Se tentardes agarrá-las, certamente sereis mordidos. Mas para o homem que aprendeu a arte de encantar serpentes com o uso de pó magnetizado, não é tarefa muito difícil agarrá-las. Ele pode até brincar com sete delas entrelaçadas e enroladas no seu pescoço. (Do mesmo modo, um homem realizado está imune aos perigos da vida mundana.)

89. Um dia, um cavalheiro Marwari foi ter com Sri Ramakrishna e pediu-lhe permissão para lhe oferecer alguns milhares de rupias. Mas o Mestre não teve senão uma recusa severa para esta oferta bem-intencionada. Ele disse: «Não quero nada com o vosso dinheiro; pois se o aceitar, a minha mente estaria sempre a pensar nele.» O cavalheiro propôs então investir a quantia em nome de um parente de Sri Ramakrishna, para ser usada por ele ao serviço do Mestre. A isso o Mestre respondeu: «Não, seria um duplo jogo. Além disso, estaria sempre na minha mente que estou a guardar o meu dinheiro com fulano.» Mas o Marwari insistiu ainda na sua proposta, citando um dos próprios ditos de Sri Ramakrishna: «Se a mente é como o azeite, flutuará mesmo sobre um oceano de "mulher e ouro"». A isto o Mestre retorquiu: «Isso é verdade, de facto; mas se o azeite flutua sobre a água durante um período considerável de tempo, acaba por se putrefazer. Do mesmo modo, mesmo que a mente apenas flutuasse sobre o oceano da "mulher e ouro", o contacto contínuo com este durante um longo período tenderia certamente a viciar a mente e a fazê-la exalar um mau odor.»

AS RIQUEZAS E O ASPIRANTE ESPIRITUAL

90. Referindo-se ao facto de que a busca da riqueza desvia um aspirante do caminho de Deus, o Mestre disse certa vez a um jovem discípulo: «Como um homem do mundo, aceitaste um emprego remunerado. Mas estás a trabalhar para a tua mãe. Caso contrário, eu teria dito: "Que vergonha! Que vergonha!"» Repetiu isto várias vezes e depois disse: «Serve só o Senhor.»

91. Referindo-se à degradação que o serviço feito por dinheiro acarreta, o Mestre disse a um jovem discípulo: «Uma mudança para pior

ocorreu no seu rosto. Uma película escura e sombria parece ter-se espalhado sobre ele. Tudo isto se deve ao trabalho de escritório. Há as contas e uma centena de outros assuntos a tratar.»

92. O dinheiro é um Upadhi (uma influência enganadora) de natureza muito forte. Assim que um homem se torna rico, fica completamente mudado. Um brâmane que era muito manso e humilde costumava vir aqui (Dakshineswar) de tempos a tempos. Passado algum tempo, deixou de nos visitar, e não soubemos o que lhe aconteceu. Um dia fomos a Konnagore de barco. Quando estávamos a descer do barco, vimo-lo sentado na margem do Ganges, onde, à moda dos grandes senhores, apreciava a brisa pura do rio. Ao ver-me, dirigiu-se a mim em tom paternalista com as palavras: «Olá, Thakkur! Como estás agora?» Imediatamente notei a mudança no seu tom e disse a Hriday, que estava comigo: «Digo-te, Hriday, este homem deve ter obtido algumas riquezas. Vê que grande mudança nele se operou!» E Hriday desatou a rir.

93. O dinheiro só vos pode comprar pão. Não o considereis como o vosso único fim e objetivo.

94. Há alguns que se gabam da sua riqueza e poder, do seu nome e fama, e do seu elevado estatuto na sociedade; mas tudo isso é apenas por poucos dias. Nada disso os acompanhará depois da morte.

95. Em duas ocasiões o Senhor sorri: Primeiro, quando o médico chega à cabeceira de um doente gravemente enfermo e prestes a morrer, e diz à sua mãe: «Ora, minha senhora, não há motivo para preocupação alguma. Assumo a responsabilidade de salvar a vida do vosso filho.» Depois, Ele sorri quando dois irmãos, ocupados a dividir as suas terras, pegam numa fita métrica, estendem-na sobre a terra e dizem: «Este lado é meu, esse lado é vosso.»

96. Não há nada de que se orgulhar no dinheiro. Se dizeis que sois ricos, há homens mais ricos e mais ricos do que vós, em comparação com os quais sois apenas um mendigo. Depois do crepúsculo, quando os vaga-lumes aparecem, pensam: «Nós estamos a dar luz ao mundo.» Mas quando as estrelas começam a cintilar, o orgulho dos vaga-lumes fica humilhado. Agora as estrelas começam a pensar: «Nós estamos a iluminar o universo.» Mas passado um pouco, a lua sobe no céu, e a sua luz prateada humilha as

estrelas, e elas empalidecem de tristeza. De novo, a lua enche-se de orgulho e pensa que com a sua luz o mundo é iluminado e banhado em beleza. Mas eis que a aurora anuncia a ascensão do sol no horizonte oriental. E onde está agora a lua! Se aqueles que se julgam ricos ponderassem sobre estes factos da Natureza, nunca, nunca se gabariam das suas riquezas e poder.

97. A água corre sempre por baixo de uma ponte, mas nunca estagna; assim o dinheiro passa pelas mãos dos livres, e nunca é por eles acumulado.

98. É verdadeiramente um homem aquele para quem o dinheiro é apenas um servo; mas, por outro lado, aqueles que não sabem fazer dele o uso adequado, dificilmente merecem ser chamados homens.

CAPÍTULO IV

MAYA COMO AHAMKARA OU EGOTISMO [1]

[Males do egotismo — A dificuldade de vencer o egotismo — Ego «maduro» e ego «verde» — Como vencer o ego — O ego no homem realizado]

MALES DO EGOTISMO

99. O sol pode dar calor e luz a todo o mundo, mas não o pode fazer quando as nuvens bloqueiam os seus raios. Do mesmo modo, enquanto o egotismo velar o coração, Deus não poderá brilhar sobre ele.

100. O egotismo é como uma nuvem que mantém Deus oculto aos nossos olhos. Se ele desaparece pela misericórdia do Guru, Deus é percebido em toda a Sua glória. Por exemplo, vedes na imagem que Sri Ramachandra, que é Deus, está apenas dois ou três passos à frente de Lakshmana (o Jiva), mas Sita (Maya), colocando-se entre os dois, impede Lakshmana de ter uma visão de Rama.

Ahamkara e Aham — Estas duas palavras foram traduzidas aqui de várias maneiras, conforme o contexto, como egotismo, o sentido de «eu», o «eu», o ego, o «eu-idade» e assim por diante. Nenhuma delas é talvez um equivalente exato. A filosofia indiana e o sistema de disciplina espiritual entendem por isso o princípio básico de individuação que dá origem ao sentido de «eu», ao sentimento concomitante de separação de Deus e de

outros indivíduos, e a todos os outros desenvolvimentos psíquicos e físicos que daí decorrem. O objetivo da vida espiritual é erradicar esta fonte primária de toda a mundanidade e realizar a unidade de toda a existência.

101. P. Senhor, porque estamos assim cativos? Porque não vemos Deus? R. O próprio ego do homem é Maya. É o véu que exclui a Luz. Na verdade, com a morte do «eu», cessam todos os problemas. Se, pela graça do Senhor, um homem adquire o conhecimento de que não é o agente, então ele torna-se com certeza um Jivanmukta, um liberto nesta mesma vida, e transcende todo o medo.

102. Se eu segurar este pano diante de mim, já não me podeis ver, embora eu continue tão perto de vós como sempre. Assim também, embora Deus esteja mais próximo de vós do que qualquer outra coisa, por causa do véu do egotismo não O podeis ver.

103. Enquanto houver egotismo, nem o Conhecimento de Si (Jnana) nem a libertação (Mukti) são possíveis; e não há cessação do nascimento e da morte.

104. O arroz, as lentilhas, as batatas e outras coisas colocadas em água fria dentro de um vaso de barro podem ser tocadas com a mão até serem aquecidas no fogo. O mesmo se aplica ao Jiva. Este corpo é o vaso de barro; a riqueza e a erudição, a casta e a linhagem, o poder e a posição são como o arroz, as lentilhas e as batatas. O egotismo é o calor. O Jiva é aquecido (torna-se arrogante) pelo egotismo.

105. A água da chuva nunca se acumula em terreno elevado, mas escorre para o nível mais baixo. Assim também a misericórdia de Deus permanece nos corações dos humildes, mas escorre daqueles que são vaidosos e orgulhosos.

106. O egotismo é tão prejudicial ao homem que, enquanto não for erradicado, não há salvação para ele. Olhai para o vitelo e os problemas que lhe advêm do egotismo. Assim que nasce, grita: «Ham hai» — «Eu sou», «Eu sou». A consequência do seu egotismo é que, quando cresce, se for boi, é atrelado ao arado, para puxar carroças carregadas de peso; se for vaca, é mantida amarrada ao seu poste e, por vezes, até morta e comida. Mas, apesar de todo este castigo, o animal não perde o seu egotismo; pois

os tambores feitos com a sua pele produzem o mesmo som de «Ham» — «Eu». A criatura não aprende a humildade até que o cardador de algodão faça cordas de arco com as suas entranhas; pois é então que os intestinos do animal cantam «Tu hai» — «Tu és». O «Eu» tem de desaparecer e dar lugar ao «Tu»; e isso só se consegue quando o homem desperta espiritualmente.

107. A liberdade virá quando o vosso «eu-idade» (egotismo) desaparecer e vós próprios estiverdes mergulhados na Divindade.

108. Quando é que um homem alcança a salvação? Só quando o seu egotismo morre.

109. P. Quando serei livre? R. Quando esse «eu» desaparecer de vós. «Eu e meu» — isto é ignorância; «Tu e Teu» — isso é o verdadeiro conhecimento. O verdadeiro devoto diz sempre: «Ó Senhor, Tu és o agente (Karta). Tu fazes tudo. Eu sou apenas um instrumento nas Tuas mãos. Faço o que Tu me fazes fazer. Tudo isto é Tua glória. Esta casa e esta família são Tuas, não minhas; só tenho o direito de servir como Tu ordenas.»

A DIFICULDADE DE VENCER O EGOTISMO

110. As vaidades de todos os outros podem desaparecer gradualmente, mas a vaidade de um santo relativamente à sua santidade é realmente difícil de desgastar.

111. A taça onde se guarda sumo de alho retém o odor, mesmo depois de lavada várias vezes. O egotismo é um aspeto tão obstinado da ignorância que nunca desaparece completamente, por mais que se tente livrar-se dele.

112. O dispetico sabe muito bem que as coisas azedas lhe são prejudiciais, mas tal é a força da associação que a simples visão delas é suficiente para lhe fazer salivar. Assim, mesmo que se tente reprimir a ideia do «eu» e do «meu», quando se começa a agir, o ego «verde» afirma-se.

113. São poucos os que podem alcançar o Samadhi e livrar-se do Aham — o sentimento do «eu» interior. Geralmente, ele não desaparece. Podeis raciocinar e discernir sem fim, e no entanto este «eu» volta sempre. Hoje podeis cortar a figueira, mas amanhã vê-la-eis a brotar de novo.

114. Aqueles que buscam nome e fama estão sob uma ilusão. Esquecem-se de que tudo é ordenado pelo Grande Dispensador de todas as coisas e que tudo se deve ao Senhor e só ao Senhor. O homem sábio diz sempre: «És Tu, ó Senhor, és Tu»; mas o ignorante e o iludido dizem: «Sou eu, sou eu.»

EGO «MADURO» E EGO «VERDE»

115. Há dois tipos de ego, um «maduro» e outro «verde». «Nada é meu, tudo o que vejo, ou sinto, ou ouço, até mesmo este corpo, não é meu; sou sempre eterno, livre e onisciente» — tais ideias provêm do ego «maduro». «Esta é a minha casa, este é o meu filho, esta é a minha esposa, este é o meu corpo» — pensamentos deste tipo são a manifestação do ego «verde».

116. O ego que afirma «sou o servo de Deus» é característico do verdadeiro devoto. É o ego de Vidya (Conhecimento), e é chamado de ego «maduro».

117. O que é o «eu pernicioso»? O «eu» que diz: «O quê! Eles não me conhecem? Tenho tanto dinheiro! Quem é tão rico como eu? Quem ousa ultrapassar-me?»

118. O «eu» que torna um homem mundano e apegado à luxúria e à riqueza é pernicioso. A alma individual e o Ser Universal estão separados porque este «eu» se coloca entre eles. Se uma vara for colocada sobre a superfície da água, a água parecerá dividida em duas secções. A vara é o Aham — o «eu». Tirai-a, e a água torna-se novamente indivisa.

COMO VENCER O EGO

119. Se alguém meditar sobre esta palavra «eu», tentando rastreá-la, verá que é apenas uma palavra que denota egotismo. Mas é extremamente difícil livrar-se dela. Por isso, deve-se dizer: «Ó pernicioso "eu", se não queres ir por nenhum meio, fica como servo de Deus.» O ego que se sente servo de Deus é chamado de «eu maduro».

120. Sankaracharya tinha um discípulo que o servia há muito tempo, mas ainda não recebera qualquer instrução dele. Certa vez, estando sentado sozinho, Sankara ouviu os passos de alguém que vinha por trás. Então chamou: «Quem está aí?» O discípulo respondeu: «Sou eu.» O Acharya disse então: «Se este "eu" vos é tão caro, ou expandi-lo ao infinito (isto é, conhecei o universo como sendo vós mesmos), ou renunciai a ele completamente.»

121. Se descobris que não podeis afastar este sentimento de «eu», então deixai-o permanecer como o «eu servo». Não há muito a temer do ego que está centrado no pensamento: «Sou o servo de Deus; sou Seu devoto.» Os doces causam dispepsia, mas não o açúcar-cande, que é uma exceção. O «eu servo», o «eu» do devoto, o «eu» de uma criança — cada um destes é como uma linha traçada com uma vara na superfície da água. O «eu» não dura muito.

122. Assim como o açúcar-cande não tem efeito prejudicial como outros doces, assim também o ego «maduro», que se considera servo ou adorador de Deus, não causa nenhuma daquelas más consequências características do ego «verde». Pelo contrário, conduz a Deus, e significa que se progrediu no Bhakti Yoga, ou caminho da devoção.

123. Qual é a natureza dos sentimentos e impulsos daquele que tem a atitude do «eu servo»? Se a sua convicção for verdadeira e sincera, então restam apenas as formas, a aparência, dos seus antigos sentimentos e impulsos. Mesmo que o ego do servo ou o ego do devoto permaneça, aquele que realizou Deus não pode magoar ninguém. Todo o ferrão da individualidade desaparece dele. A espada torna-se ouro pelo toque da pedra filosofal. Conserva a sua forma anterior, mas já não pode ferir ninguém.

124. Se sentirdes orgulho, que seja no pensamento de que sois o servo de Deus, o filho de Deus. Os grandes homens têm a natureza das crianças. São sempre crianças diante d'Ele; por isso estão livres do orgulho. Toda a sua força vem de Deus, e não é deles. Pertence-Lhe e vem d'Ele.

125. Uma pessoa que está convencida de que tudo é feito pela vontade de Deus sente-se como um mero instrumento nas Suas mãos. Está então

livre de todo o cativeiro, mesmo nesta vida. «Tu fazes a Tua obra, Senhor; mas o homem diz: "Eu faço-a"!»

126. Enquanto alguém diz «eu sei» ou «não sei», olha para si mesmo como uma pessoa. Minha Mãe Divina diz: «É só quando Eu apago todo este Aham (eu-idade) em ti, que o Absoluto Indiferenciado (Meu aspeto impessoal) pode ser realizado em Samadhi.» Até então, há o «eu» em mim e diante de mim.

127. Depois de um processo de severa luta com a natureza inferior e da prática assídua de disciplina espiritual que conduz ao Conhecimento de Si, atinge-se o estado de Samadhi. Então o ego, com todo o seu séquito, desaparece. Mas é muito difícil atingir o Samadhi; o ego é muito persistente. É por isso que nascemos vezes sem conta neste mundo.

128. Enquanto não se é abençoado com a visão Divina, enquanto o toque da pedra filosofal não transmutou o metal vil em ouro, haverá o sentimento ilusório: «Eu sou o agente.» E até que esta ilusão cesse, persistirá a ideia que dá o sentido de distinção entre «fiz esta boa obra» e «fiz aquela má obra». Maya significa este sentido de distinção, e é por causa dele que o mundo continua. Alcança-se Deus se nos refugiarmos na Vidya Maya — aquele aspeto do Poder Divino que tem a preponderância de Sattva — que nos conduz pelo caminho certo. Só atravessa o oceano de Maya aquele que se confronta com Deus — que O realiza. Um homem está verdadeiramente livre, mesmo aqui neste estado encarnado, se sabe que Deus é o verdadeiro agente e que ele, por si só, é incapaz de fazer seja o que for.

O EGO DO HOMEM REALIZADO

129. Morrerá alguma vez o sentido do «eu» por completo? As pétalas do lírio caem com o tempo, mas deixam a sua marca. Assim, o ego do homem desaparece por inteiro (quando ele realiza Deus), mas os vestígios da sua existência anterior permanecem; isso, no entanto, não produz qualquer efeito mau.

130. O homem verdadeiramente sábio é aquele que viu o Senhor. Torna-se como uma criança. A criança, sem dúvida, parece ter uma individualidade, uma separação, que lhe é própria. Mas essa individualidade é mera aparência, não realidade. O si da criança não tem nada a ver com o si do homem adulto.

131. Algumas grandes almas que alcançaram o sétimo ou o mais alto plano do Samadhi, e que assim ficaram mergulhadas na consciência de Deus, têm o prazer de descer dessa altura espiritual para o bem da humanidade. Guardam o ego do Conhecimento (o Aham de Vidya), que é o mesmo que o Eu superior. Mas este ego é mera aparência. É como uma linha traçada sobre a água.

132. Assim como um pedaço de corda, quando queimado, conserva a sua forma, mas já não pode servir para atar, assim é o ego que é queimado pelo fogo do Conhecimento supremo.

133. Um homem sonha que alguém vem para o cortar em pedaços. Assustado, acorda com um gemido e vê que a porta do seu quarto está fechada por dentro e que não há ninguém lá dentro. Mesmo assim, o seu coração continua a bater depressa durante alguns minutos. Assim também o nosso Abhimana, ou sentido do «eu», deixa atrás de si algum ímpeto, mesmo quando já partiu.

134. Depois da obtenção do Samadhi, alguns ainda retêm o ego — o «eu» do servo ou adorador de Deus. Sankaracharya guardou o ego de Vidya (conhecimento) para o ensinamento dos outros.

135. Hanuman foi abençoado com a visão de Deus tanto com forma como sem ela (Sakara e Nirakara). Mas reteve o ego de servo de Deus. Tal foi também o caso de Narada, Sanaka, Sananda e Sanatkumara.

Um devoto: Narada e os outros eram apenas Bhaktas, ou também eram Jnanis?

O Mestre: Narada e os outros tinham alcançado o mais alto Conhecimento (Brahmajnana). Mas ainda assim continuavam, como a água murmurante do ribeiro, a falar e a cantar os louvores de Deus. Isto mostra que também eles guardaram este ego de Conhecimento, um ligeiro traço de individualidade, para marcar a sua existência separada da Divindade, com o propósito de ensinar aos outros as verdades salvíficas da religião.

136. Certa vez, o Mestre perguntou a um discípulo seu, em tom brincalhão: «Ora bem, notas em mim algum Abhimana (orgulho que surge do sentido do "eu")? Tenho algum Abhimana?»

O Discípulo: Sim, Senhor, um pouco; mas esse pouco foi guardado para os seguintes fins: primeiro, para a preservação do corpo; segundo, para

a prática da devoção a Deus; terceiro, para o convívio com a companhia dos devotos; e quarto, para dar instrução aos outros. Ao mesmo tempo, deve dizer-se que o retiveste apenas depois de muita oração. Quero dizer, o estado natural da tua alma só pode ser descrito pela palavra Samadhi. Por isso digo que o Abhimana ou egotismo que possuis é o resultado da tua oração.

O Mestre: Sim, mas não foi retido por mim, mas por minha Mãe Divina. Está nas mãos da minha Mãe Divina atender à oração.

CAPÍTULO V

CATIVEIRO DO CONHECIMENTO DOS LIVROS

[Esterilidade do mero conhecimento dos livros — Vaidade da disputa — O verdadeiro fim do conhecimento]

ESTERILIDADE DO MERO CONHECIMENTO DOS LIVROS

137. Um dia, o falecido Keshab Chandra Sen foi ter com Sri Ramakrishna no templo de Dakshineswar e perguntou-lhe: «Como é que mesmo pessoas instruídas permanecem tão profundamente ignorantes das coisas que verdadeiramente importam na vida espiritual, embora tenham lido uma biblioteca inteira de livros religiosos?» O Mestre respondeu: «O milhafre e o abutre voam muito alto no ar, mas os seus olhos permanecem fixos nos cemitérios, à procura de carcaças putrefactas; do mesmo modo, as mentes dos chamados homens instruídos estão apegadas às coisas do mundo, à luxúria e à riqueza, apesar da sua erudição nas sagradas escrituras, e por isso não podem alcançar o verdadeiro Conhecimento.»

138. Aquele conhecimento que purifica a mente e o coração é o único verdadeiro Conhecimento; todo o resto é apenas uma negação do Conhecimento.

139. De que serve o mero conhecimento dos livros? Os Pandits podem estar familiarizados com muitos textos sagrados e dísticos. Mas de que serve repeti-los? É necessário realizar na própria vida as verdades contidas nas escrituras. A mera leitura não trará Conhecimento nem salvação enquanto se estiver apegado ao mundo, enquanto se for amigo da «mulher e ouro».

140. Os nossos chamados Pandits falam em grande estilo. Falam de Brahman, de Deus, do Absoluto, de Jnana Yoga, de filosofia, de ontologia,

e do resto. Mas há muito poucos que realizaram aquilo de que falam. São secos e duros, e não servem para nada.

141. É fácil proferir «dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó» com a boca, mas é difícil tocá-los num instrumento. Assim, é fácil falar de religião, mas difícil praticá-la.

142. Um papagaio repete de cor o santo nome de Radha-Krishna, mas assim que é apanhado por um gato, grita «cang, cang», revelando o seu grito natural. Os homens mundanos, por vezes, repetem o nome de Hari (Deus) e realizam várias ações piedosas e caritativas com a esperança de ganhos mundanos, mas quando a desgraça, a tristeza, a pobreza e a morte os atingem, esquecem-n'Ele e de tais ações.

143. Pode adquirir-se o amor de Deus pela leitura de livros sagrados? No almanaque hindu menciona-se que, num determinado dia, haverá vinte Adas (uma unidade de medida) de água da chuva. Mas não se conseguirá espremer do almanaque uma única gota! Assim também, muitos bons ditos se encontram em livros sagrados, mas a mera leitura não tornará alguém religioso. É necessário praticar as virtudes ensinadas nesses livros para adquirir o amor de Deus.

144. No reino de Deus, a razão, o intelecto e o conhecimento erudito são inúteis. Aí os mudos falam, os cegos veem e os surdos ouvem.

145. Explicar Deus após ter meramente lido as escrituras é como explicar a alguém a cidade de Benares após tê-la visto apenas num mapa.

146. A intoxicação do cânhamo não se obtém repetindo a palavra «cânhamo» mil vezes. Arranja-se um pouco de cânhamo, pisa-se com água até fazer uma solução e bebe-se; então ficar-se-á realmente intoxicado. De que serve gritar bem alto: «Ó Deus, ó Deus!»? Praticai a devoção regularmente e vereis Deus.

147. Este conhecimento de Deus não chega à pessoa que se orgulha da sua erudição ou riqueza. Podeis dizer a tal pessoa: «Há um homem santo em tal lugar. Gostais de o ver?» Ela, no entanto, há de arranjar desculpas e dizer que não pode ir. Pensa que é demasiado importante para visitar tal pessoa. Esse orgulho nasce da ignorância.

148. Aqueles que leram um pouco ficam inchados de orgulho. Tive uma conversa com certa pessoa sobre Deus. Ela disse: «Oh, eu sei tudo

isso.» Eu disse-lhe: «Alguém que tenha ido a Deli se gaba disso? Um cavalheiro alguma vez nos diz que é um cavalheiro?»

149. Grantha nem sempre significa uma escritura sagrada, mas muitas vezes passa a significar um Granthi, ou um nó. Se um homem não a lê com um desejo intenso de conhecer a Verdade, e renunciando a toda a vaidade, a mera leitura de livros só dá origem a pedantismo, presunção, egotismo, etc., que serão um estorvo na sua mente, como tantos nós.

150. A água seca imediatamente se for derramada sobre um monte de cinzas. A vaidade é como esse monte de cinzas. A oração e a contemplação não produzem efeito no coração inchado de vaidade.

VAIDADE DA DISPUTA

151. A água derramada num vaso vazio faz um barulho borbulhante, mas quando o vaso está cheio, não se ouve som algum. Do mesmo modo, o homem que não encontrou Deus está cheio de vãs disputas sobre a Sua existência e natureza. Mas aquele que O viu, desfruta em silêncio da bem-aventurança Divina.

152. Os homens comuns falam «sacos cheios» de religião, mas não praticam nem um «grão» dela. O homem sábio fala pouco, mesmo que toda a sua vida seja religião expressa em ação.

153. Quando um grande número de convidados é convidado para um banquete, ouve-se primeiro um barulho tremendo que eles fazem; mas isso só dura até começarem a comer. Quando os pratos são servidos e os convidados se põem a comer, três quartos do barulho diminuem. Então vem a vez dos doces. Quanto mais são servidos, mais o barulho diminui; e finalmente, quando chega a vez do leite coalhado (a última iguaria), só se ouve um som, a saber: «sorver». Terminado o banquete, a próxima coisa que os convidados têm a fazer é dormir.

Quanto mais vos aproximais de Deus, menos dispostos estais a questionar e a raciocinar. Quando O alcançais de facto, quando O contemplais como a realidade — então todo o barulho, todas as disputas, terminam. Então é tempo de dormir, isto é, de gozo, que vem no Samadhi, o estado de comunhão com o Divino.

154. Enquanto a abelha está fora das pétalas da flor e ainda não provou a doçura do néctar interior, rodeia-a a zumbir; mas quando entra na

flor, bebe-o silenciosamente. Enquanto um homem disputa sobre doutrinas e dogmas, não provou o néctar da verdadeira fé. Uma vez que o prova, fica em silêncio.

155. Aquele que começou há pouco o estudo de uma língua estrangeira, ao falar, recorre constantemente a palavras dessa língua para ostentar os seus conhecimentos; mas aquele que conhece bem a língua raramente a usa quando fala na sua própria língua materna. Tal é, de facto, o caso daqueles que estão bem adiantados na religião.

156. À distância do mercado, ouvimos apenas um zumbido alto; mas, entrando no mercado, já não o ouvimos, e percebemos as negociações que estão a decorrer. Do mesmo modo, enquanto uma pessoa está longe de Deus, não pode deixar de estar no meio da confusão da sofisma, do vão argumento e da discussão; mas quando se aproxima de Deus, todos os argumentos e discussões cessam, e ela obtém uma perceção clara e vívida dos mistérios de Deus.

157. Atirai um bolo não cozido de farinha para ghee quente, e ele fará uma espécie de barulho. Mas quanto mais frito, menos barulho faz; e quando está totalmente frito, o borbulhar cessa por completo. Enquanto um homem tem um pouco de conhecimento, anda a falar e a pregar; mas quando a perfeição resultante do verdadeiro Conhecimento é alcançada, ele já não faz exibição vã.

158. Quando a graça do Todo-Poderoso desce sobre alguém, ele compreende imediatamente os seus erros; sabendo isto, não deveis disputar.

O VERDADEIRO FIM DO CONHECIMENTO

159. Os livros sagrados apenas indicam o caminho para Deus. Uma vez conhecido o caminho, de que servem os livros? Então chega o tempo para o cultivo da alma em comunhão solitária com Deus. Uma pessoa recebeu uma carta da sua terra natal, pedindo-lhe que enviasse certas coisas aos seus parentes. Quando ia encomendá-las, quis confirmar na carta os artigos requisitados. Então procurou a carta, que estava extraviada. Por fim, com grande alegria, encontrou-a após longa procura. Pegou nela avidamente, e leu o conteúdo, que dizia: «Por favor, enviai cinco Seers (1Kg.) de doces, cem laranjas e oito peças de pano.» Conhecendo o conteúdo, deitou a carta de lado e pôs-se a arranjar os artigos. Quanto tempo, então, alguém se preocupa com tal carta? Enquanto não conhece o

conteúdo. Uma vez conhecido o conteúdo, o passo seguinte é empreender o esforço necessário para obter as coisas desejadas. Do mesmo modo, os livros sagrados dizem-nos apenas o caminho para Deus, isto é, os meios para a realização de Deus. Uma vez conhecido isso, o passo seguinte é trabalhar o caminho até à meta. A realização é a meta.

160. Para-vidya, isto é, o conhecimento superior, é aquele pelo qual conhecemos Deus. Todo o resto, meras escrituras, filosofia, lógica ou gramática, só sobrecarrega e confunde a mente. Os Granthas (livros) são, por vezes, Granthis (nós). São bons apenas quando conduzem ao conhecimento superior.

161. Muitos pensam que o conhecimento de Deus não pode ser alcançado senão pelo estudo dos livros. Mas mais alto do que a leitura está a audição, e ainda mais alto do que a audição está a visão ou a realização. Ouvir a verdade dos lábios do preceptor causa maior impressão na mente do que a mera leitura de livros; mas ver causa a maior impressão. Melhor do que ler sobre Benares é ouvir falar do lugar pelos lábios de alguém que o visitou; mas o melhor é ver Benares com os próprios olhos.

162. Apenas dois tipos de pessoas podem alcançar o conhecimento de si: aqueles que não estão de todo sobrecarregados com o conhecimento erudito, isto é, cujas mentes não estão demasiado cheias de pensamentos emprestados de outros; e aqueles que, depois de estudarem todas as escrituras e ciências, chegaram a perceber que nada sabem.

163. As pessoas falam de erros e superstições, e sentem orgulho do seu conhecimento dos livros; mas o devoto sincero encontra o Senhor amoroso sempre pronto a dar-lhe uma ajuda. Não importa se andou por um caminho errado durante algum tempo. O Senhor sabe o que ele quer e, no fim, satisfaz os desejos do seu coração.

164. Dois amigos foram a um pomar. Um deles, com muita sabedoria mundana, começou imediatamente a contar as mangueiras e o número de mangas que cada árvore dava, e a calcular qual seria o valor aproximado de todo o pomar. O seu companheiro foi ter com o dono, fez amizade com ele, e depois, calmamente, dirigiu-se a uma árvore e, a pedido do anfitrião, começou a colher os frutos e a comê-los. Qual considerais ser o mais sábio dos dois? Comei mangas! Isso satisfará a vossa fome. De que serve contar as árvores e as folhas e fazer cálculos? O homem vaidoso do intelecto

ocupa-se inutilmente a descobrir o «porquê» e o «como» da criação, enquanto o homem humilde da sabedoria faz amizade com o Criador e desfruta do Seu dom de bem-aventurança suprema.

165. Um raio de luz da minha Mãe Divina, que é verdadeiramente a Deusa da Sabedoria, tem o poder de humilhar até o mais erudito dos Pandits e fazê-lo parecer um insignificante verme a rastejar sobre a terra.

166. Pronunciai a palavra Gita, em rápida sucessão, várias vezes — Gi-ta-gi-ta-gi-ta-gi. Ela é então virtualmente pronunciada como Tagi! Tagi!, que significa aquele que renunciou ao mundo por amor de Deus. Assim, numa só palavra, a Gita ensina: «Renunciai, ó homens presos ao mundo! Renunciai a tudo, e fixai a mente no Senhor.»

167. No decurso da sua peregrinação pelas regiões meridionais da Índia, Chaitanya Deva encontrou um certo devoto que estava em lágrimas durante todo o tempo em que um Pandit lia o Gita. Ora, esse devoto nem sequer conhecia o alfabeto. Não conseguia acompanhar um único texto do Gita. Quando lhe perguntaram porque chorava, respondeu: «É verdade que não entendo uma palavra do Gita. Mas durante toda a leitura, não pude deixar de ver com o meu olho interior a bela forma do meu Senhor Sri Krishna, sentado diante de Arjuna num carro no campo de Kurukshetra, a proferir todos aqueles pensamentos sublimes contidos no Gita. Foi isso que encheu os meus olhos de lágrimas de alegria e amor.» Este homem, que não sabia ler, possuía o mais alto Conhecimento, pois tinha amor puro por Deus e podia realizá-l'O.

CAPÍTULO VI

MESTRES RELIGIOSOS — FALSOS E VERDADEIROS

[Armadilhas do magistério — Verdadeiros mestres]

ARMADILHAS DO MAGISTÉRIO

168. Ó pregador, usas a insígnia da autoridade? O mais humilde servo do rei, por ele autorizado, é ouvido com temor e respeito, e pode acalmar um motim mostrando a sua insígnia; assim também tu, ó pregador, deves primeiro obter a tua comissão e inspiração do próprio Deus. Enquanto não tiveres esta insígnia da inspiração Divina, podes pregar toda a vida, mas será apenas desperdício de fôlego.

169. Ninguém tem paciência ou desejo de mergulhar fundo no amor divino. Ninguém se preocupa com a discriminação e o desapego pelas coisas mundanas (Viveka e Vairagya), ou com as práticas devocionais (Sadhana). Pelo contrário, todos se apressam a dar palestras e a ensinar com apenas um pouco de conhecimento dos livros. Estranho, de facto! Ensinar os outros é a mais difícil das tarefas. Só pode ensinar aquele que recebe comissão de Deus depois de O ter realizado.

170. Que pensais do homem que é um bom orador e pregador, mas cujos poderes espirituais não estão desenvolvidos? É como a pessoa que esbanja a propriedade de outro que lhe foi confiada. Pode facilmente aconselhar os outros, pois não lhe custa nada, uma vez que as ideias que expressa não são suas, mas emprestadas.

171. Um conhecido orador estava a dar uma palestra numa Harisabha (associação religiosa). No decurso do seu discurso, disse: «O Senhor é totalmente desprovido de Rasa (doçura); devemos torná-l'O doce, emprestando-lhe a doçura da nossa própria natureza.» Por Rasa ele entendia o amor e outros atributos divinos. Quando ouvi isto, lembrei-me do rapaz que dizia que o irmão da sua mãe tinha muitos cavalos, e procurava convencer os ouvintes, explicando que eles ocupavam uma estrebaria inteira. Claro que os inteligentes viam imediatamente que as estrebarias não são para cavalos, que o pequeno estava a mentir, e que não tinha experiência nem conhecimento de cavalos. Dizer que Deus é desprovido de Rasa era um absurdo, que provava que o orador era totalmente ignorante do que dizia. Nunca tinha realizado o Ser Supremo, que é a própria fonte do amor, da sabedoria e da alegria eternas.

172. Qual é a tua opinião sobre o método empregue pelos pregadores religiosos atuais? É como convidar cem pessoas para um jantar com comida suficiente apenas para uma. É apenas fingir ser um grande mestre religioso com um pequeno stock de experiência espiritual.

173. Instalai primeiro Deus no templo do vosso coração; realizai-O primeiro. Os discursos, as palestras e o resto podem ser retomados depois de terdes visto Deus, não antes. As pessoas falam com desenvoltura de Deus e de Brahman, enquanto estão apegadas às coisas do mundo. Em que é que tudo isto se traduz? Em mero sopro da concha (Sankha) para o Serviço Divino, sem Deus para adorar dentro do templo.

174. Um dia, ao passar por Panchavati, ouvi o pavoroso coaxar de uma rã. Imaginei que teria sido apanhada por uma serpente. Quando, muito tempo depois, regressava por aquele caminho, ouvi novamente o mesmo ruído. Espreitando por entre os arbustos, vi uma serpente de água com uma rã na boca. Não conseguia nem engoli-la, nem soltá-la, e não havia fim para a agonia da rã. Então pensei: «Ora, se tivesse sido vítima de uma cobra, teria ficado em silêncio para sempre após três coaxos, no máximo (e então não haveria mais sofrimento nem para a rã nem para a serpente). Mas aqui o sofrimento da serpente é quase igual ao da rã.» Assim, se um homem não iluminado, na sua temeridade, assume a responsabilidade de salvar outro, não há fim para a miséria de ambos. Nem o ego do discípulo desaparece, nem os seus laços mundanos são cortados. Se o discípulo cai sob a influência de um mestre indigno, nunca obtém a libertação. Mas sob um mestre competente, o egotismo do Jiva perece com três coaxos.»

175. Havia um pregador profissional que conseguia despertar fortes sentimentos devocionais nos corações dos seus ouvintes sempre que proferia discursos religiosos; mas pessoalmente não era um homem de carácter. Dolorido com o tipo de vida que ele levava, perguntei-lhe um dia como é que ele comovia tantos corações à devoção, enquanto ele próprio vivia uma vida tão indigna. O homem inclinou-se e disse: «Sim, Senhor, a vassoura, embora seja uma coisa desprezível, remove o pó e a sujidade do chão e da rua!» Claro que não lhe pude responder.[1]

[1] Isto não deve ser tomado como uma contradição do tema principal deste capítulo. Pois o efeito que este tipo de pregação produz é temporário e não é como a mudança permanente que as palavras dos homens de verdadeira realização espiritual produzem nos seus discípulos.

QUEM É UM VERDADEIRO MESTRE?

176. Só é verdadeiro mestre aquele que é iluminado pela luz do verdadeiro Conhecimento.

177. Assim como muitas pessoas ouviram falar da neve mas não a viram, assim muitos pregadores religiosos apenas leram nos livros sobre os atributos de Deus, mas não os realizaram por si mesmos. E assim como muitas outras viram a neve mas não a provaram, assim muitos mestres religiosos obtiveram apenas um vislumbre da glória Divina mas não compreenderam a sua verdadeira essência. Só aquele que provou a neve

pode dizer como ela é. Do mesmo modo, só pode descrever os atributos de Deus aquele que conviveu com Ele nos Seus diferentes aspetos na relação de servo, amigo e amante, e realizou a sua unidade com Ele na completa absorção n'Ele.

178. Se alguém tem a ideia de que é um líder e formou uma seita, o seu ego é «verde». Mas se recebe comissão de Deus depois de O realizar, e prega para o bem dos outros, não há mal. Sukadeva teve essa comissão para revelar o Bhagavata a Parikshit.

179. Quando o jarro está cheio, já não faz barulho. Assim, o homem realizado também não fala muito. Mas então que dizer de Narada e dos outros? Sim; Narada, Sukadeva e alguns outros como eles desceram vários degraus depois de terem alcançado o Samadhi, e por misericórdia e amor ensinaram a humanidade.

180. Há duas classes de homens perfeitos no mundo — aqueles que, ao atingirem a Verdade, se calam e a desfrutam sozinhos, sem pensar nos outros; e aqueles que, ao atingirem a Verdade, não encontrando prazer em guardá-la para si, clamam em voz de trombeta a todos: «Vinde, e desfrutai a Verdade connosco.»

181. As abelhas vêm por si mesmas à flor desabrochada quando a brisa espalha a sua fragrância ao redor. As formigas vêm por si mesmas ao local onde os doces são colocados. Ninguém precisa de convidar a abelha ou a formiga. Assim, quando um homem se torna puro e perfeito, a doce influência do seu carácter espalha-se por toda a parte, e todos os que buscam a Verdade são naturalmente atraídos para ele. Ele não precisa de ir à procura de uma audiência para o ouvir.

182. As formigas juntam-se por si mesmas onde os doces caíram. Procurai tornar-vos açúcar-cande, isto é, ter dentro de vós a doçura de uma consciência espiritual iluminada, e as formigas (os devotos) virão a vós por si mesmas. Se pregardes sem comissão de Deus, a vossa pregação será impotente, e ninguém a ouvirá. É necessário alcançar Deus pela devoção ou por qualquer outro meio, e então, se receberdes a Sua palavra, podereis ensinar e pregar em qualquer lugar e por toda a parte. Pois só assim podereis obter d'Ele poder e força; e só então podereis desempenhar devidamente as responsáveis funções de um pregador.

183. Quando o fogo arde, as mariposas vêm, não se sabe de onde, e caem nele. O fogo nunca anda a convidar a mariposa. Assim é a pregação dos perfeitos. Eles não andam a convidar outros, mas centenas e milhares, por sua própria vontade, vão ter com eles — não se sabe de onde — à procura de instrução.

184. Como é a verdadeira pregação? Em vez de pregar aos outros, se alguém adora Deus todo o tempo, isso é pregação suficiente. Aquele que se esforça por alcançar a emancipação do nascimento e da morte é o verdadeiro pregador. Para aquele que é livre, centenas de pessoas vêm de todos os lados, ansiosas por serem ensinadas. Quando uma rosa desabrocha, as abelhas vêm de todos os lados, sem serem convidadas.

185. Quando o milho é medido para um comprador no celeiro de um grande mercador, o homem encarregado de o medir continua o seu trabalho sem cessar, tendo um fornecimento constante de grão. O armazém de um pequeno negociante, pelo contrário, esgota-se rapidamente. Do mesmo modo, é o próprio Deus Quem inspira infalivelmente pensamentos e sentimentos nos Seus devotos, e é por isso que nunca lhes falta o que é novo e sábio. Mas os eruditos dos livros, como pequenos merceeiros, cedo se encontram sem pensamentos e ideias.

186. A luz do gás ilumina diferentes partes da cidade em graus variados. Mas a vida da luz, isto é, o gás, provém de uma fonte comum. Assim, os verdadeiros mestres religiosos de todos os climas e épocas são como lâmpadas através das quais se revela a vida do Espírito, que flui constantemente da única fonte, o Senhor Todo-Poderoso.

187. A água da chuva que cai sobre o telhado de uma casa escorre para o chão através de caleiras com a forma grotesca de uma cabeça de tigre. Tem-se a impressão de que a água vem da boca do tigre, mas na realidade desce do céu. Do mesmo modo, os santos ensinamentos que vêm das bocas dos homens piedosos parecem ser proferidos por esses mesmos homens, enquanto na realidade procedem de Deus.

CAPÍTULO VII

OS MUNDANOS E OS SEUS CAMINHOS

[Características dos mundanos — Devoção inconstante dos mundanos — Os mundanos e as práticas espirituais]

CARACTERÍSTICAS DOS MUNDANOS

188. Os homens são de duas classes — homens só de nome (Manush) e homens despertos (Man-hush). Aqueles que têm sede só de Deus pertencem à última classe; aqueles que estão loucos pela «mulher e ouro» são todos homens comuns — homens só de nome.

189. Assim como uma máscara pode ser usada por várias pessoas, assim também vários tipos de criaturas vestiram a roupagem da humanidade. Alguns são lobos devoradores, outros são ursos ferozes, e outros ainda são raposas astutas ou serpentes venenosas, embora todos pareçam homens.

190. Assim como é da natureza da peneira rejeitar os grãos finos e guardar os grossos, assim é da natureza das almas más rejeitar o bem e reter o mal. O oposto é a natureza do joeira e das almas boas.

191. Há pessoas que estão numa situação tal na vida que, naturalmente, nada têm no mundo que as atraia, mas que, no entanto, criariam para si mesmas algum apego e se deixariam prender por ele. Elas não querem nem gostam de ser livres. Um homem que não tem família para cuidar, nem parentes para tratar, geralmente arranja um gato, um macaco, um cão ou um pássaro como animal de estimação e acaricia-o, saciando assim a sua sede de leite com mero soro de leite. Tal é a armadilha que o encanto de Maya preparou para a humanidade.

192. O vitelo recém-nascido parece muito vivaz e alegre. Corre e salta todo o dia, parando apenas de vez em quando para chupar o doce leite da mãe. Mas mal a corda lhe é atada ao pescoço, começa a definhar gradualmente e, longe de estar alegre, apresenta um ar abatido e triste, e emagrece. Do mesmo modo, enquanto um rapaz não tem preocupações com os assuntos do mundo, ele é bastante alegre e vivaz. Mas quando se vê

preso no mundo, por assim dizer, com a forte barra do casamento, e atrelado às responsabilidades da vida familiar, toda a sua alegria desaparece. Tem um ar de abatimento, cuidado e ansiedade; já não há o rubor da saúde nas suas faces, e rugas profundas sulcam-lhe gradualmente a testa. Bendito é aquele que permanece rapaz durante toda a sua vida, livre como a brisa matinal, fresco como uma flor recém-aberta e puro como uma gota de orvalho.

193. Assim como um rapaz ou uma rapariga pequena não pode ter ideia do prazer conjugal, assim também um homem mundano não pode de modo algum compreender o êxtase da comunhão Divina.

194. O homem mundano não pode facilmente resistir ao atrativo da «mulher e ouro» e voltar a sua mente para Deus, embora seja implacavelmente açoitado pelas misérias e sofrimentos da vida.

195. O homem mundano é reconhecido sobretudo pela sua antipatia por tudo o que cheira a religião. Não só ele próprio não gosta de ouvir qualquer hino, música sagrada ou cântico do santo «nome» de Deus, como dissuade os outros de os ouvirem. Aquele que troça das orações, das sociedades religiosas e dos homens piedosos é, de facto, um verdadeiro mundano.

196. Por vezes vejo homens mundanos virem ter comigo com devotos piedosos. Estes homens mundanos não gostam de conversas religiosas. Por isso ficam muito impacientes e inquietos enquanto os outros têm longas conversas sobre Deus e a espiritualidade. Acham muito difícil até estar sentados, e por isso sussurram aos ouvidos dos amigos: «Quando vais? Quanto tempo vais ficar?» Por vezes os amigos respondiam: «Espera um pouco. Nós vamos já.» Enojados com estas palavras, estes homens mundanos respondiam: «Então mais vale continuarem a conversar. Nós vamos agora e esperamos por vós no barco» (que os levaria de volta a Calcutá).

197. Ao conversar com um homem mundano, vê-se claramente como o seu coração está cheio de todos os tipos de pensamentos e desejos mundanos, assim como a papo da pomba está cheio de grão.

198. O coração de um homem pecador é como o cabelo encaracolado. Nunca conseguireis endireitá-lo, por mais que tenteis. Assim também o coração do ímpio não pode ser facilmente endireitado e purificado.

199. O pote de cabaça do mendicante (Kamandalu) pode ter ido aos quatro Dhamas (os quatro principais lugares de peregrinação que se espera que um Sadhu visite), mas permanece tão amargo como sempre. Tal é a natureza dos homens mundanos.

200. O oleiro modela várias formas com barro não cozido, mas não pode trabalhar o barro que já foi cozido. Do mesmo modo, o coração que foi queimado no fogo dos desejos mundanos não pode ser influenciado por qualquer sentimento superior, e é incapaz de ser moldado em qualquer forma bela.

201. Assim como a água nunca pode penetrar uma pedra, assim os ensinamentos religiosos não podem produzir impressão numa alma cativa (Baddha-jiva).

202. Assim como não se pode pregar um prego numa pedra, mas ele entra facilmente na terra, assim o conselho do piedoso não afeta a alma do homem mundano, enquanto penetra fundo no coração do crente.

203. Assim como o barro mole recebe facilmente uma impressão, mas não a pedra dura, assim também a sabedoria Divina imprime-se no coração de um devoto, mas não numa alma cativa.

204. Assim como a água debaixo de uma ponte entra por um lado e sai pelo outro, assim o conselho religioso dado aos mundanos entra na mente por um ouvido e sai pelo outro, sem deixar qualquer impressão.

205. Qual é a característica do homem mundano? Ele é como o mangusto no pote do domador. O domador de mangustos fixa um pote bem alto numa parede para servir de ninho ao animal. Amarra uma ponta de uma corda ao pescoço do mangusto, enquanto a outra ponta é presa a um peso. Saindo do pote, o mangusto desce pela parede e vagueia aqui e ali, mas quando se assusta, corre de volta para o pote para se esconder. Infelizmente, não pode ficar lá muito tempo, pois o peso na outra ponta da corda puxa-o para baixo do seu confortável lar.

Do mesmo modo, o homem mundano é muitas vezes forçado pela influência disciplinadora dos sofrimentos e misérias da vida a elevar-se acima do mundo e a refugiar-se em Deus, mas o peso morto do mundo, com todo o seu atrativo, cedo o puxa para baixo.

206. Vendo a água brilhante passar pela válvula da armadilha de bambu colocada nos arrozais, os peixes pequenos entram na armadilha com grande alegria. Mas, uma vez dentro, não conseguem sair. Do mesmo modo, os homens tolos entram nas malhas do mundo, atraídos pelo seu falso brilho; mas é muito mais fácil entrar do que escapar; e são apanhados como peixes pequenos e aprisionados para sempre.

207. Os acorrentados — os mundanos — nunca despertam. Quantas aflições os assaltam, quantas fraudes os enganam, e quantos perigos os ameaçam! No entanto, não despertam, tal como o camelo, tão afeiçoado ao arbusto espinhoso e à urtiga, não deixa de os pastar, embora eles façam sangrar a sua boca. O homem do mundo sofre tanto, mas em poucos dias esquece tudo. Talvez a sua esposa tenha morrido ou se revelado infiel; e ei-lo que casa de novo.

Ou talvez o seu filho tenha morrido, e ele chora; mas em pouco tempo tudo lhe escapou da memória. E a mãe da criança, que ficou tão dominada pela dor, volta a cuidar do seu toucador e a usar ornamentos e joias. Os pais ficam empobrecidos com o casamento das filhas, e no entanto todos os anos nascem-lhes filhos. E estes homens, embora arruinados por pleitos, continuam a litigar. Não têm recursos para sustentar bem os filhos, e no entanto geram mais filhos todos os anos!

O mundano é por vezes como uma serpente que agarrou uma toupeira que não consegue nem engolir nem vomitar. Possivelmente ele já reconheceu que não há nada de substancial no mundo, que é tudo pele e caroço, como a fruta Amrah (graviola), e no entanto não consegue esquecer o mundo e fixar o coração em Deus. Se o retirais do ambiente mundano e o colocais em ambiente sagrado, ele desanima e definha, tal como um verme que vive e prospera na imundície morrerá se for colocado num pote de arroz.

208. Ninguém guardaria leite num pote de barro que tenha sido usado para fazer leite coalhado, para que o leite não talhasse. Nem pode ser usado com segurança para cozinhar, porque pode rachar no fogo. Portanto, é quase inútil. Assim também, um bom e experiente Guru não confia preceitos valiosos e elevados a um homem mundano, pois ele certamente os interpretará mal e os usará para os seus próprios fins mesquinhos. Nem lhe pedirá que faça qualquer trabalho útil que possa custar um pouco de

esforço, para que ele não pense que o preceptor está a tirar vantagem indevida dele.

209. O homem não pode renunciar ao mundo mesmo que o deseje, porque é frustrado pelos Karmas que estão a dar frutos no nascimento presente e pelas impressões de acções anteriores deixadas na mente (Prarabdha e Samskara). Certa vez, um Yogi pediu a um rei que se sentasse perto dele e meditasse em Deus. O rei respondeu-lhe: «Não, Senhor, isso não pode ser. Posso ficar perto de vós, mas a sede de prazer mundano estará comigo. Se eu ficar nesta floresta, talvez surja dentro dela um reino, pois ainda estou destinado a gozar.»

DEVOÇÃO INCONSTANTE DOS MUNDANOS

210. Os mundanos podem realizar muitas ações piedosas e caritativas na esperança de recompensas terrenas, mas na aproximação da desgraça, da tristeza e da pobreza, a sua piedade e caridade abandonam-nos. São como o papagaio que repete «Radha-Krishna, Radha-Krishna» o dia inteiro, mas grita «cang, cang» quando é apanhado por um gato, esquecendo o nome Divino. Portanto, digo-vos: pregar a religião a tais homens será inútil. Apesar de todos os vossos sermões, eles permanecerão tão mundanos como sempre.

211. Uma almofada de molas é comprimida quando nos sentamos nela, mas recupera rapidamente a forma quando a pressão cessa. Assim é com os mundanos. Estão cheios de sentimento religioso enquanto ouvem conversas religiosas; mas assim que entram na rotina da sua vida diária, esquecem todos aqueles pensamentos elevados e nobres, e tornam-se tão impuros como antes.

212. O ferro parece vermelho na forja, mas fica negro logo que é retirado. Do mesmo modo, os mundanos estão cheios de emoção religiosa enquanto estão num templo ou na companhia dos piedosos; mas mal abandonam essas companhias, a torrente de devoção neles diminui.

213. Assim como a mosca ora pousa numa chaga imunda, ora nas oferendas a Deus, assim a mente do mundano ora se ocupa com assuntos religiosos, ora se perde nos prazeres da riqueza e da luxúria.

214. O coração do mundano é como o verme num monturo. O verme vive sempre na imundície e gosta de viver aí. Se, por acaso, alguém o tira

desse habitat imundo e o coloca numa flor de lótus, ele morrerá em breve com a fragrância da flor. Assim, o mundano não pode viver nem um momento fora da atmosfera suja dos pensamentos e desejos mundanos.

215. Sabeis qual é a ideia que os mundanos têm de Deus? É como a tagarelice das crianças quando brincam entre si. Por vezes juram, dizendo: «Por Deus, que sim!» Aprendem isso com os mais velhos quando os ouvem fazer juramentos. Ou, na melhor das hipóteses, é como a exclamação do dândi que, com todos os seus ares de afetação, vai a um jardim num dos seus passeios ociosos, assobiando e fazendo girar a bengala, e apanha uma flor e exclama: «Oh, que bela flor Deus fez!» É apenas um estado de espírito momentâneo, como o salpicar de uma gota de água numa barra de ferro em brasa. Portanto, digo-vos: tendes de ter sede d'Ele. Tereis de dar um mergulho profundo no oceano.

OS MUNDANOS E AS PRÁTICAS ESPIRITUAIS

216. Um lavrador regava um campo de cana-de-açúcar durante todo o dia. Depois de terminar a sua tarefa, viu que nem uma gota de água tinha entrado no campo; toda a água tinha corrido para o subsolo através de vários grandes buracos de ratazana. Tal é o estado do devoto que adora Deus, acalentando secretamente ambições e desejos mundanos no seu coração. Embora reze diariamente, não progride, porque toda a sua devoção se desperdiça pelos buracos de ratazana desses desejos, e no fim de toda a sua vida devocional, ele permanece o mesmo de antes.

217. Porque é que a mente se torna instável quando está empenhada na contemplação? A mosca pousa por vezes nos doces expostos à venda na loja do confeiteiro; mas quando um varredor passa com um cesto cheio de imundície, a mosca deixa os doces e pousa imediatamente na imundície. Pelo contrário, a abelha em busca de mel pousa apenas nas flores e nunca em objetos imundos. Os mundanos, como as moscas, obtêm ocasionalmente um gosto momentâneo da doçura do amor divino, mas o seu desejo natural pela imundície cedo os traz de volta ao monturo da mundanidade. Os grandes Paramahamsas, no entanto, estão sempre absortos na contemplação e no gozo do amor divino.

218. Um espírito maligno é exorcizado atirando sementes de mostarda encantadas sobre o possesso; mas se o espírito maligno possuir as próprias sementes de mostarda, como podem elas ser úteis para o exorcizar? Se a mente com que contemplais a Divindade está manchada com os pensamentos viciosos do mundo, como podeis esperar realizar as vossas devoções religiosas com sucesso usando um instrumento tão corrupto?

219. Um fósforo molhado não acende, por mais que o risqueis; apenas fumega. Mas um fósforo seco acende imediatamente, mesmo com o mais ligeiro atrito. O coração do verdadeiro devoto é como o fósforo seco; a mais ligeira menção do nome do Senhor acende o fogo do amor no seu coração, enquanto a mente do mundano, ensopada na luxúria e no apego à riqueza, resiste a todo o calor, como o fósforo humedecido. Embora Deus lhe seja pregado várias vezes, o fogo do amor divino nunca pode ser aceso nele.

220. Um mundano pode ser dotado de tanta inteligência e conhecimento como um Jnani, pode tomar tantas dores e trabalhos como um Yogi, e pode fazer sacrifícios tão grandes como um asceta; mas todos os seus esforços são em vão, uma vez que as suas energias são mal dirigidas, e uma vez que faz tudo isso por causa da honra e riqueza mundanas, e não por causa do Senhor.

221. O espelho sujo nunca reflete os raios do sol; do mesmo modo, aqueles que são impuros e imundos de coração e estão iludidos por Maya nunca percebem a glória do Senhor. Mas os puros de coração veem o Senhor, assim como o espelho limpo reflete o sol. Portanto, sede puros.

222. Quando uma certa quantidade de leite puro é misturada com o dobro da quantidade de água, é necessário muito tempo e trabalho para o condensar em Kshira (leite condensado). A mente de um mundano está largamente diluída com a água suja de pensamentos maus e impuros, e ele tem de trabalhar longa e arduamente para a purificar e lhe dar a força e consistência adequadas, características de um coração verdadeiramente piedoso.

223. P. Porque é que os mundanos não abandonam tudo para encontrar Deus? R. Pode um ator que entra em cena tirar a máscara imediatamente? Deixai os mundanos representarem o seu papel, e com o tempo eles tirarão a sua falsa aparência.

224. A alma totalmente presa ao mundo é como o verme que vive para sempre na imundície, e aí morre e não tem ideia de nada melhor. A alma cuja mundanidade é de menor intensidade é, no entanto, como a mosca que pousa ora na imundície ora no açúcar. Só a alma livre é como a abelha que bebe sempre mel e não prova mais nada.

225. O mundano é como o jacaré. Assim como o corpo do jacaré não é penetrável pelos golpes de qualquer arma, e só pode ser morto golpeando-lhe a barriga, assim, por mais bons conselhos que se dê ao mundano, e por mais repulsa de si mesmo que se desperte nele, ele nunca perceberá completamente a sua situação, a menos que o afasteis dos objetos do seu apego.

226. Os mundanos não agirão de acordo com o vosso conselho se lhes pedirdes que renunciem a tudo e se devotem aos pés de lótus do Senhor. Por isso, depois de muito deliberarem sobre como atrair tais almas, Gour e Nitai[1] conceberam um plano para as seduzir, e disseram: «Vinde, tomai o nome de Hari, e tereis uma boa sopa de peixe Magur e as carícias de uma jovem donzela.» Estes dois itens tentaram muitos a juntar-se a eles e a tomar o nome do Senhor. Quando, com o tempo, chegaram a provar um pouco do néctar do santo nome, compreenderam o significado oculto do ensinamento de Nitai. A sopa de peixe Magur não é senão as torrentes de lágrimas que derramam no amor de Deus. A terra é «a jovem donzela»; e ser por ela acariciado significa rolar no chão no arrebatamento do amor divino.

[1] O Senhor Chaitanya e seu companheiro Nityananda.

LIVRO II

A ASCENSÃO DO HOMEM

Aquele que não abandonou os caminhos pecaminosos, cujos sentidos não foram reprimidos, que não é meditativo, e cuja mente está desprovida de paz, não pode alcançá-l'O, nem mesmo com uma inteligência altamente cultivada.

Ó jovem de bela aparência, pegando nesse arco, a poderosa arma da sabedoria das escrituras (incorporada em Om, o símbolo sonoro do

Altíssimo) e fixando a flecha (do si) tornada afiada pela adoração dedicada, puxai-a com a mente absorta no pensamento d'Ele, e acertai no alvo — mesmo nesse Ser Imperecível.

Aquele em quem estão entrelaçados o céu, a terra, o espaço, e a mente juntamente com as energias vitais, conhecei-O, a esse Atman apenas, e abandonai toda a outra conversa vã. Este é o caminho para a Imortalidade.

— Os Upanishads

CAPÍTULO VIII

VARIEDADES DE ASPIRANTES E OS SEUS IDEAIS

[Alguns tipos de aspirantes — Características dos verdadeiros aspirantes — Parentesco espiritual — Ideais do aspirante enredado no mundo — Ideais do Sannyasin]

ALGUNS TIPOS DE ASPIRANTES

227. De entre as miríades de papagaios de papel que se veem voar no ar, apenas um ou dois se libertam quando a linha se parte. Assim, de entre centenas de aspirantes que praticam disciplinas espirituais, apenas um ou dois se libertam do cativeiro mundano.

228. Há uma espécie fabulosa de aves chamada Homa. Vivem tão alto nos céus e amam tanto essas regiões elevadas que nunca descem à terra. E diz-se que põem os ovos no céu, e que os seus filhotes eclodem em pleno ar, à medida que os ovos caem, puxados pela gravidade. Mal estes filhotes descobrem que estão a cair, mudam imediatamente de direção e voam instintivamente para cima, em direção ao seu lar. Homens como Sukadeva, Narada, Jesus e Sankaracharya são como estas aves. Mesmo na sua infância, libertam-se de todo o apego às coisas do mundo e encaminham-se para as mais altas regiões do verdadeiro Conhecimento e da luz Divina.

229. Há duas classes de Yogis, os ocultos e os abertos. Os primeiros praticam disciplinas religiosas em segredo e mantêm-se ocultos do olhar público. Os últimos trazem consigo os símbolos exteriores do Yogi, como um cajado, e conversam livremente sobre assuntos espirituais.

230. Embora seja regra geral que as flores apareçam primeiro e depois os frutos, há algumas plantas e trepadeiras que dão frutos primeiro e depois flores. Do mesmo modo, as pessoas comuns têm de passar por Sadhanas

antes de realizarem Deus, mas há uma classe de aspirantes que realizam Deus primeiro, e depois realizam as Sadhanas.

231. Dos grãos de arroz fritos numa frigideira, os poucos que saltam para fora e rebentam no exterior são os melhores fritos, pois não têm qualquer marca de queimado. Pelo contrário, todos os grãos bem fritos dentro da frigideira têm certamente alguma marca de queimado, por mais pequena que seja. Assim, de todos os bons devotos, aqueles poucos que abandonam completamente o mundo e saem dele são perfeitos, sem qualquer mancha, enquanto mesmo os melhores daqueles que estão no mundo devem ter pelo menos alguma pequena mancha de imperfeição no seu carácter.

232. A manteiga batida de manhã cedo é a melhor; a batida depois do nascer do sol não é tão boa. Dirigindo-se aos seus jovens discípulos que mais tarde se tornaram Sannyasins, o Mestre costumava dizer: «Vós sois como a manteiga batida de manhã cedo, enquanto os meus discípulos chefes de família são como a manteiga batida tarde no dia.»

233. O bambu novo pode ser facilmente dobrado, mas o bambu adulto parte quando é dobrado com força. É fácil inclinar o coração jovem para Deus, mas o coração não treinado do velho escapa à pressão quando é assim atraído.

234. O papagaio não pode ser ensinado a cantar quando a membrana vibratória na sua garganta se endureceu demasiado com a idade. Deve ser ensinado a cantar enquanto jovem, antes de a linha do colo aparecer no seu pescoço. Assim, na velhice é difícil aprender a fixar a mente em Deus, mas pode ser facilmente aprendido na juventude.

235. Uma manga madura pode ser oferecida a Deus, ou usada para outro fim; mas se for bicada por um corvo uma única vez, fica inutilizável. Não pode ser oferecida à Divindade, nem apresentada a um Brâmane, nem pode ser comida pelos puros. Assim, os rapazes e as raparigas devem ser dedicados ao serviço de Deus antes de as impurezas dos desejos mundanos mancharem os seus corações. Uma vez que os desejos mundanos entram nas suas mentes, ou o demónio dos prazeres sensuais lança a sua sombra nefasta sobre eles, é de facto muito difícil fazê-los trilhar o caminho da virtude.

236. O amor no coração de um rapaz é inteiro e indiviso. Quando ele se casa em tempo útil, metade do seu coração, senão mais, é entregue à sua esposa, e quando lhe nascem filhos, perde mais um quarto, enquanto o quarto restante é dividido entre pai, mãe, honra, fama, orgulho, vestuário, e o resto; portanto, não lhe resta amor para oferecer a Deus. Assim, se a mente indivisa de um rapaz for dirigida suficientemente cedo para Deus, ele pode ganhar o Seu amor e realizá-l'O facilmente. Mas não é tão fácil para os adultos fazerem o mesmo.

237. Se perguntardes se há alguma diferença entre os Jnanis que vivem no mundo e os que renunciam a ele, diria que ambos são iguais. Ambos têm o mesmo Jnana em comum. Mas se o Jnani está no mundo, tem motivo para temer; pois a vida no meio das atrações sensuais está sujeita ao perigo da queda, por mais ligeira que seja. Se viverdes num quarto cheio de fuligem, certamente ficareis um pouco manchados pela fuligem, por mais cuidadosos que sejais.

238. O Mestre disse a alguém: «Ora, vieste agora procurar Deus, depois de teres passado a melhor parte da tua vida no mundo. Se tivesses entrado no mundo depois de teres realizado Deus, que paz e alegria terias encontrado!»

239. P. Qual é a diferença entre as formas de adoração Sattvica, Rajásica e Tamásica?

R. O homem que adora desde o mais profundo do seu coração, sem a menor ostentação ou vaidade, é um adorador Sattvico. O homem que presta muita atenção à decoração da sua casa, faz muito alarido com música e dança, e faz todos os preparativos caros e elaborados para um rico banquete quando celebra a adoração da Divindade, é um adorador Rajásico. O homem que imola centenas de cabras e ovelhas inocentes no altar, tem pratos de carne e vinho para oferendas, e está absorvido apenas em dançar e cantar durante a condução da adoração, é um adorador Tamásico.

CARACTERÍSTICAS DOS VERDADEIROS ASPIRANTES

240. A pederneira pode permanecer miríades de anos debaixo de água e ainda assim não perder o seu fogo interior. Batei-lhe com aço quando quiserdes, e logo salta a faísca incandescente. Assim é o verdadeiro devoto, firme na sua fé. Embora possa permanecer rodeado por todas as impurezas

do mundo, nunca perde a sua fé e amor por Deus. Aquece-se com entusiasmo devoto assim que ouve o «nome» do Senhor.

241. Assim como o ouro e o latão são testados numa pedra de toque, assim os Sadhus sinceros e os hipócritas se distinguem pela perseguição e pela calúnia.

242. A locomotiva arrasta facilmente um comboio de carruagens pesadamente carregadas. Assim, os filhos amados de Deus, firmes na sua fé e devoção, não sentem dificuldade em passar pela vida, apesar de todas as tribulações e ansiedades, e ao mesmo tempo conduzem muitos a Deus com eles.

243. Quando é que a atração dos prazeres dos sentidos se desvanece? Quando se realiza a consumação de toda a felicidade e de todos os prazeres em Deus — o oceano indivisível e eterno de bem-aventurança. Aqueles que d'Ele desfrutam não encontram atração nos prazeres baratos e sem valor do mundo.

244. Aquele que provou uma vez o cristal refinado do açúcar-cande não encontra prazer em provar o melaço sujo. Aquele que dormiu num palácio não encontrará prazer em deitar-se numa choça imunda. A alma que provou a doçura da bem-aventurança Divina não encontra felicidade nos prazeres vulgares do mundo.

245. A senhora que tem um rei por amante não aceitará as investidas de um mendigo da rua. A alma que encontrou favor aos olhos do Senhor não se apaixona pelas coisas mesquinhas do mundo.

246. É da natureza do joeira rejeitar tudo o que é leve e inútil, e reter tudo o que é pesado e bom. Tal é a natureza de todas as almas piedosas.

247. O açúcar e a areia podem estar misturados, mas a formiga rejeita a areia e carrega os grãos de açúcar. Assim, os santos Paramahamsas e os homens piedosos separam com êxito o bem do mal.

248. A água de uma corrente rápida forma redemoinhos e turbilhões em alguns lugares; mas, ultrapassando-os, retoma um curso reto e veloz. Assim, o coração do devoto é apanhado de vez em quando no redemoinho do desânimo, da tristeza e da incredulidade; mas isso é apenas um desvio momentâneo e não dura muito.

249. Em que reside a força de um devoto? Ele é um filho de Deus, e as suas lágrimas devocionais são a sua arma mais poderosa.

250. Quanto mais se coça a parte afetada pela tinha, maior se torna a comichão, e maior o prazer que se obtém ao coçar. Assim, os adoradores de Deus nunca se cansam de cantar os Seus louvores.

251. Aquele homem cujos pêlos se arrepiam com a simples menção do nome de Deus, e de cujos olhos fluem lágrimas de amor — esse alcançou de facto o seu último nascimento.

252. O que acontece quando uma mulher impura tenta um homem piedoso e procura lançar sobre ele a sua influência maligna? Assim como a pele de uma manga madura, quando pressionada com força, fica na mão, tendo o caroço e a amêndoa escapado dela, assim a mente do homem piedoso desliza para Deus, deixando para trás o seu tabernáculo terrestre para ser atuado pela mulher.

253. O homem verdadeiramente religioso é aquele que não comete nenhum pecado, mesmo quando está sozinho e quando ninguém o observa, porque sente que Deus o vê mesmo assim. Aquele que consegue resistir às tentações de uma mulher jovem e sedutora numa floresta solitária, onde não é observado por olho humano, pelo temor de que Deus o vê e que, por esse temor, não lançará sequer um olhar imoral sobre ela — esse é verdadeiramente um homem religioso. Aquele que encontra um saco cheio de ouro numa casa solitária e desabitada, e resiste à tentação de se apropriar dele, é verdadeiramente um homem religioso. Mas aquele que pratica a religião por ostentação, por medo da opinião pública, não pode ser chamado verdadeiramente religioso. A religião do silêncio e do segredo é a verdadeira religião, mas é toda fingimento e escárnio quando acompanhada de jactância e vaidade.

PARENTESCO ESPIRITUAL

254. Os espiritualmente inclinados pertencem a uma casta própria, para além de todas as convenções sociais.

255. Uma mulher sente naturalmente vergonha de relatar a todos a conversa que mantém diariamente com o seu marido. Não a comunica a ninguém nem se sente inclinada a fazê-lo; e se for divulgada de alguma forma, ela aborrece-se. Mas relatá-la-ia sem reservas à sua confidente

íntima; mais ainda, teria até impaciência para lha contar e sentiria prazer em fazê-lo. Do mesmo modo, um devoto de Deus não gosta de relatar a ninguém, exceto a um verdadeiro Bhakta, a alegria extática que experimenta na comunhão Divina; mais ainda, por vezes tem impaciência para relatar as suas experiências a tal pessoa e sente-se feliz por fazê-lo.

256. Se um animal estranho se aproximasse de um rebanho de vacas, seria rapidamente expulso pelo ataque combinado de todo o rebanho. Mas se chegar uma vaca, todas as vacas farão amizade com ela, com muito lamber mútuo dos corpos. Assim, quando um devoto encontra outro devoto, ambos sentem muito prazer e relutam em separar-se um do outro. Mas quando um zombador entra no seu círculo, eles evitam-no cuidadosamente.

257. Porque é que aquele que ama o Senhor não gosta de viver em solidão? O fumador de cânhamo não encontra prazer em fumar sem companhia. O homem piedoso, como o fumador de cânhamo, não encontra prazer em cantar o sagrado «nome» de Deus longe da companhia de outros devotos.

IDEAIS DO ASPIRANTE ENREDADO NO MUNDO

258. Diz-se que, quando um Tantrika tenta invocar a Divindade através do médium do espírito do morto, senta-se sobre um cadáver humano fresco e mantém perto de si comida e vinho. No decurso da invocação, se em algum momento o cadáver for, como dizem, vivificado temporariamente e abrir a boca, o intrépido invocador deve verter o vinho e introduzir a comida na boca escancarada para aplacar o elemento que, temporariamente, tomou posse dele.

Se não o fizer, a invocação é interrompida pelo elemento, e o espírito superior não aparece. Assim, permanecendo sobre a carcaça do mundo, se desejais alcançar a bem-aventurança, providenciai primeiro todas as coisas necessárias para aplacar o clamor das exigências mundanas sobre vós; caso contrário, as vossas devoções serão interrompidas e quebradas pelos cuidados e ansiedades da vida.

259. Há necessidade de dinheiro, sem dúvida, na vida mundana; mas não pondereis muito sobre ele e outros ganhos materiais. O contentamento com o que vem por si mesmo é a melhor atitude. Não vos inquieteis com a acumulação. Aqueles que dedicam a sua própria vida e alma a Ele, aqueles

que são Seus devotos e n'Ele se refugiaram, nunca podem pensar em tais assuntos mundanos. Com eles, a despesa é proporcional ao rendimento. Assim como o dinheiro lhes chega às mãos de uma maneira, é gasto de outra.

260. Um discípulo chefe de família: Senhor, posso tentar ganhar um rendimento maior?

O Mestre: Sim, se for para o dedicar à vida em família baseada na discriminação. Mas cuidai de que ganheis dinheiro por meios honestos. Pois o vosso objetivo não é ganhar dinheiro, mas o serviço do Senhor; e a riqueza dedicada a Deus está além de qualquer censura.

Discípulo: Até quando, Senhor, tenho obrigações para com a família?

O Mestre: Enquanto a família não tiver o suficiente para se manter. Mas se os vossos filhos puderem sustentar-se, não tendes mais dever para com eles.

261. O Mestre disse a alguns devotos chefes de família: «Olhareis para o dinheiro apenas como um meio de obter comida, roupa e abrigo, de adorar a Divindade e de servir os Sadhus e os devotos. Mas é errado acumulá-lo. As abelhas trabalham arduamente para construir as suas colmeias, mas o homem vem e rouba-lhas. Não precisais de renunciar completamente à "mulher". Mas depois de nascerem alguns filhos, vós e a vossa esposa deveis viver como irmão e irmã.»

262. P. Como posso realizar as minhas práticas devocionais se tenho de pensar sempre no meu sustento diário?

R. Aquele para quem trabalhais vos fornecerá o necessário. Deus fez provisões para o vosso sustento antes de vos enviar a este mundo.

263. Possuímos casa, família e filhos por um curto período, mas tudo isso é efémero. A palmeira em si é real, mas quando um ou dois dos seus frutos caem no chão, porque havemos de nos arrepender?

264. A renúncia à mulher e ao ouro foi prescrita apenas para aqueles que levam uma vida monástica. Os monges não devem sequer olhar para imagens de mulheres. Até o pensamento de picles condimentados faz salivar — para não falar da visão ou do toque dessas iguarias. Mas esta regra severa não é para homens do mundo, como vós (dirigindo-se aos devotos chefes de família presentes); destina-se puramente a monges.

Quanto a vós, podeis andar entre mulheres com a mente desapegada e fixa em Deus.

Para que a vossa mente possa estar assim desapegada e fixa em Deus, é bom que vos retireis frequentemente para a solidão — um lugar longe tanto de homens como de mulheres; um lugar onde possais ficar absolutamente a sós, orando ao Senhor com um coração a aniar pelo verdadeiro conhecimento; um lugar onde possais ficar pelo menos três dias, senão mais, ou pelo menos um dia, senão três.

O vosso caminho, novamente, como homens casados, é viver com a vossa esposa como irmão e irmã, depois de vos nascerem um ou dois filhos, e orar constantemente ao Senhor para que ambos tenham força para viver uma vida perfeita de espiritualidade e domínio de si.

265. Vivei no mundo, mas não sejais mundanos. Como diz o provérbio, fazei a dançar a rã diante da serpente, mas não deixai que a serpente engula a rã.

266. Um barco pode estar na água, mas a água não deve estar dentro do barco. Um aspirante pode viver no mundo, mas o mundo não deve viver dentro dele.

267. Não importa se viveis a vida de um chefe de família, contanto que fixeis a mente em Deus. Fazei o vosso trabalho com uma mão e segurai os pés do Senhor com a outra. Quando não tiverdes trabalho no mundo para fazer, segurai os Seus pés bem junto ao coração com ambas as mãos.

268. Qual é o estado de um homem que está no mundo mas está livre dos seus apegos? Ele é como uma folha de lótus na água, ou como um peixe de lama no pântano. Nenhum deles é poluído pelo elemento em que vive. A água não molha a folha, nem a lama mancha o brilho da pele do peixe.

269. Não importa muito se sois ou não um homem de família. Realizai sempre os vossos deveres com desapego, com a mente fixa em Deus. Por exemplo, o homem que tem um carbúnculo nas costas conversa com os seus amigos e outros, e até realiza empreendimentos, mas a sua mente está todo o tempo na sua dor.

270. Vivendo no mundo, estamos seguros se tivermos Viveka (discriminação do Real do irreal), e Vairagya (desapego das coisas mundanas), e juntamente com estes, intensa devoção a Deus.

271. Que deveis fazer quando estais colocados neste mundo? Entregai tudo a Ele, resignai-vos a Ele, e não haverá mais problemas para vós. Então sabereis que tudo é feito pela Sua vontade.

272. Pode ser dado até ao chefe de família ver Deus. Foi o caso de Raja Janaka, o grande sábio real. Mas não se pode atingir a altura de Raja Janaka de repente. Janaka passou muitos longos anos em solidão, longe do ruído e da agitação do mundo, praticando exercícios devocionais. Assim, faria um bem infinito aos homens do mundo se se retirassem de vez em quando para a solidão, mesmo por três dias de cada vez, para que Deus pudesse ser realizado.

273. Alguns rapazes Brahmo disseram-me uma vez que seguiam o exemplo de Janaka — viviam no mundo, mas completamente desapegados dele. Eu disse-lhes que era fácil dizer que se era Janaka, mas bastante diferente ser efetivamente um. É tão difícil mover-se entre objetos mundanos sem ser contaminado. Que terríveis austeridades não praticou Janaka no início! Mas não vos aconselho a passar por dificuldades semelhantes. O que quero que façais é praticar a devoção e viver sozinhos durante algum tempo num lugar sossegado. Entrai no mundo depois de terdes ganho Jnana e Bhakti.

O melhor leite coalhado forma-se quando o leite fica completamente imóvel: agitá-lo, ou mesmo mudar de pote, estraga-o. Janaka era desapegado; daí que um dos epítetos que lhe são aplicados seja Videha — literalmente «sem corpo». Ele viveu a vida de um Jivanmukta. A aniquilação da ideia do corpo é extremamente difícil de conseguir. Verdadeiramente, Janaka foi um grande herói. Manejou com facilidade as duas espadas — a do Conhecimento (Jnana) e a da ação (Karma).

274. Os homens citam sempre o exemplo do rei Janaka como um homem que viveu no mundo e ainda assim alcançou a iluminação espiritual. Mas em toda a história da humanidade ele é o único exemplo deste tipo. Não foi a regra, mas a exceção. A regra geral é que ninguém pode alcançar a perfeição espiritual sem renunciar à «mulher e ouro». Não

vos julgueis um Janaka. Muitos séculos se passaram, e o mundo ainda não produziu um segundo Janaka.

275. Se desejais viver no mundo com desapego, deveis primeiro praticar a devoção em solidão durante algum tempo — um ano, seis meses, um mês, ou pelo menos doze dias. Durante este período de retiro, deveis meditar constantemente em Deus e orar-Lhe pelo amor divino. Deveis pensar que não há nada no mundo que possais chamar vosso, que aqueles que considerais vossos certamente partirão um dia ou outro. Só Deus é verdadeiramente vosso. Ele é o vosso tudo. Como obtê-l'O? — essa deve ser a vossa única preocupação.

276. Quando estiverdes empenhados em práticas devocionais, mantende-vos afastados daqueles que delas zombam, e também daqueles que ridicularizam a piedade e os piedosos.

277. Se primeiro untardes as palmas das mãos com óleo e depois abrirdes a jaca, a exsudação leitosa do fruto não se pegará às vossas mãos e não vos incomodará. Se primeiro vos fortalecerdes com o verdadeiro conhecimento do Eu Universal, e depois viverdes no meio da riqueza e da mundanidade, certamente elas não vos afetarão de modo algum.

278. A agulha magnética aponta sempre para o Norte, e é por isso que o navio à vela não perde a direção. Enquanto o coração do homem estiver dirigido para Deus, ele não se pode perder no oceano da mundanidade.

279. No jogo das escondidas, se o jogador consegue tocar na Avó (Boori), já não pode ser feito de «ladrão» pelo procurador. Do mesmo modo, ao ver Deus uma vez, já não estamos amarrados pelas cadeias do mundo. Assim como a pessoa que toca na Boori é livre para andar onde quiser, sem ser perseguida e feita de «ladrão», assim também no campo de jogo do mundo não há medo para aquele que uma vez tocou os pés de Deus. Ele alcança a liberdade de todas as preocupações e ansiedades mundanas, e nada o pode jamais prender de novo.

280. Os jacarés gostam de flutuar na água, mas assim que um sobe à superfície, torna-se um alvo para os caçadores. Necessariamente, é obrigado a permanecer debaixo de água e não pode subir à superfície. No entanto, sempre que encontra uma oportunidade segura, sobe com um profundo som sibilante, e nada feliz na extensão da água. Ó homem, enredado nas malhas do mundo, também tu estás ansioso por nadar na

superfície do oceano de bem-aventurança, mas és impedido pelas exigências importunas da tua família. No entanto, tem bom ânimo. Sempre que encontrares lazer, invoca Deus com avidez, ora-Lhe com fervor e conta-Lhe todas as tuas mágoas. No devido tempo, Ele certamente te emancipará e te permitirá nadar alegremente no oceano de bem-aventurança.

281. Quando sois forçados pelas circunstâncias a ir a um lugar de tentações, lembrai-vos sempre da Mãe Divina. Ela vos protegerá dos muitos males que possam estar escondidos até no vosso coração. A presença da Mãe vos envergonhará, afastando-vos de más ações e maus pensamentos.

282. O mundo e Deus — como é possível harmonizar estas duas coisas? Olhai para a mulher do carpinteiro, como está diversamente ocupada! Com uma mão mexe o arroz achatado no almofariz de uma Dhenki, com a outra mão amamenta o seu filho, e ao mesmo tempo regateia com um cliente sobre o arroz achatado. Assim, embora as suas ocupações sejam muitas, a sua mente está fixa na única ideia de que o pilão da Dhenki não cai na sua mão e a magoa. Portanto, estai no mundo, mas lembrai-vos sempre d'Ele, e nunca vos desvieis do Seu caminho.

283. Assim como um rapaz, segurando-se a um poste ou pilar, gira à volta dele a toda a velocidade, sem medo de cair, assim realizai os vossos deveres mundanos, mantendo-vos firmemente agarrados a Deus, e estareis livres do perigo.

284. Assim como as raparigas das aldeias na Índia transportam quatro ou cinco potes de água uns sobre os outros na cabeça, conversando todo o caminho umas com as outras sobre as suas alegrias e tristezas, e no entanto não deixam cair uma única gota de água, assim o viajante no caminho da virtude deve andar ao longo da sua rota. Em quaisquer circunstâncias em que se encontre, deve sempre ter cuidado para que o seu coração não se desvie do verdadeiro caminho.

285. Assim como uma mulher infiel, ocupada nos afazeres domésticos, pensará todo o tempo no seu amante secreto, assim também vós, ó homem do mundo, realizai a vossa ronda de deveres mundanos, mas deixai o vosso coração fixo sempre em Deus.

286. Assim como uma ama de leite numa família rica cria o filho do seu senhor, amando-o como se fosse seu, mas sabendo bem que não tem direito sobre ele, assim também pensai que sois apenas depositários e guardiães dos vossos filhos, cujo verdadeiro pai é o próprio Senhor.

287. Assim como o menestrel de rua toca guitarra com uma mão e com a outra bate num tambor, enquanto canta uma canção, assim também vós, ó homem do mundo, realizai todos os vossos deveres mundanos com as vossas mãos, sem nunca esquecer de repetir e glorificar o «nome» do Senhor com todo o vosso coração.

288. A criada diz, referindo-se à casa do seu senhor: «Esta é a nossa casa.» Todo o tempo sabe que a casa não é sua, e que a sua própria casa fica longe, numa aldeia distante de Burdwan ou Naddia. Os seus pensamentos estão todos realmente dirigidos para a sua casa natal. De novo, referindo-se à criança do seu senhor ao colo, diz: «O meu Hari está muito traquina», ou «O meu Hari gosta de comer isto ou aquilo», e assim por diante. Mas todo o tempo sabe com certeza que Hari não é seu. Eu digo àqueles que vêm ter comigo que levem uma vida desapegada como a criada. Digo-lhes que vivam desapegados deste mundo — que estejam no mundo, mas não sejam do mundo — e ao mesmo tempo que tenham a sua mente dirigida para Deus, o lar celestial de onde todos vêm. Digo-lhes que orem por Bhakti e que baseiem as suas vidas nela.

289. Considerai sempre que os vossos assuntos familiares não são vossos; são de Deus, e vós sois Seu servo aqui vindo para obedecer aos Seus comandos. Quando esta ideia se torna firme, não resta nada, de facto, que um homem possa chamar seu.

290. É um verdadeiro herói aquele que realiza todos os deveres do mundo com a mente fixa em Deus. Só um homem forte pode, enquanto transporta uma carga de dois maunds (mais de cem quilos) na cabeça, parar para admirar um cortejo nupcial que passa no seu caminho.

291. Aqueles que vivem no mundo e ainda assim tentam ganhar a salvação são como os soldados que combatem por detrás das muralhas de um forte, enquanto os ascetas que renunciam ao mundo em busca de Deus são como os soldados que combatem em campo aberto. Combater o inimigo de dentro do forte é mais cómodo e muito mais seguro do que combater em campo aberto.

292. Antes de os soldados saírem para enfrentar o inimigo, aprendem a arte de combater nos seus quartéis, onde não têm de suportar as dificuldades incidentes à ação em campo aberto. Assim, aproveitai as comodidades da vossa vida doméstica para elevar a vossa condição espiritual, antes de vos entregardes às austeridades da vida ascética.

293. É abençoado, de facto, aquele em quem todas as qualidades da cabeça e do coração estão plenamente desenvolvidas e equilibradas. Ele desempenha-se admiravelmente bem em qualquer posição em que seja colocado. Está cheio de fé sem malícia e de amor por Deus, e no entanto as suas relações com os outros não deixam nada a desejar. Quando está empenhado em assuntos mundanos, é um homem de negócios completo. Na assembleia dos instruídos, estabelece as suas reivindicações como homem de saber superior, e nos debates mostra maravilhosas capacidades de raciocínio. Para com os seus pais, é obediente e afetuoso; para com os seus parentes e amigos, é amoroso e doce; para com os seus vizinhos, é bondoso e compassivo, e sempre pronto a fazer o bem; para com a sua esposa, é o deus do amor. Tal homem é, de facto, perfeito.

IDEAIS DO SANNYASIN

294. O primeiro nascimento do homem é do seu pai; Upanayana marca o seu segundo nascimento, e Sannyasa o terceiro.

295. A mente é muito desperdiçada enquanto se está empenhado em atividades mundanas. E essa perda só pode ser reparada se se abraçar a vida de renúncia (Sannyasa).

296. Quem é um candidato adequado para a sagrada ordem dos Sannyasins? Aquele que abandona completamente o mundo sem ter qualquer pensamento do dia seguinte, sobre como comerá ou como se vestirá, é apto para ser um verdadeiro Sannyasin. A sua mentalidade deve ser como a de um homem que pode, se necessário, deixar-se cair sem medo do topo de uma árvore alta, sem qualquer pensamento de salvar a sua própria vida ou membros.

297. Os Yogins e Sannyasins são como serpentes. A serpente não cava um buraco para si, mas vive no buraco feito pelo rato. Quando um buraco se torna inabitável, ela entra noutro buraco. Assim também os Yogins e Sannyasins não fazem casa para si. Passam os seus dias em casas de outros homens — hoje numa casa, amanhã noutra.

298. Os Sadhus nunca se fixam num lugar onde não haja «matas» por perto e onde a comida e a bebida sejam difíceis de obter. «Matas» significa lugares solitários para responder às necessidades naturais; e «comida e bebida» significa esmolas. Como os Sadhus vivem de esmolas, escolhem apenas aqueles lugares para a sua residência temporária onde as esmolas podem ser facilmente obtidas. Quando se cansam no decurso da sua viagem, podem parar num lugar por um ou dois dias, apesar da dificuldade de obter esmolas. Mas nunca ficam em parte alguma se houver escassez de água e de lugares solitários para responder às necessidades naturais. Os bons Sadhus nunca tratam destes assuntos de limpeza física em lugares onde possam ser observados por outros. Terminam essas coisas em solidão, longe dos locais frequentados por homens.

299. Se um pano branco for manchado mesmo com uma pequena nódoa, a nódoa parece de facto muito feia. Assim, a mais pequena falta de um homem santo torna-se dolorosamente proeminente.

300. Um Sannyasin pode ser perfeitamente desapegado e ter pleno controlo sobre os seus sentidos. No entanto, para dar exemplo à humanidade, deve fazer uma renúncia rigorosa à «mulher e ouro». Pois só quando repararem na profundidade da renúncia do Sannyasin, os homens ganharão coragem; só então farão esforços para renunciar ao sexo e às riquezas. E quem, de facto, dará esta lição de renúncia, senão o Sannyasin?

301. Qual é o sinal de um verdadeiro Sannyasin e de um Tyagi? Ambos devem estar inteiramente desconectados da luxúria e do ouro. Se sentirem um apego ao ouro, ou forem perturbados pela poluição mesmo em sonho, todos os seus exercícios espirituais se tornariam nulos.

302. Quando se assume o hábito de um Sannyasin, tem-se de se conduzir precisamente como um verdadeiro Sadhu. Não vedes na peça de teatro como a pessoa que representa o papel de rei age sempre como um rei, e como aquele que está no papel de ministro age sempre como ministro? Certa vez, um camponês tosco vestiu a roupagem de um Sannyasin e apareceu diante do Zamindar do lugar. O Zamindar quis presenteá-lo com uma bolsa, mas ele recusou aceitá-la e foi-se embora. Passado um tempo, voltou, depois de se ter lavado e mudado de roupa, e pediu o dinheiro que o Zamindar queria dar. Quando estava vestido de Sadhu, não podia sequer tocar no dinheiro, mas agora estava pronto a sentir-se gratificado até com uma moeda de quatro annas.

303. Uma pessoa foi ter com um homem santo para obter algum remédio para o seu filho doente, carregando o pequeno paciente ao colo. O homem santo pediu-lhe que voltasse no dia seguinte. No dia seguinte, quando o homem foi, o Sadhu disse: «Não dês doces à criança, e a criança ficará curada em breve.» O homem respondeu: «Senhor, poderia ter-me dito isso ontem mesmo.» O Sadhu disse: «Sim, podia, mas ontem eu tinha uma quantidade de açúcar diante de mim, e vendo isso, a tua criança teria pensado que o Sadhu que aconselhava os outros a não comerem açúcar, mas o comia ele próprio, era um hipócrita.»

304. O homem que se torna asceta devido a algum mal-entendido com o seu pai, ou mãe, ou esposa, pode ser chamado de asceta-por-desgosto. O seu ascetismo é momentâneo; abandona o modo de vida ascético assim que arranja um bom emprego lucrativo numa família rica.

305. Um discípulo: Como podemos reconhecer um homem verdadeiramente piedoso (Sadhu)?

O Mestre: É verdadeiramente piedoso aquele cujo coração e alma estão inteiramente dedicados a Deus. Verdadeiramente piedoso é aquele que renunciou à «mulher e ouro». O verdadeiramente piedoso nunca vê as mulheres à luz mundana comum. Mantém-se sempre à distância delas, e se elas por acaso se aproximam, olha para elas como sua mãe e mostra-lhes respeito. Pensa constantemente em Deus, e serve todas as criaturas, sabendo que Ele reside em todas. Estes são os traços gerais do verdadeiramente piedoso.

306. Não confieis num Sannyasin que pratica medicina, usa feitiços e encantamentos, recebe dinheiro e exibe a sua piedade com os letreiros de marcas externas elaboradas.

307. O perdão é a verdadeira natureza do asceta.

CAPÍTULO IX

ALGUNS AUXÍLIOS PARA A VIDA ESPIRITUAL

[Castas e observâncias externas — Adoração de imagens — Valor das peregrinações — Companhia piedosa — Repetição dos nomes divinos]

CASTA E OBSERVÂNCIAS EXTERNAS

308. Honrai tanto o espírito como a forma, o sentimento interior bem como o símbolo exterior.

309. Num grão de arroz, o germe é geralmente considerado a única coisa necessária para a germinação e crescimento, enquanto a casca é considerada sem importância; mas se o grão descascado for semeado, não germinará nem crescerá até se tornar planta e produzir arroz. Para se obter uma colheita, é necessário semear o grão com a sua casca intacta. Se, no entanto, se quiser obter o grão puro para comer, é necessário remover a casca da semente. Assim, os ritos e cerimónias são necessários para o crescimento e perpetuação de uma religião. São os recetáculos que contêm as sementes germinativas da verdade; e consequentemente, todo o homem deve realizá-los até atingir a verdade central neles contida.

310. A ostra que contém a preciosa pérola tem em si muito pouco valor, mas é essencial para o crescimento da pérola. A concha em si pode revelar-se inútil para o homem que obteve a pérola. Assim, as cerimónias e ritos podem não ser necessários para aquele que atingiu a verdade mais elevada, isto é, Deus.

311. Os rituais devem ser observados. Mas quando se avança na espiritualidade, não é necessário observá-los por muito tempo. Então a mente concentra-se em Deus, resultando em comunhão com Ele.

312. Quando uma ferida está perfeitamente curada, a crosta cai por si mesma; mas se a crosta for removida mais cedo, sangra. Do mesmo modo, com o advento da iluminação Divina, todas as distinções de casta desaparecem; mas é errado para o ignorante desrespeitar tais distinções, para que não conduzam a consequências indesejáveis.

313. Um fruto que amadureceu na árvore e caiu por si mesmo tem um sabor muito doce, mas aquele que foi colhido e amadurecido artificialmente não é tão doce, e logo murcha. Do mesmo modo, as regras de casta caem por si mesmas daquele que atingiu a perfeição e realizou a unidade de todas as coisas; mas aqueles que não tiveram tal experiência elevada não podem escapar à consciência de superioridade e inferioridade nos outros, e têm de observar as distinções de casta. Se, neste estado de ignorância, um homem finge perfeição desrespeitando todas as distinções de casta e vivendo uma vida livre, ele é certamente como o fruto verde amadurecido artificialmente.

314. É apropriado para aquele que atingiu a sabedoria Divina manter o fio brâmane? Quando o conhecimento do Eu é alcançado, todas as cadeias caem por si mesmas. Então não há distinção entre Brâmane e Sudra, entre casta alta e casta baixa. Assim, o fio sagrado, um sinal de casta, cai por si mesmo. Mas enquanto um homem tiver consciência de qualquer distinção e diferença, não deve atirá-lo fora à força.

315. Enquanto uma tempestade sopra, não podemos distinguir entre uma Asvattha (figueira) e uma Vata (figueira-de-bengala). Assim, quando a tempestade do Conhecimento supremo sopra, não pode haver distinção de casta.

316. Um verdadeiro devoto que bebeu profundamente do amor divino é como um verdadeiro ébrio, e como tal nem sempre pode observar as regras de propriedade.

317. Certa vez, Krishna Kishore perguntou-me: «Porque lançaste fora o fio sagrado?» Quando esta mudança se operou em mim [1], tudo foi varrido, como se pelo grande ciclone de Ashvin [2]. Os antigos marcos foram arrastados. Não havia sequer consciência exterior. Que dizer, então, de cuidar do fio sagrado ou mesmo do pedaço de pano que costumava usar? Perdido na intensa consciência de Deus, nem sequer sabia que estava nu durante a maior parte do dia. Portanto, quando Krishna Kishore me censurou por ter abandonado o fio sagrado, apenas observei: «Vereis tudo claramente se fordes uma vez tomados pela loucura pelo Senhor.»

[1] Através da visão de Deus e da realização espiritual.
[2] O grande ciclone de 1864 em Bengala.

318. Aqueles que proferem o «nome» de Deus são santos. Krishna Kishore era um homem santo de Ariadaha. Certa vez, estivera em Brindavan em peregrinação. Lá, um dia, no decurso do seu passeio, sentiu sede e, vendo uma pessoa perto de um poço, pediu-lhe que tirasse um pouco de água para ele. O homem disse que era de casta muito baixa e, portanto, não era digno de tirar água para um Brâmane. Krishna Kishore disse: «Proferirás o nome de Deus e assim te tornarás puro?» O homem assim fez e trouxe-lhe água; e ele, um Brâmane ortodoxo, bebeu a água! Quão grande era o poder da sua fé!

319. Assim como um ébrio por vezes põe o casaco na cabeça e outras vezes o usa como calções, assim o homem intoxicado por Deus se comporta como se não tivesse consciência do mundo exterior.

320. As pessoas desta época preocupam-se com a essência de tudo. Aceitarão os essenciais da religião e não os seus acessórios (isto é, os rituais, cerimoniais, dogmas e credos).

321. Aqueles que comem peixe não querem a cabeça e a cauda inúteis do peixe, mas apenas a parte macia do meio; assim, as antigas regras e mandamentos das nossas escrituras devem ser podados de todos os seus acréscimos para os adaptar aos tempos modernos.

ADORAÇÃO DE IMAGENS

322. Ao construir um edifício, o andaime é indispensável; mas quando a obra está concluída, ninguém sente a sua necessidade. Assim também a adoração de imagens é necessária no início, mas não depois.

323. Assim como um homem começa a aprender a escrever fazendo grandes rabiscos antes de tentar escrever com letra mais pequena, assim uma pessoa deve adquirir o poder de concentrar os seus pensamentos fixando primeiro a mente em formas, e depois, tendo conseguido isso, fixando-a no sem-forma.

324. Um atirador aprende a atirar tendo primeiro grandes alvos para mirar; e à medida que adquire mais e mais facilidade em atirar, mira mais e mais facilmente nos alvos mais pequenos do alvo. Assim, quando a mente foi treinada para se concentrar em imagens com forma, é fácil fazê-lo em coisas sem forma.

325. Assim como um fruto de brinquedo ou um elefante de brinquedo nos lembram o fruto real e o animal vivo, assim as imagens que são adoradas lembram Deus, que é sem forma e eterno.

326. O Mestre disse certa vez a um discípulo seu: «Estavas a falar de imagens feitas de barro. Também elas são necessárias. Estas várias formas usadas para a adoração foram providenciadas para se adequarem às necessidades de diferentes homens, em diferentes estágios de evolução espiritual.»

327. A mãe prepara a comida para os seus filhos de modo a que cada um receba o que lhe convém. Se tem cinco filhos e arranja um peixe grande

para cozinhar, faz vários pratos com ele e dá a cada um o que lhe assenta exatamente. A um é dado um rico Polao com peixe; a outro, de digestão fraca, apenas um pouco de sopa; e assim por diante, conforme a capacidade digestiva de cada um. (O mesmo se passa com os vários símbolos e disciplinas prescritos para os aspirantes espirituais.)

328. Um discípulo: Pode-se acreditar que Deus tem forma. Mas certamente Ele não é a imagem de barro que é adorada.

O Mestre: Porque chamas a isso uma imagem de barro? A imagem Divina é feita de Espírito.

329. O Mestre disse certa vez a Keshab Chandra Sen, que era um grande iconoclasta nos seus dias: «Porque é que estas imagens despertam em ti a ideia de lama e barro, pedra e palha? Porque não podes realizar a presença da Mãe eterna, bem-aventurada e onisciente, mesmo nestas formas?»

330. Se um adorador está convencido de que as imagens da Divindade sob a forma de vários Deuses e Deusas são verdadeiramente divinas, ele alcança Deus através da sua adoração. Mas se as considera como nada mais do que lama, palha e barro, para ele a adoração de tais imagens não traz benefício.

331. Se há algo de errado na adoração de imagens, não sabe Ele que toda a adoração é para Ele? Ele certamente Se agradará em aceitar a adoração, sabendo que é para Ele apenas. Amai a Deus; esse é o dever mais próximo de vós.

332. Quando se vê Deus, realiza-se que tudo, imagens e tudo o resto, é uma manifestação do Espírito. Para ele, a imagem não é feita de barro, mas de Espírito.

VALOR DAS PEREGRINAÇÕES

333. O leite da vaca, na realidade, impregna todo o corpo do animal através do seu sangue, mas não se pode ordenhá-lo espremendo as orelhas ou os chifres; só se obtém o leite das tetas. Do mesmo modo, Deus permeia o universo em toda a parte, mas não O podemos ver em toda a parte. Ele manifesta-Se mais facilmente em templos sagrados que estão cheios do espírito de devoção difundido pela vida e práticas espirituais dos devotos de tempos passados.

334. Sabei que deve haver manifestação de Deus em lugares onde inúmeras pessoas praticaram durante muito tempo austeridade, Japa, meditação, oração e adoração com o objetivo de O realizar. Através da sua devoção, as ideias espirituais estão presentes nestes lugares numa forma solidificada, por assim dizer. Daí que o homem aí sinta facilmente o despertar da espiritualidade e O realize.

Desde tempos imemoriais, inúmeros Sadhus, devotos e homens de realização vieram a estes lugares sagrados para ter uma visão de Deus, e oraram a Ele com uma efusão dos seus corações, pondo de lado todos os desejos mundanos. Portanto, embora igualmente presente em toda a parte, Deus manifesta-Se especialmente nestes lugares. Pode obter-se água em qualquer lugar cavando a terra. Quando, no entanto, há um poço, um tanque ou um lago, não é necessário cavar para obter água, mas pode obtê-la sempre que se quiser.

335. Assim como as vacas, depois de comerem até se saciarem, se deitam tranquilamente num lugar e ruminam, assim, depois de visitar um local sagrado ou um lugar de peregrinação, deveis agarrar os pensamentos sagrados que surgiram na mente enquanto lá estavam, sentar-vos num canto solitário e pensar neles até ficardes imersos neles. Não vos deveis entregar à procura dos prazeres dos sentidos e afastar tais ideias superiores da vossa mente imediatamente depois de deixardes esses lugares.

336. Viajai pelos quatro quadrantes da terra, não encontrareis nada (nenhuma religião verdadeira) em parte alguma. O que quer que haja, está apenas aqui (isto é, no próprio coração do homem).

337. Quando o Mestre estava vivo, muitos dos seus discípulos manifestavam-lhe o desejo de visitar lugares sagrados, e a eles costumava responder: «Ora bem, aquele que tem (a espiritualidade) aqui (isto é, na companhia do Mestre ou dentro de si mesmo) tem-na também lá (isto é, nos lugares sagrados). Ao passo que aquele que não a tem aqui, também não a tem lá», ou: «Aquele que já tem o espírito de devoção dentro do seu coração, encontrá-lo-á mais intensificado nos lugares sagrados. Mas de que proveito será para aquele que não tem devoção alguma? Ouvimos frequentemente que o filho de fulano fugiu de casa e foi para Benares ou para algum desses lugares. Mas mais tarde ouvimos novamente que, com grande esforço, conseguiu arranjar um emprego lá, e enviou dinheiro e notícias suas para a família.

As pessoas vão viver para algum lugar sagrado, mas muitos há que lá abrem lojas e se dedicam aos negócios. Indo para as províncias ocidentais na companhia de Mathuranath, achei o ambiente lá exatamente o mesmo que aqui. As mangueiras, as tamarindeiras ou os bosques de bambu — eram exatamente iguais aos destas paragens. Por isso disse a Hriday: "Ora bem, que viemos ver aqui? As coisas são exatamente as mesmas aqui e lá, com um ponto de diferença: que os habitantes destes lugares parecem ter melhor digestão."»

BENEFÍCIOS DA COMPANHIA PIEDOSA

338. O leite e a água, quando postos em contacto, misturam-se certamente, e o leite nunca mais pode ser separado. Do mesmo modo, se o aspirante sedento de melhoramento pessoal se mistura indiscriminadamente com todo o tipo de pessoas mundanas, não só perde o seu ideal, mas também a sua antiga fé, amor e zelo; estes morrem impercetivelmente.

339. A companhia dos santos e dos sábios é um dos principais elementos do progresso espiritual.

340. Muitos se aquecem no fogo aceso por outra pessoa que teve o trabalho de recolher a lenha e outras coisas necessárias; do mesmo modo, muitos fixam a mente no Senhor associando-se e seguindo a instrução de homens santos que conheceram o Senhor depois de muita penitência árdua.

341. Se um homem vê um advogado, pensa naturalmente em processos judiciais e tribunais. Do mesmo modo, ao ver um devoto piedoso, lembra-se de Deus e da vida futura.

342. Como se deve passar a vida? Assim como o fogo na lareira é mexido de vez em quando com um atiçador para arder intensamente e para não se apagar, assim a mente deve ser ocasionalmente revigorada pela companhia dos piedosos.

343. Assim como o ferreiro mantém vivo o fogo da sua forja soprando o fole, assim a mente deve ser mantida limpa e incandescente com a ajuda da companhia piedosa.

344. A companhia dos homens piedosos é como a água em que o arroz foi lavado. Esta água de arroz tem o poder de dissipar a intoxicação alcoólica. Assim também a companhia dos piedosos alivia os homens mundanos, bêbados do vinho dos desejos vãos, da sua intoxicação.

345. O agente de um rico Zamindar, quando vai para zonas rurais longe da sede do seu senhor, tiraniza os arrendatários de várias maneiras. Mas quando regressa à sede, e está sob o olhar do seu senhor, muda de comportamento, torna-se muito piedoso, trata os arrendatários com bondade, investiga todas as suas queixas completamente, e tenta fazer justiça imparcialmente a todos. O agente tirânico torna-se bom pelo temor do senhor e também pela sua companhia. Do mesmo modo, a companhia dos piedosos torna até os ímpios justos, despertando neles temor e reverência.

346. Até a madeira húmida colocada no fogo seca rapidamente e acaba por arder. Do mesmo modo, a companhia dos piedosos afasta a humidade da cobiça e da luxúria dos corações dos mundanos, e então o fogo de Viveka (discriminação) arde constantemente neles.

347. Nos Puranas, é-nos dito que quando Uma, a Mãe do universo, Se encarnou como filha dos Himalaias, abençoou o Seu pai com a visão das várias manifestações da Mãe omnipotente. Mas quando Giriraj (o rei das montanhas) lhe pediu que lhe mostrasse o Brahman dos Vedas, Uma disse: «Ó pai, se desejas realizar Brahman, deves viver na companhia de homens santos — homens que abandonaram completamente o mundo!»

348. Se lavardes bem um elefante e o deixardes solto, ele certamente se sujará em pouco tempo; mas se, depois da lavagem, o amarrardes na sua estrebaria, ele permanecerá limpo. Assim, se, pelas boas influências dos homens santos, uma vez vos tornardes puros de espírito, e depois vos permitirdes misturar livremente com homens mundanos, certamente perdereis essa pureza em breve; mas se mantiverdes a vossa mente fixa em Deus, nunca mais ficareis manchados de espírito.

REPETIÇÃO DOS NOMES DIVINOS

349. A melhor coisa para as pessoas cujas mentes são atraídas pelos objetos dos sentidos é cultivar a atitude dualista e cantar em voz alta o nome do Senhor, como mencionado no Narada-Pancharatra (uma obra sobre devoção).

350. O Mestre disse a um devoto: «Através do caminho da devoção, os sentidos subtis se tornam facilmente e naturalmente controlados. Os prazeres carnais tornam-se cada vez mais insípidos à medida que o amor

divino cresce no vosso coração. Podem os prazeres do corpo atrair um marido e uma mulher no dia em que o seu filho morreu?»

Devoto: Mas eu não aprendi a amá-l'O.

O Mestre: Tomai o Seu «nome» constantemente. Isso purificará todo o pecado, luxúria, ira, e todo o desejo pelos prazeres do corpo desaparecerá.

Devoto: Mas não encontro deleite no Seu «nome».

O Mestre: Então orai com um coração ansiante para que Ele vos ensine a saborear o Seu nome. Sem dúvida que Ele atenderá à vossa oração... «Não encontro deleite no Teu "nome"!» — Se um doente delirante perde todo o gosto pela comida, desesperai da sua vida. Mas se ele saboreia a comida mesmo ligeiramente, podeis ter esperança na sua recuperação. Portanto, digo-vos: encontrai alegria no Seu «nome». Durga, Krishna, Siva — qualquer nome serve. E se sentirdes diariamente uma maior atração por tomar o Seu «nome» e uma maior alegria nisso, não precisais de temer mais. O delírio deve ser curado, e a Sua graça certamente descerá sobre vós.

351. Porquê, o «nome» é insignificante? Ele e o Seu nome não são diferentes. Satyabhama não conseguiu equilibrar o Senhor com ouro e joias. Mas Rukmini conseguiu quando colocou uma folha de Tulsi e o nome de Krishna no outro prato da balança.

352. Se desejais ver Deus, tende fé firme na eficácia de repetir o «nome» de Hari e procurai discriminar o real do irreal.

353. Sri Chaitanya disse: «Muito poderoso é, de facto, o nome do Senhor! Pode não produzir resultado imediato, mas um dia há-de dar fruto, tal como vemos que uma semente deixada há muito tempo na cornija de um edifício acaba por chegar ao chão, germina, cresce até se tornar árvore e dá fruto, talvez quando o edifício se racha e é demolido.»

354. Consciente ou inconscientemente, deliberadamente ou não, em qualquer estado de espírito em que um homem profira o «nome» de Deus, adquire o mérito de tal prolação. Um homem que vai voluntariamente a um rio e lá se banha obtém o benefício do banho; assim também aquele que foi empurrado para a água por outro, ou que, quando dormia profundamente, teve água atirada sobre si.

355. De qualquer modo que se caia, consciente ou inconscientemente, no lago da imortalidade, torna-se imortal pela simples imersão. Quem quer que profira o «nome» de Deus, seja como for pronunciado, voluntária ou involuntariamente, encontra a imortalidade no fim.

356. A um mestre religioso que disse que o Seu «nome» por si só é suficiente para a realização Divina, o Mestre disse: «Sim, sem dúvida que o santo "nome" é muito eficaz; mas será suficiente sem o Amor? A alma deve ter fome de Deus. De que servirá repetir o Seu nome se permitir que a minha mente esteja apegada à "mulher e ouro"? O mero murmurar de encantamentos mágicos não curará uma picada de escorpião. Deve-se também aplicar a fumaça de esterco de vaca em brasa[1]. Sem dúvida, o homem é purgado dos seus pecados ao proferir uma vez o Seu nome, mas no momento seguinte entrega-se a várias formas pecaminosas de viver.

Não tem força de vontade para fazer voto de não voltar a cometer pecado algum. Os banhos no Ganges levam todos os pecados, mas de pouco servem. Conta-se que os pecados ficam de emboscada nas árvores das margens, e quando o homem regressa do seu banho, esses velhos pecados saltam-lhe para os ombros. Portanto, vede: antes de ter dado alguns passos, já estão sobre ele novamente, já o possuíram de novo. Portanto, tomai o "nome" do Senhor sempre, mas orai-Lhe ao mesmo tempo para que possais ganhar amor por Ele, e para que o vosso apego ao dinheiro, à fama e aos confortos físicos — todas coisas transitórias — diminua cada vez mais.»

[1] Referência a uma receita simples da aldeia para a picada de escorpião.

357. Cantai com Bhakti o nome santificado do Senhor, e a montanha dos vossos pecados desaparecerá, assim como uma montanha de algodão se queima e desaparece se uma faísca de fogo cair sobre ela.

358. As práticas devocionais dos mundanos são apenas por um momento. Não deixam impressão duradoura. Mas aqueles que estão inteiramente dedicados a Deus cantam o Seu «nome» a cada respiração. Alguns cantam «Om Ram Om» constantemente dentro de si. Os votários do caminho do Conhecimento cantam «Soham». De outros, novamente, a língua move-se constantemente (isto é, profere orações ou algum Mantra).

359. Japa significa repetir o «nome» do Senhor em silêncio, sentado num lugar sossegado. Se alguém continua a repetição com concentração e devoção, certamente será abençoado com visões Divinas no fim — certamente terá a realização de Deus. Suponhamos que um grande tronco de madeira está imerso no Ganges com uma extremidade presa a uma corrente, que está fixada na margem. Seguindo a corrente, elo a elo, podeis gradualmente mergulhar na água e traçar o caminho até ele. Da mesma maneira, se vos tornardes absortos na repetição do Seu santo nome, acabareis por O realizar.

360. O Mestre costumava dizer frequentemente: «Cantai o "nome" de Hari (Deus) de manhã e à noite, batendo palmas todo o tempo; todos os vossos pecados e aflições vos abandonarão então. Se baterdes palmas debaixo de uma árvore, os pássaros pousados nela voarão. Assim, se cantardes o "nome" de Hari batendo palmas ao mesmo tempo, os pássaros dos maus pensamentos voarão da árvore do vosso corpo.»

CAPÍTULO X

CAMINHOS DA VIDA ESPIRITUAL

[Alguns obstáculos à vida espiritual — Influência das impressões passadas — Armadilhas dos poderes ocultos — Esmolas e caridade — Vestuário e alimentação — Atitude em relação ao corpo — Atitude em relação aos sofrimentos — Paciência — Reserva — Humildade e respeito-próprio — Simplicidade — Conquista dos desejos — Atitude em relação às mulheres — O devoto e a sua família — Oração e devoção]

ALGUNS OBSTÁCULOS À VIDA ESPIRITUAL

361. Deus não vem onde reinam a timidez, o ódio e o medo.

362. O prato mais pesado de uma balança desce enquanto o mais leve sobe. Do mesmo modo, aquele que está sobrecarregado pelos muitos cuidados e ansiedades do mundo afunda-se nele, enquanto aquele que tem menos se eleva em direção aos pés do Senhor.

363. Aquele que passa o seu tempo a discutir as qualidades boas e más dos outros simplesmente desperdiça o seu próprio tempo. Pois é tempo gasto nem a pensar no seu próprio si nem no Si Supremo, mas em pensamentos infrutíferos sobre os si dos outros.

364. Em que estado de espírito se obtém a visão de Deus? Quando a mente está perfeitamente tranquila. Quando o mar da mente de alguém é agitado pelo vento dos desejos, não pode refletir Deus, e então a visão de Deus é impossível.

365. Embora o estômago de uma pessoa possa estar cheio e ela sofra de dispepsia, a sua boca salivará naturalmente à vista de iguarias doces e molhos saborosos. Do mesmo modo, um homem pode não ter a menor cobiça em si; no entanto, a visão da riqueza e de outros objetos de tentação perturbará a sua mente, por mais santo que ele seja.

366. Não sejais como a rã no poço. A rã no poço não conhece nada maior e mais grandioso do que o seu poço. Assim são todos os fanáticos. Não veem nada melhor do que o seu próprio credo.

367. O grande Sankaracharya tinha um discípulo tolo que costumava imitar o seu Mestre em tudo. Sankara proferia «Sivoham» (Eu sou Siva); o discípulo repetia também «Sivoham». Para corrigir a tolice do seu discípulo, Sankara, um dia, ao passar por uma ferraria, pegou num pote de ferro fundido e engoliu-o; e então pediu a esse discípulo que fizesse o mesmo. Claro que o discípulo não pôde imitar este acto do seu Mestre, e a partir de então deixou de dizer «Sivoham». A imitação servil é sempre má, mas a tentativa de corrigir o próprio si pelos nobres exemplos dos grandes é sempre boa.

INFLUÊNCIA DAS IMPRESSÕES PASSADAS

368. Quão forte é a influência dos Samskaras (impressões do passado)? Num certo local, estavam sentados alguns Sannyasins, quando uma jovem mulher passou por acaso. Todos continuaram como antes a meditar em Deus, exceto uma pessoa, que lançou um olhar furtivo para ela. Este homem, que foi atraído pela sua beleza, fora anteriormente chefe de família, e era pai de três filhos quando se tornou Sannyasin.

369. Certa vez, vi dois bois castrados num certo lugar; nessa altura, uma vaca passou por ali, e notei que, ao vê-la, um dos bois se excitou com paixão enquanto o outro permaneceu calmo. Vendo o estranho comportamento deste boi, investiguei a sua história passada, e soube que tinha sido castrado depois de crescido e de ter acasalado com vacas, enquanto o outro foi castrado muito jovem. Tal é o efeito das impressões dos hábitos passados na mente. Os Sadhus que renunciam ao mundo sem

terem gozado os prazeres sexuais nunca se excitam à vista das mulheres, mas aqueles que assumem a veste amarela em idade avançada, depois de terem provado os prazeres da vida familiar, estão sujeitos a ver revividas as impressões do seu passado, mesmo depois de anos de domínio de si.

370. Quando a mente habita no meio de propensões malignas, é como um Brâmane de casta elevada a viver nos bairros dos párias, ou como um cavalheiro a habitar nos bairros degradados de uma grande cidade.

371. Uma pessoa disse certa vez: «Depois de o meu filho Harish crescer, casá-lo-ei, e depois, deixando a família aos seus cuidados, renunciarei ao mundo e dedicar-me-ei à prática do Yoga.» A isto, o Mestre observou: «Nunca encontrarás oportunidade para cultivar a devoção a Deus. Dirás mais tarde: "Harish e Girish estão muito apegados a mim. Oh! sentirão a minha falta se eu me retirar do mundo. Deixemos primeiro que Harish tenha um filho, e vejamos também o seu filho casado." Assim, não haverá fim para os teus desejos.»

A ARMADILHA DOS PODERES OCULTOS

372. Não visiteis os que fazem milagres e os que exibem poderes ocultos. Esses homens são desgarrados do caminho da Verdade. As suas mentes ficaram enredadas em poderes psíquicos, que são como verdadeiras malhas no caminho do peregrino para Brahman. Cuidai com esses poderes, e não os desejeis.

373. Aqueles que têm tendências baixas procuram poderes ocultos que ajudam a curar doenças, a ganhar pleitos, a andar sobre a superfície da água e outras coisas semelhantes. Os verdadeiros devotos não procuram senão os pés de lótus do Senhor.

374. Krishna disse certa vez a Arjuna: «Se desejas alcançar-Me, sabe que nunca seria possível enquanto possuíres sequer um único dos oito poderes psíquicos (Ashta Siddhis).» Pois os poderes ocultos aumentam o egotismo do homem e assim o fazem esquecer-se de Deus.

375. Um homem, depois de catorze anos de dura penitência numa floresta solitária, obteve finalmente o poder de andar sobre a água. Transbordando de alegria com esta aquisição, foi ter com o seu Guru e disse: «Mestre, adquiri o poder de andar sobre a água.» O Guru

repreendeu-o, dizendo: «Que vergonha! É este o resultado dos teus catorze anos de trabalho? O que alcançaste vale apenas um pice. O que conseguiste apenas após catorze anos de trabalho, os homens comuns podem fazer pagando um pice ao barqueiro.»

376. Os Siddhis ou poderes psíquicos devem ser evitados como imundície. Eles vêm por si mesmos em virtude das Sadhanas ou práticas religiosas, e do Samyama ou controlo dos sentidos. Mas aquele que fixa a sua mente nos Siddhis fica preso a eles, e não pode elevar-se mais alto.

377. Havia um homem chamado Chandra[1] que adquiriu o poder chamado Gutika-siddhi. Guardando consigo um amuleto (Gutika), podia vaguear à vontade ou penetrar em qualquer lugar sem ser visto por ninguém. O homem era a princípio devoto de Deus e austero nas suas disciplinas espirituais. Mais tarde, no entanto, quando passou a possuir esse poder, começou a usá-lo para satisfazer as exigências da sua natureza inferior. Adverti-o contra isso, mas ele não deu ouvidos. Costumava frequentar, sem ser visto, a casa de um cavalheiro e tinha um amor ilícito com uma jovem da família. Perdeu todo o seu poder com isso, e tornou-se uma alma caída.

[1] Este Chandra era também discípulo do Guru do Mestre. Bhairavi, a mulher brâmane, de quem fizemos menção na Introdução. Assim, o Mestre teve ocasião de o conhecer.

378. Por vezes, é muito perigoso ter poderes ocultos. Tota Puri disse-me que certa vez um grande Siddha (um homem espiritual que possuía poderes psíquicos) estava sentado na praia quando veio uma grande tempestade. O Siddha, muito aflito com ela, exclamou: «Cesse a tempestade!» e as suas palavras cumpriram-se. Nesse momento, um navio passava ao longe com todas as velas içadas, e como o vento cessou subitamente, o navio virou, afogando todos os que estavam a bordo. Ora, o pecado de ter causado a morte de tantas pessoas recaiu sobre o Siddha, e por essa razão perdeu todos os seus poderes ocultos e teve de sofrer no purgatório.

379. Na época em que praticava austeras Sadhanas sob a Panchavati, um homem chamado Girna veio para lá. Era um grande Yogi. Certa vez, quando eu queria vir para o meu quarto na noite escura, ele ergueu o braço

e uma forte luz emanou da sua axila e iluminou todo o caminho. Por meu conselho, ele deixou de usar esse poder e voltou a sua mente para a realização da mais alta Realidade. Perdeu esse poder subsequentemente, sem dúvida, mas ganhou em verdadeira espiritualidade.

380. Um mendigo agiria de modo muito tolo se fosse ao palácio do rei pedir coisas tão insignificantes como uma cabaça ou uma abóbora. Do mesmo modo, um devoto agiria de modo tolo se aparecesse no limiar do Rei dos reis para pedir poderes psíquicos, negligenciando os dons inestimáveis do verdadeiro Conhecimento e do amor de Deus.

381. Um jovem discípulo do Mestre adquiriu certa vez facilidade em ler pensamentos. Transbordante de alegria, falou ao Mestre sobre a sua conquista. O Mestre repreendeu-o então, dizendo: «Que vergonha, filho; não desperdices as tuas energias com essas coisas mesquinhas.»

382. Um discípulo disse certa vez a Sri Ramakrishna que, no decurso da sua meditação, podia ver as coisas tal como aconteciam à distância e também o que algumas pessoas estavam a fazer naquele momento, e que, após investigação posterior, as visões se revelaram verdadeiras. O Mestre disse-lhe: «Meu rapaz, durante alguns dias não medites. Esses poderes são obstáculos à realização de Deus.»

ESMOLAS E CARIDADE

383. Porque é que as pessoas são alimentadas num banquete religioso? Não pensais que é o mesmo que oferecer um sacrifício a Deus, que é o Fogo da Vida em todas as criaturas? Mas os homens maus, que não temem Deus, culpados de adultério e assim por diante, não devem de modo algum ser recebidos em tais banquetes. Os seus pecados são tão grandes que mesmo vários côvados de terra onde se sentam se tornam poluídos.

384. Certa vez, um açougueiro levava uma vaca para um matadouro distante. Maltratada pelo açougueiro, a vaca tornou-se indócil no caminho, e o homem achou muito difícil conduzi-la. Passadas várias horas, chegou a uma aldeia ao meio-dia e, estando completamente exausto, foi a uma casa de esmolas próxima e comeu da comida ali distribuída gratuitamente. Sentindo-se bastante refrescado após uma refeição completa, o açougueiro conseguiu levar a vaca facilmente ao destino. Ora, uma parte do pecado de

matar essa vaca recaiu sobre o doador da comida distribuída na casa de esmolas. Assim, mesmo ao dar comida e esmolas em caridade, deve-se discriminar e ver que o recipiente não seja uma pessoa viciosa e pecadora, suscetível de usar a dádiva para fins malignos.

385. Assim é a lei: Aqueles que fizeram grandes caridades em vidas anteriores nascem ricos nesta. Mas então este mundo é a Sua Maya, e o processo de Maya está cheio de muitas irregularidades — ninguém o pode compreender.

VESTUÁRIO E ALIMENTAÇÃO

386. De que serve vestir a roupa cor de laranja de um asceta? O que há na roupa? A roupa laranja traz consigo associações puras. O uso de sapatos gastos e roupas rasgadas traz pensamentos do estado humilde para a mente; vestir-se elegantemente com calças e casacos, com sapatos de couro envernizado, faz com que alguém se sinta naturalmente um tanto elado de orgulho e vaidade; usando o Dhoti com borda preta de musselina fina, sente-se impelido a estar animado e talvez a cantar canções de amor. O uso da veste laranja do Sannyasin faz com que pensamentos sagrados surjam naturalmente na mente. Cada tipo de vestuário tem as suas próprias associações, embora a roupa em si não tenha significado especial.

387. Uma planta jovem deve ser sempre protegida contra cabras e vacas e a travessura dos pequenos rapazes por uma cerca. Mas quando se torna uma grande árvore, um rebanho de cabras ou um rebanho de vacas pode encontrar livremente abrigo sob os seus ramos extensos e encher os estômagos com as suas folhas. Assim, quando a vossa fé está ainda na sua infância, deveis protegê-la das influências malignas das más companhias e da mundanidade. Mas quando crescerdes fortes na fé, nenhuma mundanidade ou inclinação maligna ousará aproximar-se da vossa santa presença; e muitos que são ímpios tornar-se-ão piedosos através do vosso santo contacto.

388. Certa vez, um estudante perguntou a Sri Ramakrishna: «Senhor, uma vez que o mesmo Deus habita em todos os seres, que mal há em aceitar comida das mãos de qualquer pessoa?» Em resposta, o Mestre perguntou-lhe se era Brâmane. Quando o estudante disse «Sim», o Mestre observou: «É por isso que me fazes a pergunta. Supõe que acendes um

fósforo e amontoas sobre ele muita lenha seca. O que aconteceria ao fogo?» O estudante respondeu: «O fogo apagar-se-ia, sufocado pela pilha.»

O Mestre disse novamente: «Supõe que um fogo de mato está a arder e atiras para ele muitas bananeiras verdes. O que aconteceria a essas árvores?» O estudante respondeu: «Certamente seriam reduzidas a cinzas num instante.» «Do mesmo modo», disse o Mestre, «se a espiritualidade em vós é muito fraca, há todo o perigo de ser sufocada ao comer indiscriminadamente de todas as mãos. Mas se for forte, nenhuma comida vos afetará.»

389. Certa vez, fui iniciado por um professor muçulmano e deram-me o «nome» de Alá para repetir. Repeti o «nome» durante vários dias, observando rigorosamente os seus costumes e comendo a sua comida. Durante esse período, não podia ir ao templo da Mãe Kali, nem tomar os nomes dos deuses e deusas hindus.

390. Não comais no banquete dado numa cerimónia fúnebre; pois essa comida destrói toda a devoção e Amor. Também não tomeis comida na casa de um sacerdote que vive de realizar ritos sacrificiais para outros.

391. P. Em relação à alimentação, não se deve comer o que se obtém?

R. Isso depende do estado espiritual. No caminho do Jnana, não produz mal. Quando um Jnani come, oferece a comida como oblação no fogo da Kundalini. Mas para um Bhakta, é diferente. Um Bhakta deve comer apenas comida pura, tal comida que possa oferecer livremente ao seu amado Senhor. A comida animal não é para um Bhakta. Ao mesmo tempo, devo dizer que, se um homem ama a Deus, mesmo vivendo de carne de porco, ele é abençoado; e é miserável aquele que vive de leite e arroz ou de Havishyanna (comida sem especiarias) mas cuja mente está absorta na «mulher e ouro».

392. Aquele que come comida vegetal simples e não estimulante, mas não deseja alcançar Deus — para ele, essa comida simples é tão má como a carne de vaca. Mas aquele que come carne de vaca e deseja alcançar Deus — para ele, a carne de vaca é tão boa como a comida dos deuses.

393. Comei até ficardes satisfeitos durante o dia, mas que a vossa refeição da noite seja leve e de pequena quantidade.

394. O devoto só deve tomar aquela comida que não aquece o sistema nem perturba a mente.

ATITUDE EM RELAÇÃO AO CORPO

395. P. Como se vence o amor ao corpo?

R. A estrutura humana é feita de matéria em decomposição. É uma coleção de carne, osso, tutano, sangue e outras substâncias impuras sujeitas à putrefação. Através de tal análise constante do corpo, o amor por ele desaparece.

396. Não se cuida da gaiola quando o pássaro voou para fora dela. E quando o pássaro da vida voa, ninguém se preocupa com o corpo deixado para trás.

397. Se este corpo é sem valor e transitório, porque é que os homens piedosos e devotos cuidam dele? Ninguém cuida de uma caixa vazia, mas todos protegem com cuidado um baú cheio de joias preciosas, ouro e artigos valiosos. A alma piedosa não pode deixar de cuidar do corpo porque Deus habita nele. Todos os nossos corpos formam o tesouro da Divindade.

ATITUDE EM RELAÇÃO AO SOFRIMENTO

398. A doença é o imposto que a alma paga pelo uso do corpo, assim como o inquilino paga a renda da casa pelo uso da casa.

399. O ferro deve ser aquecido repetidas vezes e martelado cem vezes antes de se tornar bom aço. Só então se torna apto a ser transformado numa espada afiada, e pode ser dobrado como quiserdes. Assim, o homem deve ser aquecido várias vezes na forja das tribulações e martelado com as perseguições do mundo antes de se tornar puro e humilde, e apto a entrar na presença de Deus.

400. O Mestre disse certa vez a Keshab Chandra Sen, quando este estava doente: «Estás a sofrer; mas a tua doença tem um significado profundo. Neste corpo, passaste por várias fases de desenvolvimento

espiritual; o corpo está agora a sofrer a reação. Quando as ondas espirituais se levantam, a consciência do corpo desaparece, mas isso acaba por pesar sobre o corpo. Quando um grande vapor navega no Ganges, as ondas batem na margem durante algum tempo depois de o vapor ter passado. Quanto maior o barco, maiores as ondas; e por vezes elas chegam mesmo a derrubar as margens. Se um elefante entra numa pequena cabana, a cabana treme e cai. Assim também a experiência do êxtase espiritual abala e por vezes despedaça o corpo do devoto. Sabes qual é a consequência disso? Se uma casa se incendeia, muitas coisas se queimam. Do mesmo modo, o fogo da sabedoria Divina queima todas as paixões, a ira e outros males, e no fim destrói a consciência do "eu, de mim e do meu". O corpo sofre então um forte choque e é despedaçado. Podes pensar que está tudo acabado, mas enquanto houver o mais pequeno vestígio do ego, Ele não te libertará. Se fores admitido como doente num hospital, não terás alta a menos que estejas perfeitamente curado.»

401. O Mestre disse a Keshab enquanto este estava doente: «O jardineiro por vezes expõe as raízes das roseiras, para que o orvalho caia sobre elas. Por vezes, poda algumas das raízes, para que as flores se tornem maiores. Talvez o Senhor te esteja a preparar para obras maiores.»

402. Expressando a sua própria atitude em relação à doença, o Mestre disse: «Deixa a doença seguir o seu curso e deixa o corpo sofrer, mas, ó mente, permanece sempre em bem-aventurança.»

403. O poder e a glória do Conhecimento e da fé nunca faltam a um verdadeiro devoto, quaisquer que sejam a alegria e o sofrimento que o seu corpo suporte. O seu Conhecimento e fé nunca se obscurecem. Vede quão severas foram as tribulações que visitaram os Pandavas, e no entanto, nem por um momento a luz do Conhecimento os abandonou.

PACIÊNCIA

404. No alfabeto bengali, não há três letras com som idêntico, excepto as três sibilantes (Sa, Sha e Sa); e todas significam para nós: «suporta»,

«suporta», «suporta». (Em bengali, Sa significa suporta. Deriva da raiz sânscrita Sah.) Isto mostra que, desde a nossa infância, somos ensinados a suportar através do próprio alfabeto. A qualidade da paciência é da mais alta importância para todo o homem.

405. Olhai para a bigorna de um ferreiro — como é martelada e batida; no entanto, não se move do seu lugar. Que os homens aprendam a paciência e a resistência com ela.

RESERVA

406. Guardai para vós os vossos próprios sentimentos e fé. Não faleis deles em público. Caso contrário, sereis grandes perdedores.

407. Quanto mais uma pessoa oculta dos outros as suas práticas devocionais, melhor para ela.

HUMILDADE E RESPEITO-PRÓPRIO

408. É uma grande degradação ser presunçoso. Olhai para o corvo — como se julga sábio! Nunca cai numa armadilha. Foge ao mais ligeiro sinal de perigo, e rouba comida com a maior destreza. Mas a pobre criatura não pode deixar de comer imundície. Este é o resultado de ser demasiado sábio ou de ter a sabedoria de um sofista.

409. Para se tornar grande, é necessário ser humilde. O ninho da cotovia está na terra, em baixo, mas ela sobe alto no céu. O terreno elevado não é próprio para cultivo: é necessário terreno baixo, para que a água possa ficar nele.

410. A árvore carregada de frutos inclina-se sempre para baixo. Se desejas ser grande, sê humilde e manso.

411. O nosso dever é cair e adorar onde os outros apenas se inclinam.

412. Não se deve alimentar sentimentos egotistas, como a presunção do pregador: «Estou a dar uma palestra, ouvi-me todos!» O egotismo existe na ignorância, não no Conhecimento. Aquele que está desprovido de presunção alcança a Verdade. A água da chuva fica nos lugares baixos, mas escorre dos lugares altos.

413. Numa balança, o prato que está pesado inclina-se para baixo, mas o mais leve sobe. Assim, o homem de mérito e capacidade é sempre humilde e manso, enquanto o tolo está inchado de vã presunção.

414. Sede tão desprovidos de vaidade como a folha caída e levada pelo vento forte.

415. Se desejas enfiar uma agulha, faz a linha pontiaguda e remove todas as fibras salientes. Então passará facilmente pelo olho da agulha. Assim, se desejas concentrar o teu coração e alma em Deus, sê manso, humilde e pobre de espírito, e remove todas as fibras extensíveis do desejo.

416. Muitos homens, com uma aparência de humildade, dizem: «Sou como um verme de terra a rastejar no pó.» Desta forma, pensando ser sempre vermes, com o tempo tornam-se fracos de espírito como vermes. Não deixeis que o desânimo entre jamais no vosso coração. O desespero é o maior inimigo no caminho do progresso. Assim como o homem pensa, assim se torna.

417. Um verdadeiro homem (Manush) é apenas aquele que é um Man-hush — dotado de um sentido de respeito-próprio. Os outros são homens apenas de nome.

418. Nenhum orgulho é orgulho que expresse a glória da alma. Nenhuma humildade é humildade que humilhe o próprio si.

SIMPLICIDADE

419. Até que alguém se torne simples como uma criança, não pode obter a iluminação divina. Esquecei todo o conhecimento mundano que adquiristes e tornai-vos tão ignorantes disso como uma criança; então obtereis o conhecimento da Verdade.

420. A simplicidade de espírito leva alguém facilmente a Deus. Se uma pessoa é simples, as instruções espirituais frutificam facilmente nela, assim como as sementes germinam facilmente e crescem para dar fruto rapidamente quando semeadas em terra lavrada e livre de pedras.

421. O Mestre costumava dizer: «As pessoas tornam-se generosas e simples de espírito apenas em consequência de muita penitência. Deus

nunca pode ser alcançado senão com uma mente simples. É aos simples de espírito que Ele revela a Sua própria natureza.» Mas para salvaguardar as pessoas de se tornarem simplórias em nome da simplicidade e da veracidade, o Mestre fazia também ouvir um aviso: «Deves ser um devoto, mas não um simplório por causa disso», ou ainda: «Deves sempre discriminar na tua mente entre o verdadeiro e o falso, o eterno e o transitório; e depois, deixando de lado tudo o que é transitório, deves fixar a tua mente apenas naquilo que é eterno.»

CONQUISTA DOS DESEJOS

422. É um verdadeiro homem aquele que está morto mesmo nesta vida — isto é, cujas paixões e propensões foram refreadas até à extinção, como num corpo morto.

423. Enquanto a extensão celeste do coração for perturbada e agitada pelas rajadas do desejo, há pouca possibilidade de vermos nela o brilho de Deus. A visão beatífica só desponta no coração que está calmo e absorto na comunhão Divina.

424. Deus não pode ser visto enquanto houver o mais ligeiro vestígio de desejo. Portanto, tende os vossos desejos menores satisfeitos, e renunciai aos maiores pelo reto raciocínio e discriminação.

425. Assim como aquele que está à beira de um poço fundo tem sempre cuidado para não cair nele, assim também aquele que vive no mundo deve estar sempre de guarda contra as suas tentações. Aquele que caiu uma vez no poço do mundo, tão cheio de tentações, dificilmente pode sair dele incólume e sem mancha.

426. Quando lhe perguntaram quando seriam vencidos os inimigos do homem, tais como a luxúria, a ira, etc., o Mestre respondeu: «Enquanto estas paixões estiverem dirigidas para o mundo e os seus objetos, comportam-se como inimigas. Mas quando estão dirigidas para Deus, tornam-se os melhores amigos do homem, pois então conduzem-no a Deus. A luxúria pelas coisas do mundo deve ser transformada no desejo ardente por Deus; a ira que o homem sente em relação ao seu semelhante deve ser voltada para Deus, por não Se revelar a ele. Deve-se lidar com todas as

paixões da mesma maneira. Estas paixões não podem ser erradicadas, mas podem ser educadas.»

427. Mandodari disse ao seu marido real Ravana: «Se estás tão empenhado em ter Sita como tua rainha, porque não a iludes assumindo a forma do seu marido Rama com a ajuda dos teus poderes mágicos?» «Que vergonha!», explicou Ravana, «Posso eu rebaixar-me aos prazeres dos sentidos enquanto estou na santa forma de Rama — uma forma cujo simples pensamento enche o meu coração de uma alegria e bem-aventurança tão indizíveis que até o mais alto céu me parece sem valor?»

428. Quando um elefante é solto, vai arrancando árvores e arbustos; mas assim que o condutor aplica o gancho na sua cabeça, fica quieto. Assim, a mente, quando descontrolada, folga na luxúria dos pensamentos ociosos, mas fica imediatamente calma quando é puxada com o aguilhão da discriminação.

429. Quanto maior o apego de um homem ao mundo, menor a probabilidade de alcançar o Conhecimento. Quanto menor o seu apego ao mundo, maior a probabilidade de ganhar o Conhecimento.

430. Quando a manteiga é produzida pela batida do leite coalhado, não deve ser guardada no mesmo recipiente com o soro de leite, pois então perderá algo da sua doçura e firmeza. Deve ser guardada em água pura e num recipiente diferente. Do mesmo modo, depois de alcançar a perfeição parcial no mundo, se alguém ainda continua a misturar-se com os mundanos e permanece no meio das tentações do mundo, é provável que se contamine, mas pode permanecer puro vivendo fora dele.

431. P. Como podemos vencer o velho Adão que há em nós?

R. Quando a flor se desenvolve em fruto, as pétalas caem por si mesmas. Assim, quando a divindade em vós aumenta, a fraqueza da natureza humana em vós desaparecerá por si mesma.

432. Se uma vez, através do intenso Vairagya (desapego), alguém alcança Deus, então as tentações desordenadas da luxúria caem, e um homem se vê sem perigo da sua própria esposa. Se houver dois ímanes a igual distância de um pedaço de ferro, qual deles o atrairá com maior

força? Certamente o maior. Na verdade, Deus é o maior íman; o que pode o íman mais pequeno (a «mulher») fazer contra Ele?

433. P. Como é que a atração dos prazeres sensuais morre?

R. Em Deus, que é ao mesmo tempo a personificação de toda a felicidade e de todos os prazeres. Aqueles que O realizam não encontram atração nos prazeres mesquinhos e sem valor do mundo.

434. Tomar Helancha (uma erva medicinal) não é o mesmo que tomar uma erva de horta, e tomar um pedaço de açúcar-cande não é o mesmo que tomar doces comuns; pois Helancha e o açúcar-cande não são prejudiciais à saúde e até um doente pode usá-los. O místico Pranava também não é uma mera palavra, mas um símbolo fonético da Divindade. Do mesmo modo, o desejo de santidade e devoção não pode ser considerado igual aos desejos comuns poluentes do mundo.

ATITUDE EM RELAÇÃO ÀS MULHERES

435. Todas as mulheres são partes da Mãe Divina, e portanto devem ser olhadas como mães por todos.

436. As mulheres, quer naturalmente boas ou não, quer castas ou não, devem ser sempre olhadas como imagens da bem-aventurada Mãe Divina.

437. P. Como devemos olhar para o belo sexo?

R. Aquele que conheceu o Real, que é abençoado com a visão de Deus, não as encara com qualquer medo. Vê-as como realmente são — partes da Mãe Divina do universo. Assim, não só presta toda a honra e respeito às mulheres, como as adora verdadeiramente como um filho adora a sua mãe.

438. P. Como podemos vencer a luxúria?

R. Olhai para todas as mulheres como vossa própria mãe. Nunca olheis uma mulher no rosto, mas sempre para os seus pés. Todos os maus pensamentos fugirão então.

439. A mulher que observa a continência mesmo vivendo com o seu marido é verdadeiramente a própria Mãe Divina.

440. P. Senhor, o que pensais do modo de práticas devocionais na companhia de mulheres, como prescrito pelos Tantras?

R. Esses não são caminhos seguros; são muito difíceis, e estão frequentemente sujeitos a quedas. Há três maneiras de praticar a devoção (de acordo com os Tantras) — pode-se cultivar a atitude do «herói», ou da «serva», ou do «filho» para com a Mãe Divina. A minha é a atitude do «filho». Pensar em si mesmo como a serva da Mãe Divina também é bom. Mas o caminho do «herói»[1] está cheio de perigos. Muito puro é o caminho da «filiação» (isto é, pensar em si mesmo como filho da Mãe Divina).

[1] É chamado Virachara nos Tantras. Neste caminho, o devoto tem de adorar a Deusa como sua Divina Consorte, tomando uma mulher como vice-deus.

441. Aspirais à graça Divina? Então propiciai a Mãe, a Primal Energia Divina (Sakti). Sim, Ela é a própria Mahamaya. É Ela Quem iludiu o mundo inteiro, e está a conjurar o triplo dispositivo da criação, manutenção e dissolução. Ela espalhou um véu de ignorância sobre todos, e a menos que Ela abra o portão, ninguém pode entrar no «Pátio Interior». Deixados do lado de fora, vemos apenas as coisas externas, mas o Eterno, Sachchidananda, permanece sempre além do nosso alcance. A Sakti Divina tem dois aspetos — Vidya e Avidya. A Avidya ilude e é a mãe de Kamini-Kanchana, a mulher e o ouro; e prende. Mas Vidya é a fonte da devoção, bondade, conhecimento e amor, e leva-nos para Deus. Esta Avidya tem de ser propiciada, e daí a instituição da adoração de Sakti. Várias são as maneiras de adoração para a satisfazer — como Sua «serva», ou «herói», ou «filho». O Sakti-sadhana não é uma brincadeira. Há nele práticas muito extenuantes e perigosas. Passei dois anos como «serva» e «amiga» da Mãe. A minha, no entanto, é o estado de espírito da «criança», e para mim os seios de qualquer mulher são como os da minha mãe.

As mulheres são tantas imagens de Sakti. Nas regiões ocidentais deste país, o noivo segura uma faca na mão durante o casamento, e em Bengala, um quebra-nozes. A ideia é que ele cortará os laços de Maya com a ajuda

da noiva, que é a própria Sakti. Este é o Virabhava, o caminho do «herói». Mas eu nunca o pratiquei. A minha é a atitude da «criança».

O DEVOTO E A SUA FAMÍLIA

442. P. Suponhamos que uma esposa diz ao marido, que se dedica a práticas religiosas: «Se não cuidares bem de mim, mato-me.» O que se deve fazer nesse caso?

R. Deve-se abandonar tal esposa — a esposa que se coloca no caminho da realização de Deus. Que ela se mate ou não! A esposa que assim põe obstáculos no caminho para Deus é uma personificação de Avidya (ignorância). Mas todos se tornam tratáveis para aquele que tem uma devoção sincera a Deus — até o rei, as pessoas más e a esposa. Se se tem verdadeira devoção, então a esposa também se volta gradualmente para Deus. Se alguém é bondoso, é bem possível que ela também se torne boa pela graça de Deus.

443. O pai e a mãe são de primordial importância para o homem. A menos que estejam satisfeitos, nenhuma prática devocional será de proveito algum. Olhai para Sri Chaitanya. Embora louco de amor por Deus, esforçou-se muito por consolar a sua mãe antes de tomar Sannyasa. Disse-lhe: «Mãe, não te entristeças. Virei de vez em quando ver-te.» Há tantas dívidas que se têm de pagar — a dívida aos deuses, a dívida aos Rishis, e também a dívida aos pais e à esposa. Nenhuma obra piedosa pode ter êxito a menos que a dívida para com os pais seja paga. Há uma dívida até para com a esposa. Harish está aqui, tendo renunciado à sua esposa. Se a sua esposa não tivesse sido providenciada, tê-lo-ia chamado de sujeito perverso. Ramaprasanna anda sempre a vaguear à procura de leite e ópio para o Hatha Yogi. Diz que Manu prescreveu o serviço aos Sadhus. Entretanto, a sua velha mãe passa fome e tem de fazer as suas próprias compras. Fico tão irritado com isto.

444. Mas há uma consideração. Se um homem fica louco de amor por Deus, então quem é o pai, quem é a mãe e quem é a esposa? Ele ama Deus tão profundamente que fica louco. Não tem deveres, está absolvido de todas as dívidas. Quando um homem atinge esse estado, esquece o mundo inteiro; fica inconsciente até do corpo, que é tão querido a todos.

445. Os pais merecem o mais alto respeito neste mundo. Enquanto viverem, devem ser servidos com a maior capacidade, e depois da sua morte, os ritos pós-funerais devem ser realizados de acordo com as posses. Mesmo que o filho seja o mais pobre dos pobres, e não tenha meios para realizar os ritos pós-funerais dos seus pais, deve ir para a floresta e derramar lágrimas ali, lembrando-se da sua incapacidade. Só então se pode libertar da sua obrigação para com eles. Por amor de Deus apenas, pode-se desobedecer aos pais sem incorrer em pecado. Por exemplo, Prahlada não deixou de tomar o nome do Senhor Krishna, embora proibido pelo seu pai de o fazer. E Dhruva foi para a floresta para praticar austeridades, mesmo proibido pela sua mãe. Não fizeram nada de errado nisso.

ORAÇÃO E DEVOÇÃO

446. P. Devemos orar a Deus em voz alta?

R. Orai a Ele de qualquer maneira que vos agrade. Ele está sempre certo de vos ouvir. Ele pode ouvir até o passo de uma formiga.

447. P. As orações têm realmente alguma eficácia?

R. Sim. Quando a mente e a fala se unem para pedir algo com sinceridade, essa oração é atendida. De nada servem as orações daquele que diz com a boca: «Tudo isto é Teu, ó Senhor!» e ao mesmo tempo pensa no seu coração que tudo é seu.

448. Não sejais traidores dos vossos pensamentos. Sede sinceros; agi de acordo com os vossos pensamentos; e certamente tereis sucesso. Orai com um coração sincero e simples, e as vossas orações serão ouvidas.

449. O que pensais, isso deveis dizer. Que haja harmonia entre os vossos pensamentos e palavras. Caso contrário, se dizeis apenas que Deus é o vosso tudo, enquanto na vossa mente fizestes do mundo o vosso tudo, não podeis daí obter benefício algum.

450. Para se aproximar de um poderoso monarca, um homem deve granjear a simpatia dos funcionários que guardam a porta e protegem o trono. Assim, para alcançar o Senhor Todo-Poderoso e obter a Sua graça, é

necessário praticar muita devoção, servir muitos devotos e manter longa companhia com os sábios.

451. Não deixeis que os pensamentos e ansiedades mundanos perturbem a vossa mente. Fazei tudo o que for necessário no tempo próprio, e deixai a vossa mente sempre fixa em Deus.

452. Há pouco receio de que um navio se desvie ou corra perigo, enquanto a sua bússola apontar para o Norte. Assim, o navio da vida se mantém a salvo de todo o perigo, se a mente, a sua agulha da bússola, estiver sempre voltada para Deus sem oscilação.

453. A questão seguinte é como orar. Não oremos por coisas do mundo, mas oremos como o santo Narada. Narada disse a Ramachandra: «Ó Rama, concede que eu seja favorecido com Bhakti (amor, devoção e entrega de si) pelos Teus pés de lótus.» «Assim seja, Narada», disse Rama, «mas não pedirás mais nada?» Narada respondeu: «Senhor, que Te agrade conceder que eu não seja atraído pela Tua Maya, que fascina o universo.» Ramachandra disse mais uma vez: «Assim seja, Narada, mas não pedirás mais nada?» Narada respondeu: «Não, Senhor, é só isto que peço.»

454. Se não puderdes decidir se Deus tem forma ou não, então orai assim: «Ó Senhor, não posso compreender se Tu és com forma ou sem ela. Seja o que fores, tem piedade de mim. Digna-Te revelar-Te a mim.»

455. Pode-se atribuir as várias formas e aspetos de Deus que circulam na sociedade à imaginação, e não ter fé neles. No entanto, Deus derramará a Sua graça sobre uma pessoa se ela acreditar num Poder Divino que cria e dirige o mundo, e orar com um coração angustiado: «Ó Deus, não conheço a Tua verdadeira natureza. Digna-Te revelar-Te a mim como Tu realmente és.»

456. Deus é extremamente atento, meus rapazes. Ele ouviu todas as vezes que Lhe orastes. Ele certamente Se revelará a vós um dia ou outro, pelo menos na hora da morte.

CAPÍTULO XI

ASPIRANTES ESPIRITUAIS E DIFERENÇAS RELIGIOSAS

[O Deus de todas as religiões é o mesmo — Diferentes religiões como caminhos para Deus — Causa e cura do fanatismo — Atitude correta perante as diferenças religiosas — Atitude perante os cultos secretos]

O DEUS DE TODAS AS RELIGIÕES É O MESMO

457. Assim como uma e a mesma água é chamada por diferentes nomes por diferentes povos, uns chamando-lhe «water», outros «Van», outros «Aqua» e outros «Pani», assim o único Sachchidananda — Existência-Inteligência-Bem-aventurança Absoluta — é invocado por uns como Deus, por outros como Alá, por outros como Hari e por outros como Brahman.

458. Numa loja de oleiro há vasos de diferentes formas e feitios — potes, jarros, pratos, travessas, etc. — mas todos feitos do mesmo barro. Assim, Deus é um, mas é adorado em diferentes épocas e climas sob diferentes nomes e aspetos.

459. Assim como o mesmo açúcar é transformado em várias figuras de pássaros e animais, assim a única e doce Mãe Divina é adorada em vários climas e épocas sob vários nomes e formas.

460. Vários ornamentos são feitos de ouro. Embora a substância seja a mesma, são chamados de várias maneiras e parecem diferentes na forma. Assim, um e o mesmo Deus é adorado em diferentes países e épocas sob diferentes nomes e formas. Ele pode ser adorado de várias maneiras, de acordo com diferentes concepções — uns gostam de O chamar Pai e outros Mãe, uns Amigo e outros Amado, uns novamente o tesouro mais íntimo do seu coração e outros o seu doce filhinho — mas é sempre um e o mesmo Deus que é adorado em todas estas diversas relações.

461. Certa vez, surgiu uma disputa entre os homens instruídos na corte do Marajá de Burdwan sobre qual das duas Divindades, Siva e Vishnu, era a maior. Alguns dos cortesãos disseram que Siva era maior, enquanto os outros deram preferência a Vishnu. Quando a disputa se tornou acalorada, um sábio Pandit observou: «Senhor, não vi nem Siva nem Vishnu. Como posso dizer qual dos dois é o maior?» Do mesmo modo, não tenteis comparar uma Divindade com outra. Quando virdes uma delas, sabereis que todas são manifestações do mesmo Brahman.

DIFERENTES RELIGIÕES COMO CAMINHOS PARA DEUS

462. Há vários ghats de banho num grande tanque. Quem quer que vá, escolhendo o ghat que lhe aprouver para tomar banho ou encher o seu vaso, chega à água, e é inútil brigar uns com os outros chamando o seu ghat melhor do que o de outro. Do mesmo modo, há muitos ghats que conduzem à água da fonte da Bem-aventurança Eterna. Cada religião do mundo é um desses ghats. Ide diretamente com um coração sincero e fervoroso através de qualquer um destes ghats, e chegareis à água da Bem-aventurança Eterna. Mas não digais que a vossa religião é melhor do que a de outro.

463. Muitos são os nomes de Deus e infinitas as formas através das quais Ele pode ser abordado. Em qualquer nome e forma que O adoreis, através desse O realizareis.

464. Diferentes credos são apenas diferentes caminhos para alcançar o único Deus. Diversos são os caminhos que levam ao templo da Mãe Kali em Kalighat, em Calcutá. Do mesmo modo, vários são os caminhos que levam os homens à casa do Senhor. Cada religião não é senão um desses caminhos.

465. Há alguns anos, quando os hindus e os brahmos pregavam as suas respetivas religiões com verdadeiro fervor e grande zelo, alguém perguntou ao Mestre qual era a sua opinião sobre ambas as partes. A isto, o Mestre disse: «Vejo que a minha Mãe Divina está a realizar a Sua obra através de ambas as partes.»

466. Questionado por um piedoso Brahmo sobre o que constituía a diferença entre o Hinduísmo e o Brahmaísmo, o Mestre disse que a diferença é a mesma que entre uma única nota e toda a gama. A religião Brahmo contenta-se com a única nota do Brahman, enquanto a religião Hindu é composta por várias notas, que juntas produzem uma doce harmonia.

467. Assim como se pode subir ao topo de uma casa por meio de uma escada, um bambu, uma escadaria ou uma corda, assim também diversas são as maneiras de se aproximar de Deus, e cada religião do mundo mostra uma dessas maneiras.

468. A luz da lâmpada a gás ilumina várias localidades com intensidade variável, mas o sustento da luz, isto é, o gás, provém de um armazém comum. Assim, os mestres religiosos de todas as terras e de todas as épocas são apenas outras tantas lâmpadas através das quais a luz do Espírito flui constantemente da única fonte omnipotente.

469. Os gritos de todos os chacais são os mesmos. Assim também os ensinamentos de todos os sábios são os mesmos.

A CAUSA E A CURA DO FANATISMO

470. Por ignorância, um homem comum considera a sua própria religião a melhor e faz muito clamor inútil; mas quando a sua mente é iluminada pelo verdadeiro Conhecimento, toda a disputa sectária desaparece.

471. Duas pessoas discutiam acaloradamente sobre a cor de um camaleão. Uma dizia: «O camaleão naquela palmeira é de uma bela cor vermelha.» A outra contradizia-a dizendo: «Estás enganado, o camaleão não é vermelho, mas azul.» Não conseguindo resolver a questão por argumentos, ambas foram ter com um homem que sempre vivera debaixo daquela árvore e observara o camaleão em todas as suas fases. Um dos disputantes perguntou: «Senhor, o camaleão naquela árvore não é de cor vermelha?» O homem respondeu: «Sim, senhor.» O outro disputante disse: «O que dizes? Como é possível? Certamente não é vermelho, mas azul!» O homem respondeu novamente com humildade: «Sim, senhor.» Ele sabia que o camaleão mudava constantemente de cor. Por isso disse «Sim» a ambas as visões contraditórias. Deus, que é Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, tem igualmente várias formas. O devoto que viu Deus apenas num aspeto conhece apenas esse e esse aspeto. Só aquele que O viu em múltiplos aspetos pode dizer: «Todas estas formas são do único Deus, pois Deus é multiforme.» Ele é sem forma e com forma, e muitas são as Suas formas que ninguém conhece.

472. O Dal (junco) não cresce em grandes tanques com água pura. Cresce apenas em pequenos charcos estagnados e miasmáticos. Do mesmo modo, o Dal (cisma) não ocorre num partido cujos membros são guiados por motivos puros, amplos e desinteressados. Aparece apenas no partido cujos membros são egoístas, insinceros e intolerantes.

473. É bom criar seitas (Dal)? (Há aqui um jogo de palavras com a palavra dal, que em bengali significa tanto uma seita ou partido como o crescimento rasteiro na superfície de um charco estagnado.) O «dal» não pode crescer em água corrente; cresce apenas em charcos estagnados. Aquele cujo coração flui constantemente para o Senhor não tem tempo para mais nada. Aquele que busca fama e honra forma seitas.

474. Os homens podem dividir as suas terras com varas de medir e linhas de fronteira, mas ninguém pode assim dividir o céu que se estende sobre todos. O céu individual envolve todos e inclui todos. Assim, o homem não iluminado, na sua ignorância, diz que a sua religião é a única verdadeira e que é a melhor. Mas quando o seu coração é iluminado pela luz do verdadeiro Conhecimento, ele chega a saber que acima de todas estas guerras de seitas e credos está a única Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta (Akhanda Sachchidananda).

ATITUDE CORRECTA PERANTE AS DIFERENÇAS RELIGIOSAS

475. Quem quer que realize exercícios devocionais, com a crença de que há um só Deus, está destinado a alcançá-l'O, não importa em que aspeto, nome ou maneira Ele seja adorado.

476. Avançareis, seja qual for a maneira como meditais n'Ele ou recitais os Seus santos nomes. O bolo feito de açúcar-cande saberá igualmente doce, quer o segureis direito ou oblíquo quando o comerdes.

477. P. Se o Deus de todas as religiões é o mesmo, porque é então que Deus é pintado de forma diferente por diferentes religiosos?

R. Deus é um, mas os Seus aspetos são muitos. Assim como o senhor de uma casa é pai para um, irmão para outro e marido para um terceiro, e é chamado por diferentes nomes por diferentes pessoas, assim o único Deus é descrito de várias maneiras, de acordo com o aspeto particular em que Ele aparece ao Seu adorador particular.

478. Assim como uma mãe, ao cuidar dos seus filhos doentes, dá arroz e caril a um, sagu e arrowroot a outro, e pão com manteiga a um terceiro, assim o Senhor traçou diferentes caminhos para diferentes homens, adequados às suas naturezas.

479. A exposição do Vedanta por Sankaracharya é de facto verdadeira, e verdadeira também é o que Ramanuja diz dele — a sua filosofia Visishtadvaita.

480. Que um homem seja cristão na misericórdia, muçulmano na rigorosa observância das formas externas, e hindu na caridade universal para com todas as criaturas vivas.

481. Quando sairdes e vos misturardes com as pessoas, deveis ter amor por todas elas; misturai-vos livremente com elas e tornai-vos um com elas. Não deveis encolher os ombros e odiá-las, dizendo: «Elas acreditam num Deus pessoal, e não no Impessoal», ou «Elas acreditam no Impessoal, e não no Pessoal», ou «Ele é cristão, hindu ou muçulmano.» O homem compreende sobre Ele apenas tanto quanto Ele o faz compreender. Além disso, sabendo que os homens têm diferentes tendências, deveis misturar-vos com eles tanto quanto possível. E deveis amar todos. Então, regressando à vossa própria «casa» (coração), desfrutareis de bem-aventurança e paz. Lá encontrareis o vosso próprio si real.

482. Cada homem deve seguir a sua própria religião. Um cristão deve seguir o cristianismo, e um maometano o maometanismo. Para o hindu, o caminho antigo, o caminho dos Rishis arianos, é o melhor.

483. Um homem verdadeiramente religioso deve pensar que as outras religiões são também tantos caminhos que conduzem à Verdade. Devemos manter sempre uma atitude de respeito para com as outras religiões.

484. Não disputeis. Assim como descansais firmemente na vossa própria fé e opinião, permiti também aos outros igual liberdade para se apoiarem na sua própria fé e opinião. Pela mera disputa nunca conseguireis convencer outro do seu erro. Quando a graça de Deus descer sobre ele, cada homem compreenderá os seus próprios erros.

485. Um dia, ouviu-se o Mestre a falar com a Mãe do universo, num estado intoxicado por Deus: «Mãe, todos dizem: "O meu relógio marca a hora certa." Os cristãos, os hindus, os maometanos, todos dizem: "A minha religião é a verdadeira religião." Mas, Mãe, o relógio de ninguém está exacto. Quem pode verdadeiramente conhecer-Te? Mas, novamente, se alguém Te procura com um coração ansiante, pode alcançar-Te pela Tua graça através de qualquer caminho, através de qualquer religião.»

ATITUDE PERANTE OS CULTOS SECRETOS

486. Alguns moralistas fervorosos entre os discípulos do Mestre criticavam frequentemente certas pessoas de grandes realizações espirituais, porque algumas das práticas que seguiam, sendo dos ritos secretos dos Saktas e Vaishnavas, pareciam violar as regras comuns da moralidade. A eles, o Mestre costumava responder sempre: «Não devem ser censuradas por isso. Pois tinham a convicção profunda de que os caminhos que seguiam conduziam, por si mesmos, à realização de Deus. Tudo o que é ardentemente crido e adotado como meio para a realização de Deus não deve ser censurado. A atitude de nenhum aspirante deve ser condenada; pois qualquer atitude, se seguida com sinceridade, está certa de conduzir a Deus, que é a consumação de todas elas. Continuai a invocá-l'O, cada um à sua maneira, e não censureis o caminho de outro nem o tomeis como vosso.»

487. Com o objetivo de remover a antagonismo dos seus discípulos para com estes cultos secretos, o Mestre por vezes falava-lhes sobre as suas opiniões a respeito deles, como se segue: «Ora bem, porque haveríeis de nutrir ódio por eles? Sabei que também eles são caminhos, embora possam ser sujos. Pode haver diversas entradas para uma casa — o portão da frente, a porta das traseiras e a porta para o varredor que vem limpar os lugares sujos da casa. Sabei que estes cultos são semelhantes a esta última porta. Não importa por que porta se entra; uma vez dentro da casa, todos chegam ao mesmo lugar. Deveis, portanto, imitar essas pessoas ou misturar-vos com elas? Certamente que não. Mas não as odieis de modo algum.

CAPÍTULO XII

ESSENCIAIS DA VIDA ESPIRITUAL

[Algumas condições da iluminação espiritual — Fé — Resignação a Deus — Necessidade de Ishta ou Divindade Escolhida — Verdade — Brahmacharya ou continência — Viveka ou discriminação — Vairagya ou aversão pelos objetos mundanos — Perseverança — Prática espiritual — Concentração e meditação]

ALGUMAS CONDIÇÕES DA ILUMINAÇÃO ESPIRITUAL

488. Se uma pessoa possuída por um espírito maligno se torna consciente de que está assim possuída, o espírito maligno abandona-a imediatamente. Do mesmo modo, o Jiva que está possuído pelo espírito maligno de Maya, ao perceber que está assim possuído, torna-se imediatamente livre dele.

489. Só entra no Reino dos Céus aquele que não é ladrão dos seus próprios pensamentos. Por outras palavras, a ausência de malícia e a fé simples são os caminhos para esse Reino.

490. Uma pessoa disse certa vez: «A natureza inata de uma substância nunca pode ser mudada.» Outra retorquiu: «Quando o fogo entra no carvão, destrói a sua negridão inata.» Assim, quando a mente é queimada pelo fogo do Conhecimento, a sua natureza inata também é destruída, e deixa de ser uma armadilha.

491. A mente é tudo. Se a mente perde a sua liberdade, perdeis a vossa. Se a mente é livre, vós também sois livres. A mente pode tingir-se de qualquer cor, como um pano branco acabado de sair da lavandaria. Estudai inglês, e haveis de misturar palavras inglesas na vossa fala, mesmo sem querer. O Pandit que estuda sânscrito deve citar versos. Se a mente é mantida em más companhias, a sua influência maligna colorirá os pensamentos e conversas. Colocada no meio de devotos, a mente está certa de meditar em Deus e só em Deus. Muda a sua natureza de acordo com as coisas entre as quais vive e age.

492. A mente é tudo. A atração pela esposa é de um tipo, e a afeição pelo filho é de uma natureza bastante diferente. De um lado está a esposa, do outro lado está o filho; acaricia-se ambos, mas movido por impulsos bastante diferentes.

493. O cativeiro é da mente; a liberdade também é da mente. Se disserdes: «Sou uma alma livre. Sou um filho de Deus! Quem me pode prender?», livres sereis. Se alguém é mordido por uma serpente e pode dizer com toda a força da vontade e da fé: «Não há veneno, não há veneno», certamente se livrará do veneno.

494. P. Quando serei livre?

R. Quando o «eu» deixar de ser. «Eu e meu» é ignorância. «Tu e Teu» é Conhecimento.

FÉ

495. A um discípulo que criticou a fé de algumas pessoas como «fé cega», o Mestre observou: «Ora bem, podes explicar-me o que queres dizer com "fé cega"? Não é a fé totalmente "cega"? Quais são então os seus olhos? Dizei antes "fé" ou "conhecimento". Ou então, o que é esta ideia estranha de que a fé nuns casos é "cega" e noutros tem olhos?»

496. O homem sofre por falta de fé em Deus.

497. Há sinais fisiológicos que indicam quem será dotado de fé e quem não. Os tipos ossudos, os de olhos fundos, os vesgos — todos esses tipos não podem ter fé facilmente.

498. Para matar outro, são necessários espada e escudo, enquanto para se matar a si mesmo basta um alfinete. Assim, para ensinar os outros, é necessário estudar muitas escrituras e ciências, enquanto para adquirir iluminação espiritual para si mesmo, basta uma fé firme num único lema.

499. Há várias seitas e credos entre os hindus. Qual deles devemos adotar? Parvati perguntou certa vez a Mahadeva: «Ó Senhor, qual é a raiz da bem-aventurança eterna, perene e que tudo abrange?» Mahadeva respondeu-lhe: «A raiz é a fé. Assim, as peculiaridades dos credos e seitas têm pouca ou nenhuma importância. Que cada um se entregue a práticas devocionais e cumpra os deveres do seu próprio credo com fé.»

500. O conhecimento relativo a Deus acompanha a fé. Onde há pouca fé, é inútil esperar muito Conhecimento. A vaca que é demasiado exigente em matéria de alimentação não é generosa no fornecimento de leite. Mas a

vaca que aceita todos os tipos de alimentos — ervas, folhas, relva, cascas, palha e o resto — e os come com grande apetite, dá um fornecimento abundante. O seu leite desce do úbere para o balde em torrentes.

501. Aquele que tem fé tem tudo, e aquele que não a tem não tem nada.

502. Se estais empenhados em realizar Deus, repeti o Seu «nome» com firme fé, e procurai discriminar o Real do irreal.

503. A menos que alguém se torne infantil na fé, é difícil realizar Deus. Se a mãe diz à criança: «Ele é teu irmão», a criança acredita plenamente que a pessoa referida é realmente seu irmão. Se a mãe diz: «Não vás para lá, há um bicho-papão», a criança está de facto convencida de que há um bicho-papão. Deus comove-Se de piedade quando vê num homem esse tipo de fé infantil. Ninguém pode alcançar Deus com a natureza calculista dos mundanos.

504. Um dia, Sri Krishna, enquanto viajava numa carruagem com Arjuna, olhou para o céu e disse: «Olha! Que belo voo de pombas ali!» Arjuna voltou imediatamente os olhos nessa direção e exclamou: «Realmente, amigo, pombas muito bonitas, de facto!» Mas no momento seguinte, Sri Krishna olhou novamente e disse: «Não, amigo, parece que não são pombas.» Arjuna também olhou novamente e disse:

«Verdade, não são pombas. Agora procura compreender o significado disto. Arjuna, grande adepto da verdade que era, não assentia possivelmente em tudo o que Sri Krishna dizia, simplesmente para o lisonjear. Mas tinha uma fé tão inabalável em Sri Krishna que percebia imediatamente, na realidade, tudo o que Sri Krishna dizia.

505. Fervei bem o vosso açúcar sobre um fogo ardente. Enquanto houver sujidade ou impureza nele, a infusão doce fumegará e ferverá. Mas quando toda a impureza e escuma forem lançadas fora, não há fumo nem som; apenas o delicioso xarope cristalino ondula no seu valor não misturado. Então, quer líquido quer sólido, torna-se o deleite dos homens e dos deuses. Tal é o carácter do homem de fé.

506. Um homem queria atravessar um rio. Um sábio deu-lhe um amuleto e disse: «Isto levar-te-á para o outro lado.» O homem, pegando-o na mão, começou a andar sobre a água. Antes de ter percorrido metade do caminho, foi tomado pela curiosidade e abriu o amuleto para ver o que continha. Dentro, encontrou escrito num pedaço de papel o sagrado nome de Rama, o Senhor. A isto, o homem disse depreciativamente: «É este todo o segredo?» Mal este ceticismo entrou na sua mente, ele afundou-se. É a fé no «nome» do Senhor que opera maravilhas; pois a fé é vida e a falta de fé é morte.

507. Um discípulo que tinha firme fé no poder infinito do seu Guru atravessou um rio a pé, simplesmente proferindo o seu nome. Vendo isto, o Guru pensou: «Ora bem, haverá tal poder no meu mero nome? Então, quão grande e poderoso devo ser eu!» No dia seguinte, o Guru também tentou atravessar o rio a pé, proferindo «eu, eu, eu», mas mal pôs o pé na água, afundou-se e afogou-se pouco depois; pois o pobre homem nem sequer sabia nadar. A fé pode realizar milagres, enquanto a vaidade ou o egotismo trazem a destruição do homem.

508. Sri Ramachandra, que era Deus encarnado, teve de construir uma ponte sobre o oceano antes de poder atravessar para Lanka (Ceilão). Mas Hanuman, seu fiel devoto macaco e servo, atravessou o oceano num só salto, por causa da sua firme fé em Rama. Aqui, o servo alcançou mais do que o senhor, simplesmente através da fé.

509. Um rei culpado do hediondo pecado de matar um Brâmane foi ao eremitério de um Rishi para saber que penitência devia realizar para ser purificado. O Rishi estava ausente, mas o seu filho estava no eremitério. Ouvindo o caso do rei, disse: «Repete o "nome" de Deus (Rama) três vezes, e o teu pecado será expiado.» Quando o Rishi regressou e ouviu a penitência prescrita pelo seu filho, observou indignado: «Pecados cometidos em miríades de nascimentos são purgados imediatamente ao proferir o "nome" do Todo-Poderoso uma única vez. Quão fraca deve ser a tua fé, ó tolo, já que ordenaste que o santo "nome" fosse repetido três vezes? Por esta fraqueza da tua fé, tornar-te-ás um pária.» E o filho tornou-se Guhaka do Ramayana.

510. A pedra pode permanecer na água durante inúmeros anos; no entanto, a água nunca a penetrará. Mas o barro é rapidamente ensopado e transformado em lama pelo contacto da água. Assim, o coração forte do fiel não desespera no meio das provações e perseguições, mas o homem de fé fraca é abalado até pela mais insignificante causa.

511. Torna-se naquilo em que se pensa. Dizem que, pensando constantemente num determinado tipo de inseto (Bhramarakita), uma barata se transforma nesse inseto. Do mesmo modo, aquele que pensa constantemente na Bem-aventurança Absoluta torna-se ele próprio cheio de bem-aventurança.

512. Porque falais de pecado e fogo do inferno todos os dias da vossa vida? Cantai o «nome» de Deus. Dizei apenas uma vez: «Ó Senhor, fiz coisas que não devia ter feito, e deixei de fazer coisas que devia ter feito. Ó Senhor, perdoai-me!» Dizendo isto, tende fé n'Ele, e sereis purgados de todos os pecados.

513. Os curandeiros pela fé da Índia ordenam aos seus pacientes que repitam com plena convicção as palavras: «Não há doença alguma.» Os pacientes repetem-nas, e esta sugestão mental ajuda a afastar a doença. Assim, se pensardes que sois moralmente fracos, tornar-vos-eis efetivamente assim em pouco tempo. Sabei e acreditai que sois de imenso poder, e então o poder virá até vós finalmente.

514. Aquele que pensa que é um Jiva, permanece verdadeiramente como um Jiva; mas aquele que se considera Deus, torna-se verdadeiramente um Deus. Assim como se pensa, assim se torna.

RESIGNAÇÃO A DEUS

515. Aquele que se pode resignar à vontade do Todo-Poderoso com fé simples e amor sem malícia realiza o Senhor muito rapidamente.

516. Viver no mundo ou deixá-lo depende da vontade de Deus. Portanto, trabalhai, deixando tudo a Ele. Que mais podeis fazer?

517. Uma poça de água rasa num campo aberto secará rapidamente, embora ninguém diminua a quantidade da sua água ao usá-la. Assim, um homem pecador é por vezes purificado simplesmente por se resignar total e absolutamente à misericórdia e graça de Deus.

518. P. Que devemos fazer quando estamos colocados neste mundo?

R. Entregai tudo a Ele, resignai-vos a Ele, e não haverá mais problemas para vós. Então sabereis que tudo é feito pela Sua vontade.

519. Não há caminho mais seguro e mais suave do que o de Ba-kalama (procuração). Ba-kalama significa aqui resignar-se à vontade do Todo-Poderoso e não ter o sentimento de que algo é seu.

520. A cria do macaco abraça-se e agarra-se fortemente à sua mãe quando ela se move. O gatinho, por outro lado, não faz isso, mas mia lastimosamente, e a mãe agarra-o pelo pescoço. Se a cria do macaco soltar a sua mãe, cai e magoa-se. Isto porque confia na sua própria força. Mas o gatinho não corre tal risco, pois a própria mãe o transporta de um lado para o outro. Tal é a diferença entre a confiança em si mesmo e a total resignação à vontade de Deus.

521. Um pai atravessava um campo com os seus dois filhos pequenos. Levava um deles ao colo, enquanto o outro caminhava com ele, segurando-lhe na mão. Viram uma pipa a voar, e o segundo rapaz, soltando a mão do pai, começou a bater palmas de alegria, gritando: «Olha, papá, ali está uma pipa!» Mas imediatamente tropeçou e magoou-se. O rapaz que era carregado pelo pai também bateu palmas de alegria, mas não caiu, porque o pai o segurava. O primeiro rapaz representa a ajuda própria em matérias espirituais, e o segundo a entrega de si.

522. A abençoada Radha foi certa vez chamada a provar a sua castidade. Foi submetida à provação de buscar água num jarro com mil buracos. Conseguiu fazê-lo sem que uma única gota de água se derramasse, e todos a aplaudiram, declarando que nunca houve nem haveria mulher tão casta. A isto, Radha exclamou: «Porque me encheis de louvores? Dizei antes: Glória a Krishna! Glória só a Ele! Sou apenas uma serva Sua.»

523. Qual é a natureza da confiança absoluta em Deus? É como aquele estado feliz de relaxamento sentido por um trabalhador fatigado quando, recostando-se numa almofada, fuma à vontade depois de um dia de trabalho árduo. É a cessação de todas as ansiedades e preocupações.

524. Vivei aqui como uma folha lançada fora depois de ser usada para comer. Está à mercê dos ventos; é soprada para aqui e para ali; por vezes dentro de casa e por vezes fora, em lugares sujos. Ora bem, agora estais colocados aqui; tudo bem, permanecei aqui. E quando Ele vos levar e vos puser num lugar melhor, então também deveis dizer «Amém» e resignar-vos à Sua vontade com perfeito desapego. Deixai que as coisas cuidem de si mesmas.

NECESSIDADE DE ISHTA OU DIVINDADE ESCOLHIDA

525. A jovem esposa numa família respeita o sogro e a sogra, atende às suas necessidades, e não os despreza nem desobedece; mas ao mesmo tempo ama o seu marido mais do que a qualquer um deles. Do mesmo modo, sede firmes na vossa devoção à vossa própria Divindade Escolhida (Ishta), mas não desprezeis outras Divindades. Honrai-as também; pois todas representam uma única Autoridade e um único Amor.

526. No jogo de dados chamado Ashta-kashta, as peças devem passar por todas as casas do tabuleiro antes de chegarem à casa central de descanso e não-retorno. Mas enquanto um peão não chegar a essa casa central, está sujeito a regressar repetidamente ao ponto de partida e a recomeçar a sua cansativa jornada vezes sem conta. Se, no entanto, dois peões começarem a sua jornada em uníssono e se moverem em conjunto de casa em casa, não podem ser forçados a recuar por nenhum vencedor. Do mesmo modo, aqueles que começam a sua carreira de práticas devocionais, unindo-se primeiro a um Guru e a um Ishta, não temem reveses e dificuldades no caminho. O seu progresso será suave, sem impedimentos e sem retrocesso.

527. Muitas estradas conduzem a Calcutá. O Dr. Duvidoso partiu da sua casa numa aldeia distante para ir à metrópole. Perguntou a um homem na estrada: «Qual é o caminho mais curto para Calcutá?» O homem disse: «Segue esta estrada.» Prosseguindo alguma distância, encontrou outro homem e perguntou-lhe: «É este o caminho mais curto para Calcutá?» O

homem respondeu: «Oh, não! Deves voltar atrás e tomar a estrada à tua esquerda.» O homem assim fez. Seguindo por essa nova estrada durante algum tempo, encontrou um terceiro homem que lhe indicou outra estrada para Calcutá. Assim, o Dr. Duvidoso não progrediu, mas passou o dia inteiro a mudar de estrada. Aquele que realmente deseja chegar a Calcutá deve seguir uma única estrada indicada por um homem honesto; assim também aqueles que querem alcançar Deus devem seguir firmemente um único guia.

528. Um homem começou a cavar um poço, mas tendo escavado até uma profundidade de vinte côvados, não encontrou qualquer vestígio de água ali. Por isso, abandonou esse local e escolheu outro para o efeito. Ali cavou ainda mais fundo, mas mesmo assim não encontrou água. Escolheu então outro local e cavou mais fundo do que antes, mas também foi em vão. Por fim, em total desgosto, abandonou a tarefa. A profundidade total destes três poços era apenas um pouco inferior a cem côvados. Tivesse ele tido a paciência de dedicar metade de todo este trabalho ao seu primeiro poço, em vez de mudar de local repetidamente, certamente teria conseguido encontrar água. O mesmo acontece com os homens que mudam continuamente de fé. Para ter êxito, temos de nos dedicar de todo o coração a um único objeto de fé, sem a menor dúvida sobre o seu valor.

529. Assim como uma mulher casta, totalmente dedicada ao seu marido, se une a ele para sempre mesmo depois da morte, assim o homem que está unicamente dedicado à sua própria Divindade Escolhida obtém certamente a união com Deus.

VERDADE

530. Tende Bhakti interiormente, e abandonai toda a astúcia e engano. Aqueles que estão empenhados em negócios, como o trabalho no escritório ou o comércio, devem também manter-se na verdade. A veracidade é a Tapasya (austeridade) desta era de Kali.

531. A menos que alguém fale sempre a verdade, não pode encontrar Deus, que é a alma da verdade.

532. Deve-se ser muito rigoroso em dizer a verdade. Através da verdade, pode-se realizar Deus.

533. Tudo o que é falso é mau. Mesmo o disfarce falso é mau. Se a vossa mente não está de acordo com o disfarce, então uma terrível ruína vos visitará. Desta forma, a pessoa torna-se hipócrita, e todo o medo de fazer o mal ou de proferir falsidade desaparece.

534. Certa pessoa, profundamente endividada, fingiu loucura para escapar às consequências das suas responsabilidades. Os médicos não conseguiram curar a sua doença; e quanto mais medicamentos lhe administravam, maior se tornava a sua loucura. Finalmente, um médico sábio descobriu a verdade e, levando o homem que fingia loucura à parte, repreendeu-o dizendo: «Senhor, que estais a fazer? Cuidado que, ao fingir loucura, não vos torneis realmente louco. Já vejo em vós alguns sinais genuínos de insanidade.» Este aviso despertou o homem da sua tolice, e ele deixou de fingir loucura. Tornar-vos-eis realmente naquilo que constantemente vos fazeis passar por ser.

BRAHMACHARYA OU CONTINÊNCIA

535. Assim como o rosto de uma pessoa pode ser visto refletido numa folha de vidro revestida de amálgama de prata, assim a imagem gloriosa do Deus Todo-Poderoso pode ser vista refletida no coração de uma pessoa que preservou o seu poder e pureza através da continência perfeita.

536. A menos que se pratique a continência absoluta, não se podem compreender as verdades subtis da espiritualidade.

537. Sukadeva era um Urdhvaretas (um homem de continência completa e ininterrupta); nunca teve qualquer emissão de sêmen. Havia outra classe chamada Dhairyaretas, que tinha emissão de sêmen em certa altura, mas posteriormente praticava a continência absoluta. Se um homem permanece um Dhairyaretas continuamente durante doze anos, adquire um poder sobre-humano. Um novo nervo desenvolve-se nele. É chamado o «nervo da inteligência» (Medhanadi), e ele pode lembrar-se de tudo e saber tudo.

538. Se um homem pratica a continência absoluta durante doze anos, a Medhanadi abrir-se-á (isto é, os seus poderes e compreensão florescerão). A sua compreensão tornar-se-á capaz de penetrar e compreender as mais

subtis ideias. Com tal compreensão, o homem pode realizar Deus. Deus só pode ser alcançado através de uma compreensão purificada deste tipo.

539. O desperdício do fluido vital acarreta perda de energia. A emissão involuntária, no entanto, não tem muita importância. Isso deve-se à alimentação. Mas ainda assim, um homem (verdadeiramente espiritual) não deve conhecer carnalmente nenhuma mulher.

540. Aquele que abandonou o gozo sexual renunciou verdadeiramente ao mundo! Deus está, de facto, muito perto dele!

VIVEKA OU DISCRIMINAÇÃO

541. Praticai a discriminação. A «mulher e ouro» são ambos irreais; a única realidade é Deus. De que serve o dinheiro? Ora, dá-nos comida, roupa e um lugar para viver. Até aí é útil, e não mais além. Certamente não podeis ver Deus com a ajuda do dinheiro. O dinheiro não é certamente o fim da vida. Este é o processo de discriminação. O que há no dinheiro ou na beleza das mulheres? Usando a vossa discriminação, descobrireis que o corpo da mulher mais bela é feito apenas de carne e sangue, pele e ossos, gordura e tutano, mais ainda, como no caso de todos os animais, de entranhas, urina, excrementos e o resto. O espanto é que o homem possa perder de vista Deus e dar toda a sua mente a coisas deste tipo!

542. Viveka e Vairagya — Viveka significa a separação do real do irreal; e Vairagya, a indiferença para com os objetos do mundo. Eles não vêm todos de repente; têm de ser praticados diariamente. A «mulher e ouro» tem de ser renunciada, primeiro mentalmente, e, se Deus quiser, devem ser renunciados depois tanto interna como externamente. Diz-se no Gita que, pelo Abhyasa Yoga (prática contínua de meditação), se gera a aversão pela «mulher e ouro». A prática contínua traz à mente um poder extraordinário; então ninguém sente dificuldade em subjugar os sentidos, paixões e luxúria. É como uma tartaruga que nunca estende os seus membros, uma vez que os recolheu. Mesmo que a cortem em pedaços, nunca os estenderia.

543. P. Este mundo é irreal?

R. É irreal enquanto não conhecerdes Deus. Pois não O vedes em tudo, e assim vos prendeis ao mundo com o laço do «eu e meu». Sendo assim iludidos pela ignorância, tornais-vos apegados aos objetos dos sentidos e afundais-vos cada vez mais no abismo de Maya. Maya torna os homens tão completamente cegos que não conseguem sair das suas malhas, mesmo quando o caminho está aberto. Vós mesmos sabeis quão irreal é esta vida mundana. Pensai um pouco na própria casa em que estais. Quantos homens nasceram e quantos morreram nela! As coisas do mundo aparecem diante de nós por um momento e desvanecem-se no instante seguinte. Aqueles que conheceis como «vossos» deixarão de existir para vós, no momento em que fechardes os olhos na morte. Quão forte é o domínio do apego sobre um homem mundano! Não há ninguém na família que exija a sua atenção, e no entanto, por causa de um neto, ele não pode ir a Benares para praticar a devoção. «O que será do meu Hari?» é o único pensamento que o mantém preso ao mundo. Num Ghuni (uma armadilha para apanhar peixes), a saída está sempre aberta, e no entanto os peixes não saem dela. A lagarta encerra-se no seu próprio casulo e perece. Sendo de tal natureza, não é esta vida mundana (Samsara) irreal e evanescente?

544. Sabeis como o egotismo é destruído? Quando descascam o milho, param de vez em quando para examinar o grão e ver se o descascamento está completo. Quando pesam coisas finas numa balança delicada, param frequentemente e ajustam a agulha para testar se o ponto está exato. Assim, de vez em quando, eu costumava insultar-me com fortes denúncias para ver se o meu ego ainda se erguia dentro de mim ou não. Por vezes, ponderava assim sobre a natureza do corpo: «Olhai para este corpo. O que é senão uma gaiola de carne e ossos! Não contém senão sangue, pus e outras matérias impuras. É espantoso que se sinta tanto orgulho em relação a isto!»

545. Suponhamos que o arroz está a ferver na panela. Para testar se está bem cozido, tirais um grão e pressionais entre os dedos. Imediatamente sabeis se toda a panela de arroz está cozida ou não. Certamente não pressionaríeis cada grão de arroz? Assim como conheceis o estado do arroz testando apenas alguns grãos, assim também podeis saber se o mundo é real ou irreal, eterno ou efémero, existente ou inexistente, examinando dois ou três objetos nele. O homem nasce, vive alguns dias e depois morre. O mesmo acontece com os animais e as árvores. Discriminando assim,

chegais a saber que o mesmo é o destino de todas as coisas dotadas de nome e forma, até da terra, do sol e da lua. Não compreendeis assim a natureza de todas as coisas no universo? Quando assim reconheceis que o mundo é irreal e efémero, já não tereis amor por ele. Renunciareis a ele da mente e ficareis livres de todos os desejos. Quando tiverdes êxito neste ato de renúncia, chegareis a conhecer Deus, que é a causa do universo. Aquele que obtém a realização de Deus desta forma — se não é omnipotente, que mais é?

VAIRAGYA

546. Mesmo quando estamos cegos para a realidade pela realização de todos os desejos mundanos, pode surgir em nós a pergunta: «Quem sou eu, que gozo de tudo isto?» Este pode ser o momento em que começa uma revelação do segredo.

547. Numa floresta cheia de espinhos e silvas, é impossível andar descalço. Pode-se fazê-lo se toda a floresta for coberta de couro, ou se os próprios pés forem protegidos com sapatos de couro. É impossível cobrir toda a floresta com couro, por isso é mais sábio proteger os pés com sapatos. Do mesmo modo, neste mundo, o homem é atormentado por inúmeras necessidades e desejos, e há apenas duas maneiras possíveis de escapar a eles, a saber: ou ter todas essas necessidades satisfeitas, ou renunciar a todas elas. Mas é impossível satisfazer todas as necessidades humanas; pois com cada tentativa de as satisfazer, surgem novas necessidades. Por isso, é mais sábio diminuir as próprias necessidades pelo contentamento e pelo conhecimento da Verdade.

548. É muito agradável coçar uma tinha com comichão, mas a sensação que se obtém depois é muito dolorosa e intolerável. Assim, os prazeres deste mundo são muito atraentes no início, mas as suas consequências são terríveis de suportar e de contemplar.

549. Uma pipa com um peixe no bico foi perseguida por um grande número de corvos e pipas a gritar, bicando-a e tentando arrancar-lhe o peixe. Em qualquer direção que ia, o bando de pipas e corvos também a seguia. Cansada deste incómodo, a pipa largou o peixe, que foi imediatamente apanhado por outra pipa. Imediatamente o bando de pipas e corvos voltou-se para o novo possuidor do peixe. A primeira pipa ficou

livre de incómodos; pousou calmamente no ramo de uma árvore. Vendo-a neste estado calmo e tranquilo, o Avadhuta saudou-a e disse: «Tu és o meu Guru, ó pipa; ensinaste-me que, enquanto o homem não lançar fora o fardo dos desejos mundanos, não pode escapar às distrações mundanas e estar em paz consigo mesmo.»

550. Um cavalo tímido não se move em linha reta quando os seus olhos não estão protegidos por anteolhos. Do mesmo modo, a mente de um mundano, refreada de olhar em volta pelos anteolhos da discriminação e da aversão pelos objetos mundanos, não tropeçará nem se desviará para caminhos maus.

551. Quando o papel é humedecido com óleo, não se pode escrever nele. Assim, a alma manchada pelo óleo do vício e da luxúria é inapta para a devoção espiritual. Mas quando o papel humedecido com óleo é revestido com giz, pode escrever-se nele; assim, quando tal alma é «revestida de giz» pela renúncia, torna-se novamente apta para o progresso espiritual.

552. Há uma aranha venenosa cujo veneno nenhum medicamento pode neutralizar até que a ferida seja magnetizada com passes de raízes de açafrão seguras na mão. Depois de a ferida ser assim tratada, outros remédios se veem a produzir o seu efeito. Assim, quando a aranha da luxúria e da riqueza infetou um homem, ele deve primeiro saturar-se completamente com o remédio magnético da renúncia antes de poder ter qualquer progresso espiritual.

553. Se colocardes um agente purificador, digamos, um pedaço de alúmen, num vaso de água lamacenta, as impurezas depositam-se no fundo e a água torna-se clara. A discriminação e o desapego pelos objetos mundanos são os dois agentes purificadores. É através deles que o mundano deixa de ser mundano e se torna puro.

554. A lagarta aprisiona-se no seu próprio casulo. Assim, a alma mundana é apanhada nas malhas dos seus próprios desejos. Mas quando a lagarta se desenvolve numa bela e brilhante borboleta, rebenta o casulo e voa para fora, desfrutando livremente da luz e do ar. Assim, a alma mundana pode voar para fora das malhas de Maya com as asas da discriminação e do desapego pelas coisas mundanas.

555. Inverter a chave abre a porta do quarto onde Deus habita. Para O alcançar, tendes de renunciar ao mundo e a tudo.

556. É inútil debruçar-se sobre as sagradas escrituras se a mente de alguém não é dotada de Viveka e Vairagya. Nenhum progresso espiritual pode ser feito sem eles.

557. Como se pode alcançar Deus? É necessário sacrificar o corpo, a mente e as riquezas para O encontrar.

558. Qual deve ser a condição da mente de uma alma cativa antes de poder esperar ser libertada? Se, pela graça de Deus, ela puder adquirir um intenso desapego pelas coisas mundanas, só então poderá ser libertada do apego à «mulher e ouro». E o que é este intenso desapego, este veemente desejo de nada? «Aos poucos realizarei Deus» — esta é a atitude de um Vairagya fraco. Mas aquele cujo Vairagya é agudo e forte — o seu coração anseia e suspira por Deus, assim como o coração da mãe suspira pelo seu filho. Nunca busca senão Deus, e para ele o mundo aparece como um verdadeiro poço onde teme ser afogado a qualquer momento. Para ele, os seus parentes parecem então tantas serpentes venenosas das quais está inclinado a fugir. E tal é a força do seu impulso e determinação que nunca pensa em resolver primeiro os seus assuntos domésticos antes de procurar o Senhor.

559. Porque é que um amante de Deus renuncia a tudo por amor d'Aquele a quem ama? A mariposa, depois de ver a luz, não tem vontade de regressar à escuridão; a formiga morre no monte de açúcar mas não volta atrás. Assim, o amante de Deus sacrifica de bom grado a sua vida pela obtenção da bem-aventurança Divina, e não se importa com mais nada.

560. Alguém se torna um verdadeiro Jnani, um verdadeiro Paramahamsa, apenas quando testou todas as condições possíveis da vida, desde a posição mais humilde de um varredor até ao mais alto papel de um rei, através da observação, do relato de outros e da experiência real, e ficou assim convencido da natureza trivial de todos os gozos mundanos.

561. O Jnana nunca vem sem a renúncia da luxúria e das posses. Com o despertar da renúncia, destrói-se toda a ignorância, toda a Avidya. Muitas coisas podem ser queimadas por meio de uma lente colocada de modo a

que os raios do sol incidam diretamente sobre ela, mas não se pode usá-la assim à sombra de um quarto. O mesmo acontece com a mente. Deveis tirá-la da cela escura deste mundo e expô-la ao pleno fulgor da Divindade auto-resplandecente. Só então virá a verdadeira renúncia, e com ela toda a ignorância será destruída.

562. O Conhecimento (Jnana) não pode ser comunicado de uma só vez. A sua obtenção é uma questão de tempo. Suponhamos que uma febre é de tipo grave; o médico não pode dar quinino nessa circunstância. Sabe que não fará bem. A febre deve primeiro deixar o paciente, o que depende do tempo, e então o quinino ou qualquer outro medicamento deve ser administrado. Análogo é o caso do homem que busca o Conhecimento. Os preceitos religiosos revelam-se muitas vezes inúteis enquanto alguém está imerso na mundanidade. Permitir a um homem um certo tempo para o gozo das coisas do mundo. Quando o seu apego ao mundo diminuiu um pouco, então chega o tempo para as instruções religiosas frutíferas. Até então, tais instruções perder-se-ão apenas com ele.

563. Num quarto longe da sua mãe, as criancinhas brincam com bonecas como lhes apetece; mas assim que a mãe entra, atiram as bonecas para o lado e correm para ela, gritando «Mamã, Mamã». Vós também estais agora a brincar neste mundo, profundamente absortos nas bonecas da riqueza, da honra e da fama, sem vos importardes com mais nada. Mas se uma vez virdes a Mãe Divina em vós, já não encontrareis prazer em nenhuma destas coisas, seja riqueza, honra ou fama. Deixando-as todas de lado, correreis para Ela.

564. O Vairagya é de muitos tipos. Um tipo surge da dor aguda devida à miséria mundana. Mas o melhor tipo surge da consciência de que todas as bênçãos mundanas, embora ao alcance de alguém, são transitórias e não merecem ser gozadas. Assim, tendo tudo, ele não tem nada.

565. Quantos tipos de Vairagya existem? Geralmente dois: o intenso e o moderado. O Vairagya intenso é como cavar um grande tanque numa só noite até que se encha de água imediatamente. O Vairagya moderado é lento no seu crescimento e protelador. Não se sabe quando se tornará completo.

566. Uma pessoa ia a um rio para se banhar quando ouviu que um certo cavalheiro se preparava há alguns dias para renunciar ao mundo e se tornar sannyasin. Isto produziu de alguma forma uma convicção na mente do homem de que a vida de Sannyasin é o modo de vida mais elevado. Imediatamente decidiu ser Sannyasin e, sem regressar a casa, partiu na sua condição semi-nua. Isto ilustra o Vairagya intenso.

567. Mergulhai fundo no oceano da Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta. Não temais esses monstros das profundezas do mar — a avareza e a ira. Pintai-vos espessamente com o açafrão de Viveka e Vairagya e esses jacarés não se aproximarão de vós; pois o aroma deste açafrão é demasiado forte para eles.

PERSEVERANÇA

568. Sabeis como os camponeses compram as suas parelhas? Oh, são peritos nestas matérias, e sabem muito bem distinguir as boas das más. Sabem como descobrir o temperamento de um animal. Basta tocar-lhe na cauda, e o efeito é milagroso. Aqueles que não têm temperamento não oferecem resistência, mas deitam-se no chão como se fossem dormir. Mas aqueles que têm temperamento saltam, como em protesto contra a liberdade tomada com eles. Os camponeses escolherão estes últimos. É necessário ter dentro de si o verdadeiro temperamento de um homem, para se ter sucesso na vida. Mas há muitos que não têm fibra — que são como pipoca embebida em leite, moles e servis! Sem força interior! Sem capacidade para esforço sustentado! Sem poder de vontade! São fracassados na vida.

569. O pescador, ansioso por fisgar um grande peixe, espera calmamente horas a fio, depois de lançar a isca e o anzol na água. Do mesmo modo, o devoto que prossegue pacientemente as suas devoções está certo de encontrar finalmente o seu Deus.

570. O camponês hereditário não desiste de lavrar a terra, mesmo que não chova durante doze anos; mas um comerciante que se dedicou recentemente à agricultura desanima com uma estação de seca. O verdadeiro crente nunca se desanima, mesmo que não consiga ver Deus apesar de uma vida inteira de devoção.

571. Aquele que quiser aprender a nadar deve tentar nadar durante alguns dias. Ninguém se pode aventurar a nadar no mar após um único dia de prática. Assim, se quiserdes nadar no mar de Brahman, deveis fazer muitas tentativas infrutíferas no início antes de poderdes nadar com sucesso finalmente.

572. O vitelo recém-nascido sente-se instável e cai dezenas de vezes antes de aprender a manter-se firme. Assim, no caminho da devoção, as quedas são muitas e frequentes até que o sucesso seja finalmente alcançado.

573. Diz-se que duas pessoas começaram juntas a invocar a Deusa Kali pelo terrível rito chamado Savasadhana[1]. Um invocador ficou assustado até à loucura pelas visões terríveis que apareceram na parte inicial da noite, enquanto o outro foi favorecido com a visão da Mãe Divina no fim da noite. Este último disse à Deusa: «Mãe, porque é que o outro homem enlouqueceu?» A Divindade respondeu: «Tu também, ó filho, enlouqueceste muitas vezes nos teus nascimentos anteriores, e agora finalmente viste-Me.»

[1] Este rito tântrico é realizado num cemitério, na escuridão da noite, com o Sadhaka sentado sobre um cadáver.

574. P. A paz chega ao nosso coração raramente, e depois não dura muito. Porque é assim?

R. O fogo feito pela queima de bambu extingue-se rapidamente, a menos que seja mantido vivo por sopro constante. A devoção ininterrupta é necessária para manter vivo o fogo da espiritualidade.

575. Se encherem um vaso de barro com água e o puserem numa prateleira, toda a água nele se evapora em poucos dias; mas se o mantiverem imerso em água, permanecerá cheio enquanto lá estiver. Tal é o caso do vosso amor de Deus. Se cultivardes o amor de Deus por algum tempo, e depois vos ocupardes com outros assuntos, esquecendo-O, então descobrireis em breve que o vosso coração se esvaziou desse amor precioso. Mas se mantiverdes o vosso coração bem-aventurado sempre imerso em santo amor e fé, ele certamente permanecerá sempre cheio até transbordar do fervor divino desse amor sagrado.

576. Enquanto há fogo debaixo do vaso, o leite ferve e borbulha, mas removei o fogo e o leite pára novamente. Assim, o coração do neófito ferve de entusiasmo apenas enquanto prossegue com os seus exercícios espirituais.

577. Quanto tempo dura a piedade no homem? O ferro está vermelho enquanto está no fogo, mas fica negro no momento em que é retirado do fogo. Assim, o homem está imbuído de Deus enquanto está em comunhão com Ele.

578. A mente é como o cabelo encaracolado de um negro; podeis esticá-lo durante o tempo que quiserdes, mas no momento em que o largardes, ele encaracola-se novamente. Enquanto a mente é mantida à força esticada e firme, funciona bem e com vantagem; mas quando abrandais a vossa vigilância, ela afasta-se do caminho certo.

579. Tota Puri costumava dizer: «Se um vaso de latão não for escovado diariamente, perde a cor.» Assim, se um homem não meditar diariamente na Divindade, o seu coração tornar-se-á impuro. A isto, o Mestre respondeu uma vez que um vaso de ouro não requer limpeza diária. O homem que alcançou Deus já não precisa da ajuda de orações e penitências.

PRÁTICA ESPIRITUAL

580. Para beber água pura de um tanque raso, deve-se tirar a água suavemente da superfície sem a perturbar minimamente. Se for perturbada, os sedimentos sobem e tornam toda a água lamacenta. Se desejais ser puros, tende fé firme, e prossegui lentamente com as vossas práticas devocionais, sem desperdiçar a vossa energia em discussões e argumentos inúteis sobre as escrituras. O vosso pequeno cérebro ficará, de outro modo, confuso.

581. Há muitos que perguntam sobre as casas e riquezas de um rico cidadão de Calcutá como Jadunath Mullick, mas apenas alguns vão vê-lo pessoalmente e cultivam a sua amizade. Do mesmo modo, muitos são os homens que estudam escrituras e falam de religião, mas muito poucos são aqueles que desejam ver Deus ou se esforçam para se aproximar d'Ele.

582. Adotai os meios adequados para o fim que procurais alcançar. Não podeis obter manteiga gritando até ficardes roucos: «Há manteiga no leite.» Se desejais obter manteiga, transformai o leite em coalhada e batei-o bem, e então tereis manteiga. Assim, se ansiais por ver Deus, dedicai-vos a práticas espirituais (Sadhanas). De que serve apenas gritar: «Ó Deus! Ó Deus!»

583. Se um homem deseja ver o rei no seu palácio, terá de ir ao palácio e passar por todos os portões; mas se, depois de entrar apenas no portão mais exterior, exclama: «Onde está o rei?», não o encontrará. Deve passar pelos sete portões, e então verá o rei.

584. O esforço é necessário para a realização. Um dia, em Bhava Samadhi (absorção espiritual), vi o Haldar-pukur e encontrei lá um camponês a tirar água. Ele removeu os juncos da superfície e examinou-a de vez em quando, levando-a na mão. Foi-me mostrado, como que para significar que, assim como a água nunca pode ser vista a menos que se removam os juncos, o amor de Deus e a Sua realização não podem ser obtidos se não se trabalhar para isso. A meditação, a repetição do «nome» do Senhor, o canto das Suas glórias, a oração, a caridade, a realização de sacrifícios — estas são as obras santas que conduzem a Deus.

585. Até Sri Krishna passou por tremendas práticas espirituais relacionadas com a adoração do Radha-yantra. O Yantra é o Brahmayoni (Poder Criativo de Brahman), e o Sadhana consistia na sua adoração e meditação. Deste Brahmayoni brotam miríades de mundos!

586. O curso do Sadhana é de três tipos, a saber: (1) da natureza das aves, (2) da natureza dos macacos e (3) da natureza das formigas.

(1) A ave vem e bicada um fruto que talvez caia com o solavanco, e a ave não o pode apanhar para comer. Assim, há devotos que tentam apressar as práticas devocionais com tal violência que muitas vezes isso frustra as suas tentativas.

(2) É da natureza do macaco saltar de ramo em ramo, segurando um fruto na boca, e ao saltar, o fruto cai frequentemente da sua boca. Assim, por vezes, distraídos pelos acontecimentos mutáveis da vida, os aspirantes perdem de vista o caminho devocional, se a presa não for firme.

(3) A formiga rasteja suave e firmemente em direção a um grão de comida, e leva-o de volta para o seu buraco, onde o desfruta confortavelmente. O curso do Sadhana como o da formiga é considerado o melhor — há certeza de atingir e desfrutar o fruto.

587. Aquele que gosta de pescar, e deseja saber se há bons peixes num certo tanque, vai ter com aqueles que já pescaram nele e pergunta-lhes avidamente: «É verdade que há grandes peixes neste tanque? E qual é a isca mais adequada para os apanhar?» Tendo recolhido a informação necessária deles, dirige-se ao tanque com a sua cana de pesca, espera lá pacientemente depois de lançar a linha, e atrai o peixe com destreza. Finalmente, consegue fisgar um grande e belo habitante das profundezas. Do mesmo modo, com confiança implícita nas palavras dos santos e sábios, é necessário tentar garantir Deus no próprio coração com a isca da devoção, e a vara e o anzol da mente. Com paciência incessante, é necessário esperar pela plenitude do tempo. Só então se pode apanhar o Peixe Divino.

588. O Mestre costumava dizer: «Sereis capazes de obedecer na mais plena medida aos mandamentos que vos dou? Em verdade, digo-vos, a vossa salvação está assegurada se puserdes em prática mesmo um décimo sexto do que vos digo.»

589. As práticas espirituais (Sadhanas) são absolutamente necessárias para o Conhecimento de Si, mas se houver fé perfeita, então um pouco de prática é suficiente.

590. Quando uma pessoa começa a acreditar no poder do Seu santo «nome» e se sente inclinada a repeti-lo constantemente, nem a discriminação nem os exercícios devocionais de qualquer tipo são necessários para ela. Todas as dúvidas são resolvidas, a mente torna-se pura, e o próprio Senhor é realizado através da força do Seu santo nome.

591. Os Vedas e os Puranas devem ser lidos e ouvidos, mas deve-se agir de acordo com os preceitos dos Tantras. O nome do Senhor Hari deve ser proferido pela boca e ouvido com o ouvido também. De facto, em algumas doenças, é necessário não só aplicar o medicamento externamente, mas também tomá-lo internamente.

592. Há dois tipos de Siddhas (homens perfeitos) — Sadhana-siddhas e Kripa-siddhas (aqueles que alcançaram a perfeição através da disciplina religiosa e aqueles que a alcançaram através da graça). Para obter uma boa colheita, alguns têm de irrigar os seus campos com grande trabalho, cavando canais ou tirando água. Mas outros têm a sorte de ser poupados a todo este trabalho para obter água; pois vem a chuva e inunda todo o campo. Quase todos têm de realizar práticas devocionais assiduamente para se libertarem das cadeias de Maya. Mas os Kripa-siddhas são poupados a todo este trabalho; alcançam a perfeição através da graça de Deus. O seu número, no entanto, é extremamente pequeno.

CONCENTRAÇÃO E MEDITAÇÃO

593. A meditação e a contemplação devem ser mantidas sempre.

594. Lançando fora todo o trabalho, deveis meditar em Deus ao entardecer. O pensamento de Deus vem naturalmente à mente ao crepúsculo. Tudo era visível há pouco, mas ah! agora está tudo envolto em escuridão. Quem fez isto? Tais pensamentos vêm à mente. Não reparastes como os maometanos abandonam todo o trabalho e se sentam para orar ao entardecer?

595. Assim como é muito difícil juntar as sementes de mostarda que escapam de um pacote rasgado e se espalham em todas as direções, assim não é tarefa fácil recolher e concentrar a mente que corre atrás das coisas mundanas em diversas direções.

596. Meditai em Deus quer num canto obscuro, quer na solidão das florestas, quer dentro do santuário silencioso do vosso próprio coração.

597. No início, um homem deve tentar concentrar a sua mente sempre num lugar solitário; caso contrário, muitas coisas o podem distrair. Se juntarmos leite e água, eles misturam-se certamente; mas se o leite for transformado em manteiga pela batida, o leite transformado (isto é, a manteiga), em vez de se misturar com a água, flutuará sobre ela. Assim, quando um homem ganhou o poder de concentração mental pela prática constante, a sua mente elevar-se-á sempre acima do seu ambiente e descansará em Deus, onde quer que esteja.

598. O Mestre, por vezes, costumava instruir os seus discípulos: «Antes de começardes a vossa meditação, pensai nisto (em mim) durante algum tempo. Sabeis porque digo isto? Porque, devido à vossa fé nisto (em mim), os vossos pensamentos, se dirigidos para isto (em mim), se voltarão imediatamente para Deus. É como um rebanho de vacas que nos lembra um vaqueiro; ou o filho, do pai; ou o advogado, do tribunal. A mente que permanece dispersa por mil e um objetos será reunida quando pensardes nisto (em mim); e se a mente, assim concentrada, for então dirigida para Deus, a meditação no seu verdadeiro sentido será possível.»

599. A maneira mais fácil de concentrar a mente é fixá-la na chama de uma vela. A sua porção azul mais interior corresponde ao corpo causal ou Karanasarira. Ao fixar a mente nela, o poder de concentração é rapidamente obtido. A porção luminosa que envolve a chama azul representa o Sukshmasarira ou corpo subtil; e fora disso, há o que representa o corpo grosseiro ou Sthulasarira.

600. Referindo-se aos dias do seu Sadhana, o Mestre costumava dizer aos seus discípulos: «Ora bem, meus rapazes, nesses dias, antes de meditar em Deus, eu imaginava que estava a lavar minuciosamente a mente de todas as várias impurezas (maus pensamentos, desejos, etc.) que havia nela, e depois a instalar a Divindade. Fazei o mesmo.»

601. Durante a meditação, deveis imaginar que estais a amarrar a vossa mente aos pés de lótus da Divindade com um fio de seda, para que ela não se afaste dali. Mas porque deve o fio ser de seda? Uma vez que os Seus pés de lótus são demasiado delicados, qualquer outra ligadura Lhe causaria dor.

602. No decurso da sua meditação, um principiante cai por vezes num tipo de sono que tem o nome de Yoganidra. Nessa altura, vê invariavelmente algum tipo de visões Divinas.

603. Sabeis como medita um homem de natureza Sattvica (pura)? Medita no meio da noite, na sua cama dentro do mosquiteiro, para não ser visto por outros.

604. Sede diluídos no Senhor, assim como o medicamento bruto é diluído pelo álcool.

605. Quando todos os clamores da mente se calam, ocorre a suspensão da respiração ou o estado de Kumbhaka. O Kumbhaka vem até através do Bhakti Yoga; através do amor intenso por Deus, a respiração também é suspensa.

606. A meditação profunda revela a verdadeira natureza do objeto de meditação e infunde-a na alma do meditador.

607. Um Avadhuta (um grande Yogi) viu certa vez um cortejo nupcial a passar por um prado com muita pompa, ao som de tambores e trombetas. Perto do caminho por onde o cortejo passava, viu um caçador tão profundamente absorto a mirar um pássaro que estava perfeitamente desatento ao cortejo e não lançou sequer um olhar de lado para ele. O Avadhuta, saudando o caçador, disse: «Senhor, vós sois o meu Guru. Quando me sentar em meditação, que a minha mente esteja concentrada no objeto de meditação como a vossa esteve no pássaro.»

608. Um pescador estava a pescar num tanque. O Avadhuta, aproximando-se dele, perguntou: «Irmão, qual é a estrada que vai para Benares?» O homem estava naquele momento todo atento à sua cana de pesca, pois o flutuador indicava que um peixe estava a morder a isca. Por isso, não deu qualquer resposta à pergunta. Quando o peixe foi apanhado, voltou-se e disse: «O que estava a dizer, senhor?» O Avadhuta saudou-o e disse: «Senhor, vós sois o meu Guru. Quando me sentar em contemplação do Ser Supremo, deixai que eu siga o vosso exemplo e não atenda a mais nada antes de terminar a minha meditação.»

609. Certa vez, uma garça avançava lentamente em direção à margem de um tanque para apanhar um peixe. Atrás, um caçador apontava-lhe uma flecha; mas a ave estava totalmente alheia a este facto. O Avadhuta, saudando a garça, disse: «Quando me sentar em meditação, deixai que eu siga o vosso exemplo e nunca me volte para ver quem ou o que está atrás de mim.»

610. «Para aquele que é perfeito em meditação, a salvação está muito perto», é um velho ditado. Sabeis quando um homem se torna perfeito em meditação? Quando, ao sentar-se para meditar, fica imediatamente envolvido pela atmosfera divina e a sua alma comunga com Deus.

611. A concentração profunda na meditação ocorre quando nada mais pode ser visto ou ouvido. Até as perceções e sentimentos desaparecem. Uma serpente pode rastejar sobre o corpo, mas não se sente. Nem a pessoa que medita nem a serpente o sentem.

612. Aquele que, no momento da contemplação, se torna tão inconsciente de tudo o que está fora que não saberia se os pássaros fizessem ninho no seu cabelo — esse homem adquiriu verdadeiramente a perfeição do poder meditativo.

613. Na meditação profunda, todas as funções dos sentidos são inibidas. O fluxo exterior da mente pára completamente, como se a porta do apartamento exterior estivesse fechada. Todos os cinco objetos dos sentidos — luz, som, paladar, tato e cheiro — ficam fora, não percebidos. No início, visões de objetos dos sentidos aparecem diante da mente durante a meditação, mas quando ela se torna profunda, eles nunca mais surgem — ficam fora, excluídos.

614. O segredo é que a união com Deus (Yoga) nunca pode acontecer a menos que a mente seja tornada absolutamente calma, seja qual for o «caminho» que sigais para a realização de Deus. A mente está sempre sob o controlo do Yogi, e não o Yogi sob o controlo da sua mente.

CAPÍTULO XIII

ANSEIO POR DEUS

[Sede loucos por Deus — Natureza do verdadeiro anseio — Única condição para a realização de Deus]

SEDE LOUCOS POR DEUS

615. Se haveis de ser loucos, não o sejais pelas coisas do mundo. Sede loucos pelo amor de Deus.

616. Alguns homens derramam torrentes de lágrimas porque não lhes nascem filhos, outros consomem-se de tristeza porque não conseguem riquezas. Mas ai! quantos há que se entristecem e choram por não terem visto o Senhor? Muito poucos, de facto! Em verdade, aquele que busca o Senhor, que chora por Ele, alcança-O.

617. Aquele que anseia por Deus não pode dar qualquer pensamento a coisas tão triviais como a comida e a bebida.

618. Aquele que sente sede não rejeita a água do rio apenas porque está lamacenta, nem começa a cavar um poço para encontrar água limpa. Assim, aquele que sente verdadeira sede espiritual não rejeita a religião que tem à mão, seja o Hinduísmo ou qualquer outra, nem cria uma nova religião para si. Um homem verdadeiramente sedento não tem tempo para tais deliberações.

NATUREZA DO VERDADEIRO ANSEIO

619. Deixai o vosso coração suspirar por Ele como um avarento anseia por ouro.

620. Assim como o homem que se afoga ofega por ar, assim o coração de alguém deve ansiar pelo Senhor antes de o poder encontrar.

621. Sabeis que tipo de Amor é necessário para ganhar o Senhor? Assim como um cão com a cabeça ferida corre inquietamente, assim alguém deve tornar-se angustiado por amor a Ele.

622. Ó coração, invoca a tua Mãe omnipotente com sinceridade e verás como Ela vem rapidamente a correr para ti. Quando alguém invoca Deus de coração e alma, Ele não pode permanecer imóvel.

623. Sabeis quão intenso deve ser o nosso amor de Deus? O amor que uma esposa dedicada possui pelo seu amado marido, o apego que um avarento sente pela sua riqueza acumulada, e o desejo persistente que os mundanos alimentam pelas coisas do mundo — quando a intensidade do anseio do vosso coração pelo Senhor for igual à soma destes três, então alcançá-l'O-eis.

624. Jesus Cristo passeava um dia pela praia quando um devoto se aproximou dele e lhe perguntou: «Senhor, como se pode alcançar Deus?» Jesus entrou diretamente no mar com o interrogador e imergiu-o na água. Passado pouco tempo, soltou-o e, erguendo-o pelo braço, perguntou-lhe: «Como te sentiste?» O devoto respondeu: «Senti como se o meu último momento tivesse chegado — a situação era desesperada.» Então Jesus

disse: «Verás o Pai quando o teu coração O desejar como desejou agora uma lufada de ar.»[1]

[1] Esta história não está na Bíblia e não há nada na Bíblia que se aproxime dela. Pode estar num apócrifo, e Sri Ramakrishna pode tê-la ouvido de alguém que a conhecia.

625. «Devo alcançar Deus nesta mesma vida; sim, em três dias devo encontrá-l'O; mais ainda, com uma única prolação do Seu nome, atraí-l'O-ei para mim» — com tal Amor violento, o devoto pode atrair o Senhor e realizá-l'O rapidamente. Mas os devotos que são mornos no seu Amor levam eras a encontrá-l'O, se é que O encontram.

626. Porque esta atitude de preguiçoso, de que se a realização não for possível neste nascimento, virá no próximo? Não deve haver tal letargia na devoção. A meta nunca pode ser alcançada a menos que um homem torne a sua mente forte e resolva firmemente que deve realizar Deus neste mesmo nascimento, mais ainda, neste mesmo momento. No campo, quando os cultivadores vão comprar bois, primeiro tocam nas caudas dos animais. Alguns bois não respondem a isto. Antes, relaxam todos os membros e deitam-se no chão. Os cultivadores compreendem imediatamente que são inúteis. Há outros que saltam e se comportam violentamente no momento em que as suas caudas são tocadas; e os camponeses podem saber imediatamente que serão muito úteis. A sua escolha é então feita entre este tipo ativo. A preguiça não é de todo desejável. Reuni força, fé firme, e dizei que deveis realizar Deus neste mesmo momento. Só então podereis ter sucesso.

ÚNICA CONDIÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DE DEUS

627. Que meios devemos adotar para nos libertarmos das garras de Maya? Aquele que anseia por se libertar das suas garras recebe o caminho do próprio Deus. Só é necessário um anseio incessante.

628. Um devoto perguntou ao Mestre: «Por que meios Ele pode ser visto?» e o Mestre respondeu: «Podes chorar por Ele com intenso anseio? Os homens choram baldes de lágrimas por filhos, esposa, dinheiro, etc.;

mas quem chora por Deus? Enquanto uma criança está absorta a brincar com os seus brinquedos, a mãe ocupa-se a cozinhar e com outros trabalhos domésticos. Mas quando o pequeno já não encontra satisfação nos brinquedos, atira-os para o lado e chama a mãe em alta voz, ela já não pode permanecer na cozinha. Deixa cair a panela de arroz, talvez, do fogão, e corre apressadamente para a criança e pega-a ao colo.»

629. Encontra Deus mais rapidamente aquele cuja concentração e anseio são mais fortes.

630. Nesta era de Kali, três dias de ardente anseio por ver Deus são suficientes para um homem obter a graça Divina.

631. O tio Lua é o tio de todas as crianças. Assim também Deus é de todos. Todos têm o direito de invocar o Senhor. Quem O invoca torna-se abençoado por O realizar. Se O invocardes, também vós O podeis realizar.

632. Em verdade, digo-vos, aquele que O quer encontra-O. Ide e verificai-o na vossa própria vida. Tentai durante três dias, tentai com zelo genuíno, e certamente tereis sucesso.

633. Orai à Mãe Divina, suplicando-Lhe que vos dê Amor inabalável e fé adamantina.

Livro III: O HOMEM E O DIVINO

634. Onde reside a força de um aspirante? Ele é filho de Deus, e as lágrimas são a sua maior força. Assim como uma mãe satisfaz os desejos de um filho que chora e a importuna, assim o Senhor concede ao seu filho que chora aquilo por que ele está a chorar.

635. Certo homem disse uma vez ao Mestre: "Tenho agora cinquenta e cinco anos. Dediquei-me à busca do Senhor durante catorze anos, segui os conselhos dos meus mestres, fui a todos os lugares sagrados de peregrinação, e vi muitos homens santos; mas nada alcancei." Ouvindo isto, o Mestre respondeu: "Asseguro-lhe que aquele que anseia por Ele O encontrará. Olhe para mim e tome coragem."

636. A criança disse: "Mãe querida, acorde-me quando tiver fome." A mãe respondeu: "Querido, a própria fome a despertará."

637. Assim como uma criança suplica à sua mãe por brinquedos e moedas, chorando e importunando-a, assim aquele que chora interiormente, desejando intensamente vê-Lo, como uma criança inocente, e sabendo que Ele é o seu mais próximo e querido, é recompensado por fim com a visão Divina. Deus já não pode permanecer escondido de um buscador tão sincero e importuno.

638. Nas peças que representam a vida de Krishna, a peça começa com o bater de tambores e o canto alto de "Ó Krishna, vem! Vem, ó querido!" Mas a pessoa que representa o papel de Krishna não presta atenção ao barulho e continua tranquilamente a conversar e a fumar no camarim atrás do palco. Mas assim que o barulho cessa, e o piedoso sábio Narada, transbordando de amor, entra no palco com música doce e suave e convoca Krishna a aparecer, Krishna descobre que já não pode permanecer indiferente. Apressadamente, entra então no palco. Enquanto o aspirante espiritual chama o Senhor com meras preces de lábios —"Vem, ó Senhor"— o Senhor não aparecerá. Quando o Senhor vem, o coração do devoto derrete-se em emoção divina, e todas as expressões altas cessam para sempre. O Senhor não pode demorar-se quando o Seu devoto O chama das profundezas do seu coração, transbordando de profundo Amor.

CONHECENDO AQUELE QUE É A ORIGEM E A DISSOLUÇÃO DO UNIVERSO — A FONTE DE TODA A VIRTUDE, O DESTRUIDOR DE TODOS OS PECADOS, O SENHOR DE TODAS AS BOAS QUALIDADES, O IMORTAL, E A MORADA DO UNIVERSO — COMO ASSENTE NO PRÓPRIO SER. ELE É PERCEBIDO COMO DIFERENTE E TRANSCENDENTE TANTO A ÁRVORE DO SAMSARA COMO AO TEMPO E À FORMA.

Que possamos realizar Ele — o transcendente e adorável senhor do universo — que é o Senhor supremo sobre todos os senhores, o Deus supremo acima de todos os deuses, e o Governante supremo sobre todos os governantes.

Ele nada tem a alcançar para Si mesmo, nem tem qualquer órgão de ação. Ninguém é visto igual ou superior a Ele. O Seu grande poder é descrito nos Vedas como sendo de várias espécies, e o Seu conhecimento, força e ação são descritos como inerentes a Ele.

Ninguém no mundo é Seu senhor, nem tem alguém qualquer controle sobre Ele. Não há sinal pelo qual Ele possa ser inferido. Ele é a causa de tudo, e o governante das almas individuais. Ele não tem pai, nem há alguém que seja Seu senhor.

Os Upanishads

CAPÍTULO XIV

O SENHOR E OS SEUS DEVOTOS

[*Porque o Senhor não é visto — O Senhor e os Seus devotos — Posição mundana dos devotos — Como o Divino Se revela — O Senhor não Se importa com a riqueza — Graça divina e esforço próprio*]

PORQUE O SENHOR NÃO É VISTO

639. O sol é muitas vezes maior do que a terra, mas a distância fá-lo parecer um pequeno disco. Assim o Senhor é infinitamente grande, mas, estando demasiado distantes d'Ele, somos incapazes de compreender a Sua verdadeira grandeza.

640. Por causa dos juncos e da espuma que cobrem a superfície de um tanque, não se podem ver os peixes a brincar nele; da mesma forma, por causa do véu de Maya que separa Deus da visão humana, não se pode vê-Lo a brincar no coração de cada um.

641. Porque não vemos a Mãe Divina? Ela é como uma senhora de alta linhagem que trata de todos os seus negócios por detrás da cortina de grade, vendo todos mas não sendo vista por ninguém. Só os Seus filhos devotos a veem, aproximando-se d'Ela por detrás do véu de Maya.

642. O polícia com a sua lanterna (de foco) pode ver todos aqueles sobre quem lança luz, mas ninguém o pode ver enquanto ele não virar a luz sobre si mesmo. Assim Deus vê todos; mas ninguém O pode ver até que Ele Se revele a ele na Sua misericórdia.

O SENHOR E OS SEUS DEVOTOS

643. Um proprietário pode ser muito rico, mas quando um pobre inquilino lhe traz uma humilde oferta com um coração amoroso, ele aceita-a com o maior prazer. Assim o Senhor Todo-Poderoso, embora tão grande e poderoso, aceita as humildes ofertas de um coração sincero com o maior prazer e satisfação.

644. Estou contente se O realizei. Que importa se não sei sânscrito? Ele concede a Sua misericórdia igualmente a todos os Seus filhos que anseiam por conhecê-Lo, sejam eles eruditos ou ignorantes. Suponha que um pai tem cinco filhos. Alguns deles podem chamar-lhe "Papá"; outros talvez só consigam dizer "Bá" ou "Pá" e não conseguem pronunciar a palavra inteira. Mas amará o pai menos estes do que os primeiros? Ele sabe que são meros bebés e não conseguem chamar-lhe corretamente "pai". O pai ama-os a todos em igual medida.

645. É da natureza de uma criança sujar-se com terra e lama, mas a mãe não permite que ela permaneça sempre suja. Lava-a de tempos a tempos. Da mesma forma, é da natureza do homem pecar; mas se o homem tem a certeza de pecar, com dupla certeza o Senhor cria métodos para a sua redenção.

646. Assim como o mesmo peixe é preparado em sopa, caril ou costeleta, e cada homem tem o seu prato preferido dele, assim o Senhor do universo, embora único, Se manifesta de forma diferente de acordo com os diferentes gostos dos Seus adoradores, e cada um deles tem a sua própria visão de Deus que mais valoriza. Para uns Ele é um senhor bondoso ou pai amoroso, uma mãe doce e sorridente ou amigo dedicado, e para outros um marido fiel ou um filho obediente e prestável.

647. O peixe pode estar longe, mas quando um isco doce, saboroso e atrativo é lançado na água, eles sobem apressadamente de todas as direções. Da mesma forma, o Senhor aproxima-Se rapidamente do santo devoto cujo coração está cheio de devoção e fé.

648. Os sábios divinos formam, por assim dizer, o círculo interior dos parentes mais próximos de Deus. São como amigos, companheiros e parentes de Deus. Todas as pessoas comuns formam o círculo exterior; são meramente as criaturas de Deus.

649. A luz do sol é uma e a mesma onde quer que caia; mas apenas uma superfície brilhante como a da água, ou de um espelho ou de metais polidos, a reflete completamente. Assim é a luz Divina. Cai igual e imparcialmente sobre todos os corações, mas apenas os corações puros e piedosos dos bons e santos Sadhus recebem e refletem bem essa luz.

650. É da natureza de uma lâmpada dar luz. Com a sua ajuda, uns podem cozinhar a sua comida, outros podem forjar escrituras, e outros ainda podem ler as sagradas escrituras. Assim, uns com a ajuda do nome do Senhor tentam alcançar a salvação, enquanto outros o usam para realizar os seus propósitos malignos. O Seu santo nome, no entanto, permanece imaculado na Sua pureza.

651. Bhagavan (o Senhor), Bhagavata (a Sua palavra ou escritura) e Bhakta (devoto) são todos um e o mesmo.

652. Como é que um verdadeiro devoto vê Deus? Vê-O como o parente mais próximo e querido, assim como as mulheres pastoras de Brindavan (Gopis) viram em Sri Krishna não Jagannatha (o Senhor do universo), mas o seu próprio e amado Gopinatha (o Senhor das Gopis).

653. Porque encontra o amante de Deus tão êxtase delicioso ao dirigir-Se à Divindade como Mãe? Porque a criança é mais livre com a mãe do que com qualquer outra pessoa e, consequentemente, ela é-lhe mais querida do que qualquer outra pessoa.

654. Um doente com febre alta e com sede excessiva imagina que pode beber um mar de água; mas quando a febre baixa e ele recupera a temperatura normal, mal consegue beber um único copo de água e a sua sede é facilmente saciada mesmo com uma quantidade muito pequena. Assim um homem, estando sob a excitação febril de Maya e esquecido da sua própria pequenez, imagina que pode receber todo o Deus Infinito dentro do seu coração, mas quando a ilusão passa, um único raio de luz Divina torna-se suficiente para o inundar com a bem-aventurança eterna de Deus.

655. Uns ficam tontos com mesmo um pequeno copo de vinho, enquanto outros precisam de duas ou três garrafas para ficarem intoxicados. Mas ambos sentem igualmente o prazer da intoxicação. Da mesma forma, alguns devotos ficam cheios de êxtase mesmo com um raio da glória Divina, enquanto outros se intoxicam com a bem-aventurança Divina apenas ao entrar na presença direta do Senhor. Mas ambos são igualmente afortunados, pois ambos são inundados com a bem-aventurança de Deus.

656. Deus é como um monte de açúcar. Uma pequena formiga leva dele um minúsculo grão de açúcar, e uma maior leva dele outro grão consideravelmente maior. Mas apesar disso, o monte permanece praticamente tão grande como sempre. Assim são os devotos de Deus. Ficam em êxtase mesmo com um pouco de um único atributo Divino. Ninguém pode conter dentro de si a realização de todas as Suas glórias e excelências.

657. A brisa que vem do oceano de Brahman afeta todos os corações sobre os quais sopra. Os antigos sábios Sanaka, Sanatana e outros foram amolecidos por esta brisa. O Narada intoxicado por Deus obviamente obteve um vislumbre desse oceano Divino à distância; e assim, esquecendo-se de si mesmo, tem vagueado pelo mundo como um louco, sempre a cantar os louvores do Senhor Hari. Sukadeva, um asceta de nascimento, tocou a água desse oceano apenas três vezes com a mão, e desde então tem rolado como uma criança pela plenitude do seu êxtase. E o grande mestre do universo, Mahadeva, bebeu três punhados da sua água, e desde então está imóvel como um cadáver, intoxicado com a bem-aventurança Divina. Quem pode sondar a profundidade ou medir o poder misterioso deste oceano?

658. O Mestre disse a Keshab Chandra Sen: Porque é que eles, os membros do Brahmo Samaj, se demoram tanto sobre as glórias das obras de Deus e dizem: "Ó Senhor, fizestes o sol, a lua e as estrelas"? Muitos são os que se encantam com a beleza do jardim, as suas gloriosas flores e doces aromas. Mas poucos procuram o Senhor do jardim! Qual é o maior dos dois — o jardim ou o seu Senhor? Na verdade, o jardim é irreal enquanto a morte anda no nosso meio; mas o Senhor do jardim é a única realidade.

Depois de ter tomado alguns copos no balcão de uma taberna, quem se preocupa em perguntar quantas toneladas pesa o licor nos barris? Uma única garrafa basta para um.

"À vista de Narendra fico intoxicado de alegria. Nunca lhe perguntei: 'Quem é o teu pai?' ou 'Quantas casas tens como tuas?'

"Os homens valorizam as suas próprias posses; valorizam o dinheiro, as casas, os móveis; por isso pensam que o Senhor verá as Suas próprias obras — o sol, a lua e as estrelas — exa

tamente da mesma forma! Os homens pensam que Ele Se alegraria se eles falassem bem das Suas obras."

659. Como é doce a simplicidade da criança! Ela prefere uma boneca a toda a riqueza e tesouros do mundo. Assim é o devoto fiel. Ninguém mais pode rejeitar toda a riqueza e honra, e ocupar-se apenas com Deus.

660. O homem verdadeiramente piedoso dá três quartos da sua mente a Deus; apenas o restante um quarto dá ao mundo. Ele está mais alerta nas coisas divinas, como a serpente que se enfurece quando lhe pisam a cauda, como se os seus sentimentos estivessem mais localizados na cauda do que em qualquer outro lugar.

661. Referindo-se ao Mestre, um conhecido missionário Brahmo disse uma vez que o Paramahamsa era um louco, e que demasiada cogitação sobre um único assunto lhe tinha desequilibrado a mente, como tinha acontecido com muitos pensadores europeus. O Mestre disse depois, dirigindo-se a este missionário:

"Dizeis que mesmo na Europa homens eruditos enlouquecem por pensarem continuamente num só assunto. Mas o assunto do pensamento deles é a matéria ou o espírito? Se é matéria, que admira que um homem enlouqueça por pensar constantemente nela. Mas como pode um homem perder a inteligência por pensar naquela Inteligência cuja luz ilumina todo o universo? É isto que as vossas escrituras vos ensinam?"

662. Mergulhai profundamente no mar do amor Divino. Não temais. É o mar da Imortalidade. Uma vez disse a Narendra: "Deus é como um mar de doçura. Não mergulharias profundamente nesse mar? Supõe, meu rapaz, que há um vaso com boca larga contendo xarope de açúcar, e tu és uma mosca ansiosa por beber dele. Onde te sentarias e beberias?" Narendra respondeu que gostaria de beber da borda, porque se caísse dentro, tinha a certeza de se afogar. Então eu disse-lhe: 'Esqueces-te, meu rapaz, de que se mergulhares profundamente no mar Divino, não precisas temer perigo ou morte. Lembra-te de que o mar de Sachchidananda é o mar da Imortalidade, tendo a vida eterna como suas águas. Não tenhas medo, como algumas pessoas tolas, de que possas exagerar no teu amor por Deus.'"

POSIÇÃO MUNDANA DOS DEVOTOS

663. Embora Devaki tenha sido abençoada na prisão com a visão da forma divina de Krishna, isso não a pôde libertar do aprisionamento.

664. Certa vez, um cego banhou-se nas águas sagradas do Ganges e teve todos os seus pecados expiados pelo banho, mas a sua cegueira física não foi removida.

665. Certa vez, um devoto lenhador foi abençoado com a visão da Mãe Divina e tornou-se recipiente da Sua graça, mas a sua profissão de lenhador nunca cessou. O pobre homem ainda tinha de ganhar o seu escasso sustento pela mesma dura profissão de cortar madeira.

666. Enquanto Bhishma estava a morrer no seu leito de flechas, foi visto a derramar lágrimas. Sri Krishna e os Pandavas estavam ao lado. Arjuna exclamou: "Como é estranho, irmão! O nosso avô Bhishma — tão verdadeiro e sábio, senhor de si mesmo, e um dos oito Vasus (uma classe de divindades) — também ele é vencido por Maya na sua hora de morte e está a derramar lágrimas!" Quando isto foi comunicado a Bhishma, ele respondeu: "Ó Krishna, Vós sabeis muito bem que não estou a chorar por isso. Mas quando penso que mesmo os Pandavas, a quem o próprio Senhor serve como cocheiro, têm de passar por infinitos problemas e tribulações, fico dominado pelo pensamento de que os caminhos de Deus não podem de modo algum ser compreendidos, e não consigo conter as minhas lágrimas."

COMO O DIVINO SE REVELA

667. Há um quarto escuro, e raios de luz entram nele do exterior através de uma pequena fenda. Ora, a ideia de luz que um homem lá dentro terá será apenas proporcional aos raios de luz. Se houver um maior número de fendas nas portas e janelas, o homem lá dentro verá mais luz; e se escancarar as portas e janelas, receberá ainda mais luz. Mas é aquele que está em campo aberto que recebe o grau máximo de luz. Exatamente assim o Senhor Se revela aos devotos de acordo com a capacidade variável e a natureza da sua mente.

668. Quanto mais alguém se aproxima do Ser Universal, mais novas e maiores se tornam as revelações da Sua natureza infinita, e no fim ele se funde n'Ele pela consumação do Conhecimento.

O SENHOR NÃO SE IMPORTA COM A RIQUEZA

669. Importa-Se o Senhor com toda a riqueza que alguém Lhe possa oferecer? Ó não! A Sua graça ilumina apenas aquele que Lhe oferece amor e devoção. O que Ele valoriza são apenas o amor e a devoção, a discriminação e o desapego por Sua causa.

670. Sambhu Mallick disse-me uma vez: "Senhor, abençoai-me para que eu morra deixando toda a minha riqueza aos pés sagrados da Mãe Divina." Respondi: "Que dizeis? Isso é tudo riqueza para vós, mas para a Mãe Divina não é melhor do que o pó que pisais sob os vossos pés!"

671. Houve uma vez um roubo cometido no templo de Rani Rasmani em Dakshineswar. As joias com que as imagens no santuário de Vishnu estavam adornadas foram roubadas. Mathur (o administrador do templo e genro da Rani) e o Mestre foram lá ver o que se passava. Mathur exclamou: "Ó Deus, Vós não valeis nada! Levaram todas as Vossas joias, e Vós não pudestes impedi-lo!" Sobre isto, o Mestre retorquiu severamente: "Como é tolo da vossa parte falar assim! As joias de que falais são tão boas como um pedaço de barro para o Senhor do universo que adorais na imagem! Lembrai-vos de que é d'Ele que a deusa da fortuna, Lakshmi, deriva todo o Seu esplendor."

GRAÇA DIVINA E ESFORÇO PRÓPRIO

672. Não podemos dizer que Deus é gracioso porque nos alimenta, pois todo o pai é obrigado a prover os seus filhos com comida; mas quando Ele nos impede de nos desviarmos e nos segura das tentações, Ele é verdadeiramente gracioso.

673. P. — Por que tipo de trabalho se pode alcançar Deus? R. — Não há diferença no trabalho. Não penseis que este trabalho levará a Deus e aquele não. Tudo depende da Sua graça. Para ter a Sua graça, seja qual for o trabalho que realizardes, fazei-o com sinceridade e desejo ardente por Ele. Através da Sua graça, o ambiente tornar-se-á favorável e as condições de realização tornar-se-ão perfeitas. Se quiserdes renunciar ao mundo, e se a vossa família depender de vós, talvez o vosso irmão assuma essa responsabilidade por vós. Talvez a vossa esposa não vos impeça na vossa vida espiritual, mas antes vos ajude; ou talvez não caseis de todo e não fiqueis presos ao mundo de forma alguma.

674. As trevas de séculos dissipam-se assim que uma luz é trazida para um quarto. Os pecados acumulados de inúmeras vidas desvanecem-se com um único olhar de Deus.

675. Há alguns peixes que têm muitas espinhas, mas outros têm apenas um conjunto. Os comedores de peixe, no entanto, removem todas elas, sejam muitas ou poucas. Da mesma forma, alguns homens têm muitos pecados e outros poucos, mas a graça salvadora de Deus purifica-os a todos igualmente com o tempo.

676. Quando a brisa de Malaya sopra, todas as árvores que têm vigor nelas são consideradas convertidas em árvores de sândalo, enquanto o mamão, o bambu, a bananeira e outras árvores desprovidas de vigor permanecem inalteradas. Assim, quando a graça Divina desce sobre os homens, aqueles que têm germes de piedade e bondade neles são santificados e preenchidos com Divindade, enquanto os que são indignos e mundanos permanecem inalterados.

677. Certo homem piedoso costumava contar as contas constantemente, pronunciando o nome da Divindade em silêncio. O Mestre disse-lhe: "Porque te fixas num só lugar? Avança." O homem piedoso respondeu: "Não pode ser feito sem a Sua graça." O Mestre disse: "A brisa da Sua graça sopra dia e noite sobre a tua cabeça. Desfralda as velas do teu barco (mente), se quiseres progredir rapidamente através do oceano da vida."

678. O vento da graça de Deus sopra incessantemente. Marinheiros preguiçosos no mar da vida não tiram partido dele. Mas os ativos e fortes mantêm sempre as velas das suas mentes desfraldadas para apanhar o vento favorável e assim atingem o seu destino muito rapidamente.

679. P. — Nada acontece de repente? R. — Como regra geral, é preciso passar por uma longa preparação antes de se poder atingir a perfeição. Babu Dwarka Nath Mitter não foi feito Juiz do Supremo Tribunal num dia. Teve de trabalhar duramente e passar anos de esforço árduo e estudo antes de ser elevado ao Banco do Supremo Tribunal. Aqueles que não estão dispostos a passar por esse trabalho e labor devem estar preparados para permanecer meros advogados sem clientes. No entanto, pela graça de Deus, a exaltação súbita acontece de vez em quando, como foi o caso de Kalidasa, que, do estado de um rústico ignorante, se tornou imediatamente, pela graça da Mãe Saraswati, o maior poeta da Índia.

680. Um devoto chefe de família: Senhor, ouvimos que vistes Deus. Por isso, fazei-nos também vê-Lo. Como se pode obter conhecimento íntimo do Senhor? O Mestre: Tudo depende da vontade do Senhor. A perseverança é necessária para a visão de Deus. Se vos sentardes simplesmente na margem de um lago e disserdes: "Há peixes neste lago", conseguireis algum peixe? Ide e arranjai as coisas necessárias para pescar; arranjai uma vara e linha e isco, e lançai alguma comida na água para os atrair. Então, das águas profundas, os peixes subirão e aproximar-se-ão, e podereis vê-los e fisgá-los. Quereis que eu vos mostre Deus enquanto vos sentais tranquilamente, sem fazer o menor esforço! Quereis que eu prepare o leite coalhado, bata a manteiga e a coloque na vossa boca. Pedis-me que pesque e coloque o peixe nas vossas mãos. Como é irracional a vossa exigência!

681. Um pássaro pousado no topo do mastro de um navio em pleno oceano, cansa-se da sua posição e voa para descobrir um novo lugar de repouso; mas, não encontrando qualquer outro lugar, regressa por fim ao poleiro antigo, cansado e exausto. Da mesma forma, um aspirante comum fica desgostoso com a monotonia da tarefa e da disciplina que lhe são impostas pelo seu Guru, que lhe quer bem e tem plena experiência. Perde todas as suas esperanças e também a confiança no Guru e sai assim para o mundo com a crença de que pode alcançar Deus apenas com o seu esforço próprio; mas, após muito esforço infrutífero, tem a certeza de regressar ao seu velho mestre para receber a sua bênção e graça finalmente.

682. Enquanto não sopra brisa alguma, abanamo-nos para aliviar o calor; mas quando a brisa começa a soprar, dando alívio a todos os homens, ricos e pobres igualmente, deixamos de nos abanar. Devemos perseverar para alcançar o nosso objetivo final enquanto não houver ajuda do alto; mas quando essa ajuda chega felizmente a alguém, esse pode parar de se esforçar; caso contrário, não.

683. Os leques são inúteis quando o vento sopra. As preces e penitências podem ser abandonadas quando a graça de Deus desce.

684. "Embora uma alma tenha recebido a graça de Deus, de um Guru e de um bom devoto, ainda assim encontra a destruição pela falta da graça de (uma quarta) pessoa." Alguém pode ter sido suficientemente afortunado para receber todas as três primeiras formas de graça, mas se o seu próprio coração não mostrar graça a si mesmo, isto é, se não tiver desejo de se salvar, elas são inúteis.

685. Por muito que tenteis, sem a graça de Deus nada pode ser alcançado; Ele não pode ser realizado sem a graça Divina. Mas a graça Divina não desce tão facilmente. Tereis de banir completamente o vosso ego do coração. Se tiverdes o sentimento egoísta "Eu sou o fazedor", nunca podereis ver Deus. Se há alguém na despensa, e se o dono da casa é convidado a ir buscar certa coisa à despensa, ele diz imediatamente: "Bem, já lá está alguém na despensa; por favor, pedi-lhe que a traga. Não há necessidade de eu ir lá." Deus nunca aparece no coração daquele que se considera o fazedor.

686. Através da Sua graça, Ele Se revela. Ele é o sol do Conhecimento. Um raio Seu trouxe o poder de compreensão a este mundo. Por causa dele, temos o poder de nos conhecermos uns aos outros e de adquirir várias formas de conhecimento. Só O podemos ver se Ele voltar a Sua luz para o Seu próprio rosto.

CAPÍTULO XV

AUXILIADORES NO CAMINHO ESPIRITUAL

[*I. Guru: Conceção do Guru — Necessidade de ter um Guru — Relação entre Guru e discípulo — II. Encarnação Divina: O que é uma Encarnação Divina? — Dificuldade de reconhecer as Encarnações Divinas — As Encarnações como revelações de Deus — Diferença entre Encarnações e homens perfeitos comuns*]

I. Guru

CONCEPÇÃO DO GURU

687. Quem é o Guru (guia e mestre espiritual) de quem? Só Deus é o guia e Guru do universo.

688. Aquele que considera o seu Guru meramente humano, que bem pode ele derivar das suas preces e devoções? Não devemos considerar o nosso Guru um mero homem. Antes de o discípulo ver a Divindade, ele vê o Guru na primeira visão da iluminação Divina. E é o Guru que depois mostra a Divindade, transformando-se misteriosamente na forma da Divindade. Então o discípulo vê o Guru e a Divindade como um e o mesmo. Seja qual for a bênção que o discípulo peça, o Guru divinizado concede-lhe tudo; sim, o Guru leva-o mesmo à mais alta bem-aventurança de Nirvana (o estado de extinção da individualidade em Deus). Ou o homem pode optar por permanecer num estado dualista de consciência, mantendo a relação de adorador e adorado. Seja o que for que ele peça, o seu Guru concede-lho.

689. O Guru humano sussurra a fórmula sagrada (*Mantra*) ao ouvido; o Guru Divino sopra o espírito na alma.

690. O Guru é um mediador. Ele aproxima o homem e Deus, tal como um casamenteiro aproxima o amante e a amada.

691. Um Guru é como o poderoso Ganges. Os homens lançam toda a imundície e lixo no Ganges, mas a santidade desse rio não é diminuída por isso. Assim está o Guru acima de todo o pequeno insulto e censura.

692. Há três classes de mestres religiosos, assim como há três classes de médicos. Há uma classe de médicos que, quando são chamados, olham para o doente, sentem-lhe o pulso, receitam os medicamentos necessários e pedem-lhe que os tome. Se o doente recusa fazê-lo, eles vão-se embora sem se preocuparem mais com o assunto. Esta é a classe mais baixa de médicos. Da mesma forma, há alguns mestres religiosos que não se importam muito se os discípulos dão valor aos seus ensinamentos e agem de acordo com eles ou não. Os médicos do segundo tipo não só pedem ao doente que tome o medicamento, mas vão mais longe. Raciocinam com ele caso ele mostre alguma relutância em tomá-lo. Da mesma forma, aqueles mestres religiosos que não deixam pedra sobre pedra para fazer com que outras pessoas andem pelos caminhos da retidão, da devoção e da verdade por meio de suave persuasão, pode dizer-se que pertencem à classe imediatamente superior. O terceiro e mais alto tipo de médicos usariam a força com o doente caso a sua argumentação falhasse. Chegariam ao ponto de colocar o joelho no peito do doente e forçar o medicamento garganta abaixo. Da mesma forma, há alguns mestres religiosos que usariam a força, se necessário, com os seus discípulos, com o

objetivo de os fazer andar no caminho do Senhor. Estes pertencem à classe mais alta.

NECESSIDADE DE TER UM GURU

693. Qual é a necessidade de chamar a um homem em particular o nosso Guru, em vez de dar essa designação a todos os que nos ensinam alguma coisa? Quando se vai para um país estranho, é preciso seguir as indicações do guia que conhece o caminho. Seguir os conselhos de muitos levaria a uma confusão total. Assim, ao tentar alcançar Deus, é preciso seguir implicitamente o conselho de um único Guru que conhece o caminho para Deus.

694. Num jogo de xadrez, os espectadores podem dizer qual é a jogada correcta melhor do que os próprios jogadores. Os homens do mundo pensam que são muito espertos, mas estão apegados às coisas do mundo — dinheiro, honras, prazeres dos sentidos, etc. Estando realmente empenhados no jogo, é difícil para eles acertarem na jogada certa. Os santos que renunciaram ao mundo não estão apegados aos objetos mundanos. São como os espectadores de um jogo de xadrez. Veem as coisas na sua verdadeira luz e podem julgar melhor do que os homens do mundo. Por isso, ao viver a vida santa, é preciso confiar apenas nas palavras daqueles que meditam em Deus e que O realizaram. Se procurais aconselhamento jurídico, não consultareis advogados que estão na profissão? Certamente não seguireis o conselho do homem da rua.

695. Se estiverdes sinceramente empenhados em aprender os mistérios de Deus, Ele enviar-vos-á o Sadguru, o mestre certo. Não precisais de vos preocupar em encontrar um Guru.

696. Aquele que pode ele próprio aproximar-se de Deus com sinceridade, oração sincera e profundo anseio, não precisa de Guru. Mas tal desejo profundo da alma é muito raro; daí a necessidade de um Guru. O Guru é apenas um, mas os Upagurus (mestres subsidiários) podem ser muitos. É um Upaguru aquele de quem se aprende seja o que for. O Grande Avadhuta (um asceta de alta ordem mencionado no Bhagavata) teve vinte e quatro desses Upagurus.

RELAÇÃO ENTRE GURU E DISCÍPULO

697. A fabulosa ostra-perolada deixa o seu leito no fundo do mar e sobe à superfície para apanhar a água da chuva quando a estrela Svati está em ascensão. Flutua na superfície do mar com a concha bem aberta até conseguir apanhar uma gota da maravilhosa chuva de Svati. Então mergulha até ao leito do mar e ali repousa até conseguir transformar essa gota de chuva numa bela pérola. Da mesma forma, há alguns aspirantes verdadeiros e ansiosos que viajam de lugar em lugar à procura do Mantra, a palavra salvadora, de um preceptor divino e perfeito (Sadguru), que lhes possa abrir a porta da bem-aventurança eterna; e se na sua busca diligente um homem tem a sorte de encontrar tal Guru e obter dele o tão desejado Mantra que tem o poder de quebrar todas as cadeias, ele abandona imediatamente a sociedade e retira-se para o recesso profundo do seu próprio coração e ali repousa até conseguir alcançar a paz eterna.

698. Não temais se tal mestre (isto é, um Guru espiritualmente iluminado) não parecer erudito e versado nas escrituras e noutros livros. Não temais porque ele não tem conhecimentos livrescos. Não, ele nunca se revelará carente da sabedoria da vida. Ele tem um fornecimento inesgotável de sabedoria Divina — de verdades diretamente reveladas e superiores a todo o conhecimento contido nos livros.

699. Um homem discutia sobre o carácter do seu Guru quando o Mestre disse: "Porque perdeis o vosso tempo nesta discussão fútil? Pegai na pérola e deitai fora a concha da ostra. Meditai no Mantra que vos foi dado pelo Guru e deixai de lado as fraquezas humanas do mestre."

700. Não ouçais ninguém a censurar o vosso Guru. Ele é maior do que o vosso pai e a vossa mãe. Ficaríeis em silêncio quando o vosso pai e a vossa mãe são insultados na vossa própria presença? Lutai, se necessário, e defendei a honra do vosso Guru.

701. O discípulo nunca deve criticar o seu Guru. Deve obedecer implicitamente a tudo o que o Guru diz. Uma certa quadra em bengali diz: "Embora o meu Guru frequente a taberna, ainda assim o meu Guru é o santo Rai Nityananda; e embora o meu Guru frequente os antros impuros de bêbados e pecadores, ainda assim para mim ele é o meu próprio Guru puro e sem defeitos."

702. Quando a devoção é genuína, mesmo as coisas mais comuns fazem o devoto lembrar-se de Deus e perder-se n'Ele. Não ouvistes como o Senhor Chaitanya ficou imerso em Samadhi ao pensar: 'Esta é a terra de

que se fazem tambores?'" Uma vez, ao passar por uma aldeia, Sri Chaitanya soube que os habitantes dessa aldeia ganhavam a vida fazendo tambores. Imediatamente exclamou: "Esta é a terra de que se fazem tambores", e perdeu imediatamente toda a consciência externa. Pois pensou que dessa terra se faziam tambores que eram usados na música congregacional; e que a música, por sua vez, era em louvor de Deus que é a Alma das nossas almas e a Beleza das belezas. Desta forma, uma cadeia de ideias se lhe apresentou, e ele ficou imediatamente absorto em Deus. Da mesma forma, quando um homem tem verdadeira devoção ao seu Guru, ele certamente se lembrará dele ao ver os seus parentes. E não só isso. Mesmo que encontre pessoas da aldeia do Guru, os seus pensamentos são imediatamente dirigidos para o próprio Guru. Prostra-se diante delas constantemente, polvilha o pó dos seus pés sobre o seu corpo, alimenta-as abundantemente e presta-lhes todos os outros tipos de serviço. Nesta fase, o discípulo deixa de ver qualquer defeito no seu Guru. Só então pode dizer: "Mesmo que o meu Guru frequente tabernas, ele é o Senhor, a Bem-aventurança Eterna, da mesma forma." Como ser humano, um Guru não pode ser apenas um repositório de virtudes e isento de todos os defeitos. O discípulo, por causa da sua devoção, já não o vê como homem, mas como o próprio Deus, tal como uma pessoa vê tudo amarelo devido a um olho com icterícia. A sua devoção revela-lhe então que só Deus é tudo; é Ele que se tornou o mestre, o pai e a mãe, o homem e o animal, o animado e o inanimado.

II. ENCARNAÇÃO DIVINA

O QUE É UMA ENCARNAÇÃO DIVINA?

703. Um Avatara (Encarnação) é um mensageiro humano de Deus. É como um vice-rei de um poderoso monarca. Assim como o rei envia o vice-rei quando há alguma perturbação numa província distante, para a sufocar, assim sempre que há declínio da religião em qualquer parte do mundo, Deus envia lá o Seu Avatara para proteger a virtude e promover o seu crescimento.

704. Não penseis que Rama e Sita, Krishna e Radha, são meras alegorias e não personagens históricas, ou que as escrituras são verdadeiras apenas no seu sentido interior ou esotérico. Não, eles eram seres humanos de carne e osso como vós; mas porque eram divindades, as suas vidas

podem ser interpretadas tanto histórica como alegoricamente. Os Avataras estão para Brahman como as ondas estão para o oceano.

705. O Avatara é sempre um e o mesmo. Tendo mergulhado no oceano da vida, o único Deus surge num ponto e é conhecido como Krishna, e quando, após outro mergulho, surge noutro ponto, é conhecido como Cristo.

706. Na árvore de Sachchidananda (Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta) pendem inúmeros cachos de Ramas, Krishnas, Budas, Cristos, etc. Destes, um ou dois de vez em quando descem a este mundo e produzem grandes mudanças e revoluções.

707. Os Avataras nascem com poderes Divinos e qualidades Divinas. Podem entrar e permanecer em qualquer estado de realização, do mais alto ao mais baixo. No palácio de um rei, um estranho só pode ir aos aposentos exteriores, mas o próprio filho do rei, o príncipe da casa, é livre de ir a todos os cantos.

708. É um ego ténue que personagens como as Encarnações possuem. Através deste ego, Deus é sempre visível. Por exemplo, um homem está de um lado de uma parede, em ambos os lados da qual há extensões ilimitadas de terra. Se houver uma abertura na parede, todo o outro lado é visível, e se esta for suficientemente grande, pode-se passar através dela também. O ego das Encarnações assemelha-se a essa parede com a abertura. Mesmo que estejam deste lado da parede, podem ver a extensão ilimitada de terra do outro lado. O significado disto é que, embora tenham assumido corpos, estão sempre em estado de Yoga, e podem, se quiserem, entrar em Samadhi do outro lado da grande abertura. Além disso, se esta for suficientemente grande, podem ir e vir através dela; isto é, podem descer a um plano de consciência mais baixo mesmo após o Samadhi.

DIFICULDADE DE RECONHECER AS ENCARNAÇÕES DIVINAS

709. Uma Encarnação Divina é difícil de compreender. É o jogo do Infinito no finito.

710. Quando Bhagavan Ramachandra veio a este mundo, apenas doze sábios reconheceram que Ele era uma Encarnação de Deus. Assim, quando Deus Se encarna neste mundo, apenas alguns reconhecem a Sua natureza divina.

711. Qual é a razão de um profeta não ser honrado pelos seus próprios parentes? Os parentes de um prestidigitador não se aglomeram à volta dele para ver as suas atuações, enquanto os estranhos ficam boquiabertos, olhando para os seus truques surpreendentes.

712. As sementes da planta Vajrabantula (eufórbia) não caem na raiz da árvore. São levadas pelo vento para longe e criam raízes em lugares distantes. Assim, o espírito de um profeta manifesta-se a uma distância da sua terra natal, e é apreciado lá.

713. Há sempre uma sombra debaixo da lâmpada, enquanto a sua luz ilumina os objetos circundantes. Assim, os homens na proximidade imediata de um profeta não o compreendem. Aqueles que vivem longe são encantados pelo seu brilho espiritual e pelo seu poder extraordinário.

714. O elefante tem dois conjuntos de dentes, as presas visíveis externamente e os molares dentro da boca. Da mesma forma, os homens-Deus como Sri Krishna têm uma manifestação externa e comportam-se como homens comuns aos olhos de todos, enquanto internamente repousam em paz transcendental muito além do alcance do Karma.

A ENCARNAÇÃO COMO REVELAÇÃO DE DEUS

715. Deus é verdadeiramente infinito. Mas é omnipotente. Pode determinar que a Sua divindade como amor se manifeste na carne e esteja entre nós como Deus encarnado. O amor flui para nós de Deus Encarnado. A Encarnação Divina é um facto. Claro que não se pode tornar isto perfeitamente claro por meio de palavras. É um facto a ser visto e realizado pelos olhos espirituais. É preciso ver Deus para se ficar convencido disto. Por analogia, podemos compreender o assunto de forma ténue. Suponhamos que se toca no chifre de uma vaca, ou nos seus pés, ou na cauda, ou no úbere. Não seria isso o mesmo que tocar a própria vaca? Para nós, seres humanos, o principal na vaca é o leite, que vem do úbere. Pois bem, o leite do amor Divino flui para nós das Encarnações de Deus.

716. Quem pode conhecer Deus plenamente? Não nos é dado, nem nos é exigido, conhecê-Lo plenamente. Basta que possamos vê-Lo — sentir que Ele é a única realidade. Suponhamos que alguém vem ao sagrado rio Ganges e toca na água. Diria: "Fui abençoado com a visão e o toque do sagrado rio desde Gomukhi até Gangasagar — desde a sua nascente até ao estuário!"

717. Procurais Deus? Então procurai-O no homem. A Sua divindade manifesta-se mais no homem do que em qualquer outro objeto. Olhai à vossa volta por um homem cujo coração transborda de amor a Deus, um homem que vive, se move e tem o seu ser em Deus — um homem intoxicado com o Seu amor. Em tal homem Deus Se manifesta.

718. Ele é o absoluto, e novamente Sua é a Lila (existência relativa concebida como um jogo do Divino). Esta Lila é de quatro tipos — Isvara Lila, Deva Lila, Jagat Lila e Nara Lila. Na Nara Lila, a Sua encarnação torna-se possível. Compreendeis a natureza da Nara Lila? Pode bem dizer-se que é como o jorrar da água de um vasto terraço numa grande torrente através de um largo canal. É o poder desse Absoluto, o Sachchidananda, que flui — se manifesta — através de um canal, por assim dizer. Nem todos podem reconhecer verdadeiramente os Avataras. Apenas sete Rishis — Bharadwaja e os restantes — puderam reconhecer Sri Rama como um Avatara. Deus encarna na forma humana para ensinar ao homem o verdadeiro Jnana e Bhakti.

[Nota: Deus tem quatro aspetos distintos de manifestação. Um aspeto Seu é Isvara, o senhor supremo do Universo; os Devas, outro aspeto Seu, formam as agências sobre-humanas que mantêm as funções do mundo sob o controle do Senhor; o terceiro aspeto da Sua manifestação é o universo; e o quarto é o homem.]

719. Um Siddha (um homem perfeito comum) é como um arqueólogo que, removendo a terra e o pó sobrepostos, abre um poço antigo que estava coberto por desuso. O Avatara é como um grande engenheiro que abre um novo poço mesmo num lugar onde antes não havia água. Enquanto o primeiro só pode dar salvação àqueles homens que têm as águas da salvação por perto, um Avatara salva também aquele cujo coração é desprovido de todo o amor e é seco como um deserto.

720. Quando a onda de maré chega, inunda igualmente rios, ribeiros e terra, e toda a área adjacente apresenta uma superfície única de água; mas a água da chuva simplesmente flui pelo canal habitual. Quando um Salvador aparece, todos são salvos pela Sua graça. Mas os Siddhas só podem salvar-se a si próprios com muita dor e penitência.

721. Quando um grande tronco de madeira flutua rio abaixo, carrega consigo centenas de pássaros e não se afunda. Um junco a flutuar pode afundar-se com o peso de até um único corvo. Assim, quando um

Salvador aparece, inúmeros homens encontram a salvação refugiando-se n'Ele. O Siddha só pode salvar-se a si próprio com muito trabalho e dificuldade.

722. Assim como um grande e poderoso barco a vapor se move rapidamente sobre a água, rebocando jangadas e barcaças atrás de si, assim quando um Salvador vem, ele leva facilmente milhares ao porto seguro através do oceano de Maya.

723. A locomotiva não só se move e alcança o seu destino, mas também leva consigo uma longa fila de vagões atrás. Assim são os nossos Salvadores. Eles carregam multidões de homens carregados de pecado para a presença do Todo-Poderoso.

724. Nas estações comuns, a água dos poços pode ser tirada de grandes profundidades e com muita dificuldade; mas quando o país é inundado com água na estação das chuvas, a água é obtida com facilidade em toda a parte. Assim, normalmente Deus é alcançado com grande dificuldade através de preces e penitências; mas quando a inundação da Encarnação desce à terra, Deus é visto em toda a parte.

725. Havia um lugar cercado por um muro alto, e os homens de fora não sabiam que tipo de lugar era. Uma vez, quatro pessoas decidiram escalar o muro com a escada e descobrir o que havia dentro. Assim que o primeiro homem subiu ao topo do muro, riu-se: "Ha ha! ha!", e saltou para dentro do recinto. A segunda pessoa também, assim que subiu ao muro, riu alto e saltou para dentro como a primeira; e o mesmo fez a terceira. Quando o quarto e último homem subiu ao muro, encontrou diante de si um grande e belo jardim com agradáveis bosques cheios de frutos deliciosos. Embora fortemente tentado a saltar e a desfrutar da cena, resistiu à tentação e, descendo a escada, falou da glória do jardim aos que estavam fora dele. Brahman é como esse jardim murado. Quem O vê esquece a sua própria existência e corre precipitadamente para Ele para ser absorvido na Sua essência. Tais são os santos e os santos libertos. Mas os Salvadores da humanidade são aqueles que veem Deus e, estando ao mesmo tempo ansiosos por partilhar com outros a sua felicidade da visão Divina, recusam a oportunidade de passar para o Nirvana (estado de extinção da individualidade) e suportam voluntariamente as dificuldades do renascimento no mundo para ensinar e guiar a humanidade que luta para o seu objetivo.

726. Nos fogos de artifício, há um tipo de flor de pote que envia um tipo de flor por um tempo, depois outro tipo, e ainda outro, parecendo possuir uma variedade infinita de flores, por assim dizer. Assim são os Avataras. Depois há outro tipo de flor de pote que, quando acesa, arde um pouco e depois apaga-se de uma vez. Da mesma forma, os Jivas comuns, após longa prática e exercícios devocionais, entram em Samadhi e não regressam.

727. P. — Porque deveria Deus encarnar-Se na forma humana? R. — Para manifestar ao homem a perfeição da Divindade. Através destas manifestações, o homem pode falar com Deus e ver o Seu jogo. Na Encarnação, Deus desfruta plenamente, por assim dizer, da Sua própria doçura transcendente. Nos santos, Deus manifesta-Se apenas em parte, como o mel numa flor. Chupais a flor e obtendes um pouco de mel. Nas Encarnações, é tudo 'mel' — toda a doçura e toda a bem-aventurança.

728. Nada é problemático para a Encarnação. Ele resolve os problemas mais difíceis e intrincados da vida como as coisas mais simples do mundo, e as suas exposições são tais que até uma criança as pode seguir. Ele é o sol do conhecimento Divino, cuja luz dissipa a ignorância acumulada de eras.

729. Por vezes, aparece aquela luz composta única que se pode chamar de luz lunar-solar, e a esta se podem comparar Encarnações únicas como Chaitanya Deva, que são marcadas igualmente por Bhakti (Amor) e Jnana (Conhecimento). É como o sol e a lua a aparecer no firmamento ao mesmo tempo. A manifestação de Jnana e Bhakti numa só pessoa é uma ocorrência tão única como o fenómeno acima referido.

730. O Senhor assume o corpo humano por causa daquelas almas puras que amam o Senhor.

731. Aqueles que vêm com os Avataras são ou almas que são eternamente livres, ou que nascem pela última vez.

CAPÍTULO XVI

JNANA, BHAKTI E KARMA

[Estas palavras em sânscrito podem ser traduzidas aproximadamente para português como Conhecimento, Amor e Trabalho; e os Yogas ou disciplinas espirituais a eles ligados, como o caminho do Conhecimento, o caminho do Amor e o caminho do Trabalho, respetivamente. Mas estes termos significam mais do que os seus equivalentes em português. Assim, o Conhecimento não é um mero assunto intelectual, mas uma visão espiritual que afeta todo o homem; o Amor não é amor mundano, mas um sentimento aparentado em relação a Deus; e o Trabalho não é mera ação, mas uma busca espiritualizada ou deveres e empreendimentos altruístas. Para indicar este sentido técnico, usámos maiúsculas para eles neste capítulo e noutros lugares, sempre que aparecem por si sós sem palavras qualificativas que apontem para o seu significado especial, ainda mais poderoso, e podem ser comparados ao sol. Ele é o sol do conhecimento Divino cuja luz dissipa a ignorância acumulada de eras.]

[*I. Caminho do Conhecimento: O que é Jnana Yoga? — Método de Jnana Yoga — Dificuldades de Jnana Yoga — II. Caminho do Amor: Bhakti e as condições do seu crescimento — Bhakti e amor mundano — Efeitos de Bhakti — Estágios e aspectos de Bhakti — Prema ou Parabhakti (Amor extático) — Amor das Gopis — Viraha e Mahabhava — III. Bhakti e Jnana: Bhakti e Jnana são o mesmo no fim — Como Bhakti leva a Jnana — Diferença nos temperamentos do Jnani e do Bhakta — IV. Caminho do Trabalho: O que é Karma Yoga? — Bhakti como salvaguarda em Karma Yoga — O trabalho como serviço igual à adoração — O trabalho como meio e não como fim — Trabalho e ausência de trabalho.*]

I. CAMINHO DO CONHECIMENTO

O QUE É JNANA YOGA?

732. Jnana Yoga é a comunhão com Deus por meio do Conhecimento. O objectivo do Jnani é realizar Brahman, o Absoluto. Ele diz "Não isto" "Não isto" e assim vai deixando de lado uma coisa irreal após outra até chegar a um ponto em que toda a Vichara (discriminação) entre o real e o irreal cessa, e Brahman é realizado em Samadhi.

733. Um ladrão entra num quarto escuro e sente os vários objetos que lá estão. Põe a mão talvez numa mesa e, dizendo "Não isto", passa

adiante. Depois encontra outro objeto — talvez uma cadeira — e novamente dizendo "Não isto", continua a sua busca, até que, deixando objeto após objeto, finalmente põe a mão na caixa que contém o tesouro. Então exclama: "Está aqui!" e a sua busca termina. Tal é, de facto, a busca de Brahman.

734. Tenho visto que o conhecimento derivado pelo raciocínio é de um tipo bastante diferente do conhecimento derivado pela meditação; e bastante diferente deste é novamente o Conhecimento que surge pela Sua revelação.

735. O Conhecimento (Jnana) varia em grau e tipo. Há primeiro o Jnana ou visão dos homens do mundo — meros mortais comuns. Este conhecimento não é suficientemente poderoso. Pode ser comparado à chama de uma lâmpada que ilumina apenas o interior de um quarto. O Jnana de um Bhakta (devoto) é uma luz mais forte. Pode ser comparado à luz da lua que revela as coisas tanto dentro como fora de um quarto. Mas o Jnana do Avatara é ainda mais poderoso e pode ser comparado ao sol. Ele é o sol do conhecimento Divino cuja luz dissipa a ignorância acumulada de eras.

MÉTODO DE JNANA YOGA

736. Se um homem conhece o seu próprio ser, conhece os outros seres e Deus. O que é o meu ego? É a minha mão ou pé, carne ou sangue, músculos ou tendões? Meditai profundamente e sabereis que não há tal coisa como "eu". Assim como se descasca a pele de uma cebola, se descobre que ela consiste apenas em camadas; não se encontra qualquer núcleo nela. Assim, analisando o ego, descobrir-se-á que não há nenhuma entidade real a que se possa chamar "eu". Tal análise do ego convence alguém de que a substância última é apenas Deus. Quando o egotismo cai, a Divindade manifesta-Se.

737. Enquanto Deus parece estar fora e longe, há ignorância. Mas quando Deus é realizado interiormente, há verdadeiro Conhecimento.

738. Apontando para o coração, o Mestre costumava dizer: "Aquele que tem Deus aqui, tem-n'O também lá (apontando para o mundo exterior). Aquele que não encontra Deus dentro de si mesmo, nunca O encontrará fora de si mesmo. Mas aquele que O vê no templo da sua própria alma, vê-O também no templo do universo."

739. Um homem acordou a meio da noite e desejou fumar. Portanto, queria fogo, para o que foi à casa de um vizinho e bateu à porta. Alguém abriu a porta e perguntou-lhe o que queria. O homem disse: "Quero fumar. Podeis dar-me um pouco de fogo?" O vizinho respondeu: "Bah! Que se passa convosco? Destes-vos ao trabalho de vir acordar-nos a esta hora, enquanto na vossa própria mão tendes uma lanterna acesa!" O que o homem quer já está dentro dele; mas ele ainda vagueia aqui e ali à procura disso.

740. O raciocínio é de dois tipos — Anuloma e Viloma. Pelo processo Anuloma, o homem sobe da contemplação da criação para o Criador, por outras palavras, do efeito para a Primeira Causa. Então começa o processo Viloma de raciocínio. Tendo alcançado Deus, o homem aprende a ver a Sua manifestação em cada parte ou ato da criação. Um processo é analítico e o outro é sintético. O primeiro é como descascar as camadas sucessivas do tronco da bananeira até se chegar ao miolo interior. O segundo é como colocar essas camadas umas sobre as outras.

741. O Conhecimento leva à unidade; a ignorância leva à diversidade.

742. A um jovem discípulo que estava muito preocupado com o estudo de livros sobre Vedanta, o Mestre disse um dia: "Bem, meu rapaz, não estás ultimamente profundamente empenhado em investigar os mistérios do Vedanta? Muito bem. Brahman é real e o mundo é irreal — não é este o único ensinamento que forma o cerne de todos os estudos Vedânticos? É algo mais do que isto?" O jovem admitiu que era tudo. As palavras do Mestre lançaram sobre ele uma luz completamente nova sobre as verdades do Vedanta. As palavras encheram-no de espanto. Pensou que, de facto, se alguém pudesse ter uma convicção firme dessas verdades, compreenderia tudo do Vedanta. O Mestre continuou a sua exposição: "Ouvir, investigar e meditar. Que Brahman é real e o mundo é irreal deve primeiro ser ouvido. Depois vem a investigação; pois a verdade do que é ouvido é firmemente estabelecida pelo raciocínio. O passo seguinte é a meditação; isto é, retirar a mente do mundo irreal e concentrá-la em Brahman, o Real. Esta é a ordem da disciplina Vedântica. Se, por outro lado, a Verdade é ouvida e compreendida intelectualmente, mas não se faz qualquer tentativa para renunciar ao irreal, de que serve esse conhecimento? Tal conhecimento é como o dos homens do mundo, e não

ajuda ninguém a alcançar a Verdade. Convicção firme e renúncia — estas são as coisas necessárias."

Apenas com isto se pode realizar a Verdade. Caso contrário, uma pessoa pode professar em meras palavras que o mundo é irreal e inexistente, e que apenas Brahman é existente; mas, no momento em que os objetos dos sentidos — a cor, o sabor e o resto — surgem diante dela, ela toma-os como reais e fica enredada exatamente como um homem que afirma verbalmente que não existem espinhos, mas desata a gritar assim que a sua mão entra em contacto com um espinho e é picada. Certa vez, um Sadhu veio a Panchavati. Ele costumava falar muito sobre Vedanta perante os outros. Um dia, ouvi dizer que ele tinha uma ligação ilícita com uma mulher. Passado algum tempo, quando fui para aquele lado, encontrei-o ali sentado e disse: "Fala com tanta facilidade sobre Vedanta; mas o que é tudo isto que dizem de si?" "Que tem isso?", respondeu ele, "Mostrar-lhe-ei que não há mal nenhum nisso. Se o mundo inteiro é irreal em todos os momentos, como pode apenas a minha queda ser real? Isso também é igualmente irreal." Eu disse em total desgosto: "Cuspo em tal conhecimento de Vedanta! Não é Conhecimento real, mas uma mera farsa, falsamente professada por aqueles que têm mentalidade mundana, por pretensiosos com um groso apego mundano."

DIFICULDADES DE JNANA YOGA

743. Jnana Yoga é excessivamente difícil nesta era de Kali. Em primeiro lugar, a nossa vida nesta era depende inteiramente da comida (*Annagataprana*). Em segundo lugar, o termo da vida humana agora é demasiado curto para este propósito. Em terceiro lugar, é quase impossível nesta era ver-se livre da ilusão de que o Eu é um com o corpo (*Dehatmabuddhi*), a qual se agarra a nós. Ora, a conclusão a que o Jnani deve chegar é: "Eu não sou o corpo, eu sou um com a Alma Universal, o Ser Absoluto e Incondicionado." Como não sou o corpo, não estou sujeito às condições do corpo, tais como a fome, a sede, o nascimento, a morte, a doença e o resto. Alguém sujeito a estas condições físicas e que, no entanto, se autodenomina um Jnani, é como uma pessoa que está a sofrer de uma dor intensa causada por um espinho que se lhe espetou na mão e que, apesar disso, diz: "Ora, a minha mão não está de todo arranhada ou rasgada. Está tudo bem." Este tipo de conversa não serve. Antes de mais, o

"espinho" da consciência do corpo tem de ser reduzido a cinzas pelo fogo de Jnana.

744. Muito poucas pessoas estão aptas para a obtenção de Jnana. A Gita declara: "Um em cada milhares deseja Conhecê-Lo; e mesmo entre milhares desses que estão desejosos de conhecer, um talvez possa realmente Conhecê-Lo." Quanto menor for o apego de alguém ao mundo, isto é, por "mulher e ouro", maior será o seu Jnana (conhecimento de Deus).

745. O Jnana Yogi diz: "Eu sou Ele." Mas enquanto se tiver a ideia do Eu como corpo, este egotismo é prejudicial. Não ajuda o progresso de alguém e provoca a sua ruína. Tal pessoa engana-se a si própria e aos outros.

746. Um certo Brahmachari (aspirante religioso) chamado Ramachandra visitou um dia Sri Ramakrishna no templo de Dakshineswar. O aspirante tinha deixado o seu cabelo crescer em longas tranças entrançadas, à maneira dos ascetas. Tendo tomado o seu lugar, começou a exclamar de tempos a tempos: "*Sivoham! Sivoham!*" (Eu sou o Senhor Siva!), mas, fora isso, permanecia mudo. Sri Ramakrishna observou-o silenciosamente durante algum tempo e depois comentou: "Qual é a utilidade de meramente repetir a palavra *Sivoham*? É apenas quando alguém, pela perfeita meditação no Senhor no templo do seu coração, perdeu toda a ideia de individualidade e realizou o Senhor Siva no seu interior, que está autorizado a proferir esta palavra sagrada. Que bem pode a mera repetição da fórmula fazer sem a realização? Enquanto o estágio da realização não for alcançado, é melhor considerar o Senhor como o Mestre e a si próprio como o Seu humilde servo." O aspirante acabou por ver o seu erro e tornou-se mais sábio com este conselho e outros ensinamentos semelhantes. Antes de deixar o local, escreveu na parede do quarto de Sri Ramakrishna: " Ensinado pelo Swami, deste dia em diante Ramachandra Brahmachari considera o Senhor como o seu Mestre e a si próprio como o Seu humilde servo."

II Caminho do Amor

BHAKTI E AS CONDIÇÕES DO SEU CRESCIMENTO

747. Nada pode ser impresso num vidro liso, mas quando a superfície é revestida com os produtos químicos apropriados, as imagens

podem ser impressas nele, como na fotografia. Da mesma forma, no coração humano revestido com os produtos químicos de Bhakti, a imagem da Divindade pode ser impressa.

748. É uma coisa rara — este amor a Deus. Bhakti só pode surgir quando há uma devoção de todo o coração a Deus, tal como a de uma esposa casta para com o seu marido. A pura Bhakti é muito difícil de obter. Através de Bhakti, a mente e a alma devem ser absorvidas em Deus. Então vem Bhava (a forma mais elevada de Bhakti). Em Bhava, um homem fica sem fala, a sua respiração aquieta-se e o *Kumbhaka* (suspensão da respiração na prática de Yoga) instala-se por si mesmo, tal como, quando alguém aponta para um alvo, fica sem fala e a respiração é interrompida.

749. A devoção a Deus aumenta na mesma proporção em que o apego aos objetos dos sentidos diminui.

750. Na verdade, estes clientes (homens mundanos) procuram pelo feijão Kalai (mercadoria sem valor, isto é, prazeres sensuais). É concedido apenas às almas puras, não contaminadas pelo mundo, amar a Deus e ter um único objetivo, a saber, ter a mente inteiramente fixada no Senhor.

751. A menos que se protejam os olhos dos cavalos não domados, eles não darão um único passo. Será possível realizar Deus a menos que as paixões de alguém já tenham sido controladas? Num certo sentido, não. Mas isso é verdade apenas para Jnana Yoga, o caminho do Conhecimento. O conhecedor diz: "Primeiro é preciso ser puro se se deseja ver Deus. Primeiro é preciso controlar as próprias paixões. Primeiro a disciplina pessoal, depois o conhecimento de Deus." Existe, contudo, outro caminho que conduz a Deus — o caminho da devoção (Bhakti Yoga). Se uma vez o homem ganha o amor a Deus, se uma vez o cantar do Seu santo nome começa a vibrar o devoto de alegria, que esforço é necessário para o controlo das paixões depois disso? O controlo vem por si mesmo. Poderá um homem que sofre de uma dor intensa estar de humor para entrar numa briga, ou para desfrutar de um banquete, ou para entregar a sua mente aos prazeres dos sentidos? Assim, aquele que está absorvido no amor de Deus não pode pensar nos prazeres dos sentidos.

752. À medida que Srimati (Radha) se aproximava de Sri Krishna, ela sentia cada vez mais a fragrância da sua pessoa sagrada. Quanto mais alguém se aproxima de Deus, maior se torna o seu amor por Ele; quanto mais o rio se aproxima do mar, mais está sujeito ao fluxo e refluxo.

753. Numa ocasião, o Mestre disse a Keshab e aos seus seguidores no que diz respeito à adoração: "Por que vos detendes tanto na glória e nos poderes do Senhor? O filho, sentado em frente ao pai, pensa: 'O meu pai tem tantas casas, tantos cavalos e vacas, tantos jardins e pomares'? Ou pensa com carinho no quão muito, muito querido o seu pai tem sido para ele, e no quanto o tem amado? É estranho que um pai alimente e vista os seus filhos e torne a vida deles feliz? Todos nós somos filhos de Deus, e o Seu cuidado protetor garantiu a nossa segurança. O que há nisso para espantar? Portanto, um verdadeiro devoto do Senhor, em vez de se entregar a tais pensamentos, entra na relação mais íntima com o Senhor, torna-O seu, importuna-O com instâncias, orgulha-se d'Ele e pressiona-O com as súplicas: 'Deveis cumprir a minha oração e Revelar-Vos a mim.' Se refletirdes tanto na Sua gloriosa majestade, não será possível pensar Neles como vosso ou como alguém próximo de vós; nem vos será possível então pressioná-Lo e compeli-Lo. Quão grande Ele é! Quão distante de nós! — tais pensamentos virão a vós. Considerai-O vosso tanto quanto puderdes, e então alcançá-Lo-eis."

754. Deve-se torná-Lo vosso ao aderir firmemente a uma atitude particular. Só então Ele será compelido a ceder às vossas orações. Como por exemplo, quando duas pessoas se conhecem apenas superficialmente, observam todas as regras de formalidade na sua conversa. Mas com o crescimento da intimidade, todos esses termos formais de respeito desaparecem completamente, e falam um com o outro na linguagem mais familiar. Da mesma forma, devemos ter a relação mais próxima com Deus. Uma mulher infiel, no início da sua ligação, sente-se extremamente tímida, procede com grande apreensão e mantém o seu caso amoroso em estrito segredo. Mas quando o seu amor amadurece, todos esses sentimentos desaparecem. Ela então deixa corajosamente o seu lar e aparece em público com o seu amante. Se depois o amante não se interessar por ela e quiser evitá-la, ela agarra-o pelo pescoço e pergunta num tom perentório: "Deixei o meu teto por tua causa; agora diz-me se vais providenciar o meu sustento ou não."

BHAKTI E AMOR MUNDANO

755. A mãe de J— tornou-se idosa. Ela pensou que já passava da hora de se retirar do mundo e passar o entardecer da sua vida pacificamente em Brindavan. Expressou a sua intenção a Sri Ramakrishna. Mas o Mestre conhecia demasiado bem as circunstâncias dela para endossar a sua proposta, e respondeu da seguinte forma: "Gosta muito da filha do seu filho. O pensamento na criança impor-se-á a si e deixá-la-á inquieta, onde quer que vá. Pode viver em Brindavan, se quiser, mas a sua mente pairará sempre em torno da sua casa. Por outro lado, todo o bem de viver em Brindavan virá por si mesmo até si, se cultivar o sentimento de doce afeto pela sua neta, no pensamento de que ela é a própria Sri Radhika. Aconchegue-a tanto quanto costuma fazer; alimente-a e vista-a para contentamento do seu coração; mas pense sempre dentro de si que, nesses atos, está a oferecer a sua adoração à deusa de Brindavan."

756. Encontrando um certo devoto excessivamente apegado a um dos seus parentes e incapaz de aquietar a sua mente por esta razão, o Mestre instruiu-o a olhar para o objeto do seu amor como uma imagem de Deus, e a servi-lo nesta atitude. No decorrer da explicação deste ponto, por vezes o Mestre referia-se desta forma às visões semelhantes de Vaishnavacharan: "Vaishnavacharan sustentaria: 'Se alguém olhar para o amado como a Divindade Escolhida, a mente volta-se facilmente para Deus.'"

EFEITOS DE BHAKTI

757. Um devoto: É necessário, Senhor, que alguém primeiro consiga controlar os seus sentidos através do reto discernimento (*Vichara*)? O Mestre: Bem, esse é um caminho — o caminho do reto discernimento. No caminho de Bhakti, o controlo de si vem por si mesmo — e vem muito facilmente. Quanto mais o amor a Deus aumenta, mais insípidos se tornarão os prazeres dos sentidos, tal como os pais não conseguem pensar em prazer físico no dia em que perderam um filho.

758. As práticas devocionais são necessárias apenas enquanto as lágrimas de êxtase não correm imediatamente ao ouvir o nome de Hari. Aquele cujo coração se comove até às lágrimas com a mera menção do nome de Deus não necessita de práticas devocionais.

759. Um poeta comparou a devoção (a Deus) a um tigre. Assim como o tigre devora os animais, a devoção também engole todos os arqui-inimigos do homem, tais como a luxúria, a paixão e o resto. Uma vez que a

devoção a Deus esteja totalmente desperta, todas as paixões malignas como a luxúria e a ira são completamente destruídas. As Gopis de Brindavan alcançaram esse estado através da sua forte devoção a Krishna.

760. A devoção é comparada novamente ao colírio. Srimati (Radha) declarou uma vez: "Olhai, amigas, vejo o meu Krishna em todo o lado!" A isso, as outras Gopis responderam: "Aplicaste o colírio do Amor nos teus olhos; por isso estás a ver assim!"

761. Pergunta: Por que razão um Bhakta renuncia a tudo por causa de Deus? Resposta: O inseto voa da escuridão assim que vê uma luz; a formiga perde a vida no xarope sem o deixar. Assim, o Bhakta agarra-se a Deus para sempre e deixa tudo o resto.

762. O Mestre: Será que a mariposa procura a escuridão uma vez que tenha visto uma luz? O médico (sorrindo): Oh! não — ela preferirá lançar-se na chama e perecer. O Mestre: Mas isso não é assim com o verdadeiro adorador de Deus. A Luz Divina pela qual ele é atraído não queima nem causa a morte. É como o brilho de uma gema, resplandecente mas suave, fresca e reconfortante. Não queima, mas ilumina o coração com paz e alegria.

763. Pode acontecer que alguém não conheça o caminho certo e, no entanto, tenha Bhakti por Deus, o desejo intenso de O Conhecer. Tal devoto alcança-O através da pura força dessa Bhakti. Houve um grande devoto que partiu para ver Jagannath, mas não conhecendo o caminho para Puri (onde o templo de Jagannath está situado), afastou-se da cidade em vez de ir em direção a ela. Com um coração ansioso, perguntava a todos os que encontrava no caminho sobre a estrada. Todos lhe diziam: "Este não é o caminho; toma aquele carreiro." E o devoto chegou finalmente a Puri, e teve o seu desejo cumprido. Assim, mesmo que se seja ignorante do caminho, com certeza haverá alguém para nos direcionar para ele, desde que se tenha a vontade. Alguém pode errar ao princípio, mas no final é colocado na estrada certa.

764. A devoção floresce em reto discernimento, renúncia, amor por todas as criaturas, serviço aos homens piedosos, manutenção da companhia dos devotos, cantar dos louvores do Senhor, veracidade e outras virtudes.

765. Existem sinais da realização de Deus. Sabei que não há mais demora para realizar Deus naquele em quem notais o florescimento da devoção.

766. A rocha magnética sob o mar atrai o navio que navega sobre ela, arranca todos os seus pregos de ferro, separa tábua de tábua e afunda a embarcação no abismo. Da mesma forma, quando a alma humana é atraída pelo íman que é Deus, destrói num momento o egoísmo do homem e o sentido de individualidade, e submerge a alma no oceano do amor Infinito de Deus.

ESTÁGIOS E ASPETOS DE BHAKTI

767. O amor é de três variedades: desinteressado (*Samartha*), mútuo (*Samanjasa*) e comum ou egoísta (*Sadharana*). O amor desinteressado é do tipo mais elevado. O amante aqui procura apenas o bem-estar do amado, e não se importa se sofre dores e dificuldades com isso. O segundo tipo de amor é o amor mútuo, no qual o amante deseja não apenas a felicidade do seu amado, mas tem um olho também na sua própria felicidade. O amor egoísta é o mais baixo. Faz com que um homem se importe apenas com a sua própria felicidade, sem ter qualquer consideração pelo bem ou pelo mal do amado.

768. Assim como existem matizes de *Sattva*, *Rajas* e *Tamas* na mundanidade, também Bhakti tem os seus aspetos correspondentes. Existe um tipo de Bhakti que partilha da humildade de *Sattva*, outro que se caracteriza pela ostentação de *Rajas*, e um terceiro pela força bruta de *Tamas*. O devoto sátvico realiza as suas devoções em segredo. Medita à noite na sua cama, dentro do mosquiteiro, e por isso levanta-se tarde de manhã — um facto explicado pelos seus amigos como sendo devido à falta de um bom sono. O cuidado que dispensa ao corpo termina fornecendo-lhe comida simples — talvez um pouco de arroz e vegetais. De luxo ele não tem nenhum, seja na comida ou no vestuário. Não há exibição de adereços e móveis na sua casa, e ele nunca procura subir no mundo através de lisonjas. O devoto rajásico tem talvez marcas sectárias distintivas no seu corpo e contas à volta do pescoço, com talvez algumas de ouro intercaladas. Ele é meticuloso quanto às observâncias externas, tais como usar seda na altura da adoração e celebrar o culto da Divindade com pompa e esplendor. O devoto tamásico tem uma fé ardente. Aplica força a Deus como um ladrão que se apodera das coisas pela força. "O quê!", diz ele, "Eu proferi o Seu 'nome' e ainda assim hei de continuar pecador! Eu sou

Seu filho! Tenho o devido direito à herança da Sua riqueza!" Tal é o seu veemente ardor.

769. Pergunta: Qual é a forma violenta de devoção? Resposta: É tornar-se louco com o constante e terrível proferir de "Jai Kali" (Glória à Mãe Divina), ou dançar como um maníaco com os braços erguidos e gritando louvores a Hari (*Hari-bol*). Nesta idade de ferro (*Kali Yuga*), a forma violenta de devoção é mais adequada do que outras formas; traz uma frutificação mais rápida do que as formas mais brandas de contemplação. A cidadela de Deus deve ser tomada de assalto.

770. Estes são os estágios de *Sadhana* (prática devocional) para a purificação da alma: (1) *Sadhu-sanga* ou a companhia de homens santos; (2) *Sraddha* ou fé e devoção às coisas relativas ao Espírito; (3) *Nishtha* ou devoção de mente única ao ideal de alguém; (4) Bhakti ou amor intenso a Deus; (5) Bhava ou o estado de absorção sem fala no pensamento de Deus; e (6) Mahabhava — Quando Bhava se intensifica, é chamado Mahabhava. O devoto às vezes ri e às vezes chora como um louco. Ele conquistou completamente a carne e não tem consciência do seu corpo. Este estágio não é geralmente alcançado por almas comuns, mas apenas por Mahapurushas ou Encarnações de Deus. (7) Prema ou o mais intenso amor a Deus. Caminha de mãos dadas com Mahabhava. As duas marcas deste estágio são: primeiro, o esquecimento do mundo; segundo, o esquecimento de si mesmo, o que inclui o próprio corpo. Isto coloca o devoto face a face com Deus, e ele alcança assim o objetivo da vida.

771. "Tanto de deveres piedosos foi ordenado pelas escrituras, por isso estou a fazê-lo" — este tipo de atitude é chamado Vaidhi-bhakti. Existe outro tipo de devoção conhecido como Raga-bhakti, que vem através do amor extremo a Deus — como foi o caso de Prahlada. Quando essa Raga-bhakti aparece, deixa de haver necessidade de fazer as "obras ordenadas" (*Vaidhi-karma*).

772. Existe o tipo de Bhakti que é chamado Vaidhi-bhakti (devoção conforme ordenada pelas escrituras). Repetir o "nome" de Deus um certo número de vezes, jejuar em certas ocasiões, fazer peregrinações a certos santuários, adorar com certos artigos — estas e outras observâncias constituem Vaidhi-bhakti. A prática disto por um longo tempo conduz alguém ao aspeto mais elevado da devoção, conhecido como Raga-bhakti. O amor é a única coisa necessária. As ideias mundanas devem desaparecer completamente; a mente deve estar fixada N'Ele "em todos os seus

dezasseis annas" (isto é, totalmente) e só então se pode chegar até Ele. Sem Raga-bhakti não se pode alcançá-Lo.

773. O amor a Deus é de dois tipos: Primeiro, a Bhakti que é ordenada pelas escrituras. Devemos adorar de uma certa maneira ou repetir o "nome" do Senhor tantas vezes, e assim por diante. Tudo isto pertence ao que é conhecido como Vaidhi-bhakti, isto é, a devoção de acordo com a Lei. Pode conduzir à pura devoção e ao Conhecimento do Absoluto em Samadhi. A individualidade é assim fundida na Alma Universal para nunca mais voltar. Este é o caso dos devotos comuns. Mas o caso é totalmente diferente com as Encarnações Divinas e com aqueles que são do próprio Senhor. O amor deles a Deus não é feito de meras fórmulas das escrituras. Brota de dentro. Brota da alma. As Encarnações Divinas (como Sri Chaitanya) e aqueles que estão mais próximos d'Ele, têm ao seu alcance o Conhecimento do Absoluto alcançável em Samadhi, e ao mesmo tempo podem descer dessa altura, retendo a sua individualidade e amando o Senhor como Pai, Mãe, e assim por diante. Dizendo "Isto não," "Isto não," deixam para trás as escadas uma após a outra até chegarem ao telhado. Chegando lá, dizem: "É isto." Mas logo descobrem que a escada é feita dos mesmos materiais que o próprio telhado — tijolo, cal e pó de tijolo. Assim, eles caminham para cima e para baixo, às vezes descansando no telhado e às vezes nos degraus da escada. O telhado simboliza o Absoluto realizado em Samadhi, no qual a individualidade que responde ao mundo dos sentidos é apagada. A escada é o mundo fenomenal, o mundo do nome e da forma. Quando se alcança esse telhado de Samadhi, realiza-se o mundo como uma manifestação do Absoluto para os sentidos humanos.

PREMA OU PARA-BHAKTI (AMOR EXTÁTICO)

774. Prema ou Amor extático não vem antes da realização de Deus.

775. Nos livros persas está escrito que dentro da carne estão os ossos, dentro dos ossos está a medula, e assim por diante, e dentro de tudo isso está Prema.

776. Prema é como um fio nas mãos do devoto que o une a esse Sachchidananda, a saber, Deus. O devoto mantém o Senhor, por assim dizer, sob o seu controlo. Deus vem a ele sempre que ele chama.

777. O estágio de devoção chamado Bhava (absorção sem fala em Deus) é como uma manga verde; Prema ou Amor extático é como o fruto maduro.

778. A adoração por medo do fogo do inferno e coisas semelhantes destina-se ao principiante. Algumas pessoas consideram o sentido de pecado como a totalidade da religião. Esquecem-se de que isso marca apenas o estágio mais primitivo e mais baixo da espiritualidade. Existe ainda um ideal mais elevado, um estágio mais elevado de espiritualidade, a saber, o amor a Deus como nosso próprio Pai ou Mãe.

779. O que é Para-bhakti ou o supremo amor extático a Deus? No estágio do Amor extático, o adorador contempla Deus como o seu parente mais querido e mais próximo. É como o amor das Gopis pelo Senhor Krishna. Elas sempre O conheceram e se dirigiram a Ele como o Senhor das Gopis e não como o Senhor do universo.

780. Existe uma coisa que é amar a Deus sem saber porquê. Se isto vier, não há mais nada a desejar. Alguém dotado de tal Bhakti diz: "Ó Senhor, não quero riquezas, fama, saúde, felicidade ou qualquer outra coisa. Concede-me que eu possa ter pura devoção aos Teus pés de lótus!"

781. As duas características de Prema são: (1) o esquecimento do mundo exterior; (2) o esquecimento do próprio corpo.

782. Existem dois elementos nesta Prema-bhakti, a saber, a perceção do Eu e a perceção do meu (isto é, "eu sou o devoto e o meu Deus é inteiramente meu"). Yasoda costumava pensar que, exceto ela própria, mais ninguém poderia cuidar do seu Gopala; não fosse o seu cuidado, o seu Gopala ficaria doente. Yasoda nunca gostou de perceber o seu Krishna como o Senhor do universo. E a perceção do meu por parte do devoto fá-lo sentir: "Ele é meu, o meu próprio; ele é o meu Gopala!" Uddhava disse a Yasoda: "Mãe, o vosso Krishna é o próprio Senhor. Ele é o Chintamani (a joia que realiza os desejos) de todo o universo. Ele não é uma pessoa comum." A isso, Yasoda respondeu: "Não, não, não estou a perguntar sobre a vossa Chintamani, estou a perguntar como está o meu Gopala. Não a Chintamani, mas o meu Gopala!"

783. Prema ou Amor extático é alcançável apenas por alguns. São homens de poderes extraordinários, incumbidos de uma comissão Divina. Sendo herdeiros dos poderes e da glória Divinos, formam uma classe própria. A esta classe pertencem as Encarnações de Deus como Chaitanya Deva e os seus devotos da mais alta ordem que são partes do Senhor.

784. Existem alguns que têm este Amor extático naturalmente neles, talvez até desde a sua infância. Sim, como Prahlada, eles choram e

anseiam por Deus mesmo na sua infância. Pertencem à classe dos Nityasiddhas ou homens perfeitos desde o seu próprio nascimento.

O AMOR DAS GOPIS

785. É irrelevante se alguém acredita ou não que Radha e Krishna foram Encarnações de Deus. Pode-se acreditar (como o hindu ou o cristão) nas Encarnações de Deus. Ou pode-se não acreditar (como os modernos Brahmos) na Sua assunção de forma, humana ou outra. Mas que todos tenham um anseio por este *Anuraga* ou intenso amor pelo Senhor. Este intenso Amor é a única coisa necessária.

786. Falando sobre o amor das Gopis por Deus, o Mestre disse a M., um dos seus discípulos: "M., quão maravilhosa era a intensidade do seu Amor! À mera vista da árvore Tamala, elas eram tomadas pela loucura do Amor (*Premonmada*). (Pois a cor escura da árvore Tamala lembrava-lhes Sri Krishna). Este também era o caso de Gauranga. Olhando para uma floresta diante de si, ele pensava que era Brindavan. Oh! Se alguém for favorecido com apenas uma partícula deste amor extático! Que devoção! Esta devoção elas tinham-na não apenas totalmente cheia, mas em superabundância transbordante."

787. A inabalável devoção (*Nishtha*) das Gopis é maravilhosa. Quando as Gopis foram ver Krishna em Mathura, obtiveram admissão na câmara de audiências após implorarem várias vezes ao sentinela no portão. Mas quando viram Krishna ali, com um turbante na cabeça, inclinaram as cabeças e começaram a sussurrar entre si: "Quem é este homem de turbante? Não falaremos com ele para não sermos culpadas de infidelidade ao nosso Krishna. Oh, onde está o nosso Senhor, aquele supremamente Amado, que usa veste amarela e uma crista de cauda de pavão!" Ah! Notai a devoção sincera e exclusiva das Gopis.

788. A devoção das Gopis é *Prema-bhakti* (devoção de Amor extático). É também chamada devoção absolutamente constante (*Avyabhicharini-bhakti*), ou devoção apaixonada (*Nishtha-bhakti*). E o que é a devoção inconstante (*Vyabhicharini-bhakti*)? É a devoção misturada com o conhecimento; por exemplo, o conhecimento de que Krishna se tornou tudo, de que Ele é o Brahman supremo, de que Ele é Rama, Siva e Sakti, de que Ele é a Energia Divina, etc. Mas não encontrareis este elemento de conhecimento misturado com o Amor extático. Quando Hanuman foi a Dvaraka, disse que veria apenas Sita e Rama. Então, o

Senhor Krishna pediu a Rukmini que assumisse a forma de Sita; caso contrário, Hanuman não se reconciliaria. Quando os Pandavas celebraram o grande sacrifício Rajasuya, Yudhishthira estava sentado no trono e todos os reis se prostraram diante dele, mas Vibhishana, entre eles, disse que não se prostraria diante de ninguém a não ser Narayana. Então, o próprio Senhor começou a prostrar-se diante de Yudhishthira, pelo que Vibhishana, também, fez reverência a Yudhishthira, caindo por terra e tocando com a sua cabeça coroada no chão.

VIRAHA E MAHABHAVA

789. Oh! Imenso é o sofrimento que surge de *Viraha* ou do sentimento de separação de Deus. Diz-se que quando Rupa e Sanatana[1] se sentavam sob uma árvore nesse estado, as próprias folhas dela costumavam ficar chamuscadas! Eu estive quase inconsciente durante três dias enquanto estive nesse estado! Eu não conseguia mover-me e jazia num único local. Quando ficava um pouco consciente, a Brahmani[2] levava-me para tomar banho; mas ela não podia tocar na minha pele. Todo o corpo estava coberto com um pano grosso, e ela segurava-me colocando as suas mãos sobre o pano. A terra com a qual o corpo era untado ficava queimada! Quando esse estado vinha, eu costumava sentir como se uma grande lança tivesse sido passada através da minha espinha. Eu gritava às vezes que estava a morrer. Mas isso era sempre seguido por um intenso sentimento beatífico.

790. *Mahabhava* é a suprema consciência de Deus; provoca uma comoção terrível tanto no corpo como na mente, como se um poderoso elefante entrasse numa pequena cabana e a abanasse furiosamente, às vezes até a desfazendo em pedaços. Há tanta bem-aventurança após esse estado quanto há sofrimento antes dele.

III Bhakti e Jnana

BHAKTI E JNANA SÃO O MESMO NO FINAL

791. O puro Conhecimento e o puro Amor são ambos uma e a mesma coisa.

792. O mesmo Ser a quem os Vedantinos chamam Brahman é chamado Atman pelos Yogis e Bhagavan pelos Bhaktas. O mesmo

brâmane é chamado sacerdote quando conduz a adoração, e cozinheiro quando é empregado na cozinha.

793. O que é Jnana (Conhecimento) no sentido mais elevado? Diz o Jnani: "Ó Senhor, Tu só ages em todo este universo. Eu não sou senão o menor dos instrumentos nas Tuas mãos. Nada é meu. Tudo é Teu. Eu próprio, a minha família, as minhas riquezas, as minhas virtudes — tudo é Teu."

794. Um devoto: Como se pode saber que se alcançou Jnana, mesmo levando uma vida familiar? O Mestre: Pelas lágrimas e pelo arrepiar dos cabelos ao nome de Hari. Quando, à mera menção do doce nome do Senhor, as lágrimas escorrem dos olhos de uma pessoa e os seus cabelos se arrepiam, verdadeiramente ela alcançou Jnana.

795. Eis uma história purânica que concilia Jnana e Bhakti. Certa vez, Ramachandra, Deus encarnado, disse ao seu grande devoto Hanuman: "Meu filho, diz-Me em que relação Me consideras e como meditas em Mim." Hanuman respondeu: "Ó Rama, às vezes adoro-Te como *Purna*, o indiviso. Então considero-me como um *Amsa*, uma parte, um fragmento, por assim dizer, dessa Divindade. Outras vezes medito em Ti, Ó Rama, como meu Mestre Divino e penso em mim apenas como Teu servo. Quando, contudo, sou abençoado, Ó Rama, com *Tattva Jnana*, ou o verdadeiro Conhecimento, vejo, realizo que eu sou Tu e Tu és eu."

796. Se a nata na superfície de um tanque for empurrada um pouco para o lado, espalha-se novamente cobrindo a água; mas se for bem afastada com armações de bambu, não pode voltar mais. Assim, se Maya for forçada a recuar apenas de vez em quando, volta novamente para nos perturbar; mas quando o coração está cercado com Bhakti e Jnana, ela é mantida permanentemente afastada. De facto, é apenas assim que Deus se manifesta à visão humana.

COMO BHAKTI CONDUZ A JNANA

797. O Conhecimento da Não-dualidade é o mais elevado; mas Deus deve ser adorado primeiro como um mestre é adorado pelo seu servo, como o adorado pelo adorador. Este é o caminho mais fácil; conduz rapidamente ao mais elevado conhecimento da unidade.

798. Embora o Conhecimento não-dualista seja o mais elevado, deveis proceder na vossa devoção primeiro com a ideia do adorador e do

adorado (isto é, com o sentimento: "Deus é o objeto de adoração e eu sou o seu adorador"), então alcançareis facilmente o Conhecimento.

799. O próprio Brahman derrama lágrimas de dor, estando preso na armadilha dos cinco elementos. Podeis fechar os olhos e convencer-vos dizendo repetidamente: "Não há espinho, não há espinho." Mas no momento em que lhe tocais, sentis a picada e retirais a mão com dor. Da mesma forma, por mais que raciocineis dentro de vós mesmos que estais além do nascimento e da morte, da virtude e do vício, da alegria e da tristeza, da fome e da sede — que sois o Atman imutável, a Existência-Conhecimento-Bem-Aventurança Absoluta —, no entanto, no momento em que o corpo é sujeito a enfermidades, ou a mente encontra as tentações do mundo e é esmagada pelos prazeres transitórios da riqueza e do sexo, e em consequência porventura cometeis algum pecado, torna-vos sujeitos à ilusão, à dor e à miséria — ficais privados de discernimento e de boa conduta, e ficais esmagados por uma perplexidade total. Sabei, portanto, que ninguém pode ter a perceção do Eu e a libertação de todas as misérias a menos que o próprio Deus lhe mostre misericórdia, e Maya destranque a porta. Não ouvistes isso ser afirmado na Chandi: "Esta mesma Deusa, a outorgadora de bênçãos, quando propiciada, remove o cativeiro dos seres humanos." Nada pode ser alcançado a menos que a Mãe Divina remova os obstáculos do caminho. O aspirante nunca pode realizar Deus a menos que Maya tenha piedade dele e se afaste do seu caminho. No momento em que Ela concede a Sua misericórdia ao aspirante, este torna-se abençoado com a visão de Deus e escapa de todas as misérias. Caso contrário, por mais que continueis com o vosso discernimento e outras práticas espirituais, elas serão de pouca utilidade. Dizem que cada grão de Ajowan (*Ptychotis*) ajuda a digerir cem grãos de arroz. Mas quando o órgão digestivo deixa de funcionar, nem mesmo cem grãos de Ajowan podem fazer alguém assimilar um único grão de arroz.

800. O Jnana Yogi anseia por realizar Brahman — Deus o Impessoal, o Absoluto e o Incondicionado. Mas, como regra geral, tal alma faria melhor, nesta presente era, em amar, rezar e render-se inteiramente a Deus. O Senhor salva o Seu devoto e conceder-lhe-á até mesmo *Brahma-jnana* se o devoto tiver fome e sede disso. Assim, o Jnana Yogi alcançará Jnana bem como Bhakti. Ser-lhe-á dado realizar Brahman. Querendo o Senhor, ele também realizará o Deus Pessoal do Bhakta. O Bhakta, por outro lado, contentar-se-á geralmente em ver e realizar o Deus Pessoal, o

Saguna Brahman das Upanishads. Contudo, o Senhor torna-o herdeiro da Sua glória infinita e concede-lhe Bhakti bem como Jnana, e a realização de Deus, tanto Pessoal como Impessoal. Pois se alguém consegue chegar a Calcutá, não conseguirá encontrar o seu caminho para o Maidan, o Monumento Ochterlony, o Museu e outros objetos de interesse, e saber qual é qual?

801. Pergunta: Alcança um devoto alguma vez o estado de união absoluta com Deus? Se sim, como? Resposta: É possível para a alma humana alcançar a condição de união absoluta com Deus; e é só então que se pode sentir e dizer: "Ele é o mesmo que eu." Um velho servo da casa, com o decorrer do tempo, pode vir a ser considerado como um da família, e o dono da casa, estando extremamente satisfeito com o seu trabalho, pode um dia sentá-lo no seu próprio lugar de honra, dizendo a todos ao seu redor que, daquele dia em diante, não há diferença entre ele e o servo. O patrão pode dizer: "Ele e eu somos um; obedecei às suas ordens como fazeis com as minhas. Quem quer que não o faça será castigado." Embora o servo possa hesitar por modéstia em ser assim honrado, o patrão elevá-lo-á à força ao lugar de honra. Tal é a condição daquelas almas que realizam o estado de unidade com Deus servindo-O por um longo tempo. Ele graciosamente dota-as com toda a Sua glória e atributos, e eleva-as ao Seu próprio lugar de soberania universal.

802. O Bhakta, como regra, não anseia por *Brahma-jnana* (a realização do Impersonal); mas permanece contente apenas em realizar a Pessoa Divina — a minha Mãe Divina, ou qualquer uma das Suas infinitas formas de glória, tais como as Encarnações Divinas como Sri Krishna e Chaitanya Deva, as revelações visíveis de Deus. Ele está ansioso para que a totalidade do seu ego não seja apagada em Samadhi. Ele gostaria de ter a individualidade suficiente restante para desfrutar da visão Divina como uma Pessoa. Ele preferiria provar o açúcar, em vez de se tornar o açúcar!

803. A minha Mãe Divina (a fase pessoal de Brahman) declarou que Ela é o Brahman da Vedanta. Está dentro do Seu poder dar *Brahma-jnana*, o que Ela faz causando o apagamento do eu inferior. Assim, em primeiro lugar, podeis, querendo a minha Mãe, chegar a Brahman através do reto discernimento (*Vichara*). Também podeis chegar através de Bhakti. A essência de Bhakti consiste na oração incessante por luz e amor e na rendição pessoal a Ela. Primeiro, chegai à minha Mãe Divina (o Deus Pessoal) através destes. Aceitai a minha palavra de que, se a vossa oração

for realmente sincera, a minha Mãe responderá a ela, se apenas esperardes. Rezai a Ela novamente se quiserdes realizar o Seu Ser Impessoal. Se Ela se dignar a conceder a vossa oração — pois Ela é omnipotente —, estareis em posição de realizar o Seu Ser Impessoal em Samadhi. Isto é precisamente a mesma coisa que *Brahma-jnana*.

DIFERENÇA NOS TEMPERAMENTOS DO JNANI E DO BHAKTA

804. Encontram-se duas classes de aspirantes espirituais. Uma delas assemelha-se à cria de um macaco e a outra pode ser comparada a um gatinho. A cria do macaco agarra firmemente a sua mãe, enquanto a cria do gato não consegue fazê-lo, mas mia piedosamente, ficando onde quer que seja colocada por ela. Se o pequeno macaco soltar o aperto na sua mãe, cai e magoa-se. Isto acontece porque ele tem de depender da sua própria força. Mas o gatinho não corre tal risco, pois a própria mãe o carrega de um lugar para outro. Da mesma forma, o aspirante que segue o caminho do Conhecimento ou do trabalho desinteressado depende do seu próprio esforço para alcançar a salvação. Por outro lado, o aspirante que segue o caminho do Amor sabe que o Senhor é o ordenador de tudo; por isso, com perfeita confiança, resigna-se inteiramente à Sua misericórdia. O primeiro é como a cria de um macaco e o último como o gatinho.

805. O Jnani diz: "Eu sou Ele, eu sou esse Atman puro;" mas o Bhakta declara: "Ah, tudo isto é a Sua glória!"

806. Deus é alcançado apenas quando o homem se estabelece numa ou noutra destas três atitudes: (1) Tudo isto sou eu; (2) Tudo isto és Tu; (3) Tu és o Mestre e eu sou o servo.

807. Quando alguém nasce do espírito de Siva, torna-se um Jnani. A sua tendência constante é para a consciência de que apenas Brahman é verdadeiro e este mundo é falso. Mas quando alguém nasce do espírito de Vishnu, nele a fé e a devoção nunca falham. Mesmo que, por um tempo, estas virtudes encolham pelo forte influxo da razão ou do conhecimento dialético, na plenitude do tempo elas aumentam copiosamente como o *Musala* (um pilão) que trouxe a ruína à dinastia Yadava.

808. O Gange do Conhecimento, fluindo no coração de um Jnani, corre apenas numa direção. Para ele, todo o universo é um sonho. Ele vive sempre no seu próprio Eu. Mas o Gange do Amor no coração de um devoto não corre sempre na mesma direção; tem o seu fluxo e refluxo. O devoto ri,

chora, dança e canta. Ele ama viver e desfrutar da presença de Deus; nesse oceano de bem-aventurança ele ama lançar-se, às vezes nadando, às vezes afundando, e novamente flutuando, como um bloco de gelo dança na água, sacudindo-se para cima e para baixo.

809. De acordo com os Puranas, o devoto está separado de Deus. O homem é uma entidade e Ele é outra. Este corpo é como um vaso; a mente, o intelecto e o ego são, por assim dizer, a água nele; e Brahman é como o sol. Ele está a ser refletido nessa água. Assim, os devotos testemunham as várias manifestações Divinas. Mas, de acordo com a Vedanta, apenas Brahman é a realidade, a substância; e tudo o resto é Maya, irreal como os sonhos. Há este bastão do "eu" deitado na superfície do mar de Brahman. Se retirardes o bastão, haverá uma extensão de água indivisa; mas quando o bastão lá está, divide a água em duas partes, uma de cada lado. Alguém cai em Samadhi e então o conhecimento de Brahman desponta. Então o ego é apagado. De acordo com a Vedanta, o estado desperto também não é real.

810. Narada e outros mestres dedicaram-se a Bhakti para o bem do mundo, mesmo depois de ganharem o Conhecimento.

811. O Mestre: Bhakti é a lua, enquanto Jnana é o sol. Ouvi dizer que existem oceanos no extremo norte e sul, e que está tão frio lá que a água neles congela em parte, formando massas de gelo nas quais os navios são apanhados e retidos firmemente. Um devoto: Serão os homens da mesma forma apanhados a meio do caminho no caminho de Bhakti? O Mestre: Sim, são-no, de facto. Mas isso não importa nada; pois o gelo no qual alguém é retido é a água solidificada do oceano da Existência-Conhecimento-Bem-Aventurança. Se raciocinardes: "Apenas Brahman é real, o universo é falso," o gelo derreterá ao sol de Jnana, e o que restará? Apenas a água sem forma desse oceano de Existência-Conhecimento-Bem-Aventurança.

812. Jnana é como um homem e Bhakti é como uma mulher. O Conhecimento tem entrada apenas até à sala de visitas de Deus, mas o Amor pode entrar nos Seus aposentos interiores.

813. Um Jnani e um Bhakta estavam certa vez a passar por uma floresta. No caminho viram um tigre. O Jnani disse: "Não há razão para fugirmos; o Deus Todo-Poderoso certamente nos protegerá." O Bhakta disse: "Não, irmão, não, fujamos. Por que haveremos de incomodar o Senhor quando podemos realizar uma coisa pelo nosso próprio esforço?"

IV Caminho do Trabalho

O QUE É KARMA YOGA?

814. Karma Yoga é a comunhão com Deus por meio do Trabalho. Ashtanga Yoga ou Raja Yoga é Karma Yoga, se praticado sem apego. Conduz à comunhão através da meditação e da concentração. A realização dos deveres dos chefes de família (isto é, trabalho pessoal ou altruísta, social e político) — fazendo-os sem apego, com o fim de que Deus seja glorificado — é Karma Yoga. Novamente, a adoração de acordo com as escrituras, a repetição silenciosa do nome de Deus e outros deveres piedosos deste tipo, é Karma Yoga se feita sem apego, para a glorificação de Deus. O fim de Karma Yoga é o mesmo (que o de outros Yogas), a saber, a realização de Deus, impessoal ou pessoal ou ambos.

815. No caso de uma pessoa dotada da qualidade de *Sattva* (pureza de ser), a ação naturalmente cessa. Mesmo que ela tente, não se pode envolver na ação. Deus não permitiria que ela agisse. Por exemplo, a nora que está grávida é gradualmente aliviada do seu trabalho doméstico, e quando a criança realmente nasce, não lhe é dado nada para fazer e ela é deixada exclusivamente para cuidar da criança. Aqueles que não são dotados da qualidade de *Sattva* têm de atender a todos os deveres mundanos. Com completa dedicação ao Senhor, devem comportar-se como os servos na casa de um homem rico. Isto é o que se chama Karma Yoga. O seu segredo consiste em repetir o nome do Senhor e meditar N'Ele tanto quanto se possa, e ao mesmo tempo atender aos próprios deveres no espírito de dedicação descrito anteriormente.

816. Tudo o que oferecerdes a Deus retornar-vos-ia multiplicado por mil. Por isso, no final de todo o Karma (sacrifício), tem de se derramar um punhado de água, dedicando o fruto do Karma a Krishna.

817. Quando Yudhishthira estava prestes a oferecer até os seus pecados a Krishna, Bhima alertou-o dizendo: "Não, não, não deves fazer isso; tudo o que ofereceres a Krishna voltará para ti multiplicado por mil."

A DEVOÇÃO COMO UMA SALVAGUARDA NO CAMINHO DO TRABALHO

818. O trabalho sem apego, contudo, é excessivamente difícil, especialmente nesta era. Por isso, a comunhão pela oração, devoção e Amor foi ordenada como melhor adaptada a esta era do que a comunhão pelo Trabalho ou pelo Conhecimento e pela filosofia. Ninguém, contudo,

pode evitar o trabalho. Cada operação mental é trabalho. A consciência "eu sinto" ou "eu penso" envolve trabalho. O que se quer dizer com o caminho da devoção na sua relação com o Trabalho é que o trabalho é simplificado pela devoção ou pelo amor a Deus. Em primeiro lugar, este amor a Deus reduz a quantidade do trabalho de alguém ao fixar a mente no seu próprio ideal, isto é, Deus. Em segundo lugar, ajuda a trabalhar desapegado. Não se pode amar a Deus e ao mesmo tempo amar riquezas, prazer, fama ou poder. Aquele que uma vez provou a bebida preparada com o açúcar cande de Ola não quer saber daquela feita com melaço.

819. Nesta era, o Trabalho sem devoção a Deus não tem pernas para andar. É como uma fundação de areia. Primeiro cultivai a devoção. Todas as outras coisas — escolas, dispensários, etc. — ser-vos-ão, se quiserdes, acrescentadas. Primeiro a devoção, depois o trabalho. O trabalho, separado da devoção ou do amor a Deus, é desamparado e não se pode sustentar.

820. Para este *Kali Yuga*, *Naradiya-Bhakti*, ou a comunhão com Deus pelo amor, devoção e rendição pessoal conforme praticado e pregado pelo Rishi Narada, é ordenado. Dificilmente há tempo para Karma Yoga, isto é, para fazer os vários deveres ritualísticos impostos ao homem pelas escrituras. Não vedes que a bem-conhecida decocção das dez raízes medicinais conhecida como *Dashamulapachana* não é o remédio para as febres dos dias de hoje? O paciente corre o risco de ser levado antes que o medicamento tenha tido tempo de fazer efeito. A "mistura para a febre" é, portanto, a ordem do dia.

821. Um discípulo: A pressão do trabalho impede que se entregue a mente a Deus, não é verdade? O Mestre: Oh sim, sem dúvida, é assim; mas um Jnani pode trabalhar desapegado, e então o trabalho não o prejudicará. Se desejardes sinceramente, o Senhor ajudar-vos-á, de modo que o cativeiro do trabalho gradualmente cairá.

822. Sri Ramakrishna disse uma vez, dirigindo-se a Iswar Chandra Vidyasagar, o grande filantropo da Índia: "A sua natureza é feita de *Sattva*, isto é, o elemento puro que conduz à iluminação ou ao verdadeiro Conhecimento. Apenas o seu *Sattva* está naquela fase que o torna ativo e devotado à realização de boas obras. A caridade, a compaixão, a bondade para com os outros, etc., são boas se praticadas sem apego. Se forem assim praticadas, e forem acompanhadas de Bhakti (devoção ao Supremo), conduzirão a Deus."

823. Devereis pensar em Deus apenas na altura da meditação e permanecer esquecidos d'Ele em todos os outros momentos? Não reparastes como durante a Durga Puja uma lâmpada é mantida constantemente acesa perto da imagem? Nunca se deve permitir que ela se apague. Se alguma vez for extinta, o chefe de família encontra alguma desgraça. Da mesma forma, após instalardes a Divindade no lótus do vosso coração, deveis manter a lâmpada de Lembrar-Vos d'Ele sempre acesa. Enquanto estiverdes envolvidos nos assuntos do mundo, deveis constantemente voltar o vosso olhar para o interior e ver se a lâmpada está acesa ou não.

O TRABALHO COMO SERVIÇO EQUIVALE À ADORAÇÃO

824. Sri Ramakrishna estava um dia a expor a essência do culto de Sri Gauranga nas seguintes palavras: "Esta fé insiste que o homem deve em todos os momentos tentar cultivar três coisas — deleite no 'nome' do Senhor, simpatia amorosa por todos os seres vivos e serviço aos devotos. Deus e o Seu nome são idênticos. Sabendo disto, deve-se pronunciar o 'nome' do Senhor com grande Amor e fervor. Os devotos de Deus devem ser respeitados e adorados na convicção de que não há diferença entre o Senhor e os seus adoradores, entre Krishna e o Vaishnava. Com o conhecimento de que o universo inteiro é o lar do Senhor, deve-se mostrar piedade a todas as criaturas..." Proferindo as últimas palavras "piedade a todas as criaturas" de uma forma bastante abrupta, o Mestre entrou em Samadhi. Algum tempo depois — regressando a um estado semiconsciente —, o Mestre exclamou: "Piedade às criaturas! Piedade às criaturas! Vilão! tu que és inferior até a um verme, como ousas falar em mostrar piedade às criaturas! Quem és tu para lhes mostrarem piedade? Não, não, não é piedade às criaturas, mas serviço a elas na consciência de que são verdadeiramente o próprio Deus."

[1]: Estes foram dois dos principais discípulos do Senhor Chaitanya. Eles construíram o famoso santuário de Govindaji em Brindavan. [2]: A senhora brâmane que iniciou Sri Ramakrishna nas Sadhanas Tântricas.

TRABALHO, UM MEIO E NÃO UM FIM

825. Dirigindo-se a um grupo de entusiastas reformadores sociais, o Mestre disse: "Falais com tanta facilidade sobre fazer o bem ao mundo. O mundo ao qual desejais fazer o bem — será uma coisa assim tão pequena?

Em segundo lugar, peço-vos, quem sois vós para fazerdes o bem ao mundo? Primeiro, passai por práticas devocionais e vede Deus. Só então é que a inspiração e o poder virão até vós, e podereis falar em fazer o bem. Não antes disso." Um devoto: Senhor, quereis dizer com isso que devemos abandonar todo o trabalho até termos visto Deus? O Mestre: Não, meu caro senhor. Por que haveríeis de abandonar todo o trabalho? Meditação, cantar de hinos, repetição dos Seus santos nomes e outros exercícios devocionais — por estes deveis passar. O devoto: Refiro-me ao trabalho ligado ao mundo. Devemos abandonar todos os assuntos mundanos? O Mestre: Podeis atender a eles também, apenas tanto quanto não possais passar sem eles para viver neste mundo. Mas deveis, ao mesmo tempo, rezar ao Senhor com lágrimas nos olhos pela Sua graça, e por força para cumprirdes os vossos deveres sem a expectativa de qualquer recompensa ou medo de castigo neste mundo ou no próximo.

826. Não vos podeis livrar do trabalho, porque a Natureza vos conduzirá a ele. Sendo assim, que todo o trabalho seja feito como deve ser. Se o trabalho for feito de forma desapegada, conduzirá a Deus. Trabalhar sem qualquer apego é trabalhar sem a expectativa de qualquer recompensa ou medo de qualquer castigo neste mundo ou no próximo. O trabalho assim feito é um meio para o fim, e Deus é o fim.

827. O trabalho é um meio, se feito de forma desapegada; mas o fim da vida é ver Deus. Permiti-me repetir que o meio não deve ser confundido com o fim — que a primeira etapa de uma estrada não deve ser tomada pela meta. Não, não considereis o trabalho como o Alfa e o Ómega, o ideal da existência humana. Rezai pela devoção a Deus. Suponde que tendes a sorte de ver Deus. Então, por que rezaríeis? Rezaríeis por dispensários e hospitais, tanques e poços, estradas e casas de esmolas? Não, estas são realidades para nós enquanto não vemos Deus. Mas uma vez colocados face a face com a visão Divina, vemo-los como são — coisas transitórias que não são melhores do que sonhos. E então rezaríamos por mais luz — mais conhecimento no sentido mais elevado, mais amor Divino — o amor que nos eleva de homens a Deus, o amor que nos faz realizar que somos realmente filhos do Ser Supremo de Quem tudo o que se pode dizer é que Ele existe, que Ele é o próprio Conhecimento no sentido mais elevado, e que Ele é a fonte eterna de amor e bem-aventurança.

828. Referindo-se a um devoto seu, o Mestre disse uma vez: "Sambhu Mallick falou uma vez em fundar hospitais e dispensários,

escolas e colégios — em abrir estradas, perfurar poços e cavar tanques para o bem de todos. Eu disse-lhe: 'Sim, mas deveis estar desapegado ao fazer o bem aos outros, e deveis ter o cuidado de assumir apenas os trabalhos que surgirem no vosso caminho — trabalhos, também, que pareçam ser de necessidade urgente. Não os procureis — não procureis mais trabalho do que aquele que podeis gerir bem. Se o fizerdes, perdereis o Senhor de vista.'"

TRABALHO E AUSÊNCIA DE TRABALHO

829. Quando o puro *Sattva* surge num homem, ele apenas medita em Deus e não encontra prazer em nenhum outro trabalho. Alguns nascem com este puro *Sattva* por causa das suas ações passadas. Mas qualquer um pode desenvolver esta qualidade pura se continuar a realizar trabalho desinteressado num espírito de devoção e dedicação a Deus. Se houver *Sattva* com uma mistura de *Rajas*, a mente devagar distrai-se em várias direções e traz na sua esteira o sentimento egotista: "Eu farei o bem ao mundo." É altamente perigoso para os Jivas comuns tentarem fazer o bem ao mundo. Mas é bom se um homem trabalha sem motivo para o benefício dos outros; não há perigo nisso. Este tipo de trabalho é chamado *Nishkama Karma*. É inteiramente desejável fazer tais obras. Mas nem todos o conseguem fazer! Muito difícil!

830. Todos têm de fazer trabalho; apenas alguns podem renunciar a ele. Esse tipo de puro *Sattva* é encontrado apenas em muito poucas pessoas. Se uma pessoa continuar a realizar o seu trabalho com devoção e desapego, *Sattva* purifica-se do seu elemento de *Rajas*. E em virtude desta obtenção do puro *Sattva*, ela realiza Deus. As pessoas comuns não conseguem compreender este estado de puro *Sattva*.

831. A renúncia ao trabalho vem por si mesma quando o amor intenso a Deus cresce no coração. Que trabalhem aqueles que são levados a fazê-lo por Deus. Quando o tempo estiver maduro, deve-se renunciar a tudo e dizer: "Vem, Ó minha mente, vamos vigiar juntos a Divindade instalada no coração."

832. A *Sandhya* perde-se na *Gayatri*; a *Gayatri* perde-se no *Pranava*; o *Pranava* no final perde-se no Samadhi. Assim, todo o Karma (*Sandhya* e semelhantes) por fim perde-se no Samadhi.[1]

833. Enquanto a mente não estiver absorvida em Sach-chidananda, o homem tem de fazer ambos — clamar pelo Senhor e atender ao trabalho

no mundo. Mas quando a mente está absorvida N'Ele, não há mais necessidade de qualquer trabalho. Por exemplo, tomemos a ilustração do *Kirtan*. Um homem canta: "*Nitai amar mata hati* (O meu Nityananda é um elefante no cio)." Quando isto é cantado ao início, o cantor presta atenção a todos os detalhes — o tom, o tempo, a melodia, etc. Mas quando a sua mente está um pouco absorvida no canto, ele diz simplesmente: "*Mata hati, mata hati*." Num estágio posterior de absorção, diz apenas: "*Hati, hati*." Num estágio ainda mais avançado, diz simplesmente: "*Ha, ha*," e nada mais.

834. Por isso eu digo, no início há muita agitação de Karma. Mas quanto mais procederdes em direção a Deus, menos ele crescerá. Finalmente vem a completa renúncia ao trabalho e a obtenção do Samadhi. Geralmente o corpo não permanece muito tempo após a obtenção do Samadhi. Mas no caso de alguns, ele permanece para o trabalho de ensinar o mundo. Sábios como Narada e Encarnações Divinas como Sri Chaitanya são exemplos disso. Depois de um poço estar cavado, alguns deitam fora todas as pás e cestos, mas outros preservam-nos com a ideia de que podem ser de alguma utilidade para qualquer um dos seus vizinhos. Tais grandes almas movem-se de piedade à vista dos sofrimentos do mundo. Não são tão egoístas a ponto de se importarem apenas com a obtenção de Jnana para si próprias.

CAPÍTULO XVII

O DIVINO

(Brahman [O Absoluto Impessoal ou Suprapessoal] — Brahman e a realidade das experiências relativas — Divindade Pessoal, conhecida também como Isvara, Maya e Sakti — Deus em tudo — O Divino tanto com como sem forma — Algumas formas Divinas — Imanência Divina — O Divino e a responsabilidade moral do homem)

BRAHMAN (O ABSOLUTO IMPESSOAL OU SUPRAPESSOAL)

835. Qual é a conceção de Brahman? Não pode ser explicada em palavras. Se um homem for instado a dar uma ideia do oceano a alguém que nunca o viu, ele só pode dizer: "É uma vasta extensão de água, uma grande extensão de água; é água, água por todo o lado."

836. Os Vedas, os Tantras, os Puranas e todas as sagradas escrituras do mundo tornaram-se *Uchchhishta*, por assim dizer (isto é, contaminados como a comida deitada fora da boca), porque saíram de bocas humanas e foram muitas vezes repetidos por elas. Mas Brahman ou o Absoluto nunca foi assim contaminado, pois ninguém foi ainda capaz de O exprimir pela fala.

837. Qual é a natureza de Brahman? É sem atributos, sem movimento, imóvel, inabalável, firme como o monte Meru.

838. Brahman é desapegado do bem ou do mal. É como a chama de uma lâmpada. Podeis ler o Bhagavata (uma sagrada escritura) ou forjar um documento — podeis fazer ambos com a ajuda da mesma luz. Novamente, Brahman é como uma serpente. Que importa se ela tem veneno nas suas presas? Ela não é pior por isso; o veneno não causa a sua morte. É veneno apenas para as outras criaturas que porventura morda. Quase da mesma forma, a miséria, o pecado e qualquer outro mal que encontremos neste mundo, são apenas assim em relação a nós. Brahman está acima e além de tudo isto. O bem e o mal na criação não o são para Brahman. Ele não deve ser julgado por nenhum padrão humano de bem e mal.

839. Brahman está acima e além tanto do conhecimento como da ignorância, do bem e do mal, de Dharma e Adharma. Está de facto além de todas as multidões duais.

840. Brahman está além da mente e da fala, além da concentração e da meditação (*Dharana* e *Dhyana*), além do conhecedor, do conhecido e do conhecimento, além até da conceção do real e do irreal. Em suma, está além de toda a relatividade.

841. O Absoluto é como o ar que carrega odores, sejam eles bons ou maus, mas permanece sempre contaminado por eles.

842. O Absoluto está além de todos os atributos — além do que quer que esteja ligado a Maya.

BRAHMAN E A REALIDADE DA EXPERIÊNCIA RELATIVA

843. Apenas Deus é verdadeiro; as Suas manifestações como seres vivos e o mundo (Jiva e Jagat) são inverídicas, isto é, não eternas.

844. É uma coisa fácil dizer que o mundo é uma ilusão, mas sabeis o que isso realmente significa? É como a queima da cânfora, que não deixa resíduos. Não é sequer como a queima da madeira, que deixa cinzas para trás. Apenas quando o discernimento termina, e o Samadhi mais elevado é alcançado, não há absolutamente nenhum reconhecimento de "eu", "tu" e o universo.

845. No decorrer das suas instruções ao seu discípulo, o Guru ergueu dois dedos, com o que queria dizer a dualidade de Brahman e Maya. Depois, baixando um dedo, ensinou-lhe que, quando Maya desaparece, nada do Universo resta. Apenas o Brahman Absoluto é.

846. Brahman, o absoluto e o incondicionado, é realizado apenas em Samadhi. Então tudo é silêncio — toda a conversa sobre realidade e irrealidade, de Jiva e Jagat, de conhecimento e ignorância, é silenciada. Resta, então, apenas a "Existência" (Ser), e nada mais. Pois verdadeiramente a boneca de sal não conta nenhuma história quando se tornou uma com o mar infinito. Isto é *Brahma-jnana*.

847. Pergunta: Como surgiu a ilusão do Atman indiferenciado se ter diferenciado na alma individual? Resposta: O Advaitin dialético, enquanto confia nos poderes não ajudados da sua razão, responde a esta pergunta dizendo: "Não sei." A resposta que a realização dá é a única conclusiva. Enquanto disserdes "eu sei" ou "eu não sei", considerais-vos como uma pessoa. E como tal, deveis tomar estas diferenciações como factos, não como ilusão. Quando toda a personalidade é apagada, realiza-se o conhecimento do Absoluto em Samadhi. Só então são postas em descanso para sempre todas essas questões de ilusão e não ilusão, facto e ficção.

848. Enquanto fordes uma pessoa, o vosso Absoluto deve implicar um "relativo", o vosso *Nitya* (o Imutável) deve implicar uma *Lila* (mudança), a vossa Substância deve implicar qualidades, o vosso Impessoal deve implicar um "ser pessoal", o vosso Um deve implicar "muitos".

849. Enquanto estiverdes no plano da relatividade, deveis admitir tanto a "manteiga" como o "soro de leite coalhado" — deveis admitir tanto o Deus Pessoal como o universo. Para explicar a analogia, o leite original é Brahman realizado em Samadhi, a "manteiga" o Deus Impessoal-pessoal, e o "soro de leite coalhado" o universo composto pelas vinte e quatro categorias.

850. Não diga o Advaitin: "A minha posição é a única correta, racional e sustentável; aqueles que acreditam num Deus Pessoal estão

errados." As manifestações pessoais de Deus não são de modo algum menos reais, mas infinitamente mais do que o corpo, a mente ou o mundo exterior.

851. Mal falais de Advaita (monismo) já postulais o Dvaita (pluralismo). Falando do Absoluto, dais como certo o "relativo". Pois o vosso absoluto, até ser realizado em Samadhi, é na melhor das hipóteses o correlativo do relativo, se não for de facto uma mera palavra vazia. Não podeis possivelmente colocá-Lo como Ele é; pois ao fazê-lo não podeis deixar de O esmaltar com um elemento estranho, isto é, com a vossa própria personalidade.

852. Enquanto houver o "eu" em mim, há também o Deus Pessoal diante de mim, Revelando-Se através de várias formas de glória, e como o mundo e os seres vivos.

DIVINDADE PESSOAL CONHECIDA TAMBÉM COMO ISVARA, MAYA E SAKTI

853. Quando o Ser Supremo é pensado como sem ação — nem criando, sustentando nem destruindo —, chamo-Lhe pelo nome de Brahman ou Purusha. Mas quando penso N'Ele como ativo — criando, sustentando e destruindo —, chamo-Lhe pelo nome de Sakti ou Maya ou Prakriti.

854. Enquanto falava da teoria Sankhya de que o mundo saiu de Purusha e Prakriti, o Mestre disse um dia: "A filosofia Sankhya diz que o Purusha é sem ação e Prakriti está a fazer todas as obras. O Purusha é apenas uma testemunha de todas estas atividades. Prakriti também não pode fazer nenhum trabalho por si mesma sem o Purusha. Vistes como as coisas acontecem numa casa durante um casamento? O dono da casa senta-se num lugar, a passar o tempo com o seu *Hookah* e a dar ordens. Mas a dona da casa move-se sempre daqui para ali na casa, vestida com um pano marcado com açafrão-da-terra. Ela está ocupada a supervisionar os preparativos e a receber cordialmente mulheres e crianças. De vez em quando vai ter com o dono da casa, relata todos os acontecimentos e pede conselhos com a ajuda de gestos e movimento dos lábios. Compreendendo tudo o que ela quer transmitir, o mestre apenas acena com a cabeça ou expressa a sua aprovação. O caso de Prakriti e Purusha é exatamente como este."

855. O Brahman sem ação e a Sakti ativa são de facto uma e a mesma coisa. Aquele que é a Existência-Inteligência-Bem-Aventurança Absoluta é também a Mãe do universo Omnisciente, Omniinteligente e Omnibem-aventurada. Uma pedra preciosa e a sua luminosidade são uma e a mesma coisa, pois não se pode imaginar uma pedra sem ela, e vice-versa.

856. Deus o absoluto e Deus o pessoal são uma e a mesma coisa. A crença num implica a crença no outro. O fogo não pode ser pensado separado do seu poder de queimar; nem o seu poder de queimar pode ser pensado separado dele. Novamente, os raios do sol não podem ser pensados separados do sol, nem o sol separado dos seus raios. Não se pode pensar na brancura do leite separada do leite, nem no leite separado da sua brancura leitosa. Assim, Deus o absoluto não pode ser pensado separado da ideia de Deus com atributos, isto é, o Deus Pessoal, e vice-versa.

857. A distinção entre Brahman e Sakti é realmente uma distinção sem diferença. Brahman e Sakti são um (*Abheda*), tal como o fogo e o seu poder de queimar são um. Brahman e Sakti são um, tal como o leite e a brancura do leite são um. Brahman e Sakti são um, tal como uma gema e o seu brilho são um. Não se pode conceber um sem o outro, ou fazer uma diferença entre eles.

858. Onde quer que haja ação — criação, preservação e destruição —, há Sakti. A água é água quer esteja calma ou perturbada. Aquela Existência-Inteligência-Bem-Aventurança Absoluta é a Energia inteligente eterna que cria, preserva e destrói o universo, tal como o Capitão[2] é o mesmo quer permaneça inativo às vezes, quer se envolva noutras alturas na realização da adoração ou na visita ao Governador-Geral. Ele é o mesmo Capitão, apenas estas são as suas diferentes *Upadhis* ou estados.

859. Assim como às vezes estou vestido e outras vezes nu, assim Brahman está às vezes com atributos e outras vezes sem eles. O *Saguna Brahman* (Deus com atributos) é Brahman em combinação com a Energia (Sakti). Ele é então chamado Isvara ou Deus Pessoal.

860. Saiba-se que a minha Mãe Divina é tanto uma como muitas, e também está além de uma e muitas.

861. A minha Mãe Divina é o único Ser manifestado como muitos. Detentora de poder infinito Ela mesma, Ela diferenciou-Se em Jiva e Jagat (seres vivos e o universo) de múltiplos poderes — físicos, intelectuais, morais e espirituais. E a minha Mãe Divina não é outra senão o Brahman da Vedanta. Ela é o aspeto Pessoal do Brahman Impessoal.

DEUS EM TUDO

862. O reto discernimento é de dois tipos — analítico e sintético. O primeiro conduz a pessoa dos fenómenos ao Brahman Absoluto, enquanto pelo segundo ela sabe como o Brahman Absoluto aparece como o universo.

863. Mesmo aqueles que realizaram o Absoluto em Samadhi descem ao plano inferior da consciência sensorial, e têm apenas o ego suficiente restante para manter a comunhão com o Deus Pessoal. É muito difícil erguer a voz incessantemente até "Ni" (Si), a nota mais alta da escala musical. Daí a necessidade da devoção ao Deus Pessoal.

864. Apenas àquele que desce do Samadhi para o plano da consciência sensorial é deixado um ego fino como uma linha (*Rekha*) — um comprimento sem largura —, apenas a individualidade suficiente para reter a visão espiritual (*Divya-chakshus*). Isto permite-lhe ver Jiva e Jagat, incluindo o seu próprio eu, como o Um que Se manifesta em diferentes formas. Esta visão de glória vem ao Vijnani que realizou o *Nirakara Nirguna Brahman* (Divindade sem forma e sem atributos) em Jada ou Nirvikalpa Samadhi (êxtase sem conteúdo objetivo), e também o *Sakara Saguna Brahman* (Divindade com forma e atributos) em Chetana ou Savikalpa Samadhi (êxtase com conteúdo objetivo). Não podeis conceber, pensar em, perceber Deus de outra forma senão como uma pessoa, enquanto fordes uma pessoa com um ego próprio; o Incondicionado não pode deixar de Se manifestar a vós — tanto dentro como fora — como um ser condicionado, como o Deus Pessoal. Estas manifestações pessoais da Divindade não são de modo algum menos reais do que o corpo, a mente e o mundo exterior; antes são infinitamente mais reais do que estes.

865. É um caso de involução e evolução. Caminhais para trás até ao Ser Supremo e a vossa personalidade perde-se na d'Ele — isto é Samadhi. Então, com esta personalidade mais elevada, retorceis os vossos passos e voltais ao ponto de onde partistes, apenas para ver que o universo e o vosso ego são evoluídos do mesmo Ser Supremo, e que Deus, o homem e a Natureza são identidades, de modo que se vos agarrardes a um deles realizais os outros.

866. De quem é esta *Lila* (este universo de mudança, cujas manifestações podem ser chamadas um jogo de Deus), d'Ele é aquele *Nitya* (o estado absoluto). E novamente, Aquele que está nesse estado *Nitya*, d'Ele é esta *Lila*. É através da *Lila* que deveis tatear o vosso caminho até ao *Nitya*. É novamente a partir do *Nitya* que deveis tatear o vosso caminho de

volta à *Lila* — agora já não irreal, mas a manifestação do *Nitya* no plano sensorial.

867. Assim como a casca, o miolo e a semente de um fruto são todos produzidos a partir de uma semente progenitora da árvore, assim a partir do único Senhor é produzida toda a criação, animada e inanimada, espiritual e material.

868. O Mestre costumava dizer: "Eu aceito tudo: o estado superconsciente, o estado desperto, o sonho, o sono profundo. Brahman, Jiva, a criação — eu aceito todos estes (diferentes estados ou manifestações do Ser). Caso contrário, o peso total sofrerá diminuição; por isso aceito tanto o Absoluto como a manifestação."

869. Se apenas Deus existe, como veio a existir este mundo, com as suas diversidades e desigualdades causadas pelos egos individuais? Referindo-se a este mistério, o Mestre disse: "É o Seu jogo, a Sua *Lila*! Um rei tem quatro filhos. Eles são todos príncipes, mas quando brincam, um torna-se o ministro, outro o polícia, e assim por diante. Um príncipe, e no entanto a brincar como polícia!"

O DIVINO TANTO COM COMO SEM FORMA

870. Uma certa pessoa perguntou ao Mestre: "Senhor, qual o aspeto de Deus que é mais elevado? Aquele com forma ou sem forma?" O Mestre respondeu: "O aspeto sem forma é de dois tipos — maduro e imaturo. O maduro é de facto muito elevado. Tem de ser alcançado através de Deus com forma. O imaturo, como professado pelos Brahmos, é como a escuridão percebida meramente ao fechar os olhos."

871. Deus é sem forma, e Deus é possuidor de forma também. E Ele é também aquilo que transcende tanto a forma como a ausência de forma. Ele só sabe tudo o que Ele é.

872. Sabeis como é o aspeto da forma de Deus? É como o surgimento de bolhas numa extensão de água. Pode ser realmente visto que as diferentes formas estão a surgir do *Chidakasa* (céu da Pura Consciência). A Encarnação Divina é uma das formas.

873. A menos que se veja Deus, não se é capaz de realizar tudo isto. Por causa daqueles que amam o Senhor, Ele manifesta-Se de várias maneiras e em várias formas. Um tintureiro tinha a sua própria maneira de tingir roupas. Ele perguntava ao cliente: "De que cor quer que as suas roupas sejam tingidas?" Se ele dissesse vermelho, o tintureiro mergulhava

o pano na sua cuba e trazia-o para fora dizendo: "Aqui está o seu pano tingido de vermelho." Outro queria o seu pano tingido de amarelo. O tintureiro mergulhava-o na mesma cuba e, quando o trazia para cima, estava tingido de amarelo. Da mesma forma, quando outra cor era desejada — azul ou laranja ou violeta ou verde —, a mesma cuba era usada com o mesmo resultado. Um cliente que estava a observar tudo isto aproximou-se do tintureiro e disse: "Meu amigo, não sou apreciador de nenhuma cor em particular. Desejo consultar o seu gosto e gostaria de ter o meu pano tingido exatamente como entender. Quero a cor com a qual se tingiu a si próprio." O Senhor manifesta-Se, com forma ou sem forma, exatamente de acordo com a necessidade do devoto. A visão manifestada é relativamente verdadeira, isto é, verdadeira em relação a diferentes homens colocados em diferentes condições e ambientes. O Tintureiro Divino só Ele sabe em que cor Se tingiu a Si próprio. Verdadeiramente Ele não está limitado por nenhuma limitação quanto às formas de manifestação, ou à sua negação.

[1]: A ideia é esta: Sandhya consiste nos rituais e orações realizados pelos hindus de casta elevada ao nascer e ao pôr-do-sol. A parte mais importante dela é a meditação na Gayatri (Rig Veda, III. 62. 10), o maior Mantra dos Vedas. Pranava ou Om, o símbolo sonoro místico de Deus, é prefixado a este magnífico Mantra. A verdadeira meditação no "Om" conduz ao Samadhi e à realização de Deus. Assim, os Karmas, ou deveres piedosos do tipo da Sandhya, têm o seu fim último na realização de Deus.

[2]: Visvanath Upadhyaya, o Agente do Governo do Nepal em Calcutá. Sri Ramakrishna costumava chamar-lhe "Capitão".

874. Um certo monge foi ao templo de Jagannath em Puri. Ele tinha dúvidas sobre se Deus é com forma ou sem forma. Quando viu a imagem sagrada, desejou examiná-la e resolver a sua dúvida. Passou o seu bastão da esquerda para a direita a fim de sentir se tocava na imagem. Durante um tempo, não conseguiu ver nada nem sentir nada com o bastão. Assim, decidiu que Deus era sem forma. Quando estava prestes a passar o bastão da direita para a esquerda, este tocou na imagem. Então o monge decidiu que Deus é tanto com forma como sem forma.

875. Quando um sino é tocado, os repetidos badalos podem ser distinguidos, um do outro, como se cada som tivesse uma forma; mas quando paramos o toque, o som indistinguível, que é audível por um

momento e gradualmente desaparece, parece sem forma. À semelhança dos sons do sino, Deus é tanto com como sem forma.

876. Deus com forma é visível. Sim, podemos tocar-Lhe e falar com Ele face a face como com o nosso próprio amigo mais querido.

877. Pensar N'Ele como sem forma é inteiramente correto. Mas tende cuidado para não vos deixardes levar pela ideia de que apenas essa visão é verdadeira e de que tudo o resto é falso. Meditar N'Ele como um ser com formas é igualmente correto. Mas deveis agarrar-vos à vossa visão particular até realizardes Deus; e então tudo ficará claro.

878. Deus é o Brahman absoluto e eterno, bem como o Pai do universo. Mas o Brahman indivisível, que é pura Existência, Inteligência e Bem-Aventurança, é incompreensível como um vasto oceano sem praias, sem limites nem fronteiras, no qual apenas nos debatemos e afundamos. Mas quando entramos no espírito do lúdico Deus Pessoal, obtemos facilmente a paz, tal como o homem que se afunda ao ser gentilmente levado para a praia.

879. Num certo estágio do caminho da devoção, o devoto encontra satisfação em Deus com forma, e noutro estágio, em Deus sem ela.

880. A um Bhakta, o Senhor manifesta-Se em várias formas. Mas a uma pessoa que alcança o cume de *Brahma-jnana* em Samadhi, Ele é o Brahman sem atributos mais uma vez, sem forma e incondicionado. Nisto reside a conciliação entre Jnana e Bhakti.

881. Assim como a água, quando congelada, se torna gelo, a forma visível do Todo-Poderoso é a manifestação materializada do Brahman sem forma que tudo perpassa. Pode ser chamado, de facto, Sachchidananda solidificado. Assim como o gelo, que é parte integrante da água, permanece na água e depois se derrete nela, assim o Deus Pessoal, que é parte integrante do Impessoal, surge do Impessoal, permanece ali e, por fim, funde-se N'Ele e desaparece.

882. O fogo em si não tem uma forma definida, mas como brasas incandescentes assume diferentes formas. Assim, o fogo sem forma é visto dotado de formas. Da mesma maneira, o Deus sem forma às vezes reveste-Se de formas definidas.

ALGUMAS FORMAS DIVINAS

883. Deus aparece de várias maneiras — às vezes em forma humana, às vezes como uma expressão espiritual (*Chin-maya-rupa*). Mas deve-se ter crença nas formas Divinas.

884. Ninguém pode dizer como é Sachchidananda. É por isso que Ele primeiro tomou a forma de Ardhanarisvara (metade homem e metade mulher). Sabeis por que razão Ele agiu assim? É para mostrar que tanto Prakriti como Purusha são Ele próprio. Num degrau ainda mais abaixo, Sachchidananda tornou-Se em vários Purushas e Prakritis.

885. A água do mar parece azul-escura à distância, mas quando colheis um pouco dela na mão, é toda pura e límpida. Assim, o Senhor Krishna parece azul-celeste à distância, mas Ele não é realmente assim. Ele é o Absoluto, impecável e sem cor.

886. Sri Krishna é chamado *Tribhanga*, isto é, curvado em três direções diferentes. Apenas uma coisa macia é capaz de ser torcida. Portanto, esta forma de Sri Krishna implica que Ele deve ter sido amaciado de alguma forma ou de outra. O amaciamento, neste caso, é justificado por Prema, o Amor extático.

887. Um devoto: Por que razão a Mãe Divina é chamada Yogamaya? O Mestre: Yogamaya significa a união de Purusha e Prakriti. Tudo o que vedes não é senão essa união dos dois. Não vistes a imagem de Siva-Kali — Kali em pé sobre Siva? Siva está deitado prostrado como um cadáver e Kali está de pé com um olhar fixo sobre Siva. Tudo isto significa a mesma união Purusha-Prakriti. Purusha está inativo, por isso Siva está deitado inerte como um cadáver. Mas em virtude da união com Ele, Prakriti está a fazer tudo — criação, preservação e destruição. O mesmo é o significado da imagem acoplada de Radha e Krishna.

888. Quanto mais avançardes em direção a Deus, mais descobrireis que a Sua grandeza de atributos vai diminuindo. A primeira visão que um aspirante obtém é a da forma de dez mãos (Durga) — a forma da Senhora Suprema do universo. Nessa forma há uma grande expressão de poder e grandiosidade. A seguir, Ela aparece numa forma de duas mãos; já não existem os dez braços com todas as suas respetivas armas. Depois vem a visão da forma de Gopala. Aqui não há absolutamente nenhuma expressão de poder e grandiosidade — é simplesmente a forma de uma criança terna. Há uma visão ainda superior a esta — a visão da Luz resplandecente.

IMANÊNCIA DIVINA

889. Deus está em todos os homens, mas nem todos os homens estão em Deus; é por isso que eles sofrem.

890. Cada objeto é Narayana (isto é, Deus). O homem é Narayana, o animal é Narayana, o sábio é Narayana, o velhaco também é Narayana. Tudo o que existe é Narayana. A Divindade (Narayana) diverte-se em vários aspetos. Todas as coisas são as Suas diversas formas e as manifestações da Sua glória.

891. Diz Deus: "Eu sou a serpente que morde e o encantador que cura; eu sou o juiz que condena e o servo que aplica o castigo."

892. A manifestação de Sakti (o poder Divino) varia em diferentes centros de atividade; pois a variedade é a lei, não a igualdade. Deus é imanente em todas as criaturas; Ele está até na formiga. A diferença está apenas na manifestação.

893. O poder Divino é maior naqueles que são honrados, respeitados e obedecidos por um grande número de seguidores do que naqueles que não têm tal influência.

894. Pergunta: Como habita o Senhor num corpo físico? Resposta: Ele habita no corpo como uma haste de pistão numa seringa; Ele está no corpo, e no entanto separado dele.

O DIVINO E A RESPONSABILIDADE MORAL DO HOMEM

895. Pergunta: Se Deus Se tornou tudo, não há pecado e virtude? Resposta: Sim, há, e ao mesmo tempo não há. Enquanto Ele preservar o ego em nós, retém em nós também a apreensão da dualidade e a consciência do pecado e da virtude. Mas às vezes, em alguns, Ele apaga completamente o ego; então eles vão além de todo o bem e mal. Enquanto não se realizar Deus, a perceção da dualidade e a ideia de bom e mau com certeza existirão. Podeis dizer por palavras que o bom e o mau se tornaram iguais para vós, que fazeis exatamente o que Ele vos faz fazer. Mas no íntimo do vosso coração sabeis que tudo isso são meras palavras. No momento em que praticardes algumas ações más, a vossa consciência começará a picar-vos.

896. Pergunta: Se é Ele quem me está a impulsionar para todas as ações, então eu não sou responsável pelos meus pecados. Ou sou? Resposta: Duryodhana também disse algo parecido. Ele disse: "Ó Senhor, Tu habitas no meu coração, e eu faço o que Tu me fazes fazer." Mas aquele que realmente acredita que apenas Deus é o realizador e que ele próprio é

apenas um instrumento, não pode cometer nenhum pecado. Um dançarino perfeito nunca dá um passo em falso. Na verdade, até o coração se tornar puro, não se pode sequer acreditar na existência de Deus.

897. Um devoto: Senhor, tenho uma dúvida. Dizem que a nossa vontade é livre; isto é, podemos fazer o que quisermos — bom, mau ou de outra forma. É verdade? O Mestre: Tudo depende da vontade do Senhor! Isto é tudo um jogo d'Ele. Ele está a fazer-nos realizar várias coisas de várias maneiras, boas e más, grandes e pequenas, fracas e fortes — tudo isto provém, em última análise, d'Ele. Homens bons, homens maus — todos estes são a Sua Maya, o Seu jogo. Por exemplo, todas as árvores de um jardim não são iguais em altura, beleza ou imponência. Enquanto não se realiza Deus, pensa-se que a própria vontade é livre. Mas é Ele quem mantém esta ilusão no homem. Caso contrário, teria havido um aumento poderoso de pecados; as pessoas não teriam temido fazer o mal, nem teria havido qualquer castigo para o crime ou para o pecado. Mas sabeis qual é a atitude daquele que realizou Deus? Ele diz e sente: "Eu sou a máquina, Tu és o mecânico; eu sou a casa, Tu és o habitante; eu sou a carruagem, Tu és o condutor; eu movo-me conforme me fazes mover; eu falo o que me fazes falar!"

898. Deus impele o ladrão a ir roubar e, ao mesmo tempo, avisa o chefe de família contra o ladrão. Ele faz tudo.

CAPÍTULO XVIII REALIZAÇÃO DO DIVINO

(Psicologia do homem com referência à realização de Deus — Kundalini e o despertar espiritual — Êxtase espúrio — Perceção de formas e sons Divinos — Samadhi e Brahma-jnana — A Psicologia do Samadhi — Vijnana que vem após o Samadhi)

PSICOLOGIA DO HOMEM COM REFERÊNCIA À REALIZAÇÃO DE DEUS

899. Este corpo que é feito dos cinco elementos é chamado o corpo grosseiro. O corpo subtil consiste em *Manas*, *Buddhi*, *Chitta* e *Ahamkara*. O corpo pelo qual se realiza a bem-aventurança da visão de Deus e se

continua a desfrutar da Sua união é o corpo causal. Nos Tantras é chamado *Bhagavati-tanu*. Além de tudo está o *Mahakarana* — a Causa Primeira.

900. Quando a mente está apegada à consciência do mundo exterior, vê objetos grosseiros e habita no *Annamaya-kosa*, o invólucro físico da alma, que depende do alimento. Quando a mente se volta para o interior, é como fechar a porta de uma casa e entrar nos seus aposentos interiores; isto é, vai do grosseiro para o subtil, daí para o causal, até atingir o estado causal final. Nesse estado, a mente está fundida no Absoluto e nada se pode dizer dela.

901. O Senhor Chaitanya costumava ter três tipos de estados: (1) o estado consciente no qual a mente habitava nos corpos grosseiro e subtil. (2) O estado semiconsciente no qual a mente se elevava ao corpo causal e sentia a bem-aventurança causal e (3) o estado de consciência voltada para o interior (estado superconsciente) no qual a mente costumava fundir-se completamente no *Mahakarana* — a grande Causa Primeira. Há uma grande semelhança entre isto e os cinco invólucros ou *Kosas* da Vedanta — os *Annamaya* e *Pranamaya Kosas* (formando juntos o corpo grosseiro), os *Manomaya* e *Vijnanamaya Kosas* (formando juntos o corpo subtil) e *Anandamaya-kosa* (formando o corpo causal). A Causa Primeira está além de todos estes *Kosas*. Quando a mente costumava fundir-se nesta Causa Primeira, ele (Sri Chaitanya) costumava cair em Samadhi; isto é conhecido como o *Nirvikalpa* ou *Jada Samadhi*.

KUNDALINI E O DESPERTAR ESPRITUAL

902. A menos que a Kundalini seja despertada, o despertar espiritual nunca acontece. A Kundalini[1] jaz adormecida no *Muladhara*. Quando Ela é despertada, entra na *Sushumna* e passa através de *Svadhishthana*, *Manipura* e outros centros, e finalmente atinge o centro cerebral, e então vem o Samadhi. Eu vi realmente tudo isto.

903. Um dos sinais da realização de Deus é que a Grande Energia (*Maha-vayu*) acorda com um sobressalto súbito e vai para a cabeça. Então cai-se em Samadhi e obtém-se a visão de Deus.

904. Descrevendo a sua experiência do erguer da Kundalini, o Mestre disse uma vez: "Algo se ergue com uma sensação de formigueiro desde os pés até à cabeça. Enquanto não atinge o cérebro, permaneço consciente, mas no momento em que o faz, fico morto para o mundo exterior. Até as funções de ver e ouvir param, e falar então está fora de

questão. Quem há de falar? A própria distinção entre 'eu' e 'tu' desaparece. Às vezes penso que vos contaria tudo sobre o que vejo e sinto quando esse poder misterioso se ergue até aqui, ou até aqui (apontando para o coração e para a garganta). Nesse estágio é possível falar, o que eu faço. Mas no momento em que ele passa acima disto (apontando para la garganta), alguém me amordaça a boca, por assim dizer, e fico fora das minhas amarras. Decido relatar-vos o que sinto quando a Kundalini vai além da garganta, mas mal penso nisso, a mente eleva-se num salto, e eis o fim da questão!" Muitas vezes o Mestre tentou descrever este estado, mas todas as vezes falhou. Um dia, estava determinado a contar aos presentes sobre estas experiências e continuou com a sua descrição delas até ao estágio em que a energia se ergue ao nível da garganta. Depois, apontando para o sexto centro, em frente à junção das sobrancelhas, disse: "Quando a mente atinge este ponto, vislumbra-se o Paramatman e cai-se em Samadhi. Apenas um véu fino e transparente se interpõe entre o Jiva e o Paramatman. Ele vê então assim..." E ao tentar explicá-lo em detalhe, caiu em Samadhi! Quando a sua mente desceu um pouco, tentou novamente, e novamente foi imerso em Samadhi! Após várias tentativas infrutíferas como esta, disse com lágrimas nos olhos: "Bem, eu desejo sinceramente contar-vos tudo sem esconder um bocadinho, mas a Mãe não me deixa fazê-lo de maneira nenhuma. Ela amordaçou-me!"

905. Referindo-se novamente às diferentes maneiras pelas quais a Kundalini se ergue até ao cérebro, o Mestre dizia frequentemente: "Bem, aquilo que se ergue até ao cérebro com uma sensação de formigueiro nem sempre segue o mesmo tipo de movimento. As escrituras falam de cinco tipos de movimento. Primeiro, o movimento tipo formiga: sente-se uma sensação de rastejar lento desde os pés para cima, como uma fileira de formigas a rastejar com comida na boca. Quando atinge a cabeça, o *Sadhaka* (aspirante espiritual) cai em Samadhi. Segundo, o movimento tipo rã: assim como as rãs dão dois ou três pequenos saltos em sucessão rápida e depois param por um momento para prosseguir de novo, da mesma forma sente-se algo a avançar das pernas para o cérebro. Quando isto atinge o cérebro, o homem obtém o Samadhi. Terceiro, o movimento serpentino: assim como as cobras jazem quietas, estendidas ou enroladas, mas assim que encontram uma vítima à frente, ou ficam assustadas, correm num percurso em ziguezague, de igual modo o poder enrolado corre para a cabeça, e isto produz o Samadhi. Quarto, o movimento tipo pássaro: assim

como as aves no seu voo de um lugar para outro ganham asas e voam às vezes um pouco alto e às vezes baixo, sem contudo parar até atingirem o seu destino, assim esse poder progride e atinge o cérebro, e o Samadhi sucede. Quinto e último, o movimento tipo macaco: assim como os macacos, ao irem de uma árvore para outra, dão um salto de um ramo para outro e assim vencem a distância em dois ou três saltos, assim o Yogi sente a Kundalini a ir para o cérebro, e o Samadhi sucede."

906. Estas experiências ele detalhava noutras ocasiões a partir do ponto de vista vedântico, como se segue: "A Vedanta fala de sete planos, em cada um dos quais o *Sadhaka* tem um tipo particular de visão. A mente humana tem uma tendência natural para confinar as suas atividades aos três centros inferiores — sendo o mais elevado destes em frente ao umbigo — e, portanto, contenta-se com a satisfação dos apetites físicos comuns, tais como comer e assim por diante. Mas quando atinge o quarto centro, isto é, aquele em frente ao coração, o homem vê um resplendor divino. Deste estado, contudo, ele decai frequentemente para os três centros inferiores. Quando a mente chega ao quinto centro, em frente à garganta, o *Sadhaka* não consegue falar de outra coisa senão de Deus. Enquanto eu estava neste estado, sentir-me-ia violentamente golpeado na cabeça se alguém levantasse tópicos mundanos diante de mim. Esconder-me-ia no isolamento de Panchavati, onde estava a salvo destas aflições. Fugiria à vista de pessoas de mentalidade mundana, e os parentes pareciam-me como um abismo escancarado, do qual não haveria fuga se eu caísse nele uma vez. Sinto-me sufocado na presença deles — quase ao ponto da morte, e só me sentia aliviado quando deixava o local. Mesmo desta posição, um homem pode escorregar para os três centros inferiores. Por isso ele tem de estar atento. Mas está acima de todo o medo quando a sua mente atinge o sexto centro, em frente à junção das sobrancelhas. Ele obtém a visão do Paramatman e permanece sempre em Samadhi. Há apenas um véu transparente e fino entre este lugar e o *Sahasrara* ou o centro mais elevado. Ele está então tão perto do Paramatman que imagina ter-se fundido N'Ele. Mas na realidade não se fundiu. Deste estado, a mente pode descer para o quinto ou, no máximo, para o quarto centro, mas não abaixo disso. Os *Sadhakas* comuns, classificados como Jivas, não conseguem descer deste estado. Depois de permanecerem constantemente em Samadhi durante vinte e um dias, rompem esse véu fino e tornam-se um com o Senhor para

sempre. Esta união eterna do Jiva e do Paramatman no *Sahasrara* é conhecida como entrar no sétimo plano."

ÊXTASE ESPÚRIO

907. Referindo-se a um homem que costumava ter um tipo de excitação emocional que parecia Samadhi externamente, o Mestre disse: "No verdadeiro êxtase, a pessoa mergulha nos reinos mais profundos do seu ser e torna-se perfeitamente imóvel. Mas o que encontramos aqui! Ficai quietos; acalmai-vos. (Para os outros presentes). Sabeis a natureza deste êxtase? É como ferver uma onça de leite numa panela grande. A panela parece estar cheia de leite, mas tirai-a do fogão e não encontrareis uma única gota. Até a pequena quantidade que lá estava ter-se-ia agarrado toda à panela."

PERCEÇÃO DE FORMAS AND SONS DIVINOS

908. A realização de Deus é de dois tipos — uma consiste na unificação do Jivatman e do Paramatman e a outra em Vê-Lo na Sua manifestação pessoal. A primeira é chamada Jnana, e a última Bhakti.

909. Realmente Deus pode ser visto, meus rapazes. Da mesmíssima forma que estamos sentados e a falar juntos, da mesmíssima forma Deus pode ser visto e com Ele se pode conversar. Verdadeira e sinceramente o digo.

910. A manifestação do Deus Pessoal é frequentemente uma Forma Espiritual, que é vista apenas por uma alma humana purificada. Por outras palavras, estas formas de Deus são realizadas pelos órgãos de visão espiritual pertencentes ao corpo espiritual (*Bhagavati-tanu*) que é derivado do Senhor. Portanto, apenas o homem perfeito pode ver estas Formas Divinas.

911. Ao ser questionado sobre se aqueles que veem Deus O veem com os olhos carnais comuns, o Mestre respondeu: "Não, Ele não pode ser visto com o olho físico. No decorrer da *Sadhana*, um corpo de Amor é criado em vós, com olhos e ouvidos de Amor, e com eles vedes e ouvis-O."

912. O som *Anahata* está sempre a decorrer por si mesmo. Este é o som de Pranava (Om). Provém do Brahman Supremo e é audível para os Yogis. Os homens mundanos comuns não o conseguem ouvir. Os Yogis

conseguem compreender que o som se ergue, por um lado, da "região do umbigo" e, por outro, do Brahman Supremo.

SAMADHI E REALIZAÇÃO DE BRAHMAN

913. Qual é o estado da mente de alguém em Samadhi? É como o estado de bem-aventurança que é experienciado por um peixe vivo que, depois de ser mantido fora de água por algum tempo, é novamente colocado nela.

914. Misterioso é esse estado sagrado que não reconhece nem mestre nem aluno. *Brahma-jnana* é tão misterioso que, quando alguém o alcança, não resta nenhuma distinção entre o Guru e o discípulo.

915. Assim como uma lâmpada trazida para um quarto que esteve escuro por mil anos o ilumina imediatamente, a luz de Jnana ilumina o Jiva e dissipa a sua ignorância secular.

916. Ao ser questionado sobre se estava consciente do mundo grosseiro no estado de Samadhi, o Mestre respondeu: "Existem colinas e montanhas, vales e desfiladeiros sob o mar, mas eles não são visíveis a partir da superfície. Assim, no estado de Samadhi, vê-se apenas a ampla extensão do Sachchidananda, e a consciência individual jaz numa condição latente."

917. Em Jnana verdadeiro, não é deixado o menor vestígio de egotism. Sem Samadhi, jnana nunca vem. Jnana é como o sol do meio-dia, no qual a pessoa olha ao redor mas não encontra nenhuma sombra de si mesma. Assim, quando se alcança Jnana ou Samadhi, não se retém nenhuma sombra de egotism. Mas mesmo que reste algum ego, sabei com certeza que ele é agora composto de *Vidya* (elementos puramente divinos) e não de ignorância ou *Avidya*.

918. Quando a questão foi levantada sobre se o Buda era ateu, o Mestre disse: "Ele não era ateu; apenas não conseguia expressar as suas realizações. Sabeis o que significa 'Buda'? — Tornar-se um com 'Bodha', a Inteligência Suprema — através da meditação profunda, tornar-se a própria Inteligência Pura. O estado de perceção do Eu é algo entre *Asti* e *Nasti* — 'ser' e 'não-ser'. Estes 'ser' e 'não-ser' são modificações de Prakriti. A Realidade transcende a ambos."

919. Chegai ao outro lado tanto do conhecimento como da ignorância. A ignorância é a consciência dos muitos, isto é, o conhecimento da diversidade sem conhecer a Unidade, sem conhecer o único Deus. O

egotism devido à erudição provém da ignorância. A convicção de que Deus está em todos os objetos — de que há unidade na variedade — é chamada conhecimento da Unidade. Conhecê-Lo intimamente é a realização (Vijnana). Suponde que o vosso pé é picado por um espinho. Bem, precisais de um segundo espinho para o tirar. Quando o primeiro espinho é retirado, deitais fora ambos. Assim, a fim de vos livrardes do espinho da ignorância, trazeis o espinho do conhecimento. Depois deitais fora tanto a ignorância como o conhecimento com vista à completa realização do Absoluto. Pois o Absoluto está além do conhecimento bem como da ignorância. Lakshmana disse uma vez ao seu irmão Divino Rama: "Ó Rama, não é estranho que um homem conhecedor de Deus como Vasishtha Deva tenha chorado pela perda dos seus filhos e não se tenha deixado consolar?" Sobre isso Rama respondeu: "Irmão, tem em mente que quem quer que possua conhecimento relativo da Unidade (Deus) deve, ao mesmo tempo, ter também ignorância relativa."

[1]: Kundalini, por vezes traduzida como "Poder da Serpente", é a potencialidade espiritual adormecida do homem, localizada no Chakra raiz (centro de força) conhecido como Muladhara. Este poder é a Sakti Divina no homem. O progresso espiritual é por vezes descrito em termos do despertar desta energia latente e da sua elevação ao longo do canal espinhal chamado Sushumna, através dos seis centros, Svadhishthana, Manipura, Anahata, Visuddha e Ajna, até atingir o centro da coroa conhecido como Sahasrara. À medida que a Kundalini ascende, o homem ganha experiências espirituais cada vez mais elevadas.

Tal pessoa não é, pela própria natureza das coisas, livre da ignorância quanto a Deus, pois o conhecimento e a ignorância neste caso são como correlativos. Pois o conhecimento da Unidade no universo pressupõe um conhecimento concomitante da diversidade. Aquele que sente a existência da luz tem também uma consciência da existência da escuridão.

O Absoluto está além do conhecimento e da ignorância, além do pecado e da virtude, das boas obras e das más obras, da limpeza e da impureza — conforme compreendido pelas faculdades limitadas do homem.

Um investigador: Senhor, posso perguntar o que resta depois de ter deitado fora ambos os espinhos, como lhes chama — o conhecimento e a ignorância?

O Mestre: Bem, o que resta é a Consciência eternamente pura e absoluta (*Nitya-suddha-buddha-rupa*). Mas como posso tornar isso claro para si? Suponha que alguém lhe pergunta qual é o sabor da manteiga clarificada? É possível tornar o assunto perfeitamente claro para essa pessoa? O máximo que se pode dizer em resposta a tal pergunta é: "O sabor da manteiga é precisamente como o sabor da manteiga." Uma jovem que não era casada perguntou uma vez a uma amiga: "O teu marido chegou. Diz-me, por favor, que tipo de alegria sentes sempre que te encontras com ele." Sobre isso, a jovem casada disse em resposta: "Minha querida, saberás tudo quando tiveres um marido teu. Como posso tornar isso claro para ti agora?"

PSICOLOGIA DO SAMADHI

920. Quando o ninho de um pássaro é destruído, ele acolhe-se no céu. Da mesma forma, quando a consciência do corpo e do mundo exterior é apagada da mente, o Jivatman (Espírito individual) eleva-se no céu do Paramatman (Espírito Supremo) e funde-se em Samadhi.

921. A humanidade deve morrer antes que a divindade se manifeste. Mas esta divindade deve, por sua vez, morrer antes que a manifestação mais elevada da Mãe Bem-Aventurada (Brahmamayi) aconteça. É sobre o peito da divindade morta (Siva) que a Mãe Bem-Aventurada dança a Sua dança celestial.

922. Quando a cânfora é queimada, nenhum resíduo é deixado. Quando o discernimento termina e o Samadhi mais elevado é alcançado, não há nem "eu" nem "tu" nem o universo; pois a mente e o ego fundem-se no Brahman Absoluto.

923. Quando o ego é apagado, o Jiva morre e segue-se a realização de Brahman em Samadhi. Então é Brahman, e não o Jiva, que realiza Brahman.

924. Quando foi sustentado por um devoto que Deus está além da compreensão das palavras, dos pensamentos e dos sentidos, e que a mente não O pode alcançar, o Mestre comentou: "Isso não é inteiramente assim. É perfeitamente verdade que a mente condicionada não pode realizar Deus.

Mas He pode ser realizado pela mente pura (*Suddha-manas*), que é a mesma coisa que a razão pura (*Suddha-buddhi*), que por sua vez é a mesma coisa que o Espírito puro incondicionado. Ele não pode, de facto, ser realizado pela razão finita, ou pela mente finita, relativa e condicionada que tem uma natureza sensual devido ao seu apego a 'mulher e ouro'. A mente pode, contudo, ser despojada da sua natureza sensual e pode ser purificada pela cultura. Quando liberta de todas as tendências, desejos e apegos mundanos, torna-se uma com o Espírito incondicionado. Não foi assim que os sábios de outrora viram Deus? Deus, o Espírito incondicionado, eles viram-No por meio da mente purificada, que descobriram ser o mesmo que o Atman ou o Espírito incondicionado no seu interior."

925. Deus está além tanto da mente como do intelecto enquanto estes estiverem presos na relatividade; mas He manifesta-Se a eles quando são purificados. São a luxúria e a ganância que tornam a mente impura. Enquanto *Avidya* (ignorância) reinar no coração, a mente e o intelecto nunca poderão ser puros. Normalmente, a mente e o intelecto são conhecidos como sendo diferentes um do outro; mas no seu estado purificado tornam-se um, e são resolvidos em Chaitanya (Pura Consciência). Então Deus, o Chaitanya, torna-se manifesto ao Chaitanya.

VIJNANA QUE VEM APÓS O SAMADHI

926. Jnana é a realização do Atman pela eliminação de todos os fenómenos. Ao eliminar os fenómenos através do processo de discernimento, alcança-se o Samadhi e realiza-se o Atman. E Vijnana significa conhecer com maior plenitude. Alguns apenas ouviram falar de leite, alguns apenas o viram, enquanto outros o provaram. Aquele que apenas ouviu falar dele é um homem ignorante. Aquele que o viu é o Jnani. Mas apenas aquele que o provou alcançou Vijnana, isto é, conheceu-o na sua totalidade. Ver Deus e ter uma relação íntima com Ele como com um parente próximo é o que se chama Vijnana.

Primeiro tendes de seguir o processo de "*Neti, Neti*" — "não isto, não isto". Ele não é os cinco elementos. Ele não é os sentidos, nem a mente, nem a inteligência, nem o ego — Ele está além de todas as categorias. Para subir ao telhado, tendes de deixar abaixo todos os degraus da escada, um por um. Como é óbvio, os degraus não são o telhado. Mas quando alcançais o telhado, descobris que o telhado é feito do mesmo tijolo, cal, argamassa e

areia que a escada. Aquilo que é o Brahman Supremo, isso mesmo se tornou o Jiva e Jagat — as vinte e quatro categorias dos filósofos. Aquilo que é o Atman tornou-se os cinco elementos. Podeis perguntar por que razão a terra é tão dura se proveio do Atman. Através da Sua vontade, tudo é possível. Não são a carne e o osso feitos de sangue e sémen? Quão dura se torna a espuma do oceano?

Depois de alcançar Vijnana, um homem também pode viver no mundo. Pois então ele percebe claramente que Ele Próprio Se tornou o mundo de substâncias vivas e não vivas, que Ele não está fora do mundo.

Quando Ramachandra alcançou Jnana e se recusou a permanecer no mundo, Dasaratha enviou Vasishtha para o instruir. Vasishtha disse a Ramachandra: "Rama, se o mundo está fora de Deus, podes abandoná-lo." Ramachandra permaneceu em silêncio, pois bem sabia que nada existe sem Deus.

927. Na música, as notas sobem gradualmente do tom mais baixo para o mais alto e voltam a descer na ordem inversa; da mesma forma, após experienciar a não-dualidade em Samadhi, desce-se a um plano inferior e vive-se com a consciência do ego. Depois de despojar a bananeira de todos os seus invólucros, um após outro, atinge-se o seu miolo e toma-se apenas isso como a parte essencial. Mas mais tarde considera-se que os invólucros também são da própria planta. Ambos são necessários para fazer do caule um todo completo.

928. Ao examinar um fruto Bel, analisa-se o mesmo nas suas partes constituintes: a casca, a semente e a polpa. Ora, qual destas é o Bel? Primeiro rejeita-se a casca como não essencial, depois as sementes, e por fim toma-se a polpa separadamente e considera-se apenas isso como o fruto real. Mas depois vem o pensamento posterior de que o mesmo fruto que tem a polpa tem a casca e as sementes também. Tudo isto junto faz o fruto completo. Da mesma forma, após ter percebido diretamente Deus no Seu aspeto sem atributos, realiza-se que a mesma Divindade que é eterna por natureza assumiu a forma do mundo num humor lúdico.

929. Certa vez, Sri Ramakrishna perguntou a Narendra (Swami Vivekananda) qual era o seu ideal na vida. "Permanecer absorvido em Samadhi," respondeu Narendra. "Podes ser assim tão tacanho?", disse o

Mestre, "Vai além do Samadhi. O Samadhi é uma coisa insignificante para ti!"

A outro ele disse: "Bhava (êxtase divino) e Bhakti — estes não são finais."

930. Noutra ocasião, Sri Ramakrishna fez a mesma pergunta a Narendra e recebeu a mesma resposta de antes. Ao que o Mestre comentou: "Ora! Eu pensava que eras feito de melhor matéria. Como podes contentar-te com um ideal tão unilateral? A minha força é a multilateralidade. Eu gostaria de desfrutar do peixe, por exemplo, de uma variedade de maneiras — frito e cozido, feito em sopa, de escabeche, etc. Eu desfruto do Senhor não apenas no Seu estado incondicionado de Unidade, como Brahman inqualificável, em Samadhi, mas também nas Suas várias manifestações abençoadas através de um doce relacionamento humano. Portanto, faz tu o mesmo. Sê um Jnani e um Bhakta num só."

CAPÍTULO XIX

O HOMEM DE REALIZAÇÃO DIVINA

(Variedades de homens perfeitos — No advento do Divino no coração — Algumas características da perfeição espiritual — Desapego do homem perfeito — O homem perfeito transcende o bem e o mal, mas nunca pratica o mal — O homem perfeito e o trabalho)

VARIEDADES DE HOMENS PERFEITOS

931. As pessoas não veem que a ciência trata apenas do conhecimento condicionado. Não traz nenhuma mensagem da terra do Incondicionado. Tal mensagem foi trazida por homens santos que viram e realizaram Deus, como os Rishis de outrora. São apenas eles que são competentes para dizer: "Deus é desta natureza."

932. Existem cinco tipos de *Siddhas* (homens perfeitos) encontrados no mundo. São eles: (1) Os *Svapna-siddhas*, ou aqueles que alcançam a perfeição por meio de inspiração em sonhos. (2) Os *Mantra-siddhas*, ou aqueles que alcançam a perfeição por meio de um Mantra ou "nome" sagrado de Deus. (3) Os *Hathat-siddhas*, ou aqueles que alcançam a perfeição de repente, como um homem pobre que de um momento para o

outro se torna rico ao encontrar um tesouro escondido ou ao casar com uma esposa rica. Da mesma forma, muitos que são pecadores tornam-se de algum modo puros de repente e entram no Reino dos Céus. (4) Os *Kripa-siddhas*, ou aqueles que alcançam a perfeição através da graça de Deus. Como um homem que, ao limpar uma floresta, pode descobrir um tanque ou uma casa antigos e ele próprio não precisa de construir um com dor e dificuldade, assim alguns felizmente se tornam perfeitos com muito pouco esfoço da sua parte. (5) Os *Nitya-siddhas*, ou aqueles que são sempre perfeitos. Como a videira de uma cabaça ou abóbora produz primeiro o seu fruto e depois a sua flor, assim a alma sempre perfeita nasce um *Siddha*, e todos os seus esforços de sementeira após a perfeição são meramente com o fim de dar um exemplo à humanidade.

933. O homem perfeito entre os Saktas é chamado *Kaula*; entre os Vedantinos, *Paramahamsa*; entre os Vaishnavas da seita Baul, *Sayin*.

934. Há alguns que limpam bem os lábios depois de comerem uma manga para que os outros não saibam; mas há também aqueles que, se conseguem uma manga, chamam os outros e partilham-na com eles. Assim, há alguns que, tendo realizado a bem-aventurança Divina eles próprios, não conseguem descansar sem ajudarem os outros também a realizá-la.

NO ADVENTO DO DIVINO NO CORAÇÃO

935. Aquele que viu o Senhor é um ser mudado.

936. Alguns já estão acordados. Estes têm certas marcas. Não se importam de ouvir ou falar de outra coisa senão do que se relaciona com Deus, tal como a ave chamada Chataka clama apenas pela água da chuva, embora existam os sete mares e o Gange e o Yamuna e todos os outros rios, cheios de água. Embora a sua garganta possa estar ressequida de sede, não beberia outra água senão a da chuva.

937. Quais são as indicações do advento de Deus no coração humano? Assim como o brilho do amanhecer anuncia o sol nascente, também o desinteresse, a pureza e a retidão anunciam o advento do Senhor.

938. Antes de visitar a casa de um servo para receber a sua hospitalidade, um rei enviará para lá os artigos necessários, como assentos, ornamentos e comida dos seus próprios armazéns, para que o servo possa ser capaz de receber o seu mestre adequadamente e mostrar-lhe a devida honra. Da mesma maneira, o Senhor envia amor, reverência e fé ao coração sequioso do devoto antes de fazer o Seu advento.

939. *Ananda*, ou a bem-aventurança perfeita no interior, é um dos sinais da visão de Deus. As ondas rolam na superfície do oceano, mas a profunda extensão de água jaz serena por baixo.

940. Quando a bem-aventurança Divina é alcançada, a pessoa fica completamente embriagada com ela; mesmo sem beber vinho, parece alguém totalmente ébrio. Quando vejo os pés da minha Mãe Divina, sinto-me tão embriagado como se tivesse bebido cinco garrafas de vinho. Neste estado, não se pode tomar comida indiscriminadamente.

941. Qual é o estado que um *Siddha* (homem perfeito) alcança? Como uma batata ou uma beringela se torna macia e polposa quando fica *Siddha*[1], assim um homem, quando se torna um *Siddha*, é visto como sendo todo humildade e ternura.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA PERFEIÇÃO ESPRITUAL

942. É verdadeiramente um *Atma-Jnani*, conhecedor do Eu, aquele que está morto mesmo nesta vida; isto é, cujas paixões e desejos foram destruídos como num corpo morto.

943. Sri Ramakrishna disse uma vez a Keshab Chandra Sen: "Se avançares mais e pregares coisas cada vez mais elevadas, a tua seita desfar-se-á em pedaços. No estado de Jnana, formar seitas torna-se sem sentido — falso como um sonho."

944. Quando o homem alcança o verdadeiro Jnana, não percebe Deus como um ser distante. He não é mais sentido a partir daí como "He", mas como "Isto", "aqui dentro" — como dentro da própria alma. He está dentro de todos; quem quer que O procure, encontra-O ali.

945. Um jarro mantido na água está cheio de água por dentro e por fora. Assim, a alma imersa em Deus vê o Espírito que tudo perpassa por dentro e por fora.

946. Após a obtenção da realização de Deus, vê-se O em todos os lados, em tudo. Mas maior é a Sua manifestação no homem; e maior de tudo, manifesta-Se He nos devotos cheios de *Sattva-guna* — naqueles que não têm a menor paixão por "mulher e ouro".

947. É verdade, contudo, que quando o devoto realizou Deus, ele deseja testemunhar o Seu jogo (*Lila*). Quando Ramachandra entrou na cidade dos *Rakshasas* (demónios) após a destruição de Ravana, a velha Nikasha começou a fugir. Lakshmana disse: "Como é isto, Rama? Esta

Nikasha é tão idosa e sofreu tanto com a perda dos seus filhos, e no entanto tem medo de perder a vida e está a fugir!" Rama ordenou-lhe que não tivesse medo e chamou-a para perto de si para saber por que razão ela estava a fugir. Nikasha respondeu: "Ó Rama, é porque vivi tanto tempo que pude testemunhar tanto do teu jogo. Eu, portanto, desejo viver mais tempo para ver mais do teu jogo!"

948. Poderá haver Maya na alma emancipada? Não se podem fazer ornamentos de ouro puro; alguma liga deve ser misturada com ele. Enquanto o homem tiver um corpo, deve ter alguma Maya, pelo menos para realizar as funções do corpo; um homem totalmente desprovido de Maya não sobreviverá mais do que vinte e um dias.

949. Quando a cabeça de uma cabra é decepada do seu corpo, o tronco debate-se durante algum tempo, mostrando ainda sinais de vida. Da mesma forma, embora o *Ahamkara* (egotism) seja morto no homem perfeito, no entanto resta o suficiente da sua vitalidade para o fazer realizar as funções da vida física; mas não é suficiente para o prender novamente ao mundo.

950. O corpo nasce e terá de morrer. Mas não há morte para a alma. Quando a noz de bétele está madura, a noz separa-se do invólucro exterior, mas é muito difícil separá-la enquanto a noz está verde. Quando Deus é alcançado, desperta a consciência de que a alma está separada do corpo.

951. Quando os judeus pregaram Jesus na cruz, como foi que ele pôde, apesar de tanta dor e sofrimento, rezar para que fossem perdoados? Quando um coco comum é perfurado através da casca, o prego entra no miolo da noz. Mas no caso da noz seca, o miolo torna-se separado da casca; e quando a casca é perfurada, o miolo não é tocado. Jesus era como a noz seca; a sua alma interior estava separada da sua casca física. Consequentemente, os sofrimentos do corpo não o afetavam. Embora os pregos fossem cravados de um lado ao outro, ele pôde rezar com calma tranquilidade pelo bem dos seus inimigos.

DESAPEGO DO HOMEM PERFEITO

952. Quando uma folha do coqueiro cai, deixa uma marca no tronco. Isto ajuda-nos a compreender que esteve outrora uma folha ali. Da mesma forma, aquele que alcançou Deus guarda apenas as marcas, as cicatrizes murchas, da ira e da paixão. A sua natureza é exatamente como a de uma criança. Não tendo nenhuma das consistências de *Sattva*, *Rajas* e

Tamas, é tão rápida a apegar-se a uma coisa como a deixá-la. Podeis convencer um menino a entregar-vos roupas que valem várias rupias em troca de um brinquedo que vale uma única moeda, embora ao início ele vos vá dizer: "Não, não tas dou; o meu pai comprou-as para mim."

Para a criança, todos são iguais; ela não tem discernimento entre o alto e o baixo e, consequentemente, nenhuma distinção de casta. Se a sua mãe disser: "Fulano é teu irmão", ela comerá arroz do mesmo prato com ele, mesmo que o outro seja filho de um carpinteiro (isto é, de casta baixa). Nem tem qualquer ódio, nem qualquer ideia de limpeza e poluição (*Suchi* e *Asuchi*).

953. Como vive a alma emancipada no mundo? Ela vive no mundo como a ave-mergulhadora. Mergulha na água, mas a água não lhe molha a plumagem; as poucas gotas de água que porventura se agarrem ao seu corpo são facilmente sacudidas quando ela bate as asas uma vez.

954. A serpente é muito venenosa; morde quando alguém tenta apanhá-la. Mas a pessoa que aprendeu a arte do encantamento de serpentes pode não só apanhar cobras, mas também carregar várias delas penduradas à volta do seu pescoço e braços como se fossem outros tantos ornamentos. Da mesma forma, aquele que adquiriu Conhecimento espiritual nunca pode ser envenenado pelo veneno da luxúria e da ganância.

955. Quando a cauda do girino cai, ele pode viver tanto na água como na terra. Quando a cauda da ignorância ilusória cai do homem, ele torna-se livre. Pode então viver tanto em Deus como no mundo igualmente bem.

956. O vento carrega tanto a fragrância do sândalo como o cheiro da carcaça podre igualmente, mas não se mistura com nenhum deles. Da mesma forma, a alma emancipada vive no mundo mas não se mistura com ele.

957. O ferro, depois de ser convertido em ouro pelo toque da "pedra filosofal", pode ser mantido debaixo da terra ou deitado num monte de lixo. Permanecerá sempre ouro e não voltará à sua condição anterior. Semelhante é o estado do homem cuja alma tocou, mesmo que uma única vez, os pés do Senhor Todo-Poderoso. Quer ele habite na agitação do mundo, quer na solidão da floresta, nada o contamina jamais.

958. O leite derramado na água mistura-se prontamente com ela; quando convertido em manteiga, já não se mistura com a água, mas flutua

nela. Assim, tendo alcançado o estado de Deus, pode-se viver em contacto constante com inumeráveis almas não regeneradas; a pessoa não será de todo afetada por essa má associação.

959. O bem e o mal não podem prender aquele que realizou a unidade da Natureza e do seu próprio eu com Brahman.

O HOMEM PERFEITO TRANSCENDE O BEM E O MAL, MAS NUNCA PRATICA O MAL

960. Quando um homem está nas planícies, vê a relva baixa e o pinheiro poderoso e diz: "Quão grande é a árvore e quão pequena é a relva!" Mas quando sobe à montanha e olha para baixo a partir do seu alto pico, a relva e a árvore misturam-se numa massa indistinguível de verdura. Assim, à vista dos homens mundanos, existem diferenças de posição e estatuto — um é rei e outro é sapateiro; um é pai e outro é filho; e assim por diante. Mas quando a visão divina é aberta, todos parecem iguais; e não resta nenhuma distinção de bom e mau, ou de alto e baixo.

961. Certa vez, um Sadhu inebriado de Deus veio ao templo de Kali da Rani Rasmani, onde o Mestre vivia. Um dia, ele não conseguiu nenhuma comida; e mesmo sentindo fome, não a pediu a ninguém; mas vendo um cão a comer os restos de comida deitados fora num canto após um banquete, foi lá e, abraçando o cão, disse: "Irmão, como é que comes sozinho sem me dares uma parte?" Dizendo isto, começou a comer juntamente com o cão. Tendo terminado a sua refeição nesta estranha companhia, o sábio entrou no templo da Mãe Kali e rezou com tal fervor de devoção que enviou um calafrio pelo templo. Quando, após terminar as suas orações, ele se ia embora, o Mestre pediu ao seu primo, Hriday, que seguisse aquele homem e falasse com ele. Quando Hriday o seguiu por alguma distância, o sábio voltou-se e disse: "Por que me segues?" Hriday respondeu: "Senhor, dá-me alguma instrução." O sábio disse: "Quando a água desta vala suja e o sagrado Gange ali adiante parecerem como um aos teus olhos, e quando o som do flautim e o barulho da multidão não tiverem distinção para o teu ouvido, então alcançarás o estado de verdadeiro Conhecimento." Quando Hriday regressou e contou isto ao Mestre, este disse: "Aquele homem alcançou o verdadeiro estado de êxtase e de Conhecimento. Um *Siddha* deambula em vários disfarces — como uma criança, como um espírito impuro, ou mesmo como um louco."

962. O estado de um Paramahamsa (um homem perfeito) é exatamente como o de uma criança. Como uma criança de cinco anos, ele não sente diferença entre homem e mulher. No entanto, para dar o exemplo ao mundo, ele deve estar atento contra o outro sexo.

963. Certa vez, uma Sannyasini (uma freira) veio à corte real de Janaka. Perante ela o rei inclinou-se, sem olhar para o seu rosto. Vendo isto, a Sannyasini disse: "Quão estranho é, Ó Janaka, que ainda tenhas tanto medo da mulher! Quando se alcança o pleno Jnana, a natureza da pessoa torna-se como a de uma criancinha — não se vê qualquer distinção entre macho e fêmea."

964. Mas estas pequenas manchas que se agarram ao Jnani neste mundo não importam muito. A lua tem manchas, mas isso nunca interfere com o facto de ela dar luz.

965. A espada de aço transforma-se numa de ouro ao toque da pedra filosofal; e embora retenha a sua forma anterior, é incapaz de causar ferimentos como a espada de aço. Da mesma forma, a forma exterior do homem que consegue tocar os pés de Deus não é mudada, mas ele já não pode praticar nenhum mal.

966. Com o Conhecimento divino de Advaita (não-dualidade) em vós, fazei o que desejardes; pois então nenhum mal poderá alguma vez provir de vós.

967. Certa vez, um homem santo, ao passar por uma rua movimentada, pisou acidentalmente o dedo do pé de uma pessoa perversa. Esta última, furiosa de raiva, espancou impiedosamente o Sadhu até que ele caiu inconsciente. Com grande esforço para si próprios, os seus discípulos tentaram várias medidas para o reanimar. Quando viram que ele estava a recuperar um pouco a consciência, um deles perguntou: "Senhor, reconhece quem o está agora a servir?" O Sadhu respondeu: "Seguramente aquele que me bateu!" Um verdadeiro Sadhu não encontra distinção entre um amigo e um inimigo.

[1]: Há um trocadilho com a palavra *Siddha*, que significa tanto "um homem perfeito" como "bem cozinhado".

O HOMEM PERFEITO E O TRABALHO

968. Aquele que viu Deus deambula, às vezes como um louco, às vezes como um espírito impuro, não sentindo qualquer distinção entre a

limpeza e o seu oposto. Às vezes, permanece como um objeto inanimado, ficando emudecido por ver Deus no seu interior e no exterior. Às vezes, como uma criança, a nada prende a sua mente e caminha com as suas roupas embrulhadas nos braços. Mas quando trabalha para o bem dos outros, é tão corajoso como um leão.

969. Após a obtenção do Samadhi, todo o Karma cai — Karma tal como a adoração externa, o contar de contas e as atividades mundanas. No início, há uma grande agitação de trabalho. Mas quanto mais a pessoa procede em direção a Deus, menor se torna o bulício, até que mesmo a oração e o cantar do glorioso nome do Senhor são, por fim, abandonados. *(Dirigindo-se a Sivanath Sastri do Sadharan Brahmo Samaj)*: Enquanto não chegais à reunião, muita conversa sobre o vosso nome, realizações, qualidades, etc., passa ao redor; mas no momento em que entrais, toda essa conversa cessa. Toda a gente sente alegria à vossa vista e simplesmente exclamam: "Aqui vem Sivanath Babu" — e aí cessa toda e qualquer outra conversa sobre vós.

970. Uma jovem recém-casada permanece profundamente absorvida na realização dos deveres domésticos enquanto nenhum filho lhe nasce. Mas assim que tem um filho, começa a negligenciar os pequenos detalhes do trabalho doméstico e não encontra muito prazer neles. Em vez disso, acarinha o bebé recém-nascido todo o dia e beija-o com intensa alegria. Assim, um homem no seu estado de ignorância está sempre ocupado na realização de todo o tipo de trabalho; mas assim que vê no seu coração a presença de Deus, não encontra prazer neles. Pelo contrário, a sua felicidade consiste agora apenas em servir Deus e em fazer a Sua vontade. Ele já não encontra felicidade em qualquer outra ocupação e não se consegue retirar do êxtase dessa sagrada comunhão.

971. Quando Deus é realizado, o mundo nunca parece vazio. Aquele que O alcançou vê que o próprio Senhor Se tornou tudo isto — o universo e as suas criaturas. Quando alimenta os seus filhos, sente-se como se estivesse a alimentar o próprio Gopala; olha para os seus pais como Deus e serve-os da mesma maneira. Se alguém porventura estiver no mundo e levar uma vida familiar após a realização de Deus, é certo que não pode manter qualquer ligação física com a sua esposa. Ambos se tornam devotos de Deus e passam as suas vidas em oração e devoção. Servem todas as criaturas. Como Deus está em todos os seres, eles adoram-No em todos.

CAPÍTULO XX

VISLUMBRES DAS EXPERIÊNCIAS

DO MESTRE NAS SUAS PRÓPRIAS PALAVRAS

(Experiências dos primeiros dias — Sadhanas Tântricas e outras — Experiência do estado Nirvikalpa — A perpétua consciência de Deus do Mestre — Como o Mestre rezava — O Divino tanto no bem como no mal — O Mestre sobre a sua doença — O Mestre, uma combinação de humanidade e Divindade)

EXPERIÊNCIAS DOS PRIMEIROS DIAS

972. Nos seus dias de juventude, quando foi chamado à atenção pelo seu irmão mais velho por negligenciar os seus estudos, o Mestre disse em resposta: "Irmão, o que farei eu com uma educação que serve meramente para ganhar o pão? Preferia adquirir aquela sabedoria que iluminaria o meu coração — aquela sabedoria ao ganhar a qual a pessoa se sentia satisfeita para sempre."

973. Nos primeiros dias da sua vida espiritual, o sobrinho do Mestre, Hriday, reparou que ele meditava à noite no isolamento de uma selva, totalmente nu e sem sequer o cordão sagrado. Ao ser perguntado sobre como a nudez estava ligada à meditação, o Mestre respondeu: "Deve-se meditar livre de todas as amarras e grilhões. Desde o seu próprio nascimento, o homem tem estado agrilhoado pelas oito algemas do ódio, da vergonha, do orgulho familiar, das convencionalidades sociais, do medo, do prestígio, do orgulho de casta e do egoísmo. Até o cordão sagrado é uma algema — é um símbolo de egoísmo e faz a pessoa sentir que é um brâmane e que é superior a todos. Portanto, quando se medita na Mãe Divina, deve-se fazer livre a si próprio ao deitar para o lado todas estas algemas."

974. Quando o grande anseio por Deus se desenvolvera nele, o Mestre considerava a vida insuportável sem a Sua visão. Ele estava, por isso, prestes a pôr fim à sua vida, quando a abençoada visão despontou nele de repente. Descrevendo-a, o Mestre disse: "O quarto com todas as suas portas e janelas, o templo e tudo à minha volta desapareceram da vista. Senti como se nada existisse e, em seu lugar, percebi um oceano infinito e resplandecente de inteligência. Para qualquer lado que voltasse os meus

olhos, via de todas as direções ondas imensas daquele oceano brilhante a correr em minha direção e, em pouco tempo, todas vieram e, caindo sobre mim, engoliram-me completamente. Ficando assim sufocado sob elas, perdi a minha consciência comum e caí." Referindo-se à mesma experiência, disse noutra ocasião: "Caí no chão do quarto, completamente perdido no êxtase da visão. Estava perfeitamente inconsciente quanto ao que acontecia lá fora e também como aquele dia e o seguinte passaram. A única coisa de que estava interiormente consciente era de que através da minha alma rolava um oceano de alegria inefável, igual à qual não tinha tido experiência antes. Ao mesmo tempo, estava também consciente, no âmago mais íntimo do meu ser, da sagrada presença da Mãe Divina."

975. Mas esta experiência de Deus não trouxe ao Mestre um estado de perpétua consciência de Deus. Ele teve de passar por períodos de secura, e um anseio pela visão constante do Divino, portanto, impelia-o a rezar incessantemente à Mãe Divina com lágrimas amargas de dor e altos clamores. Descrevendo o estado da sua mente nesse período, o Mestre disse: "Se porventura uma multidão de pessoas se reunia à minha volta (atraída pelos altos clamores e orações), elas pareciam-me como sombras ou outras tantas figuras desenhadas num quadro — tão irreais e fantasmagóricas pareciam — e, portanto, nunca costumava sentir qualquer tipo de vergonha ou timidez diante delas. Mas sempre que costumava perder a minha consciência externa através de uma dor insuportável do coração, no momento seguinte costumava sempre contemplar a radiante forma espiritual da Mãe. Costumava ver a forma às vezes a rir, às vezes a falar comigo e às vezes a aconselhar-me e a consolar-me."

976. Descrevendo os dias que passou em intenso anseio por Deus, o Mestre disse: "Como estava perfeitamente descuidado de limpar o corpo nessa altura, os cabelos cresceram longos e ficaram entrançados por si mesmos, estando untados de sujidade e pó. Quando me costumava sentar em meditação, o corpo costumava ficar rígido e imóvel como um tronco através da intensa concentração da mente, e as aves, tomando-o por uma substância inerte, vinham livremente, pousavam na cabeça e bicavam no cabelo entrançado em busca de alimento. Às vezes costumava sentir tão intensamente as dores da separação de Deus que, com grande amargura, esfregava o meu rosto na terra; frequentemente costumava ficar dilacerado e sangrar. E na meditação, oração e outras práticas devocionais, o dia costumava voar tão rapidamente que não estava consciente dele. Ao

anoitecer, quando a aproximação da noite era anunciada pelo toque dos sinos e pelo soprar dos búzios a partir do templo, costumava ser lembrado de que o dia tinha passado e a noite tinha começado. Com esta consciência, um frenesi de desespero apoderava-se da minha alma, e eu lançava-me ao chão e esfregava o meu rosto nele, chorando alto: 'Mãe, um dia passou; ainda assim não apareceste diante de mim!' Uma angústia dilacerante costumava atormentar a minha alma, e aqueles que me viam assim, a contorcer-me em agonia, pensavam que estava a sofrer de dores de cólica."

977. Pouco depois do regresso do Mestre a Dakshineswar após o seu casamento, a sua antiga loucura divina possuiu-o novamente. Sobre o estado da sua mente nesses dias, ele disse: "O homem comum teria morrido se tivesse de experienciar sequer um quarto da metamorfose espiritual pela qual o meu corpo e mente passaram. E deste corpo também (significando ele próprio) o mesmo teria sido o destino; mas, felizmente, a maior parte dos meus dias foi passada num esquecimento extático da visão divina da Mãe. Daí em diante, durante seis longos anos, nem um piscar de olhos de sono alguma vez visitou os meus olhos, e as pálpebras nunca se fechavam, por mais que tentasse. Todo o sentido do tempo desapareceu de mim e a ideia do corpo foi totalmente obliterada. Um medo terrível apoderava-se de mim à menor reversão da mente da Mãe para o corpo. Muitas vezes vinha o medo sobre se teria realmente enlouquecido. Colocava-me diante da minha imagem num espelho e, quando ao tocar nos meus olhos os achava insensíveis, desatava a chorar em terror e rezava à Mãe: 'Ó Mãe, será que como resultado de todas as minhas orações e absoluta confiança em Ti, trouxeste sobre mim uma doença incurável?' Mas a seguir, o pensamento alternante vinha: 'Ó Mãe, qualquer que seja o destino que caia sobre o meu corpo, nunca me abandones! Concede-me a Tua visão e a Tua misericórdia! Ó Mãe, não tomei eu completo abrigo nos Teus sagrados pés? Exceto Tu, Ó Mãe, não tenho outro refúgio!' E assim rezando em lágrimas, a minha mente enchia-se de um estranho entusiasmo, criando um desgosto ilimitado pelo corpo, e perdia-se no conforto da visão Divina da Mãe e nas suas palavras consoladoras."

978. A mente pura do Mestre era, ela própria, o seu primeiro e mais importante instrutor. Sobre isto, o Mestre disse: "Sempre que surgia necessidade, um jovem Sannyasin de dentro do meu corpo, em aparência exatamente igual a mim, saía e ensinava-me tudo. Quando ele saía desta maneira, às vezes retinha um pouco de consciência dos objetos externos e,

noutras alturas, perdia toda a consciência do mundo exterior, exceto pela perceção da sua presença e dos seus atos. Quando ele reentrava no corpo, tornava-me novamente consciente do mundo exterior. O que tinha ouvido dele antes, os mesmos ensinamentos ouvi de Brahmani, Totapuri e outros. O que aprendi com ele antes, o mesmo aprendi com estes instrutores mais tarde."

SADHANAS TÂNTRICAS E OUTRAS

979. Referindo-se à sua Sadhana Tântrica sob a orientação de Bhairavi Brahmani, o Mestre disse: "A Brahmani ia durante o dia para locais muito distantes de Dakshineswar e recolhia as várias coisas raras mencionadas nas escrituras tântricas como requisitos de Sadhana. Ao cair da noite, pedia-me para ir para um dos assentos. Eu ia e, após realizar a adoração da Mãe Kali, começava a meditar de acordo com as direções dela. Dificilmente conseguia contar as minhas contas, pois assim que começava a fazê-lo era sempre dominado por um fervor divino e caía em profundo Samadhi. Não posso agora relatar as variedades de visões maravilhosas que costumava ter. Seguiam-se umas às outras em sucessão rápida, e os efeitos dessas práticas eu podia senti-los da forma mais tangível. A Brahmani guiou-me através de todos os exercícios mencionados nas sessenta e quatro principais obras tântricas. A maioria destas são Sadhanas extremamente difíceis, que geralmente fazem muitos devotos escorregar o pé e afundar-se na degradação moral. Mas a graça infinita da Mãe carregou-me através delas ileso."

980. Descrevendo a sua experiência do despertar da Kundalini, o Mestre disse: "Quando realizei este estado (o estado de consciência de Deus), alguém com uma aparência exatamente igual a mim veio e abanou completamente os meus nervos Ida, Pingala e Sushumna. Lambeu os 'lótus' dos seis 'centros' com a sua língua, e os lótus murchos voltaram imediatamente os seus rostos para cima. E por fim o lótus *Sahasrara* ficou em pleno florescimento."

981. O Mestre costumava descrever a sua mentalidade quando praticava Sadhanas Islâmicas, como se segue: "Então costumava repetir o nome de Allah, usar o meu pano à maneira dos maometanos e recitar o Namaz regularmente. Estando todas as ideias hindus inteiramente banidas da mente, não só não saudava os Deuses hindus, como não tinha inclinação

sequer para os visitar. Após passar três dias dessa maneira, realizei a meta dessa forma de devoção."

982. Tive de praticar as várias religiões uma vez, o Hinduísmo, o Islão e o Cristianismo, e caminhei pelas estradas das diferentes seitas do Hinduísmo de novo — a Sakta, a Vaishnava, a Vedântica e outras. E descobri que é em direção ao mesmo Deus que todos viajam, apenas vêm através de caminhos diversos.

983. O Mestre experienciou como um homem morria quando testemunhou a morte do seu querido sobrinho, Akshay. Descrevendo a sua experiência, o Mestre disse: "Akshay morreu diante dos meus próprios olhos. Mas isso não me afetou minimamente. Fiquei ao lado e observei como um homem morria. Foi como uma espada tirada da bainha. A espada permaneceu como estava, apenas a bainha foi deixada para trás. Desfrutei da cena, e ri e dancei e cantei sobre ela. Retiraram o corpo e cremaram-no. Mas no dia seguinte, enquanto estava ali (apontando para a varanda sudeste do seu quarto), senti uma dor dilacerante pela perda de Akshay, como se alguém estivesse a espremer o meu coração como uma toalha molhada. Maravilhei-me e pensei que a Mãe me estava a dar uma lição. Eu não estava muito preocupado com o corpo sequer — muito menos com um sobrinho. Mas se tal era a minha dor pelo seu falecimento, quanto maior não deve ser o sofrimento dos chefes de família pela perda dos seus entes queridos e próximos."

EXPERIÊNCIA DO ESTADO NIRVIKALPA

984. Descrevendo a sua experiência do Nirvikalpa Samadhi, o Mestre disse: "Após a iniciação, 'o nu'[1] começou a ensinar-me as várias conclusões da Advaita Vedanta e pediu-me para retirar a mente completamente de todos os objetos e mergulhar no Atman. Mas apesar de todas as minhas tentativas, não conseguia cruzar o reino do nome e da forma e trazer a minha mente ao estado incondicionado. Não tive dificuldade em retirar a mente de todos os objetos exceto de um, e este era a forma tão familiar da Mãe Bem-Aventurada — radiante e da essência da Pura Consciência — que aparecia diante de mim como uma realidade viva e não me permitia passar além do reino do nome e da forma. Novamente e novamente tentei concentrar a minha mente no ensinamento Advaita, mas todas as vezes a forma da Mãe se colocava no meu caminho. Em desespero, disse a 'o nu': 'É inútil. Não consigo elevar a minha mente ao estado

incondicionado e ficar face a face com o Atman.' Ele ficou excitado e disse asperamente: 'O quê! Não o consegues fazer! Mas tens de o fazer.' Lançou os olhos ao redor à procura de algo e, encontrando um pedaço de vidro, pegou nele e, pressionando a sua ponta entre as minhas sobrancelhas, disse: 'Concentra a tua mente neste ponto.' Então, com uma determinação severa, sentei-me novamente para meditar e, assim que a graciosa forma da Mãe Divina apareceu diante de mim, usei o meu discernimento como uma espada e com ela cortei-a em duas. Não restou mais obstrução à minha mente, que de imediato se elevou além do plano relativo, e perdi-me em Samadhi."

985. Estive durante seis meses nesse estado de Nirvikalpa do qual os mortais comuns não conseguem regressar. Pois após vinte e um dias o corpo cai como uma folha murcha. Dias e noites sucediam-se uns aos outros perfeitamente despercebidos. As moscas entravam na boca e nas narinas exatamente como no caso de um cadáver, sem produzir qualquer sensação. Os cabelos ficaram todos entrançados com o pó. Às vezes até as chamadas da Natureza eram respondidas sem dar conta. Dificilmente o corpo teria sobrevivido a este estado não fora por um Sadhu que porventura veio nesta altura. Ele reconheceu imediatamente a minha condição e também compreendeu que a Mãe tinha ainda muitas coisas para fazer através deste corpo — que muitas pessoas seriam beneficiadas se ele fosse preservado. Assim, à hora das refeições, costumava trazer alguma comida e tentar trazer-me à consciência externa administrando um bom espancamento ao corpo. Assim que traços de consciência eram percebidos, ele empurrava a comida para dentro da boca. Desta maneira, algumas colheradas eram engolidas em alguns dias; noutros dias, nem isso. Plenos seis meses foram assim passados. Mais tarde, após alguns dias de estadia neste estado, vim a ouvir a ordem da Mãe: "Permanece no limiar da consciência relativa (*Bhava-mukha*) para a instrução da humanidade." Então apareceu a disenteria com sangue. Havia uma dor aguda de contorção nos intestinos. Através deste sofrimento durante seis meses, a consciência normal do corpo reapareceu lentamente. Caso contrário, a cada momento a mente, por sua própria vontade, elevar-se-ia ao estado Nirvikalpa.

986. A tendência natural desta (minha) mente é para cima (em direção ao estado Nirvikalpa). Uma vez alcançado esse estado, ela não gosta de descer. Por vossa causa, eu arrasto-a para baixo à força. O puxão

para baixo não é suficientemente forte sem um desejo inferior. Por isso, crio alguns desejos insignificantes, tais como, por exemplo, fumar, beber água, provar um prato particular ou ver uma pessoa particular, e repetidamente sugiro-os à minha mente. Só então a mente desce lentamente (para o corpo). Novamente, enquanto desce, pode correr de volta para cima. Novamente tem de ser arrastada para baixo através de tais desejos.

987. O Mestre entrava no estado mais elevado de Nirvikalpa Samadhi ao proferir a palavra *Tat* (Aquilo) apenas, da fórmula *Om Tat Sat*. *Sat* (existência) poderia trazer uma sugestão remota do seu oposto, "Asat", e mesmo o símbolo mais sagrado "Om" parecia ficar aquém do alvo. Mas quando ele proferia *Tat* (Aquilo), todas as ideias de relatividade eram completamente apagadas da sua consciência; todo o discernimento entre existência e não-existência cessava; ele ficava fundido na realização do Um que transcende todas as limitações.

988. Pergunta: Tendes, Senhor, a menor ideia de ego quando estais fundido em Samadhi? Resposta: Sim, usualmente resta um pequeno ego. É como a partícula de folha de ouro que, se esfregada num pedaço de ouro, não se gasta completamente. Toda a consciência exterior desaparece, mas o Senhor guarda um pequeno ego para me deixar desfrutar d'Ele. Às vezes, contudo, Ele afasta mesmo esse bocadinho. Este é o mais elevado Samadhi. Ninguém pode dizer que estado é esse — é a transformação absoluta do próprio eu no d'Ele. A boneca feita de sal mergulhou no oceano para medir a sua profundidade. Mas mal tocou na água, dissolveu-se. Então, quem poderia vir acima para dar informação sobre quão profundo o oceano era!"

A PERPÉTUA CONSCIÊNCIA DE DEUS DO MESTRE

989. O Mestre foi questionado: "Acreditais em Deus, Senhor?" — "Sim," respondeu o Mestre. "Podeis prová-lo, Senhor?" — "Sim." "Como?" — "Porque O vejo exatamente como vos vejo aqui, apenas de forma muito mais intensa."

990. Um lógico perguntou uma vez ao Mestre: "O que são o sujeito, o objeto e o conhecimento?" O Mestre respondeu: "Bom homem, eu não conheço todas estas subtilezas da aprendizagem escolástica; conheço apenas o Eu em mim e a minha Mãe Divina."

991. Hriday costumava dizer após ver a condição do meu corpo: "Nunca vi tanta espiritualidade e iluminação num estado de corpo tão frágil!" Mas embora o meu corpo estivesse fraco, ainda assim nunca parei

de falar de Deus com os outros. Numa altura, lembro-me, estava reduzido a um esqueleto, contudo mantinha conversas sobre assuntos espirituais durante horas, sem sentir que tinha um corpo.

COMO O MESTRE REZAVA

992. Costumava rezar à Mãe Divina desta maneira: "Ó Mãe, que és a personificação da bem-aventurança, Tu deves Revelar-Te a mim." E às vezes rezava: "Ó Senhor dos mansos! Ó Senhor dos humildes! Estarei eu fora do Teu universo? Não tenho conhecimento, nem devoção, nem o mérito de austeridades. Não sei nada. Ó Senhor, na Tua infinita misericórdia, deves conceder-me a Tua visão."

993. Ó Mãe Divina! Não quero honra dos homens, não quero prazeres da carne, apenas deixa a minha alma fluir para Ti como a confluência permanente do Gange e do Jumna. Mãe, estou sem Bhakti, sem Yoga, sou pobre e sem amigos, e não quero o louvor de ninguém; apenas deixa a minha mente habitar sempre nos Teus pés de lótus.

994. Mãe, eu sou o *Yantra* (o instrumento), Tu és o *Yantri* (o maquinista); eu sou o quarto, Tu és o inquilino; eu sou a bainha, Tu és a espada; eu sou a carruagem, Tu és o condutor. Faço conforme me fazes fazer; falo conforme me fazes falar; comporto-me conforme Tu dentro de mim Te comportas; não "eu", não "eu", mas Tu.

995. Alguém tem a certeza de realizar Deus se apenas tiver grande devoção à verdade. Pelo contrário, se não tiver consideração pela verdade, tudo o que é seu será destruído gradualmente. Após alcançar este estado (de realização de Deus), disse à Mãe, pegando em flores na minha mão: "Ó Mãe, aqui, toma de volta o Teu[2] conhecimento e a Tua ignorância, a Tua pureza e a Tua impureza, o Teu bom e também o Teu mau, a Tua virtude e o Teu pecado; dá-me apenas pura Bhakti, Mãe." Mas quando disse tudo isto à Mãe, não pude dizer: "Toma de volta a Tua verdade e a Tua mentira." Tudo pude devolver à Mãe, mas não a verdade.

O DIVINO TANTO NO BEM COMO NO MAL

996. Com a realização de Deus, todo o Karma cai. Foi assim que a minha adoração cerimonial chegou ao fim. Costumava realizar a adoração no templo de Kali. Um dia foi subitamente revelado que tudo era *Chinmaya* — Espírito Puro. Os utensílios de adoração, o altar, o portal — tudo era

Espírito. Homens, feras, aves, toda a gente era *Chinmaya*. E como um louco, comecei a chover flores por todos os lados. Tudo o que via, adorava.

Um dia, no decorrer da adoração a Siva, estava a colocar o *Vajra* no Siva-lingam, quando veio a revelação de que o próprio universo é Siva. Não raciocinei sobre isso, mas veio a mim num relâmpago. Esse dia terminou com a minha adoração a Siva nas Suas imagens. Estava uma vez a colher flores quando de repente foi revelado que cada planta de flor era um ramo de flores a adornar a forma universal de Deus. Essa foi a minha última colheita de flores.

997. Tive uma vez uma visão: senti que Uma Substância tinha tomado a forma do cosmos com todas as criaturas vivas, o que se assemelhava a uma casa de cera com homens, animais, jardins, estradas e o resto, tudo feito de cera e nada mais senão cera.

[1]: Esta era a designação que Sri Ramakrishna, por respeito, invariavelmente usava para o seu Guru, o qual, sendo um Naga Sannyasin, geralmente andava nu. [2]: Aqui "Teu" significa "da Tua criação".

998. Sabeis o que eu vejo? Vejo-O como Tudo! Os homens e as outras criaturas aparecem como verdadeiras figuras cobertas de pele, a abanar a cabeça e a mover as mãos e os pés, mas o Senhor está no interior.

999. Ela colocou-me no estado de um Bhakta — de um Vijnani. É por isso que posso brincar e divertir-me com Rakhal e outros. Se eu estivesse na condição de um Jnani, isso não teria sido possível. Nesta condição, vejo que a própria Mãe Se tornou tudo isto. Vejo-A em todos os lados. No templo de Kali, descobri que a Mãe Se tornou até o malvado — até o irmão do Bhagavat Pandit. Por mais que tentasse, não consegui repreender a mãe de Randal. Descobri que ela era a Mãe noutra forma. É porque encontro a Mãe nas donzelas que as adoro. A minha esposa massaja os meus pés, mas eu saúdo-a depois disso. Porque estou colocado numa tal condição, tenho de retribuir as vossas saudações. Vedes, não posso ignorar sequer um homem perverso. Uma folha de Tulsi, por mais seca ou pequena que seja, pode ser oferecida à Divindade.

1000. Sabeis como eu vejo? Árvores, plantas, homens, animais, relva — estas e todas as outras coisas vejo-as como diferentes coberturas, como fronhas de almofada, algumas feitas de algodão fino e outras de matéria

mais grossa, algumas de forma redonda e outras quadradas. Mas dentro de todas estas fronhas há uma e a mesma substância: algodão. Da mesma forma, todos os objetos do mundo estão recheados com o Sachchidananda incondicionado. Sinto como se a Mãe Se tivesse envolvido em diferentes roupas e estivesse a espreitar por elas. Estive uma vez num estado em que percebia isto a cada instante. Sem compreenderem este meu estado, as pessoas vinham acalmar-me. A mãe de Ramlal chorou. Olhando para ela, senti que a Mãe que está no templo veio ela própria vestida como ela. Rebolei-me de riso e disse: "Quão belamente te vestiste." Um dia estava a meditar na Mãe Divina dentro do templo de Kali. Achei impossível visualizar a Sua forma. Algum tempo depois, vi-A a olhar para cima a partir do lado do vaso usado para a adoração. Ela era, na aparência, igual a uma prostituta chamada Ramani que vem ao Ghat para o seu banho. Ri-me de espanto e disse: "Muito bem! Gostas de ser Ramani hoje. Aceita então a adoração de hoje nessa forma." Desta maneira a Mãe ensinou-me: "Até a prostituta sou Eu Mesma. Não há nada exceto Eu Mesma." Outro dia, enquanto ia numa carruagem pelo Mechua Bazaar, vi a Mãe como uma mulher disposta a tentar as pessoas, vestida de forma elegante, com uma marca de vermelhão na testa e peruca na cabeça, e a fumar de um *Hookah*. Maravilhado, perguntei se a Mãe tinha escolhido assumir também esta forma, e prostrei-me diante d'Ela.

1001. Eu vejo o Ser Supremo como a verdadeira Realidade com os meus próprios olhos! Por que haveria então de raciocinar? Eu vejo de facto que é o Absoluto que Se tornou todas as coisas ao nosso redor; é Ele que aparece como a alma finita e o mundo fenomenal! É preciso ter um despertar do espírito no interior para ver esta realidade. Enquanto a pessoa for incapaz de O ver como a única realidade, deve raciocinar ou discernir, dizendo: "Isto não; Isto não." Como é óbvio, não bastaria que alguém dissesse meramente: "Vi além da possibilidade de uma dúvida que é Ele que Se tornou tudo!" O mero dizer não é suficiente. Pela graça do Senhor, o espírito deve ser avivado. Ao despertar espiritual segue-se o Samadhi. Neste estado, a pessoa esquece que tem um corpo; perde todo o apego às coisas do mundo, isto é, a "mulher e ouro"; não gosta de outras palavras senão daquelas que se relacionam com Deus; fica dolorosamente perturbada se for instada a ouvir assuntos mundanos. Estando desperto o espírito no interior, o passo seguinte é a realização do Espírito Universal. É o espírito que pode realizar o Espírito.

1002. Há muitos anos, Vaishnavacharan disse-me que alguém alcança o Conhecimento perfeito apenas quando vê Deus no homem. Agora vejo que é Ele que Se move em diferentes formas, ora como um homem honesto, ora como um trapaceiro e novamente como um vilão. Por isso digo: "Narayana na forma de um homem honesto, Narayana na forma de um vigarista, Narayana na forma de um vilão, Narayana na forma de uma pessoa libertina." Agora o problema é como posso entreter todos. Desejo alimentar toda a gente. Portanto, mantenho um de cada vez comigo e entretenho-o.

1003. Quando olho para uma mulher de caráter pertencente a uma família respeitável, vejo nela a Mãe Divina vestida com o traje modesto de uma senhora casta; e novamente, quando olho para as mulheres públicas da cidade, sentadas nas suas varandas abertas, vestidas com o traje da imodéstia e da sem-vergonhice, vejo nelas a mesma Mãe Divina a divertir-se de uma maneira diferente.

1004. Em Deus existem tanto *Vidya* como *Avidya*. A *Vidya Maya* leva o homem em direção a Deus, ao passo que a *Avidya Maya* o atrai para longe do caminho do Senhor. O conhecimento, a devoção, o desapaixonamento, a compaixão — tudo isto são as expressões da *Vidya Maya*; apenas com a ajuda delas se pode chegar a Deus. Mas se subirdes um degrau mais alto, alcançais *Brahma-jnana*. Neste estado sinto — vejo de facto — que He Se tornou tudo. Não há nada a rejeitar ou a aceitar! Torna-se impossível para mim zangar-me com quem quer que seja.

Certa vez, enquanto ia numa carruagem, aconteceu ver duas cortesãs de pé numa varanda. Mas vi de facto nelas a Mãe Divina e fiz saudações.

Quando este estado (de consciência) despontou em mim, não conseguia adorar nem oferecer nada à Mãe Kali (no Templo de Dakshineswar). Perante isso, o administrador do templo começou a insultar-me. Mas eu apenas me ri dos seus insultos sem me sentir minimamente ofendido.

1005. Descrevendo uma visão que lhe revelou a verdadeira natureza do mundo, o Mestre disse: "Sabeis o que vi agora? Uma visão Divina — a visão da Mãe Divina! Ela apareceu com um filho no ventre, que Ela deu à luz e engoliu no instante seguinte. And tudo o que dele foi para a boca

d'Ela tornou-se vazio! Ela mostrou-me que tudo é Vazio. E Ela disse, por assim dizer: 'Venha a confusão! Venha a confusão!'"

O MESTRE SOBRE A SUA DOENÇA

1006. O Pandit Sasadhar, vendo o Mestre doente[1], perguntou-lhe: "Por que não concentra a sua mente na parte doente e assim se cura a si próprio?" O Mestre: Como posso fixar a minha mente, que dediquei a Deus, sobre este infeliz invólucro de carne e sangue? Sasadhar: Por que não reza à Mãe Divina pela cura da sua doença? O Mestre: Quando penso na minha Mãe, o corpo físico desaparece e estou inteiramente fora dele. Por isso é impossível para mim rezar por algo que diga respeito ao corpo.

1007. Quando o Mestre estava gravemente doente e mal conseguia falar ou engolir qualquer alimento, exclamou: "Estou agora a falar e a comer através de tantas bocas. Eu sou a Alma de todas as almas, tenho infinitas bocas. Eu sou o Espírito Infinito coberto por uma pele humana que tem uma ferida algures na garganta. Quando o corpo está doente, essa doença reage sobre a mente. Quando alguém se escalda com água quente diz: 'Esta água feriu-me', mas na verdade o que fere é o calor, e não a água. Toda a dor está no corpo, toda a doença está no corpo, mas o Espírito está acima da dor e está além do alcance da doença."

1008. Disse à Mãe que por causa disto (apontando para a sua garganta doente) não conseguia engolir nada, e rezei-Lhe para que me fosse permitido comer um pouco de comida. Mas a Mãe, apontando para todos vós, disse: "Porquê? Aqui estás tu a comer com tantas bocas!" Fiquei totalmente envergonhado e não pude proferir nem mais uma palavra.

1009. A Mãe trouxe esta doença sobre mim a fim de ensinar o homem como pensar no Espírito e como viver na consciência de Deus, mesmo quando há uma dor extrema no corpo. Quando o corpo está a sofrer de uma dor dilacerante e de fome, e quando está além de todo o poder humano dar qualquer alívio, mesmo assim a Mãe mostra-me que o Espírito é o mestre do corpo. A minha Mãe Divina trouxe esta doença sobre este corpo para convencer os céticos de que o Atman é divino, de que a consciência de Deus é verdadeira, de que quando se atinge a perfeição, a libertação de todas as amarras é alcançada.

1010. Quando, durante a sua última doença, o Mestre foi calorosamente solicitado pelos seus discípulos para rezar ao Senhor para curar a sua doença e reter o seu corpo no mundo por mais algum tempo, pelo menos por amor deles, ele disse: "Bem, nada resulta de eu falar ao Senhor sobre isso. Seja feita a Sua vontade. Vejo agora que a minha Mãe Divina e eu nos tornámos um, de uma vez por todas. Radha disse a Krishna: 'Ó amado, habita Tu dentro do meu coração e não apareças mais na Tua forma humana.' Mas Ela logo ansiou por ver Krishna em forma humana. O coração d'Ela debateu-se e arquejou pelo Amado. Mas a vontade do Senhor deve ser feita, e Krishna não apareceu em forma humana durante muito tempo."

O MESTRE, UMA COMBINAÇÃO DE HUMANIDADE E DIVINDADE

1011. De facto, existem três palavras que me picam até ao âmago: (1) Guru (preceptor espiritual), (2) Karta (realizador da ação) e (3) Baba (pai). Deus é o único Guru. A minha Mãe Divina é a única realizadora das ações, eu sou apenas um instrumento nas mãos d'Ela. Sinto-me sempre como o Seu filho.

1012. Sobre o seu encontro com um célebre Pandit, o Mestre disse: "Quando ouvi dizer que o Pandit vinha ver-me, fiquei com medo. Pois nem sequer estou consciente da roupa que visto. Não tinha ideia do que haveria de responder quando ele falasse comigo. À Mãe eu disse: 'À parte de Ti não sei nada — estas escrituras e outros assuntos.' Por isso disse às pessoas aqui: 'Sentai-vos todos aqui. Sentir-me-ei encorajado com a vossa presença.' Quando o Pandit realmente veio, continuei ainda a ter um pouco de medo. Sentei-me quieto, a olhar para ele e a ouvi-lo. Nesse mesmo momento vi a Mãe a revelar-me a totalidade da mente do Pandit. Qual é a utilidade de ler as escrituras se não se tem discernimento e desafeiçoamento? Ali (apontando para o seu próprio corpo) senti algo a rastejar até à cabeça. Todo o meu medo desapareceu e deixei de estar consciente de mim próprio. Ergui o meu rosto e as palavras começaram a fluir da minha boca. Senti como se alguém estivesse a reabastecer os meus pensamentos à medida que eram falados para fora. Em Kamarpukur, quando as pessoas mediam o grão, uma pessoa empurrava o grão para a frente enquanto a outra o media. Foi parecido com isso. Eu próprio não sabia tudo o que falava. Quando recuperei um pouco a minha consciência

externa, vi o Pandit a chorar e o seu corpo molhado de lágrimas. Experienciei tais estados de vez em quando. Keshab mandou-me dizer que me levaria num cruzeiro ao longo do Gange e que um missionário e turista europeu chamado Sr. Cook nos acompanharia. Ouvindo isto, comecei a ir para a árvore de casuarina repetidamente (isto é, responder às chamadas da Natureza por causa do nervosismo). Depois eles vieram e eu entrei no vaporizador. Logo uma mudança se operou em mim. Tudo o que eu disse então! Todas estas pessoas (apontando para os devotos) disseram que dei excelentes instruções. Mas eu não sabia nada sobre isso."

1013. Aquele que está dentro de mim está a fazer tudo isto através de mim. Às vezes costumava apanhar o estado de Divindade — nunca seria acalmado a menos que fosse adorado. Eu sou o instrumento e Ele é o manipulador. Faço conforme Ele me faz fazer, falo conforme Ele me faz falar.

1014. Girish Chandra Ghosh, mesmo depois de ter dado a sua "procuração"[2] ao Mestre, sentia-se inquieto a pensar no poder das más tendências adquiridas por ele na sua vida passada. Perante isto, o Mestre disse: "Ó criatura, porventura apanhou-te uma cobra-d'água? Não, foi uma venenosa. Mesmo que vás para casa a correr, terás de morrer. Não vês isso? Quando uma cobra-d'água apanha uma rã, esta morre apenas depois de coaxar muitas vezes. Às vezes também pode escapar. Mas se for uma cobra venenosa, a rã morre com um ou dois coaxos. Mesmo que escape, dá uns saltinhos por uma curta distância e morre na sua toca. O mesmo é o caso daquele que veio aqui."

1015. Um dia, enquanto um discípulo lhe massajava os pés, o Mestre disse, referindo-se a este ato de serviço: "Isto tem um significado profundo." Depois, colocando a mão no seu próprio coração, disse: "Se há algo (Divino) nele, então (por este ato de serviço) a ignorância e a Avidya desaparecerão de uma vez por todas." E depois acrescentou com um olhar sério: "Não há nenhum estranho aqui. Aquele dia tive uma visão. Harish estava perto de mim nessa altura. Vi Sachchidananda a sair do invólucro (isto é, do seu corpo). Tendo saído, Ele disse: 'Eu encarno em cada era.' Pensei que estava delirante. Por isso fiquei quieto. Depois ouvi que Ele dizia mesmo: 'Até Chaitanya adorou Sakti.'"

1016. Durante a sua doença, o Mestre disse aos seus devotos um dia: "Aqui (isto é, dentro de si próprio) existem duas pessoas. Uma é a Mãe Divina — a outra pessoa é o Seu devoto. É esta última que está agora

doente... O Senhor vem com os Seus discípulos como uma Encarnação Divina. Ele assume um corpo humano. Os Seus discípulos regressam com Ele para la Mãe Divina. Um bando de Bauls (mendigos cantores) entra numa casa de rompante. Eles cantam o 'nome' do Senhor e dançam de alegria. Feito isso, deixam a casa imediatamente. Tão abruptos no ir como no vir! E as pessoas não os conhecem!"

1017. Realizo que os três são da mesma substância — o bloco para o sacrifício, a vítima a ser sacrificada e aquele que imola a vítima do sacrifício.

1018. Nos seus últimos dias, enquanto jazia gravemente doente, o Mestre perguntou a Narendra: "Bem, o que pensas que é a natureza dos meus sentimentos?" Narendra: Ora, Senhor, vós sois tudo! Um herói que abriu o seu caminho para a Realidade com a espada do discernimento e com uma força que o mundo não pode dar! Tendes também o sentimento de uma *Sakhi* (amiga) — Amor indizível, o êxtase do Amor Divino que é evocado apenas pelo Amante Divino. Vós sois um herói, uma *Sakhi* e tudo o resto no vosso anseio pelo Senhor. O Mestre teve todos os seus sentimentos agitados. Colocou as mãos sobre o coração e disse, dirigindo-se a Narendra e a outros discípulos: "Eu vejo — eu realizo — que todas as coisas, cada coisa concebível — provém disto!"

1019. Um par de dias antes do falecimento do Mestre, quando seis meses de sofrimento da terrível doença do cancro na garganta já o tinham reduzido a um mero esqueleto, Narendra, o discípulo (o futuro Swami Vivekananda), sentiu uma curiosa inclinação para testar a repetida afirmação do Mestre sobre o facto de ser uma Encarnação. Por isso disse para si próprio: "Se no meio desta terrível dor física ele puder declarar a sua Divindade, então acreditarei que ele é verdadeiro." Estranho dizer, no momento em que este pensamento reluziu na sua mente, o Mestre reuniu toda a sua energia e disse distintamente: "Aquele que foi Rama e Krishna é agora Ramakrishna neste corpo — mas não no teu sentido vedântico."

LIVRO IV MÁXIMAS E PARÁBOLAS

Aquele que é o nosso protetor, que é o gerador e sustentador de nós mesmos e de todas as coisas existentes, que conhece todas as formas neste universo como a Sua morada, que criou os Deuses e lhes atribuiu os seus respetivos deveres — é por Ele, o Único, que todos os outros seres andam a indagar: "Quem é o Senhor Supremo?"

Ó homens, vós não conheceis Aquele que trouxe à existência tudo isto. Ele habita escondido dentro de vós, transcendendo até o vosso sentido de individualidade. Não O conhecendo devido à ignorância, que cobre a vossa perceção como uma névoa, passais as vossas vidas em noções falsas do vosso verdadeiro eu, perseguindo satisfações físicas e realizando rituais que concedem prazeres nos céus da vida futura.

— Rig Veda

CAPÍTULO XXI

ALGUMAS MÁXIMAS

(Máximas de significado ético — Máximas de significado espiritual)

MÁXIMAS DE SIGNIFICADO ÉTICO

1020. O lavadeiro guarda um grande stock de roupas não lavadas na sua casa, mas estas não são dele. Assim que as roupas são lavadas, o seu quarto fica vazio. Os homens que não têm pensamentos originais próprios são como o lavadeiro. Não sejais um lavadeiro nos vossos pensamentos.

1021. Faz tu próprio o que desejas que os outros façam.

1022. O homem torna-se pequeno ao mendigar. Até o próprio Senhor teve de assumir a forma de um anão (Vamana) quando foi ter com Bali para mendigar. Por este exemplo aprendemos que nos rebaixamos no momento em que mendigamos algo a alguém.

1023. Os homens são rápidos a louvar e rápidos a culpar; por isso não presteis atenção ao que os outros dizem de vós.

1024. Ao viverdes a vossa vida de paz e virtude, sede indiferentes tanto ao louvor como à censura da humanidade.

1025. Existem certos seres com quem se deve ter cuidado. Primeiro, os homens ricos. Eles têm dinheiro, homens e grande influência. Podem prejudicar-vos se quiserem. Tereis de lidar com eles com muito cuidado; talvez tenhais de acenar com a cabeça a tudo o que eles dizem. Segundo, o cão. Quando ataca ou ladra, deveis parar e acalmá-lo assobiando. Terceiro, o touro. Quando tenta cornear-vos, deve ser acalmado emitindo alguns sons. Quarto, o ébrio. Se o irritardes, ele insultar-vos-á com todo o tipo de linguagem imunda. Mas se vos dirigirdes a ele carinhosamente: "Então, tio,

como vão as coisas?", ele ficará imensamente satisfeito convosco e virá fumar convosco.

1026. O homem que comeu rábano tem eructações com o cheiro a rábano, e aquele que come pepino emite o seu cheiro no seu arroto; da mesma forma, a boca fala às vezes o que o coração concebe no seu interior.

1027. Desenvolvem-se várias propensões de acordo com a companhia em que a pessoa se move; e novamente, procura-se a companhia congénita com as propensões de cada um.

1028. Há alguns que têm a natureza de uma serpente. Nunca sabeis quando vos vão morder. Tendes de lutar arduamente para neutralizar o seu veneno. Caso contrário, ficareis tão enfurecidos que sentireis a paixão da vingança (contra eles).

1029. A ira é um sinal de *Tamas*. Na ira o homem perde todo o discernimento. Hanuman ateou fogo a Lanka, mas não teve o bom senso então de apreender que isso poderia queimar até o local onde Sita estava alojada.

1030. "Gurus podem haver às centenas e aos milhares, mas de *Chelas* (discípulos) não há um" é um ditado antigo. Significa que muitas são as pessoas que podem dar bons conselhos, mas aquelas que os seguem são poucas.

1031. Por que razão as religiões degeneram? A água da chuva é pura, mas no momento em que atinge a terra fica suja devido ao meio pelo qual passa. Se os telhados e os canos e os canais estiverem todos sujos, a água descarregada através deles também deve estar suja. (Assim a religião fica contaminada pelo meio através do qual se manifesta.)

1032. O pecado e o mercúrio são difíceis de digerir.

1033. Ao visitar um sábio ou ao ir a um templo, nunca deveis ir de mãos vazias. Tendes de levar algo, por mais insignificante que seja, na vossa mão como uma oferenda.

1034. Assim como os ladrões não podem entrar numa casa se os seus habitantes estiverem bem acordados, também se estiverdes sempre em guarda, nenhum pensamento mau entrará na vossa mente para a roubar da sua bondade.

1035. Maya é o apego em relação aos próprios parentes, tais como pai, mãe, irmão, irmã, esposa, filhos e primo. E o amor que flui para todas as criaturas igualmente é chamado *Daya*.

1036. Tanto tempo quanto vivo, tanto tempo aprendo.

1037. Enquanto viverdes, aprendei todos os dias sobre os mistérios do Amor e da devoção. Será sempre para vossa vantagem.

1038. Inclinai a vossa cabeça onde os outros se estão a inclinar. A veneração nunca fica sem recompensa.

1039. Permanecei sempre fortes e firmes na vossa própria fé, mas evitai todo o fanatismo e intolerância.

1040. Bharata, Prahlada, Sukadeva, Vibhishana, Parasurama, Bali e as Gopis de Brindavan — estas pessoas desobedeceram aos seus superiores por causa de Deus.

1041. O melhor percurso para vós é renunciar ao desejo e trabalhar desapegados.

MÁXIMAS DE SIGNIFICADO ESPRITUAL

1042. O céu às vezes fala através das bocas de loucos, ébrios e crianças.

1043. O diabo nunca entra na casa onde canções em louvor de Hari são sempre cantadas.

1044. Sagrados são aqueles que vivem nas margens do Gange.

1045. A água do Gange não deve ser considerada como água; nem o pó de Sri Brindavana como pó! nem o *Mahaprasada* de Sri Sri Jagannatha Deva como arroz. Estes três são manifestações objetivas do Ser Supremo.

1046. Se aprouver ao Senhor, Ele pode até passar um elefante pelo fundo de uma agulha. Ele pode fazer o que quiser.

1047. Os seus passos não vacilam, daquele que se refugiou N'Ele.

1048. Hari significa Aquele que rouba (*Harati*) os nossos corações; e Haribol significa Hari é a nossa força.

1049. A menos que o espírito no homem se desperte, ele não pode conhecer Deus.

1050. Refugiai-vos em Deus e abandonai a vergonha e o medo. "Se eu fosse dançar em nome de Deus, o que diriam as pessoas?" — deitai fora todas essas ideias.

1051. Para alguém o Mestre disse: "Bem, vieste procurar Deus agora, depois de passares a maior parte da tua vida no mundo. Se tivesses entrado no mundo após realizares Deus, que paz e alegria terias encontrado!"

1052. Se tiverdes fé, alcançareis aquilo por que anseais.

1053. Primeiro, la realização de Deus, e depois a Sua criação. A Valmiki foi dado o Mantra Rama para meditar, mas foi instruído a começar a repeti-lo inversamente *Mara Mara* — isto é, Ma, ou Isvara, e Ra, ou Jagat, — primeiro Deus e depois o universo.

[1]: Nos seus últimos dias ele estava a sofrer de cancro na garganta. [2]: Este é um termo que o Mestre costumava usar para expressar a completa rendição pessoal.

1054. É absurdo falar em prejuízo decorrente da absorção excessiva em Deus. Os raios de um diamante iluminam e reconfortam, mas nunca queimam.

1055. Tenta conhecer o *Nitya* através da *Lila*.

1056. Acolhe-te em *Chit* (Pura Consciência) para realizares o *Sat* (Pura Existência).

1057. O Eterno deve ser alcançado por meio do não eterno, o Real através da ajuda do irreal, e o númeno através da ajuda do fenómeno.

1058. O Seu nome é Inteligência (*Chinmaya*); a Sua morada é Inteligência; e He, o Senhor, é Toda-Inteligência.

CAPÍTULO XXII PARÁBOLAS

(O flagelo da mundanidade — O sexo e o seu cativeiro — O progresso espiritual depende da mente — Perigos da filosofia mal compreendida — A tolice do fanatismo — Fé, devoção e resignação — Yoga e Vairagya — Natureza de Maya — Realização do Divino)

O FLAGELO DA MUNDANIDADE

1059. Deus é como a árvore da realização de desejos do mundo celestial (*Kalpataru*), que dá tudo o que se lhe pede. Portanto, deve-se ter o cuidado de abandonar todos os desejos mundanos quando a mente de alguém tiver sido purificada por exercícios religiosos. Ouvi apenas uma história. Um certo viajante chegou a uma grande planície no decurso das

suas viagens. Como tinha estado a caminhar ao sol durante muitas horas, estava totalmente exausto e a suar intensamente; por isso sentou-se à sombra de uma árvore para descansar um pouco. Pouco depois, começou a pensar que conforto seria se pudesse arranjar ali uma cama macia para dormir. Ele não sabia que estava sentado debaixo da árvore celestial. Assim que o referido pensamento surgiu na sua mente, encontrou uma bela cama ao seu lado. Ficou muito espantado, mas, apesar de tudo, estendeu-se nela. Agora pensou para si quão agradável seria se uma jovem donzela viesse ali e massajasse gentilmente as suas pernas. Não tardou que o pensamento surgisse na sua mente e ele encontrou uma jovem donzela sentada aos seus pés a massajar-lhe as pernas. O viajante sentiu-se supremamente feliz. Pouco depois sentiu fome e pensou: "Consegui tudo o que desejei; não poderia então conseguir alguma comida?" Instantaneamente encontrou vários tipos de comida deliciosa estendidos diante de si. Começou logo a comer e, tendo-se servido até ao contentamento do seu coração, estendeu-se novamente na sua cama. Começou agora a revolver na sua mente os acontecimentos do dia. Enquanto estava assim ocupado, pensou: "E se um tigre me atacasse de repente!" Num instante, um grande tigre saltou sobre ele, partiu-lhe o pescoço e começou a beber o seu sangue. Desta maneira o viajante perdeu a vida. Tal é o destino dos homens em geral. Se durante a vossa meditação rezardes por homens ou dinheiro ou honras mundanas, os vossos desejos serão sem dúvida satisfeitos até certo ponto; mas, tende em conta, há o pavor do tigre por trás das dádivas que recebeis. Esses tigres — a doença, os falecimentos, a perda de honra e de riqueza, etc. — são mil vezes mais terríveis do que o tigre vivo.

1060. Um grupo de mulheres peixeiras, que vinha a caminho de casa vindo de um mercado distante realizado numa tarde, foi surpreendido por uma forte tempestade de granizo ao cair da noite e foi compelido a abrigar-se na cabana de um florista ali perto. O seu amável anfitrião permitiu-lhes dormir aquela noite num quarto onde tinha guardado alguns cestos de flores de cheiro doce para fornecer aos seus clientes no dia seguinte. A atmosfera do quarto, cheia da fragrância das flores, era boa demais para as peixeiras, e elas não conseguiam, por isso, pregar olho. Por fim, uma delas sugeriu um remédio. "Salpiquemos", disse ela, "um pouco de água nos nossos cestos de peixe vazios e coloquemo-los perto de nós. Isso impedirá que este cheiro incómodo das flores nos estrague o sono." Todas concordaram de bom grado com a proposta e procederam em conformidade; e logo todas

começaram a roncar. Tal é, na verdade, o poder e a influência do hábito! A alma mundana, criada em, e acostumada a pensamentos e ambientes materialistas, não pode respirar por muito tempo numa atmosfera de pureza e renúncia sem sentir inquietação e desconforto.

1061. Certa vez, um sábio estava deitado à beira da estrada profundamente imerso em Samadhi. Um ladrão, ao passar por esse caminho, viu-o e pensou: "Este sujeito aqui deve ser um ladrão. Deve ter assaltado algumas casas a noite passada e está agora a dormir devido à exaustão. A polícia estará muito em breve aqui para o apanhar. Por isso, deixa-me escapar a tempo." Assim cogitando, fugiu. Pouco depois chegou ali um ébrio e, vendo o sábio, disse: "Olá! Caíste na vala por beberes demais. Eh! Eu estou mais firme do que tu e não vou trambicar." Por último, chegou um sábio e, realizando que um grande santo estava ali no estado de Samadhi, sentou-se ao seu lado e começou a massajar-lhe os santos pés gentilmente. (Assim as nossas tendências mundanas nos impedem de reconhecer a verdadeira santidade e piedade.)

1062. No que diz respeito à classe sacerdotal, Sri Ramakrishna costumava contar um incidente da vida de Gauranga. Quando Sri Gauranga, estando totalmente absorto em si próprio em *Bhava Samadhi*, caiu ao oceano, foi içado numa rede pelos pescadores; mas, ao entrarem em contacto com a sua sagrada pessoa através da rede, eles também foram lançados num transe. Abandonando todo o seu trabalho, deambulavam como maníacos simplesmente cantando o sagrado nome de Hari. Os seus parentes não conseguiam curar a doença por nenhum meio e, não encontrando outro remédio, vieram finalmente ter com Sri Gauranga e contaram-lhe a sua dor. Sri Gauranga disse-lhes então: "Ide buscar um pouco de arroz à casa de um sacerdote e colocai-o na boca deles, e vê-los-eis curados." Eles assim procederam e os pescadores perderam o seu êxtase bem-aventurado. (Tal é a influência contaminadora da mundanidade e da impureza no crescimento espiritual.)

1063. O feitor de um certo homem rico ficou encarregue da propriedade do seu patrão. Quando alguém lhe perguntava de quem era a propriedade, costumava dizer: "Senhor, esta é toda a minha propriedade; estas casas e estes jardins são todos meus." Falava neste tom e andava por aí com um ar de vaidade. Um dia aconteceu ele pescar num tanque da casa de campo do seu patrão, em contravenção da sua proibição estrita. Por azar, o patrão apareceu no local nesse preciso momento e viu o que o seu feitor

desonesto estava a fazer. Descobrindo a falta de fidelidade do seu servo, o patrão expulsou-o imediatamente das suas terras, ultrajado e desonrado, e confiscou todos os seus ganhos passados. O pobre diabo não pôde levar consigo sequer a sua caixa decrépita de utensílios que era a sua única propriedade privada. Tal é o castigo que atinge o falso orgulho.

1064. Um barbeiro, que passava por baixo de uma árvore assombrada, ouviu uma voz dizer: "Aceitas sete jarros cheios de ouro?" O barbeiro olhou ao redor, mas não viu ninguém. A oferta de sete jarros de ouro, contudo, despertou a sua cupidez e ele gritou alto: "Sim, aceitarei os sete jarros." Veio imediatamente a resposta: "Vai para casa, eu levei os jarros para a tua casa." O barbeiro correu para casa a toda a pressa para verificar a verdade deste estranho anúncio. E quando entrou na casa, viu os jarros diante de si. Abriu-os e encontrou-os a todos cheios de ouro, exceto o último, que estava apenas meio cheio. Um forte desejo surgiu agora na mente do barbeiro de encher também o sétimo jarro; pois sem isso a sua felicidade era incompleta. Ele, portanto, converteu todos os seus ornamentos em moedas de ouro e colocou-as no jarro; mas o misterioso vaso continuava como antes, por preencher. Isto exasperou o barbeiro. Deixando-se a si próprio e à sua família passar fome, poupou mais alguma quantia e tentou encher o jarro; mas o jarro permaneceu como antes. Por isso, um dia pediu humildemente ao rei que lhe aumentasse o ordenado, pois os seus rendimentos não eram suficientes para se manter. Ora, o barbeiro era um favorito do rei e, assim que o pedido foi feito, o rei duplicou o seu ordenado. Todo este ordenado ele poupava e colocava no jarro, mas o ganancioso jarro não mostrava sinais de se encher. Por fim, começou a viver de mendigar de porta em porta, e os seus rendimentos profissionais e os rendimentos da mendicidade iam todos para a cavidade insaciável do misterioso jarro. Meses passaram e a condição do miserável e avarento barbeiro piorava a cada dia. Vendo a sua triste situação, o rei perguntou-lhe um dia: "Olá! Quando o teu ordenado era metade do que recebes agora, eras feliz, alegre e contente; mas com o dobro desse ordenado, vejo-te moroso, consumido por cuidados e abatido. O que se passa contigo? Porventura conseguiste 'os sete jarros'?" O barbeiro ficou desconcertado com esta pergunta e respondeu: "Sua Majestade, quem vos informou disto?" O rei disse: "Não sabes que estes são os sinais da pessoa a quem o Yaksha entrega os sete jarros? Ele ofereceu-me também os mesmos jarros, mas eu perguntei-lhe se este dinheiro poderia ser gasto ou se era

meramente para ser acumulado. Mal fiz esta pergunta, o Yaksha fugiu sem qualquer resposta. Não sabes que ninguém pode gastar esse dinheiro? Ele traz apenas consigo o desejo de acumular. Vai imediatamente e devolve o dinheiro." O barbeiro caiu em si com este conselho, e foi à árvore assombrada e disse: "Toma de volta o teu ouro, Ó Yaksha." O Yaksha respondeu: "Muito bem." Quando o barbeiro regressou a casa, descobriu que os sete jarros tinham desaparecido tão misteriosamente como tinham sido trazidos, e com eles tinham desaparecido também as poupanças de toda a sua vida. Tal é o estado de alguns homens no Reino dos Céus. Aqueles que não compreendem a diferença entre o que é a despesa real e o que é o rendimento real, perdem tudo o que têm.

1065. Certa vez, no mês de junho, um cabrito brincava perto da sua mãe. Com um salto alegre, disse-lhe que pretendia fazer um bom banquete de flores Ras (uma espécie de flores que brotam abundantemente durante o festival de Rasa lila em novembro). "Bem, meu querido", respondeu a progenitora, "não é uma coisa tão fácil como pareces pensar. Terás de passar por muitos perigos antes de poderes esperar banquetear-te com flores Ras. Os meses seguintes de setembro e outubro não vos são muito auspiciosos. Pois alguém pode tomar-te para seres sacrificado à Deusa Durga. Depois há o tempo terrível da Kali-puja; e se fores suficientemente afortunado para sobreviveres também a esse período, há ainda a Jagaddhatri-puja, quando quase todos os que restam dos membros machos da nossa espécie são sacrificados. Se a tua boa sorte te carregar em segurança através de todas estas crises, então podes esperar fazer um banquete de flores Ras no início de novembro." À semelhança da progenitora na fábula, não devemos aprovar apressadamente todas as aspirações que as nossas fantasias juvenis possam nutrir, considerando as múltiplas crises pelas quais poderemos ter de passar nas nossas vidas.

O SEXO E O SEU CATIVEIRO

1066. Um cavalheiro de educação moderna discutia certa vez com o mestre que era possível para os homens de família permanecerem não contaminados pela mundanidade. Para ele, o Mestre disse: "Sabeis de que espécie é o vosso chamado 'homem de família não contaminado' dos dias de hoje? Sendo não contaminado pelo mundo e, portanto, não tendo qualquer preocupação com assuntos de dinheiro, as suas finanças e todos os seus assuntos domésticos são geridos pela sua esposa. Portanto, se um

pobre brâmane vem mendigar a este dono da casa, ele diz-lhe: 'Senhor, eu nunca toco em dinheiro. Por que perde o seu tempo a mendigar-me?' Se o brâmane, contudo, for um sujeito importuno, o vosso homem de família não contaminado, estando cansado das suas súplicas, pensa que o homem deve receber algo e diz-lhe: 'Bem, senhor, venha amanhã. Verei o que posso fazer por si.' Depois, indo para dentro, este exemplar homem de família diz à sua esposa: 'Olha aqui, minha querida, um pobre brâmane está em grande aflição. Demos-lhe uma rupia.' Ouvindo a palavra 'rupia', a esposa inflama-se de raiva e diz sarcasticamente: 'Ah, que homem generoso que tu és! As rupias são para ti como folhas e pedras para serem deitadas fora sem o menor pensamento.' 'Bem, minha querida', responde o dono da casa num tom apologético, 'o brâmane é muito pobre e não lhe deveríamos dar menos.' 'Não', diz a esposa, 'não posso dispensar tanto. Aqui está uma moeda de dois annas; podes dar-lhe isso, se quiseres.' Mas como o Babu é um homem de família bastante não contaminado pela mundanidade, ele recebe, escusado será dizer, o que a sua esposa lhe dá, e no dia seguinte o pedinte recebe apenas a peça de dois annas. Portanto vedes, os vossos chamados homens de família não contaminados não são realmente senhores de si próprios. Porque eles próprios não cuidam dos assuntos da família, pensam que são homens muito bons e santos, ao passo que, em boa verdade, são maridos subjugados, guiados inteiramente pelas suas esposas, e por isso são espécimes muito fracos até da humanidade comum."

1067. Em tempos idos, os sacerdotes do templo de Govindaji em Jaypur nunca se casavam. Então eram supremamente pujantes com a força do Eu. Certa vez, o rei mandou chamá-los, mas eles não foram. Disseram: "Pedi ao rei que venha ter connosco." Mas depois começaram a casar-se e então já não houve necessidade de o rei mandar chamá-los! Eles, por sua própria iniciativa, iam ter com o rei e diziam: "Maharaj, Maharaj, viemos abençoar-vos. Aqui trouxemos para vós as flores oferecidas a partir do santuário. Por favor, aceitai-as." Pois eram agora compelidos a fazê-lo. O que podiam os pobres diabos fazer? Um dia tinham de construir as suas casas; noutro dia tinham de realizar a cerimónia Annaprasana (dar a primeira porção de arroz cozinhado a uma criança) dos seus filhos; noutro dia ainda tinham de casar as suas filhas, e assim por diante. Tudo isto os mantinha em constante necessidade de dinheiro! Podeis ver por vós mesmos no que vos tornastes ao servir debaixo de outros. Aqueles de vós, jovens que são bastante doutos em inglês e educados segundo o modelo

ocidental, silenciosamente aguentam os pontapés dos seus patrões! Sabeis o que está por trás de todas estas humilhações e dores de servidão? É a mulher — a sujeição às atrações do sexo.

1068. Um homem pobre estava em grande aflição por falta de emprego. Foi várias vezes a um escritório e desfez-se em rapapés diante do Bara Babu (chefe de escritório ou gerente) do local, mas era sempre mandado de volta com respostas evasivas tais como: "Hoje não, venha amanhã", "Venha ver-me de vez em quando", e assim por diante. O pobre homem gastou muito tempo desta maneira. Um dia falou sobre a sua sorte com um dos seus amigos. O amigo disse imediatamente: "Quão descuidado tu és! Por que gastaste as solas dos teus pés a ir ter com esse sujeito? Vai ter com Golap e suplica-lhe, e acredita em mim, conseguirás uma nomeação amanhã." Em grande surpresa, o pobre homem exclamou: "Será assim! Vou correr já para lá." Golap era a amante do gerente do escritório. O pobre homem foi ter com ela e disse: "Mãe, estou em grande aflição, e ninguém senão vós me pode salvar dela. Sou um brâmane e não tenho outros meios. Estou sem nenhum emprego há muito tempo e a minha esposa e filhos estão a passar fome. Posso conseguir um emprego se disserdes apenas uma palavra." Golap disse então: "Sim, mas ao dizer a quem é que isso se pode arranjar?" E pensou compassivamente: "Ah, que pena que o brâmane esteja em tal situação!" O pobre homem disse imediatamente: "Se disserdes uma palavra ao Bara Babu em meu nome, tenho a certeza de conseguir um emprego." Golap prometeu então pedir ao Bara Babu nessa mesma noite que lhe desse um emprego, e vejam só! Na manhã seguinte, um contínuo veio ter com o pobre homem da parte do Bara Babu, pedindo-lhe para comparecer no seu escritório a partir desse dia. O Bara Babu recomendou o homem ao funcionário superior com as palavras: "Senhor, este cavalheiro tem qualificações muito elevadas e, pensando que beneficiaria muito o nosso escritório ter os seus serviços, dei-lhe um lugar aqui." Tal é o encanto que a mulher tece sobre o homem. O mundo inteiro está louco por "mulher e ouro".

1069. A um pobre brâmane calhou ter um rico mercador de panos como seu discípulo. O mercador era muito avarento por natureza. Um dia o brâmane necessitou de um pequeno pedaço de pano para cobrir o seu livro sagrado. Foi ter com o seu discípulo e pediu o pedaço de pano requerido; mas o mercador respondeu: "Sinto muito, Senhor. Se me tivesse falado disto algumas horas mais cedo, ter-lhe-ia dado a coisa pretendida.

Infelizmente, agora não tenho nenhum pequeno pedaço de pano que sirva para o seu propósito. Contudo, lembrar-me-ei do seu requisito, mas por favor lembre-me dele de vez em quando." O brâmane teve de se ir embora desapontado. Esta conversa entre o Guru e o seu digno discípulo foi ouvida pela esposa deste último por trás de uma cortina. Ela enviou imediatamente um homem atrás do brâmane e, chamando-o para dentro de casa, disse: "Reverendo Pai, o que é que estava a pedir ao dono da casa?" O brâmane relatou tudo o que tinha acontecido. A esposa disse: "Por favor, vá para casa, Senhor. Receberá o pano amanhã de manhã." Quando o mercador regressou a casa à noite, a esposa perguntou-lhe: "Fechaste a loja?" O mercador disse: "Sim, o que se passa?" Ela disse: "Vai imediatamente e traz dois panos da melhor qualidade que houver na loja." Ele disse: "Para quê esta pressa? Dar-te-ei os melhores panos amanhã de manhã." A esposa, contudo, insistiu: "Não, devo tê-los agora mesmo, ou nunca." O que podia o pobre mercador fazer? A pessoa com quem ele tinha agora de lidar não era o Guru espiritual que ele podia mandar embora com promessas vagas e indefinidas, mas a "Guru da cortina", cujas ordens deveriam ser instantaneamente obedecidas, caso contrário não haveria paz para ele em casa. Por fim o mercador, de livre vontade, abriu a loja, àquela hora tardia da noite, e trouxe-lhe os panos. Cedo na manhã seguinte, a boa senhora enviou o artigo ao Guru com a mensagem: "Se no futuro quiser alguma coisa de nós, peça-me a mim e recebê-la-á." (Portanto, aqueles que rezam à misericordiosa Mãe Divina e pedem as Suas bênçãos têm melhores hipóteses de ver as suas orações ouvidas do que aqueles que adoram Deus no aspeto paterno mais severo.)

1070. Quando perguntado por que razão não levava a vida de um homem de família com a sua esposa, o Mestre respondeu: Kartikeya (filho de Siva) aconteceu um dia arranhar uma gata com a sua unha. Ao ir para casa, viu que havia a marca do arranhão na face da sua divina mãe, Parvati. Vendo isto, perguntou-lhe: "Mãe, como conseguiste esta cicatriz feia na tua face?" A Mãe do universo respondeu: "Isto é obra da tua mão; é o arranhão da tua unha." Kartikeya perguntou em espanto: "Como é isso, Mãe? Não me lembro de te ter arranhado em nenhuma altura." A Mãe respondeu: "Querido, esqueceste o facto de teres arranhado uma gata esta manhã?" Kartikeya disse: "Sim, arranhei uma gata, mas como é que a tua face ficou com a cicatriz?" A Mãe respondeu: "Querido filho, nada existe neste mundo senão eu mesma. Toda a criação sou eu mesma; a quem quer que

possas ferir, só me feres a mim." Kartikeya ficou muito surpreendido ao ouvir isto; e então determinou nunca se casar. Pois com quem se poderia ele casar? Cada mulher era mãe para ele. Percebendo assim a maternidade da mulher, abandonou o casamento. Eu sou como Kartikeya. Considero cada mulher como a minha Mãe Divina.

O PROGRESSO ESPRITUAL DEPENDE DA MENTE

1071. O ganho espiritual de uma pessoa depende da sua condição mental e da vida de pensamento. Procede do seu coração, e não de nenhuma das suas ações externas. Dois amigos, enquanto passeavam, calhou passarem por um local onde o Bhagavata estava a ser exposto. Um deles disse: "Bem, entremos ali por um momento e ouçamos a sagrada escritura." O outro respondeu: "Não, meu querido amigo, qual é a utilidade de ouvir o Bhagavata? Passemos o tempo no prostíbulo acolá em divertimento e prazer." O primeiro não consentiu com esta proposta. Foi para o local onde o Bhagavata estava a ser lido e sentou-se para o ouvir. O outro foi para o prostíbulo, mas não encontrou o prazer que ali tinha antecipado. Por isso estava a pensar dentro de si próprio: "Ai de mim! Por que vim eu para aqui? Quão feliz deve estar o meu amigo por estar a ouvir a toda a hora um relato dos feitos sagrados do Senhor Hari." Assim, ele meditava em Hari mesmo estando num local profano. O outro homem também, que estava a ouvir a exposição do Bhagavata, não encontrou prazer nela. Sentado ali, começou a culpar-se, dizendo: "Ah! Que tolo fui eu por não ter acompanhado o meu amigo ao prostíbulo! Que grande prazer ele deve estar a ter a esta hora ali!" O resultado foi que ele estava meramente sentado onde o Bhagavata estava a ser lido, enquanto durante todo o tempo a sua mente sonhava com os prazeres que poderia ter desfrutado na casa de má fama. Ora, como a sua mente estava enegrecida com estes pensamentos, ele apanhou todo o pecado de visitar o prostíbulo, embora não tivesse ido lá em pessoa. E o homem que tinha ido ao prostíbulo adquiriu todo o mérito de ouvir o Bhagavata, porque a sua mente meditava no livro sagrado mesmo estando naquele mau lugar.

1072. Um Sannyasin habitava ao lado de um templo. Havia a casa de uma meretriz em frente. Vendo o constante concurso de homens na casa da prostituta, o Sannyasin chamou-a um dia e censurou-a, dizendo: "És uma grande pecadora. Pecas dia e noite. Oh, quão miserável será a tua sorte daqui em diante!" A pobre prostituta ficou extremamente desgostosa com

as suas más ações e, com genuíno arrependimento interior, rezou a Deus suplicando o perdão. Mas como a prostituição era a sua profissão, ela não podia facilmente adotar outro meio de ganhar o seu sustento. E assim, sempre que a sua carne pecava, ela censurava-se sempre com maior contrição de coração e rezava a Deus mais e mais por perdão. O Sannyasin viu que o seu conselho aparentemente não tinha produzido qualquer efeito sobre ela e pensou: "Deixa-me ver quantas pessoas visitarão esta mulher no decurso da sua vida." E a partir desse dia, sempre que qualquer pessoa entrava na casa da prostituta, o Sannyasin contava-a colocando uma pedra por ela, e assim, com o decorrer do tempo, surgiu uma grande pilha de pedras. Um dia o Sannyasin disse à prostituta, apontando para a pilha: "Mulher, não vês esta pilha? Cada pedra nela representa cada comissão do pecado mortal em que te tens vindo a banquetear desde que te aconselhei da última vez a desistir do mau caminho. Mesmo agora te digo: Acautela-te com as tuas más ações!" A pobre infeliz começou a tremer à vista da acumulação dos seus pecados, e rezou a Deus derramando lágrimas de total desamparo, e repetindo interiormente: "Senhor, não me livrarás da vida miserável que estou a levar?" A oração foi ouvida, e nesse mesmíssimo dia o anjo da morte passou pela casa dela, e ela cessou de existir neste mundo. Pela estranha vontade de Deus, o Sannyasin também morreu no mesmo dia. Os mensageiros de Vishnu desceram do Céu e carregaram o corpo espiritual da arrependida prostituta para as regiões celestiais, enquanto os mensageiros de Yama amarraram o espírito do Sannyasin e o carregaram para o submundo. O Sannyasin, vendo a boa sorte da prostituta, gritou alto: "Será esta a justiça subtil de Deus? Passei toda a minha vida em ascetismo e pobreza e sou carregado para o inferno, enquanto aquela prostituta, cuja vida foi um registo completo de pecado, vai para o Céu!"

Ouvindo isto, os mensageiros de Vishnu disseram: "Os decretos de Deus são sempre justos; conforme semeias, assim colhes. Passaste a tua vida na exibição externa e na vaidade, tentando obter honra e fama; e Deus deu-te isto. O teu coração nunca ansiou sinceramente por Ele. Esta prostituta rezou fervorosamente a Deus dia e noite, embora o seu corpo pecasse durante todo o tempo. Olha para o tratamento que o teu corpo e o corpo dela estão a receber daqueles que estão lá em baixo. Como nunca pecaste com o teu corpo, eles decoraram-no com flores e grinaldas, e estão a carregá-lo com música numa procissão para o entregar ao rio sagrado. Mas o corpo desta prostituta, que tinha pecado, está a ser despedaçado

neste momento por abutres e chacais. Apesar disso, ela era pura de coração e está, por isso, a ir para as regiões dos puros. O teu coração estava sempre absorvido em contemplar os pecados dela e assim se tornou impuro. Estás, por isso, a ir para as regiões dos impuros. Tu foste a verdadeira prostituta, e não ela."

PERIGOS DA FILOSOFIA MAL COMPREENDIDA

1073. A um Rajá foi certa vez ensinada pelo seu Guru a sagrada doutrina de Advaita, que declara que o universo inteiro é Brahman. O rei ficou muito agradado com esta doutrina. Indo para dentro, disse à sua rainha: "Não há distinção entre a rainha e a criada da rainha. Portanto, a criada será a minha rainha daqui em diante." A rainha ficou estupefacta com esta proposta louca do seu senhor. Mandou chamar o Guru e queixou-se-lhe num tom piedoso: "Senhor, olhai para o resultado pernicioso dos vossos ensinamentos", e contou-lhe o que tinha ocorrido. O Guru consolou la rainha e disse: "Quando servirdes o jantar ao rei hoje, fazei com que uma panela cheia de bosta de vaca também seja servida juntamente com o prato de arroz." À hora do jantar, o Guru e o rei sentaram-se juntos para comer. Quem poderia imaginar a raiva do rei quando viu um prato de bosta de vaca servido para a sua refeição! O Guru, vendo isto, interrogou calmamente: "Sua Alteza, vós sois bem versado no conhecimento de Advaita. Por que razão vedes então qualquer distinção entre a bosta e o arroz?" O rei ficou exasperado e exclamou: "Vós, que vos orgulhais de ser um tão grande Advaitin, Comei esta bosta se puderdes." O Guru disse: "Muito bem," e imediatamente se transformou num porco e devorou a bosta de vaca com grande gosto e depois reassumiu a sua forma humana. O rei ficou tão envergonhado que nunca mais fez a sua proposta louca à rainha.

1074. Um brâmane estava a preparar um jardim. Cuidava dele dia e noite. Um dia, uma vaca entrou no jardim e pastou numa jovem planta de manga de que o brâmane costumava cuidar com especial atenção. Quando viu a vaca a destruir a sua planta favorita, o brâmane ficou louco de raiva e deu uma tareia tão severa ao animal que este morreu devido aos ferimentos recebidos. A notícia logo se espalhou como fumo de que o brâmane tinha matado o animal sagrado. Quando alguém atribuía o pecado desse ato a ele, o brâmane, que se professava Vedantin, negava a acusação, dizendo: "Não, eu não matei a vaca; foi a minha mão que o fez; e como o Deus Indra é a divindade presidente da mão, foi ele quem incorreu no pecado de matar a

vaca, não eu." Indra, no seu céu, ouviu falar disto. Assumiu a forma de um velho brâmane e, vindo ter com o proprietário do jardim, disse: "Senhor, de quem é este jardim?" Brâmane: Meu. Indra: É um belo jardim. Tendes um jardineiro habilidoso; pois vede quão limpa e artisticamente ele plantou as árvores. Brâmane: Bem, senhor, isso também é obra minha. As árvores foram plantadas sob a minha supervisão e direção pessoal. Indra: Muito bem feito, na verdade! Quem preparou este caminho? Está muito bem planeado e nitidamente executado. Brâmane: Tudo isso foi feito por mim. Então Indra disse com as mãos juntas: "Quando todas estas coisas são vossas, e quando recebeis o crédito por todo o trabalho feito neste jardim, não é justo que o pobre Indra seja feito responsável por matar a vaca."

1075. Uma serpente habitava numa certa localidade. Ninguém se atrevia a passar por esse caminho; pois quem quer que o fizesse era instantaneamente mordido até à morte por essa serpente. Certa vez, um homem santo passou por ali. Como habitualmente, a serpente perseguiu o sábio com vista a morde-lo, mas quando se aproximou do homem santo, perdeu toda a sua ferocidade e foi dominada pela gentileza dele. Vendo a cobra, o homem santo disse: "Bem, amiga, queres morder-me?" A cobra ficou envergonhada e não deu resposta. Perante isto, o sábio disse novamente: "Escuta, amiga, não faças mal a ninguém no futuro." A cobra inclinou-se e acenou assentindo. Depois de o sábio ter seguido o seu próprio caminho, a cobra entrou na sua toca e, daí em diante, começou a viver uma vida de inocência e pureza, sem sequer desejar fazer mal a ninguém. Em poucos dias, tornou-se uma crença comum na vizinhança que a cobra tinha perdido todo o seu veneno e já não era perigosa, e por isso as pessoas começaram a atormentá-la. Alguns atiravam-lhe pedras e outros arrastavam-na impiedosamente pela cauda. Assim, não havia fim para os seus problemas. Felizmente, algum tempo depois, o sábio passou novamente por aquele caminho e, vendo a condição pisada e maltratada da pobre cobra, moveu-se muito de piedade e inquiriu a causa da sua aflição. Perante isto, a cobra respondeu: "Senhor, fui reduzida a este estado porque não tenho feito mal a ninguém desde que recebi a vossa instrução. Mas, infelizmente! Eles são tão impiedosos!" O sábio disse sorrindo: "Querida amiga, eu simplesmente aconselhei-te a não morderes ninguém, mas nunca te pedi que não silvasses e assustasses os outros. Embora não devas morder nenhuma criatura, ainda assim deves manter toda a gente a uma distância considerável de ti silvando." Da mesma forma, se viveis no mundo, fazei-

vos temer e respeitar. Não prejudiqueis ninguém, mas não deixeis, ao mesmo tempo, que os outros vos prejudiquem.

1076. Um instrutor ensinou uma vez o seu discípulo: "Tudo o que existe é Deus." O discípulo compreendeu esta instrução literalmente e não no seu verdadeiro espírito. Um dia, enquanto passava por uma rua, deparou-se com um elefante. O condutor (*Mahut*) gritou alto de cima do animal: "Afasta-te, afasta-te!" O discípulo, contudo, argumentou dentro de si próprio: "Por que haveria de me afastar? Eu sou Deus e o elefante também o é. Que medo tem Deus de Si Próprio?" Refletindo assim, não se moveu. Por isso, o elefante agarrou-o com a sua tromba e lançou-o para o lado. Ele ficou gravemente ferido e, regressando para junto do seu instrutor, relatou toda a história. O instrutor disse então: "Muito bem. Tu és Deus e o elefante também é Deus; mas Deus na forma do condutor do elefante estava a avisar-te lá de cima. Por que não prestaste atenção ao aviso dele?"

A TOLICE DO FANATISMO

1077. Não sejais um fanático como Ghantakarna. Havia um homem que adorava Siva mas odiava todas as outras divindades. Um dia, Siva apareceu-lhe e disse: "Nunca ficarei contente contigo enquanto odiares outros Deuses." Mas o homem foi inexorável. Passados alguns dias, Siva apareceu-lhe novamente. Desta vez, Ele apareceu como Hari-Hara — uma forma da qual uma metade era Siva e a outra Vishnu. Perante isto, o homem ficou meio satisfeito e meio descontente. Ele colocou as suas oferendas no lado que representava Siva, mas nada no que representava Vishnu. Quando ofereceu o incenso ardente a Siva, a sua amada forma da Divindade, foi suficientemente audaz para apertar as narinas de Vishnu para que este não inalasse a fragrância. Então Siva disse: " O teu fanatismo é irrazoável. Ao assumir este duplo aspeto, tentei convencer-te de que todos os Deuses e Deusas não são senão os vários aspetos do único Ser. Não aceitaste a lição de boa mente, e terás de sofrer pelo teu fanatismo. Longamente deves sofrer por isto." O homem foi-se embora e retirou-se para uma aldeia. Ele logo se desenvolveu num grande odiador de Vishnu. Ao tomarem conhecimento desta sua particularidade, as crianças da aldeia começaram a atormentá-lo proferindo o nome de Vishnu ao alcance dos seus ouvidos. Aborrecido com isto, o homem pendurou dois sinos nas suas orelhas e, quando os rapazes gritavam: "Vishnu, Vishnu," ele tocava os

sinos e tornava esses nomes inaudíveis para os seus ouvidos. E assim passou a ser conhecido pelo nome de Ghantakarna ou o Orelhas de Sino.

1078. Quatro homens cegos saíram para ver um elefante. Um tocou na perna do elefante e disse: "O elefante é como um pilar." O segundo tocou na tromba e disse: "O elefante é como um porrete grosso." O terceiro tocou na barriga e disse: "O elefante é como um grande jarro." O quarto tocou nas orelhas e disse: "O elefante é como um grande cesto de joeirar." Assim começaram a discutir calorosamente entre si sobre a forma do elefante. Um transeunte, vendo-os assim a brigar, disse: "Sobre o que estais a discutir?" Eles contaram-lhe tudo e pediram-lhe que arbitrasse. O homem disse: "Nenhum de vós viu o elefante. O elefante não é como um pilar, as suas pernas são como pilares. Não é como um cesto de joeirar, as suas orelhas são como cestos de joeirar. Não é como um porrete forte, a sua tromba é como um porrete. O elefante é a combinação de tudo isto — pernas, orelhas, barriga, tromba e assim por diante." Da mesma maneira, aqueles que brigam (sobre a natureza de Deus) viram cada um apenas algum aspeto da Divindade.

1079. Uma rã vivia num poço. Tinha vivido ali por um longo tempo. Tinha nascido e sido criada ali. E era uma rãzinha pequena. Um dia, outra rã que tinha vivido no mar veio e caiu naquele poço. A rã do poço perguntou à recém-chegada: "De onde és?" A rã do mar respondeu: "Sou do mar." A rã do poço questionou: "O mar! Quão grande é isso?" A rã do mar disse: "É muito grande." A rã do poço esticou as suas pernas e questionou: "Ah! É o teu mar tão grande?" A rã do mar: "É muito maior." A rã do poço deu então um salto de um lado do poço para o outro, e perguntou: "É tão grande como isto, o meu poço?" "Minha amiga," disse a rã do mar, "como podes comparar o mar com o teu poço?" A rã do poço asseverou: "Não, nunca poderá haver nada maior do que o meu poço. De facto, nada pode ser maior do que isto! Este sujeito é um mentiroso, ele deve ser expulso." Tal é o caso de cada homem de mente estreita. Sentado no seu próprio pequeno poço, pensa que o mundo inteiro não é maior do que o seu poço.

FÉ, DEVOÇÃO E RESIGNAÇÃO

1080. Certa vez, um lavadeiro estava a bater severamente num devoto, e o devoto estava a chorar: "Narayana! Narayana!" O Senhor Narayana estava em Sri Vaikuntha, sentado perto de Lakshmi. Assim que

ouviu o clamor do devoto, Ele levantou-se e procedeu para proteger o homem. Mas regressou ao Seu assento após dar apenas alguns passos. Vendo isto, Lakshmi perguntou ao Senhor por que razão tinha regressado tão depressa. O Senhor Narayana respondeu: "Porque não encontrei necessidade de ir lá. Esse sujeito também se tornou um lavadeiro. Começou a proteger-se a si próprio; está agora a dar golpes em retorno ao homem que lhe estava a bater antes. Por isso, onde está a necessidade de eu ir lá?" O Senhor salva a pessoa apenas se esta se render completamente a Ele.

1081. Não tendo recebido notícias do seu Gopal (Krishna, Deus encarnado), Yasoda veio uma vez ter com Radha e perguntou-lhe se tinha alguma notícia dele. Nessa altura, Radha estava num transe profundo e, por isso, não ouviu Yasoda. Posteriormente, quando o seu transe terminou, viu Yasoda, a rainha de Nanda, sentada diante dela. Inclinando-se diante dela imediatamente, Radha perguntou a Yasoda a razão da sua visita e, quando Yasoda expôs a razão, ela disse: "Mãe, fecha os teus olhos e medita na forma de Gopala, e serás capaz de O ver." E assim que Yasoda fechou os olhos, Radha, que era ela própria a mesmíssima essência dos sentimentos espirituais (*Bhava*), esmagou-a com o seu poder e, nesse humor superconsciente, Yasoda viu o seu Gopala. Então Yasoda pediu esta bênção a Radha: "Mãe, concede-me que possa ver o meu amado Gopala sempre que fechar os meus olhos."

1082. Sri Ramachandra, no decurso das Suas viagens através da floresta, desceu ao lago chamado Pampa para beber água, deixando o Seu arco e flecha fixados no chão. Ao subir, descobriu que uma rã estava deitada coberta de sangue por todos os lados, tendo sido trespassada pelo Seu arco. Ficou muito desgostoso e disse à rã: "Por que não emitiste algum tipo de som? Então eu poderia ter sabido que estavas aqui, e não terias chegado a esta situação." A rã respondeu: "Ó Rama, quando caio em perigo, clamo por Ti, dizendo: Ó Rama, salva-me. Agora que Tu Próprio me estás a matar, para quem mais me voltarei eu e rezarei?"

1083. Certa vez, o servo de um homem rico veio à casa do seu patrão e ficou num canto com grande reverência e humildade. Segurava na sua mão algo coberto com um pano. O patrão inquiriu: "O que tens na mão?" O servo tirou uma pequena pinha do pano e colocou-a humildemente diante do patrão, sentindo que este ficaria muito gratificado se a aceitasse. O patrão ficou muito agradado ao ver a amorosa devoção do servo e aceitou a oferenda, embora uma ninharia. Com grande deleite exclamou: "Ah, que

belo fruto é este! De onde o trouxeste?" Da mesma forma, Deus olha para dentro do coração do devoto. Ele é infinito na sua grandiosidade, no entanto é sensível à influência do amor e da devoção.

1084. O Mestre (para Pratap Ch. Mazumdar): Vós sois um homem educado e inteligente, e sois um pensador profundo também. Keshab e vós próprio éreis como os dois irmãos, Gour e Nitai. Já tivestes o suficiente deste mundo — o suficiente de palestras, controvérsias, cismas e o resto. Ainda vos importais com eles? Agora já passou da hora de recolherdes a vossa mente dispersa e a voltardes para Deus. Mergulhai no oceano da Divindade. Mazumdar: Sim, reverenciado Senhor, isso é o que eu deveria fazer; não há dúvida sobre isso. Mas tudo isto eu faço simplesmente para preservar o nome e a reputação de Keshab. Sri Ramakrishna (sorrindo): Deixai-me contar-vos uma história. Um homem construiu uma cabana no topo de uma montanha. Custou-lhe trabalho árduo e muito dinheiro. Passados alguns dias, veio um ciclone e a cabana começou a balançar de um lado para o outro. O homem, estando muito ansioso por salvá-la, rezou ao Deus do Vento, dizendo: "Senhor, suplico-Te, não destruas esta cabana." Mas o Deus do Vento não ouviu. Ele rezou novamente, mas a cabana continuou a balançar. Então pensou noutro plano para a salvar. Lembrou-se de que, de acordo com a mitologia, Hanuman era o filho do Deus do Vento. Por isso gritou alto: "Senhor, peço-Te, poupa esta cabana; pois pertence a Hanuman, Teu filho." Mas o Deus do Vento não ouviu. Então ele disse: "Senhor, rogo-Te, poupa esta cabana, pois pertence ao Senhor de Hanuman, Rama." Ainda assim o Deus do Vento não ouviu. Então, quando a cabana começou a desabar, o homem correu para fora dela para salvar a vida, e começou a praguejar dizendo: "Que esta miserável cabana seja destruída. O que me importa ela?" Vós podeis agora estar ansioso por preservar o nome de Keshab; mas consolai-vos com o pensamento de que foi, afinal de contas, devido à vontade de Deus que o movimento religioso ligado ao nome dele foi posto em marcha, e que se o movimento teve o seu dia, isso também se deve a essa mesma vontade Divina. Portanto, mergulhai profundamente no mar da Imortalidade.

1085. Um homem foi ter com um Sadhu e disse com uma grande exibição de humildade: "Senhor, sou uma pessoa muito baixa. Diz-me, Ó Mestre, como hei de ser salvo." O Sadhu, lendo o coração do homem, disse-lhe: "Bem, vai e traz-me aquilo que é mais vil do que tu próprio." O homem saiu e olhou por todos os lados, mas não encontrou absolutamente

nada mais vil do que ele próprio. Por fim, viu os seus próprios excrementos e disse: "Bem, aqui está algo que é certamente pior do que eu próprio." Estendeu a sua mão para os pegar e carregar ao Sadhu quando, de repente, ouviu uma voz dizer de dentro da imundície: "Não me toques, Ó pecador. Eu era um bolo doce e delicioso, próprio para ser oferecido aos Deuses e na aparência tão agradável a todos os espetadores. Mas a minha má sorte trouxe-me a ti, e pelo teu mau contacto fui reduzido a uma condição tão detestável que os homens fogem de mim com os rostos virados e com lenços a cobrir os narizes. Uma única vez vim em contacto contigo e este tem sido o meu destino. Em que degradação mais profunda não poderei eu ser lançado se me tocares novamente?" O homem aprendeu assim a verdadeira humildade, e tornou-se o mais humilde dos humildes. Como resultado, alcançou a mais alta perfeição.

1086. Certa vez, a presunção entrou no coração de Narada, e ele pensou que não havia maior devoto do que ele próprio. Lendo o seu coração, o Senhor disse: "Narada, vai a tal e tal lugar. Um grande devoto meu está a viver ali. Cultiva a relação com ele; pois ele é verdadeiramente dedicado a mim." Narada foi lá e encontrou um agricultor que se levantava cedo pela manhã, pronunciava o nome de Hari (Deus) apenas uma vez e, pegando no seu arado, saía e lavrava a terra todo o dia. À noite, ia para a cama após pronunciar o nome de Hari mais uma vez. Narada disse para si próprio: "Como pode este rústico ser um amante de Deus? Vejo-o ocupado ativamente em deveres mundanos, e ele não tem sinais de um homem piedoso à sua volta." Então Narada regressou para junto do Senhor e expôs o que pensava do seu novo conhecido. Sobre isso o Senhor disse: "Narada, pega nesta taça de óleo e dá a volta a esta cidade e regressa com ela. Mas tem o cuidado de não derramares nem uma única gota dela." Narada fez conforme lhe foi dito e, no seu regresso, o Senhor perguntou-lhe: "Bem, Narada, quantas vezes te lembraste de mim no decurso da tua caminhada à volta da cidade?" "Nem uma vez, meu Senhor," disse Narada, "e como poderia eu, quando tinha de vigiar esta taça a transbordar de óleo?" O Senhor disse então: "Esta única taça de óleo desviou tanto a tua atenção que até tu te esqueceste de mim por completo. Mas olha para aquele rústico que, embora carregando o pesado fardo de uma família, ainda se lembra de mim duas vezes todos os dias."

1087. Certa vez viviam dois Yogis que praticavam austeridades com vista a realizar o Senhor. Um dia, Narada, o sábio divino, passava pelo

eremitério deles, quando um deles lhe perguntou: "Vens do Céu?" Narada respondeu: "Sim, assim é." O Yogi disse: "Diz-me, por favor, o que viste o Senhor fazer no Céu." Narada respondeu: "Vi o Senhor divertir-se ao fazer camelos e elefantes passar pelo fundo de uma agulha." Perante isto o Yogi observou: "Não há nada nisso de que nos maravilharmos. Nada é impossível para Deus!" Mas o outro homem exclamou: "Ó que tolice! Isso é impossível! Isso só mostra que nunca estiveste na morada do Senhor." O primeiro homem era um Bhakta e tinha a fé de uma criança. Nada é impossível para o Senhor, nem ninguém pode conhecer a Sua natureza plenamente. Tudo se pode predizer a Seu respeito.

1088. Certa vez, o filho de um determinado homem estava à beira da morte, e parecia que ninguém poderia salvar a sua vida. Um Sadhu, contudo, disse ao pai do filho moribundo: "Há apenas uma esperança. Se conseguires obter num crânio humano o veneno de uma cobra-capelo misturado com algumas gotas de água da chuva sob a constelação da estrela Svati, a vida do teu filho pode ser salva." O pai consultou o almanaque e descobri que a constelação da Svati estaria ascendente no dia seguinte. Por isso rezou, dizendo: "Ó Senhor, torna Tu possíveis todas estas condições, e poupa a vida do meu filho." Con extrema sinceridade e anseio no coração, partiu na noite seguinte e procurou diligentemente num local deserto por um crânio humano. Por fim encontrou um sob uma árvore e, segurando-o na mão, esperou pela chuva, rezando. De repente veio uma bátega e algumas gotas de chuva depositaram-se no crânio voltado para cima. O homem disse para si próprio: "Agora tenho a água no crânio sob a constelação certa." Depois rezou sinceramente: "Concede, Ó Senhor, que o resto também possa ser obtido." Em pouco tempo descobriu, não longe dali, um sapo e uma cobra-capelo a saltar para o apanhar. Num momento o sapo saltou sobre o crânio, seguido pela cobra-capelo cujo veneno caiu no crânio. Com uma gratidão avassaladora, o pai ansioso gritou alto: "Senhor, pela Tua graça até as coisas impossíveis se tornam possíveis. Agora sei que a vida do meu filho será salva." Portanto eu digo, se tiverdes verdadeira fé e anseio sincero, obtereis tudo pela graça do Senhor.

1089. As práticas espirituais (*Sadhanas*) são absolutamente necessárias para a perceção do Eu, mas se houver fé perfeita, então uma pequena prática é suficiente. O sábio Vyasa estava prestes a atravessar o rio Jumna. Nesse preciso momento, as Gopis chegaram ao local onde o sábio estava. Elas também queriam atravessar o rio, mas não havia barco de

passagem. Por isso perguntaram a Vyasa: "Senhor, o que faremos?" Vyasa respondeu: "Não vos preocupeis. Eu levar-vos-ei através do rio. Mas antes disso, podeis dar-me alguma coisa para comer? Pois estou com muita fome." As Gopis tinham consigo uma quantidade de leite, nata e manteiga fresca, que lhe ofereceram, e ele consumiu tudo. As Gopis perguntaram então: "E quanto a atravessar o rio?" Vyasa colocou-se perto da margem da água e rezou: "Ó Jumna, se eu não comi nada hoje, por essa virtude peço-te que partas as tuas águas, para que possamos caminhar pelo teu leito e chegar ao outro lado." Mal proferiu estas palavras, as águas partiram-se e o leito seco do rio ficou a descoberto. As Gopis ficaram maravilhadas. Pensaram: "Como pôde ele dizer 'Se eu não comi nada hoje', quando comeu tanto agora mesmo?" Elas não compreenderam que esta era a prova da fé firme de Vyasa — que ele não comeu nada, mas o Senhor que habitava dentro dele foi o verdadeiro comedor.

1090. Havia um certo sacerdote brâmane que servia numa capela familiar. Certa vez, ele ausentou-se deixando o cargo do serviço na capela ao seu filhinho. Pediu ao rapaz para colocar a oferenda diária de comida diante da Divindade e ver que Ela a comia. O rapaz, seguindo as injunções do seu pai, colocou la oferenda diante da imagem e esperou silenciosamente. Mas a imagem nem falou nem comeu. O rapaz observou por um longo tempo. Tinha a fé firme de que a Divindade desceria do altar, tomaria o assento diante da oferenda e a comeria. Por isso rezou: "Ó Senhor, vem e come. Está a ficar muito tarde, não posso esperar mais tempo." Mas o Senhor não falou. Então o rapaz começou a chorar, dizendo: "Senhor, o meu pai pediu-me para ver que comias a oferenda. Por que não vens? Tu vens ao meu pai e comes a oferenda dele. O que fiz eu para que não venhas a mim e participes da minha oferenda?" Chorou amargamente por um longo tempo. Depois, ao olhar para o assento, viu a Divindade numa forma humana a comer a oferenda! Quando o serviço terminou e o rapaz saiu, as pessoas da casa disseram-lhe: "Se o serviço acabou, traz a oferenda para fora." O rapaz respondeu: "Sim, mas o Senhor comeu tudo." Em espanto perguntaram: "O que dizes?" Em absoluta inocência o rapaz repetiu: "Ora, o Senhor comera tudo o que eu ofereci." Entraram então na capela e ficaram estupefactos à vista dos pratos vazios. Tal é o poder da verdadeira fé e do verdadeiro anseio!

1091. O anseio extremo é o caminho mais seguro para a visão de Deus. Deve-se ter fé como uma criança inocente, e o anseio de uma criança

pela sua mãe. Havia um rapaz chamado Jatila. Costumava ir para a escola sozinho através dos bosques. Muitas vezes sentia-se isolado e com medo. Contou isso à sua mãe, e ela disse-lhe: "Por que tens medo, meu filho? Clama alto por Krishna quando ficares assustado." "Quem é Krishna, mãe?", perguntou o rapaz. A mãe respondeu: "Krishna é o teu irmão." Depois disso, quando Jatila passava sozinho pelos bosques e se sentia assustado, clamava alto: "Irmão Krishna!" Quando ninguém vinha, clamava novamente: "Ó irmão Krishna, onde estás? Vem a mim e protege-me. Estou assustado." Ouvindo o apelo da criança, tão cheio de fé, Krishna já não podia permanecer afastado. Apareceu na forma de um jovem rapaz e disse: "Aqui estou eu! O teu irmão! Por que estás assustado? Vem, eu levar-te-ei à escola." Depois, tendo-o escoltado até à escola, o Senhor Krishna disse-lhe: "Virei a ti sempre que me chamares. Não tenhas medo." Tal é o poder da verdadeira fé no Senhor e do real anseio por Ele.

1092. Uma leiteira costumava fornecer leite a um sacerdote brâmane que vivia no outro lado de um rio. Devido às irregularidades do serviço de barcos, ela não lhe podia fornecer leite pontualmente todos os dias. Certa vez, sendo repreendida por ir tarde, la pobre mulher disse: "O que posso fazer? Saio cedo da minha casa, mas tenho de esperar por um longo tempo na margem do rio pelo barqueiro e pelos passageiros." O sacerdote disse: "Mulher! Eles atravessam o oceano da vida proferindo o nome de Deus, e tu não podes atravessar este pequeno rio?" A mulher de coração simples ficou muito alegre no coração ao aprender este meio fácil de atravessar o rio. A partir do dia seguinte, o leite passou a ser fornecido cedo pela manhã. Um dia o sacerdote disse à mulher: "Como é que já não vens tarde hoje em dia?" Ela disse: "Atravessei o rio proferindo o nome do Senhor como me dissestes para fazer, e já não sinto necessidade de um barqueiro." O Sacerdote não pôde acreditar nisto e disse: "Podes mostrar-me como atravessas o rio?" A mulher levou-o com ela e começou a caminhar sobre a água. Olhando para trás, a mulher viu o sacerdote numa triste situação e disse: "Como é, Senhor, que estais a proferir o nome de Deus com a vossa boca, mas ao mesmo tempo com as vossas mãos estais a tentar manter o vosso pano intocado pela água? Vós não confiais plenamente N'Ele." A inteira resignação e a fé absoluta em Deus estão na raiz de todas as ações milagrosas.

1093. Certa vez, achando difícil conciliar as doutrinas contraditórias do livre-arbítrio do homem e da graça de Deus, dois discípulos do Mestre

foram ter com ele para uma solução das mesmas. O Mestre disse: "Por que falais de livre-arbítrio? Tudo está dependente da vontade do Senhor. A nossa vontade está amarrada à do Senhor, como a vaca à sua estaca. Não há dúvida de que temos uma certa quantidade de liberdade tal como a vaca tem, dentro de um círculo prescrito. Por isso o homem pensa que a sua vontade é livre. Mas sabei que a sua vontade está dependente da do Senhor." Discípulos: Não há então necessidade de praticar penitência, meditação e o resto? Pois a pessoa pode muito bem sentar-se quieta e dizer: "É tudo vontade de Deus; tudo o que é feito, é feito pela vontade d'Ele."

Sri Ramakrishna: Oh! De que serve se o dizeis simplesmente em tantas palavras? Nenhuma quantidade de negação verbal de espinhos vos poderá alguma vez salvar da sua picada dolorosa quando colocais a vossa mão sobre eles.

Se estivesse inteiramente nas mãos do homem realizar práticas espirituais de acordo com a sua vontade, toda a gente o teria feito. Mas não; nem toda a gente o consegue fazer, e porquê? Mas há uma coisa. Se não utilizardes devidamente a quantidade de força que He vos deu, He nunca dá mais. É por isso que o esforço pessoal é necessário. E assim, toda a gente tem de lutar arduamente até para se tornar apta para a graça de Deus. Por tal empenho, e através da Sua graça, os sofrimentos de muitas vidas podem ser eliminados numa única vida. Mas algum esforço pessoal é absolutamente necessário. Deixai-me contar-vos uma história:

Certa vez Vishnu, o Senhor de Goloka, amaldiçoou Narada, dizendo que ele seria lançado no inferno. Perante isto, Narada ficou muito perturbado na mente; e rezou ao Senhor, cantando canções de devoção e pedindo-Lhe que mostrasse onde é o inferno e como se pode ir para lá. Vishnu desenhou então o mapa do universo no chão com um pedaço de giz, representando a posição exata do céu e do inferno. Então Narada disse, apontando para a parte marcada como "inferno": "É assim? Isto é o inferno então!" Ao dizer isto, rebolou-se no local e exclamou que tinha passado por todos os sofrimentos do inferno. Vishnu, a sorrir, perguntou: "Como é isso?", e Narada respondeu: "Ora, Senhor, não são o céu e o inferno criação Tua? Quando Tu Próprio desenhaste o mapa do universo e me apontaste o inferno no plano, então esse lugar tornou-se um inferno real; e como me rebolei ali, os meus sofrimentos foram intensos. Por isso digo de facto que passei pelos castigos do inferno." Narada disse tudo isto sinceramente e, por isso, Vishnu ficou satisfeito com a explicação.

1094. O orgulho entrou certa vez no coração de Arjuna, o amado amigo de Sri Krishna. Arjuna pensava que ninguém se lhe igualava no amor e na devoção ao seu Senhor e amigo. O omnisciente Senhor, Sri Krishna, lendo o coração do Seu amigo, levou-o um dia a dar um passeio. Não tinham avançado muito quando Arjuna viu um estranho brâmane a comer erva seca como alimento, mas que, no entanto, tinha uma espada pendurada ao seu lado. Arjuna soube imediatamente que ele era um santo e piedoso devoto de Vishnu, alguém cujo dever religioso mais elevado era não ferir nenhum ser. Como até a erva tem vida, ele não a comia verde, mas sustentava a sua vida comendo-a seca e sem vida. No entanto, carregava uma espada. Arjuna, maravilhando-se com a incongruência, voltou-se para o Senhor e disse: "Como é isto? Eis um homem que renunciou a todas as ideias de ferir qualquer ser vivo, até à mais insignificante folha de erva; no entanto, carrega consigo uma espada, o símbolo da morte e do ódio!" O Senhor disse: "É melhor perguntares tu próprio ao homem." Arjuna foi então ter com o brâmane e disse: "Senhor, vós não feris nenhum ser vivo e viveis de erva seca. Por que razão carregais então esta espada afiada?" O brâmane: É para castigar quatro pessoas se porventura me cruzar com elas. Arjuna: Quem são elas? O brâmane: O primeiro é o patife do Narada. Arjuna: Porquê, o que fez ele? O brâmane: Ora, olhai para a audácia daquele sujeito; está perpetuamente a manter o meu Senhor acordado com as suas canções e música. Não tem consideração de espécie nenhuma pelo conforto do Senhor. Dia e noite, a propósito e fora de tempo, perturba a paz do Senhor com as suas orações e louvores. Arjuna: Quem é a segunda pessoa? O brâmane: A imprudente Draupadi. Arjuna: Qual é a falta dela? O brâmane: Olhai para a audácia inconsiderada da mulher; foi tão precipitada a ponto de chamar o meu amado Senhor exatamente no momento em que He ia jantar. He teve de abandonar o Seu jantar e ir para o Kamyaka Vana para salvar os Pandavas da maldição de Durvasas. E a sua presunção foi tão longe que até fez o meu amado Senhor comer o resto impuro da sua própria comida. Arjuna: Quem é o terceiro? O brâmane: É o desalmado Prahlada. Foi tão cruel que não hesitou por um momento em pedir ao meu Senhor que entrasse no caldeirão de óleo a ferver, que fosse pisado sob os pés pesados dos elefantes e que rompesse através de um pilar adamantino. Arjuna: Quem é o quarto? O brâmane: O patife do Arjuna. Arjuna: Porquê, que falta cometeu ele? O brâmane: Olhai para o crime dele. Fez o meu amado Senhor assumir o cargo humilde de

condutor da sua carruagem na grande guerra de Kurukshetra. Arjuna ficou espantado com a profundidade da devoção e do amor do pobre brâmane e, a partir desse momento, o seu orgulho desapareceu, e ele deixou de pensar que era o melhor devoto do Senhor.

1095. Numa certa aldeia vivia un tecelão muito piedoso. Toda a gente o amava e confiava nele. O tecelão costumava ir ao mercado para vender os seus panos. Se um cliente perguntasse o preço de um pedaço de pano, ele dizia: "Pela vontade de Rama, o fio custa uma rupia; pela vontade de Rama, o trabalho custa quatro annas; pela vontade de Rama, o lucro é de dois annas; pela vontade de Rama o preço do pano tal como está é de uma rupia e seis annas." As pessoas costumavam ter tanta confiança nele que pagavam imediatamente o preço e levavam o pano. O homem era um verdadeiro devoto. À noite, após a ceia, sentava-se durante um longo tempo a meditar em Deus e a repetir o Seu santo nome.

Certa vez, era já tarde na noite. O tecelão ainda não se tinha ido deitar. Estava sentado sozinho no pátio perto da entrada, a fumar. Um bando de ladrões passava por aquele caminho. Precisavam de um carregador e, vendo este homem, arrastaram-no com eles. Depois assaltaram uma casa e roubaram uma grande quantidade de coisas, algumas das quais empilharam na cabeça do pobre tecelão. Neste momento chegou o guarda. Os ladrões fugiram imediatamente, mas o pobre tecelão foi apanhado com a sua carga. Teve de passar essa noite na prisão. Na manhã seguinte foi levado perante o magistrado. As pessoas da aldeia, sabendo o que tinha acontecido, vieram ver o tecelão. Declararam unanimemente: "Sua Excelência, este homem é incapaz de roubar o que quer que seja." O magistrado pediu então ao tecelão para descrever o que tinha ocorrido. O tecelão disse: "Sua Excelência, pela vontade de Rama, eu estava sentado no pátio. Pela vontade de Rama, era muito tarde na noite. Pela vontade de Rama, eu estava a meditar em Deus e a repetir o Seu santo nome. Pela vontade de Rama, um bando de ladrões passou por aquele caminho. Pela vontade de Rama, arrastaram-me com eles. Pela vontade de Rama, assaltaram uma casa. Pela vontade de Rama, empilharam uma carga na minha cabeça. Pela vontade de Rama, fui apanhado. Depois, pela vontade de Rama, fui mantido na prisão, e esta manhã sou trazido perante Sua Excelência." O magistrado, vendo a inocência e a espiritualidade do homem, ordenou que ele fosse absolvido. Ao sair, o tecelão disse aos seus amigos: "Pela vontade de Rama, fui libertado."

Quer vivais no mundo quer renuncieis a ele, tudo depende da vontade de Rama. Lançando toda a vossa responsabilidade sobre Deus, fazei o vosso trabalho no mundo.

1096. Um ladrão entrou no palácio de um rei a altas horas da noite e ouviu o rei dizer à rainha: "Darei a minha filha em casamento a um daqueles Sadhus (homens santos) que estão a habitar na margem do rio." O ladrão pensou cá para si: "Bem, eis uma boa sorte para mim. Irei sentar-me entre os Sadhus amanhã com o disfarce de um Sadhu e, porventura, poderei conseguir a filha do rei." No dia seguinte assim procedeu. Quando os oficiais do rei vieram solicitar aos Sadhus que casassem com a filha do rei, nenhum deles consentiu nisso. Por fim, foram ter com o ladrão disfarçado de Sadhu e fizeram-lhe a mesma proposta. O ladrão ficou quieto. Os oficiais regressaram e disseram ao rei que havia um jovem Sadhu que poderia ser influenciado a casar com a princesa, e que não havia outro que consentisse. O rei foi então ter com o Sadhu em pessoa e suplicou-lhe calorosamente que o honrasse aceitando a mão da sua filha. Mas o coração do ladrão mudou com a visita do rei. Pensou cá para si: "Eu apenas assumi o traje de um Sadhu e, vejam só! o próprio rei vem a mim e desfaz-se em súplicas. Quem pode dizer que coisas melhores não estarão guardadas para mim se eu me tornar um verdadeiro Sadhu!" Estes pensamentos afetaram-no de forma tão forte que, em vez de se casar sob falsos pretextos, começou a corrigir os seus caminhos a partir desse mesmíssimo dia e esforçou-se por se tornar um verdadeiro Sadhu. Não se casou de todo e, por fim, tornou-se um dos mais piedosos ascetas do seu tempo. A contrafação de uma coisa boa conduz por vezes a resultados bons inesperados.

TYAGA E VAIRAGYA

1097. Um homem que estava sem emprego era constantemente pressionado pela sua esposa para procurar algum trabalho. Um dia, quando o seu filho estava perigosamente doente e os médicos declararam o caso como desesperado, ele saiu em busca de emprego. Entretanto o filho morreu, e foi feita uma busca pelo pai, mas ele não pôde ser encontrado em lado nenhum. Por fim, já tarde na noite, regressou a casa e foi severamente chamado à atenção pela sua esposa pela sua insensibilidade ao deixar a casa numa altura em que o seu filho jazia a morrer. O marido respondeu com um sorriso: "Bem, uma vez sonhei que me tinha tornado rei e que tinha sete filhos, com quem passava o meu tempo alegremente. Mas

quando acordei não encontrei nenhum deles. Foi tudo um sonho. Bem, diz-me por quem deveria eu chorar — por esses meus sete filhos ou pelo único que tu perdeste agora mesmo?" Aquele que sente este mundo como um sonho não sente, como os homens comuns, a alegria ou a dor que brotam dos apegos mundanos.

1098. Certa vez, um jovem Sannyasin foi a uma casa pedir a sua refeição. Tinha abraçado a vida monástica desde a sua própria infância e por isso não tinha muito conhecimento do mundo. Uma jovem senhora saiu de casa para lhe dar esmola. Vendo o peito dela, o jovem Sannyasin perguntou-lhe se ela estava a sofrer de furúnculos no peito. Perante isso, a mãe dela respondeu: "Não, meu filho, ela não tem furúnculo nenhum. Um filho nascerá em breve para ela e, por isso, Deus providenciou-lhe dois peitos para amamentar a criança. A criança sugará o leite desses peitos depois de nascer." Mal o jovem Sannyasin ouviu isto, exclamou: "Não mais pedirei as minhas refeições. Aquele que me criou, alimentar-me-á também."

1099. Um marido e uma esposa renunciaram ao mundo e juntos empreenderam uma peregrinação a vários santuários sagrados. Uma vez, enquanto caminhavam por uma estrada, o marido, estando um pouco à frente da esposa, viu um pedaço de diamante na estrada. Imediatamente começou a raspar o chão para esconder o diamante nele, pensando que, se a sua esposa o visse, porventura poderia ser movida pela avareza e assim perder o mérito da sua renúncia. Enquanto ele estava assim a raspar o chão, a esposa aproximou-se e perguntou-lhe o que estava a fazer. Ele deu-lhe, num tom apologético, uma resposta evasiva. Ela, contudo, descobrindo o diamante e lendo os seus pensamentos, observou: "Por que deixaste o mundo, se ainda sentes a distinção entre o diamante e o pó?"

1100. Como chega um homem a ter *Vairagya* (desafeiçoamento)? Uma esposa disse uma vez ao seu marido: "Querido, estou muito ansiosa com o meu irmão. Na última semana ele tem estado a pensar em tornar-se asceta, e tem estado ocupado a preparar-se para essa vida. Está a tentar reduzir gradualmente todos os seus desejos e necessidades." O marido respondeu: "Querida, não fiques de todo ansiosa com o teu irmão. Ele nunca se tornará um Sannyasin. Ninguém se pode tornar um Sannyasin dessa maneira." "Como se torna uma pessoa um Sannyasin então?", perguntou a esposa. "Assim!" exclamou o marido e, ao dizer isto, rasgou as suas roupas vistosas em pedaços, pegou num pedaço e amarrou-o à volta

dos seus lombos, e disse à sua esposa que ela e todas as do seu sexo eram daqui em diante mães para ele. Deixou a casa, para nunca mais voltar.

1101. "Eu completá-lo-ei pouco a pouco", "Estou prestes a assumir isto", "Vou começar isto" — tudo isto é indicativo de um humor procrastinador e só pode resultar num espírito tépido de *Vairagya*. Mas aquele em cujo coração o fogo da renúncia arde intensamente, que anseia por Deus como o coração de uma mãe o faz pelo seu filho — ele não quer nada exceto Deus. Para ele, o mundo aparece como um poço sem muro; e ele está sempre cauteloso para não cair nele. Não pensa como os outros: "Deixa-me primeiro resolver os meus assuntos familiares e depois meditarei em Deus." Ele tem uma determinação ardente dentro de si.

Certa vez, houve uma grande seca num país, e todos os lavradores estavam ocupados a trazer água para os seus campos cavando canais. Um deles era um homem de grande determinação, e tinha resolvido continuar a cavar até conseguir ligar o seu canal ao rio. Por isso continuou a trabalhar, embora estivesse a ficar tarde para o seu banho e refeição. A sua esposa enviou-lhe óleo através da filha deles, que veio e disse: "Papá, é quase meio-dia; esfrega este óleo e toma o teu banho." O pai respondeu: "Espera, ainda tenho trabalho." Já passava das duas horas e ainda o camponês não dedicava nenhum pensamento ao seu banho ou refeição. Por fim, a própria esposa veio ao campo e disse: "Por que não tomaste o teu banho até agora? A refeição ficou fria e passada. Tu vais sempre aos extremos. Vem embora agora, pelo menos. Faz o resto do trabalho amanhã, ou depois de teres tomado a tua refeição." O homem ficou imediatamente furioso e perseguiu-a com a enxada na mão, insultando-a e maltratando-a por palavras. "Mulher tola e sem senso!", exclamou ele, "não vês que a colheita está a secar e que todos vós tereis de morrer de fome? Primeiro estou determinado a trazer a água para o campo hoje, e depois pensarei noutras coisas." Perante isto, a mulher foi-se embora.

Após um trabalho hercúleo até altas horas da noite, o homem foi finalmente capaz de cumprir a sua determinação. Quando viu a água do rio fluir para os campos com um ruído de murmúrio, o seu deleite não conheceu limites. Vindo então para casa, pediu à sua esposa que lhe desse algum óleo e preparasse um cachimbo de tabaco. Após o seu banho e refeição, dormiu profundamente. Este tipo de determinação é o exemplo correto de *Vairagya* intenso.

Outro camponês estava também envolvido na mesma tarefa. Mas quando a sua esposa veio e lhe pediu para vir para casa, ele seguiu-a sem qualquer protesto, colocando a enxada ao ombro e dizendo: "Bem, já que vieste, tenho de ir." Ele nunca foi capaz de trazer a água para o seu campo a tempo. Isto ilustra o *Vairagya* ocioso e procrastinador. Sem uma determinação intensa, a irrigação do campo não é praticável; da mesma forma, sem um anseio intenso por Ele, ninguém pode alcançar o estado abençoado da visão de Deus.

1012. Certa vez, um pescador entrou furtivamente no jardim de um determinado cavalheiro à noite e estava a pescar ilegalmente no seu tanque. O cavalheiro, tendo tomado conhecimento disto, ordenou aos seus homens que cercassem o local e veio com tochas para descobrir o ladrão. Entretanto o pescador, não encontrando meio de escapar, sentou-se por baixo de uma árvore como um Sadhu, tendo untado o seu corpo com algumas cinzas. Por isso, quando as pessoas chegaram, não encontraram nenhum ladrão em lado nenhum, mas apenas um Sadhu untado com cinzas sagradas e profundamente absorto em meditação por baixo de uma árvore. Na manhã seguinte foi tornado público às pessoas da vizinhança que um grande Sadhu tinha vindo ao jardim de tal e tal pessoa. E assim centenas de pessoas começaram a afluir com várias ofertas de frutos e doces para prestar a sua homenagem ao Sadhu. Moedas de prata e de ouro começaram também a juntar-se em pilhas diante dele. Então o pescador pensou cá para si: "Quão maravilhoso! Eu não sou um verdadeiro Sadhu, ainda assim eles estão a mostrar tanta reverência para comigo! Então, seguramente, se eu me tornar um verdadeiro Sadhu, poderei realizar Deus." Assim, até a mera pretensão provocou um real despertar na mente daquele pescador.

1013. Certa vez, um Sadhu adquiriu grandes poderes ocultos e, por isso, tornou-se muito vaidoso. Mas ele era, no geral, um bom homem e tinha realizado muitas austeridades. Por isso, para o corrigir, o Senhor apareceu diante dele com o traje de um Sannyasin e disse: "Senhor, ouço dizer que alcançastes grandes poderes ocultos!" O Sadhu acolheu-o com grande respeito e pediu-lhe que se sentasse ali. Nesse preciso momento, um elefante passava por ali e, vendo-o, o Sannyasin disse ao Sadhu: "Bem, Senhor, podeis matar este elefante se assim escolherdes?" O Sadhu respondeu: "Sim, isso pode ser feito," e, ao dizer isto, pegou num punhado de pó e atirou-o ao elefante, cantando certos encantamentos. O elefante caiu imediatamente morto, a contorcer-se em agonia. Então o Sannyasin

observou: "Oh! quão maravilhoso é o vosso poder! Quão facilmente matastes o elefante!" O Sadhu sorriu perante estas palavras de louvor. O Sannyasin disse novamente: "Bem; podeis trazer o elefante de volta à vida?" "Sim, isso também pode ser feito," respondeu ele, e atirou novamente um punhado de pó ao elefante morto, pelo que o animal se levantou perfeitamente restabelecido. Perante isto o Sannyasin observou: "Maravilhoso de facto é o vosso poder! Mas eu gostaria de vos fazer uma pergunta. Agora mesmo matastes o elefante e depois o restabelecestes, mas que benefício vos trouxe isso? Que melhoria vos trouxe? Ajudou-vos a alcançar Deus?" Ao dizer isto, desapareceu.

1014. Um lenhador levava uma vida muito miserável com os magros meios que conseguia obter vendendo diariamente a carga de lenha que trazia de uma floresta vizinha. Certa vez, um Sannyasin, que seguia o seu caminho através da floresta, viu-o a trabalhar e disse-lhe que ele deveria ir mais para o interior da floresta para que fosse beneficiado com isso. O lenhador obedeceu à injunção e procedeu em frente até chegar a uma árvore de sândalo. Ficou muito agradado e levou consigo tantos troncos de sândalo quantos podia carregar e vendeu-os no mercado com um grande lucro. Depois começou a considerar por que razão o bom Sannyasin não lhe dissera nada sobre as árvores de sândalo, mas simplesmente o aconselhara a proceder para o interior da floresta. Por isso, no dia seguinte foi ainda mais além da região das árvores de sândalo, até que por fim deparou com uma mina de cobre. Levou consigo tanto cobre quanto podia carregar e, ao vendê-lo no mercado, conseguiu muito dinheiro. No dia seguinte, sem parar na mina de cobre, procedeu ainda mais além, como o Sadhu o aconselhara a fazer, e deparou com uma mina de prata. Levou então consigo tanta prata quanta podia carregar e vendeu-a toda e conseguiu ainda mais dinheiro. E assim, procedendo diariamente cada vez mais além, alcançou minas de ouro e minas de diamante e, por fim, tornou-se extremamente rico. Tal é também o caso do homem que aspira ao verdadeiro Conhecimento. Se ele não parar no seu progresso após alcançar um pouco de qualquer poder sobrenatural extraordinário, torna-se por fim realmente rico no conhecimento eterno da Verdade suprema.

1015. Durante o reinado de Akbar vivia um Fakir (um asceta muçulmano) numa certa floresta perto de Deli. Muitos costumavam recorrer à cabana deste homem santo. Mas como ele não tinha nada com que mostrar hospitalidade a estes visitantes, necessitava de algum dinheiro

para este propósito e foi pedir ajuda a Akbar Shah, que era bem conhecido pela sua bondade para com os homens santos. Akbar Shah estava então a fazer as suas orações, e o Fakir tomou o seu lugar na sala de oração. No decurso das suas orações ouviu-se Akbar dizer: "Ó Senhor, concede-me mais riqueza, mais poder, mais territórios!" De imediato o Fakir se levantou e estava prestes a sair de mansinho da sala quando o Imperador lhe fez sinal para se sentar novamente. No final da oração, Akbar perguntou ao Fakir: "Senhor, viestes ver-me. Como é então que queríeis partir sem me dizerdes nada?" O Fakir disse: "O objeto da minha visita a Sua Majestade... bem, não preciso de o incomodar com isso." Quando Akbar lhe pediu repetidamente para dizer o que queria, o Fakir disse por fim: "Sua Majestade, muitas pessoas vêm ter comigo para serem ensinadas, mas por falta de dinheiro sou incapaz de prover ao conforto delas. Por isso pensei ser bem vir a Sua Majestade pedir ajuda." Akbar perguntou então por que razão ele estava prestes a ir embora sem lhe ter dito o objeto da sua visita. O Fakir respondeu: "Quando vi que vós próprio éreis um mendigo, a mendigar ao Senhor por fortuna e poder e território, disse para mim próprio: 'Por que haveria eu de ir mendigar a uma pessoa que é ela própria um mendigo? É melhor mendigar ao próprio Senhor, se é que de facto não me é possível passar sem mendigar de todo'."

1016. Um brâmane encontrou um Sannyasin, e ambos tiveram uma longa conversa sobre tópicos mundanos e religiosos. Por fim o Sannyasin disse ao brâmane: "Repara, meu filho, não há que depender de ninguém neste mundo. Ninguém a quem chames teu é teu." O brâmane não quis acreditar. Como podia ele pensar que aqueles por quem trabalhava arduamente dia e noite, isto é, os membros da sua própria família, não eram seus amigos com quem podia contar para ajuda? Por isso o brâmane disse: "Senhor, quando estou incomodado com uma ligeira dor de cabeça que seja, a minha mãe fica tão preocupada que está pronta a dar até a sua vida de bom grado se isso apenas me trouxer alívio. Que uma tal mãe não seja uma amiga de quem posso depender é algo que não consigo conceber." O Sannyasin respondeu: "Se tal for o caso, então como é óbvio ela é uma amiga. Mas, para te dizer a verdade, estás redondamente enganado. Nunca acredites por um momento que a tua mãe, esposa e filho sacrificarão as suas vidas por tua causa. Podes verificar a verdade disto se quiseres; vai para casa e finge uma dor dilacerante no teu estômago e geme com ela; eu virei e mostrar-te-ei uma diversão." O brâmane agiu em conformidade.

Médicos foram chamados, mas nenhum pôde dar qualquer alívio. A mãe do paciente suspirava e entristecia-se; a esposa e os filhos choravam. O Sannyasin apareceu neste momento. "A doença é de natureza grave," disse o Sannyasin, "e não vejo qualquer hipótese de recuperação do paciente a menos que alguém se chegue à frente para dar a sua vida por amor do paciente." Perante isto, todos eles ficaram horrorizados. O Sannyasin, dirigindo-se à velha mãe do paciente, disse: "Viver ou morrer será a mesma coisa para vós se na vossa velhice perderdes o vosso filho que ganha para si próprio e para vós todos. Se puderdes dar a vossa vida em troca da dele, posso salvar o vosso filho. Se vós, como mãe dele, não podeis fazer este sacrifício por ele, quem mais neste mundo se importará de o fazer?"

A velha mulher balbuciou entre lágrimas: "Reverendo pai, estou pronta a fazer tudo o que ordenardes por amor do meu filho. Mas a questão é a minha própria vida... e o que é a minha vida em comparação com a do meu filho? O pensamento — o que será dos meus pequeninos após a minha morte — torna-me cobarde. Desgraçada de mim, estes pequeninos estão no meu caminho."

Ao ouvir este diálogo entre o Sannyasin e a sogra, a esposa do paciente chorou amargamente e disse, dirigindo-se aos seus próprios pais: "Por vossa causa, querido pai e mãe, não posso fazer o sacrifício." O Sannyasin voltou-se para ela e perguntou-lhe se não sacrificaria a sua vida por amor do seu marido, agora que a mãe dele tinha recuado. A esposa disse: "Miserável de mim! Se a viuvez tiver de ser a minha sorte, que assim seja. Não consigo tomar a decisão de causar desgosto ao meu pai e à minha mãe pela perda da sua filha."

Desta maneira, cada um se esquivou da dificuldade. Então o Sannyasin disse ao paciente: "Olha agora, ninguém está aqui pronto a sacrificar uma vida por ti. Compreendes agora o que eu queria dizer ao afirmar que não havia que depender de ninguém neste mundo?" Quando o brâmane viu tudo isto, abandonou o seu chamado lar e seguiu o Sannyasin.

1107. Um discípulo disse ao seu Guru que a sua esposa o amava muito e, por isso, não podia renunciar ao mundo. O discípulo costumava praticar Hathayoga. Para o convencer da insubstancialidade do seu argumento, o Guru ensinou-lhe alguns segredos deste ramo do Yoga. Um

dia, de rompante, houve uma grande consternação na casa do discípulo, e lamentos e soluços foram ouvidos por todos os lados. Os vizinhos vieram a correr para a casa e viram o discípulo Hatha Yogi num quarto, totalmente imóvel, numa postura convoluta peculiar. Todos pensaram que a vida se tinha extinguido no corpo. A esposa do homem chorava: "Ai, para onde foste, querido? Por que nos abandonaste? Ah! Nunca soubemos que tal calamidade se abateria sobre nós!" Entretanto, os parentes trouxeram uma maca para levar o cadáver para a cremação. Depararam-se então com uma grave dificuldade. Como o homem estava numa postura contorcida, o seu corpo não passava pela porta. Vendo isso, um dos vizinhos trouxe um machado e começou a cortar a estrutura de madeira da porta. Até aí, a esposa chorava num acesso incontrolável de dor; mas mal ouviu o som do machado, correu para o local e, embora ainda chorando, indagou ansiosamente o que estavam a fazer. Um dos vizinhos disse-lhe que estavam a cortar a porta, pois o corpo do seu marido não podia de outro modo ser retirado devido à sua postura peculiar. "Não, não", gritou a esposa, "não façais isso agora. Fiquei viúva e não há ninguém para cuidar de mim. Tenho de criar os meus filhos órfãos de pai. Se agora cortardes a porta, ela não poderá ser reparada novamente. O que tinha de acontecer, aconteceu ao meu marido. Mais vale cortar-lhe as mãos e as pernas e retirá-lo." Ao ouvir isto, o Hatha Yogi levantou-se imediatamente, tendo o efeito da substância passado por esta altura, e berrou: "Mulher, queres cortar-me as mãos e as pernas?" E ao dizer isto, foi-se embora com o seu Guru, renunciando ao lar e à família.

NATUREZA DE MAYA

1108. Um homem caminhava pelos bosques. No seu caminho, foi apanhado por um bando de três ladrões. Roubaram-lhe tudo o que tinha. Então, o primeiro ladrão perguntou: "Qual é a utilidade de deixar este homem vivo?" E, puxando da sua espada, estava prestes a matá-lo, quando o segundo ladrão o impediu, dizendo: "Que vantagem há em matá-lo? Amarrai-lhe as mãos e os pés e lançai-o para o lado." Assim, amarraram-no de mãos e pés e foram-se embora, deixando-o ali. Depois de terem caminhado alguma distância, o terceiro ladrão regressou e disse-lhe: "Ah! Estás ferido? Vem, deixa-me desatar as cordas e libertar-te." Então, quando retirou as cordas, disse: "Agora vem comigo. Mostrar-te-ei o caminho." Após caminharem uma longa distância, encontraram a estrada, e então o

ladrão disse: "Olha, ali está o teu lar. Segue a estrada e em breve lá chegarás." O homem agradeceu-lhe e disse: "Senhor, fizeste-me um grande serviço, estou-vos muito grato. Não quereis vir comigo até à minha casa?" O ladrão respondeu: "Não, não posso ir lá, a polícia descobrir-me-á."

Este mundo é o deserto. Os três ladrões são as três Gunas (constituintes) da Natureza — *Sattva*, *Rajas* e *Tamas*. O Jiva ou a alma individual é o viajante. A perceção do Eu é o seu tesouro. *Tamas* prende-o com os grilhões do mundo, mas *Sattva* protege-o da ação de *Rajas* e *Tamas*. Ao refugiar-se em *Sattva*, o Jiva fica livre da luxúria, da ira e da ilusão, que são os efeitos de *Tamas*; assim, a qualidade de *Sattva* emancipa o Jiva do cativeiro do mundo. Mas a própria qualidade de *Sattva* é também um ladrão. Conduz a pessoa, contudo, até ao caminho da Suprema Morada e depois diz: "Contempla, ali está o teu lar!" Depois desaparece. Nem mesmo a qualidade de *Sattva* pode entrar na região do Absoluto.

1109. Um sacerdote ia outrora para a aldeia de um discípulo seu. Não levava nenhum servo consigo. Vendo um sapateiro no caminho, dirigiu-se a ele, dizendo: "Olá! Bom homem, queres acompanhar-me como servo? Serás bem alimentado e bem cuidado se vieres comigo." O sapateiro respondeu: "Senhor, sou da casta mais baixa. Como posso ir como vosso servo?" O sacerdote disse: "Não importa. Não digas a ninguém o que és. Também não fales com ninguém, nem faças amizade com ninguém." O sapateiro concordou. Ao crepúsculo, enquanto o sacerdote estava nas suas orações na casa do seu discípulo, outro brâmane veio e disse ao servo do sacerdote: "Vai e traz as minhas sandálias dali." Fiel à ordem do seu mestre, ele não respondeu. O brâmane repetiu a sua ordem uma segunda vez, mas mesmo aí o servo permaneceu em silêncio. O brâmane repetiu-a repetidamente, mas o sapateiro não se moveu um centímetro. Por fim, ficando irritado, o brâmane disse zangado: "Vilão! Como ousas desobedecer à ordem de um brâmane? Qual é o teu nome? Serás de facto um sapateiro?" O sapateiro, ao ouvir isto, começou a tremer de medo e, olhando piedosamente para o sacerdote, disse: "Ó venerável Senhor! Fui descoberto. Não me atrevo a ficar aqui nem mais um momento. Deixai-me fugir." E ao dizer isto, pôs-se em fuga. Exatamente assim, assim que Maya é reconhecida, ela foge.

1110. Maya é incognoscível. Certa vez, Narada suplicou ao Senhor do universo: "Senhor, mostra-me essa Tua Maya que pode tornar o impossível possível." O Senhor acenou assentindo. Posteriormente, o

Senhor partiu um dia numa viagem com Narada. Depois de caminharem alguma distância, He sentiu muita sede e fadiga. Por isso, sentou-se e disse a Narada: "Narada, sinto muita sede; por favor, traz-me um pouco de água de algum lado." Narada correu imediatamente em busca de água. Não encontrando água ali perto, afastou-se do local e viu um rio a grande distância. Quando se aproximou do rio, viu uma jovem senhora extremamente charmosa ali sentada, e ficou imediatamente cativado pela sua beleza. Assim que Narada se aproximou dela, ela começou a dirigir-se a ele com palavras doces e, em pouco tempo, ambos se apaixonaram um pelo outro. Narada casou-se então com ela e estabeleceu-se como um homem de família. Com o decorrer do tempo, teve vários filhos com ela. E enquanto vivia assim feliz com a sua esposa e filhos, veio uma peste no país. A morte começou a cobrar o seu preço em todos os lugares. Então Narada propôs abandonar o local e ir para outro lado. A sua esposa concordou, e ambos saíram da sua casa levando os filhos pela mão. Mas mal chegaram à ponte para atravessar o rio, veio uma inundação terrível e, na força da água, todos os seus filhos foram levados um após outro, e por fim a esposa também se afogou. Esmagado pela dor do seu falecimento, Narada sentou-se na margem e começou a chorar piedosamente. Nesse preciso momento, o Senhor apareceu diante dele, dizendo: "Ó Narada, onde está a água? E por que estás a chorar?" A visão do Senhor sobressaltou o sábio, e então ele compreendeu tudo. Exclamou: "Senhor, as minhas reverências a Ti, e as minhas reverências também à Tua maravilhosa Maya!"

1111. Certa vez, uma tigresa atacou um rebanho de ovelhas. Ela estava grávida e, por isso, quando saltou sobre o rebanho, deu à luz um filhote e morreu. Mas o filhote sobreviveu e cresceu no meio do rebanho de ovelhas. As ovelhas pastavam no campo e o filhote também fazia o mesmo. Elas baliam e ele também tentava imitá-las. Com o decorrer do tempo, tornou-se um tigre adulto. Por acaso, um dia, outro tigre veio e atacou o rebanho, mas ficou surpreendido ao ver a ovelha-tigre no rebanho. Então perseguiu-a e agarrou-a pelo pescoço. Mas esta começou a balir de medo como as ovelhas. O velho tigre, contudo, arrastou-a até um tanque e, mostrando-lhe o reflexo de ambos na água, disse: "Olha, a tua forma é semelhante à minha. Tu também és um tigre como eu. Agora come este pedaço de carne." E ao dizer isto, forçou a carne para dentro da boca da outra. Mas, ao início, a ovelha-tigre não a comia de maneira nenhuma.

Balia e dizia que era uma ovelha. Mas assim que sentiu um pequeno gosto de sangue, o seu instinto adormecido foi avivado e começou a comer a carne. Então o velho tigre disse: "Agora compreendeste que és o mesmo que eu? Então vem comigo para a floresta." Da mesma forma, se alguém tiver a graça do Guru, não há medo. O Guru abrirá os vossos olhos e dir-vos-á quem sois e qual é o vosso verdadeiro eu.

1112. No decurso da análise pessoal, quando a mente atinge o estado de paz perfeita, vem a revelação do Supremo Brahman. Certa vez, um homem quis ver o rei. O rei vivia no aposento interior do palácio, além de sete portões. O homem chegou ao palácio e viu no primeiro portão uma pessoa sentada em grande pompa, cercada por uma comitiva. Vendo-a, o homem que ia ter com o rei perguntou ao seu amigo: "É aquele o rei?" O amigo disse com um sorriso: "Não." A seguir, passou pelos outros portões, um após outro, e em cada portão sucessivo viu pessoas sentadas cercadas de maior e maior pompa e exibição. Quanto mais avançava no interior del palácio, maior era a grandiosidade das pessoas que via. E em cada estágio seguinte pensava que contemplava o rei e, por isso, questionava o seu amigo. Mas quando cruzou o sétimo portão e ficou face a face com o próprio rei, não sentiu necessidade de perguntar ao seu amigo se o homem era o rei. Pois ficou emudecido pela própria visão da imensa grandiosidade do rei, e sentiu a certeza de que estava na augusta presença da realeza.

REALIZAÇÃO DO DIVINO

1113. Uma certa senhora devota, que era também uma esposa fiel, vivia com o seu marido, servindo-o a ele e aos seus filhos com um coração amoroso e, ao mesmo tempo, mantendo a sua mente fixada no Senhor. À morte do seu marido, assim que a cremação terminou, ela quebrou as suas pulseiras de vidro e usou um par de braceletes de ouro em seu lugar. As pessoas maravilharam-se com a sua conduta não natural, mas ela explicou-lhes: "Até agora, o corpo do meu marido era frágil como as pulseiras de vidro. Esse corpo efémero desapareceu agora e ele é, portanto, como alguém imutável e completo em todos os aspetos. O seu corpo já não é frágil. Por isso, descartei as frágeis pulseiras de vidro e coloquei ornamentos de natureza permanente."

1114. Certa vez vieram a Dakshineswar dois Sadhus que eram pai e filho. O filho tinha alcançado o verdadeiro Conhecimento, mas o pai não. Ambos estavam sentados no quarto onde Sri Ramakrishna vivia e

conversavam com ele. Entretanto, uma jovem cobra-capelo saiu de uma toca de rato e mordeu o filho. Vendo isso, o pai ficou terrivelmente assustado e começou a chamar todas as pessoas ao redor. Mas o filho sentou-se quieto, e isso intrigou o pai ainda mais. Quando perguntou ao filho por que razão estava sentado quieto, o filho riu-se e ouviu-se explicar: "Qual é a serpente e a quem mordeu ela?" Ele tinha realizado a Unidade e, por isso, não podia fazer qualquer distinção entre um homem e uma serpente.

1115. Um pária carregava cestos de carne de um matadouro. No caminho encontrou Sankaracharya, que regressava após o seu banho no sagrado Gange. Aconteceu que o pária tocou na pessoa do homem santo. Sankara ficou ofendido e gritou: "Tocaste-me, vilão!" O pária respondeu: "Senhor, nem eu vos toquei, nem vós me tocastes! Por favor, raciocinai comigo e dizei se o vosso verdadeiro Eu é o corpo ou a mente ou o intelecto; dizei-me o que verdadeiramente sois. Vós sabeis que o verdadeiro Eu não está apegado a nenhuma das três Gunas da Natureza, *Sattva*, *Rajas* e *Tamas*." Então Sankara ficou envergonhado e teve o verdadeiro despertar.

1116. Certa vez, um Sadhu colocou o seu discípulo num jardim magnífico com a intenção de lhe transmitir o conhecimento do verdadeiro Eu e foi-se embora. Passados alguns dias, regressou e perguntou ao discípulo: "Sentes alguma falta, meu rapaz?" Ao receber uma resposta afirmativa, deixou com ele uma bela mulher chamada Shyama, e aconselhou-o a comer peixe e carne livremente. Após um tempo considerável, veio novamente e fez a mesma pergunta de antes. Desta vez, o discípulo respondeu: "Não, não tenho falta de nada, obrigado." O Sadhu chamou então tanto o discípulo como Shyama para junto de si e, apontando para as mãos de Shyama, perguntou ao discípulo: "Podes dizer-me o que são isto?" "Ora, estas são as mãos de Shyama," respondeu o discípulo. Fez a mesma pergunta várias vezes, apontando para os olhos, nariz e outras partes do corpo de Shyama, e o discípulo deu as respostas apropriadas. Pouco depois, a ideia atingiu o discípulo: "Estou a falar de tudo como 'isto' de Shyama e 'aquilo' de Shyama. O que é então esta Shyama?" Desconcertado, fez ao seu Guru a pergunta: "Mas quem é esta Shyama a quem pertencem estes olhos, ouvidos e o resto?" O Sadhu disse: "Se desejas saber quem é esta Shyama, vem comigo e eu te iluminarei." Ao dizer isto, revelou-lhe o segredo.

1117. Um certo pai tinha dois filhos. Quando estes tiveram idade suficiente, foram admitidos no primeiro estágio da vida (*Brahmacharya*) e colocados sob os cuidados de um preceptor religioso para estudar os Vedas. Após um longo tempo, os rapazes regressaram a casa, tendo terminado os seus estudos. O pai perguntou-lhes se tinham lido a Vedanta. Ao responderem afirmativamente, perguntou: "Bem, digam-me o que é Brahman." O filho mais velho, citando os Vedas e outras escrituras, respondeu: "Ó Pai, Está além das palavras e do pensamento. É assim e assado. Conheço-O todo." E para apoiar o que dizia, citou novamente textos vedânticos. "Portanto, conhecestes Brahman!", disse o pai, "podeis ir tratar dos vossos assuntos." Depois fez ao filho mais novo a mesma pergunta. Mas o rapaz permaneceu em silêncio; nem uma palavra saiu da sua boca, nem fez qualquer tentativa de falar. Perante isto, o pai observou: "Sim, meu filho, tu estás certo. Nada se pode predizer do Absoluto e do Incondicionado. Mal falais d'Ele já estais a declarar o Infinito em termos do finito, o Absoluto em termos do relativo, o Incondicionado em termos do condicionado. O teu silêncio é mais eloquente do que a recitação de cem versos e a citação de cem autoridades."

1118. A um brâmane douto calhou ir ter com um rei sábio e disse: "Sou bem versado, Ó rei, nas sagradas escrituras. Pretendo ensinar-vos o Bhagavata." O rei, que era o mais sábio dos dois, sabia bem que um homem que realmente tivesse estudado o Bhagavata procuraria conhecer o seu próprio Eu em vez de ir à corte de um rei por riqueza e honra. Por isso o rei respondeu: "Vejo, Ó brâmane, que vós próprio não dominastes esse livro minuciosamente. Prometo fazer-vos meu tutor, mas primeiro aprendei bem a escritura." O brâmane seguiu o seu caminho, pensando: "Quão tolo é o rei ao dizer que não dominei o Bhagavata, visto que tenho andado a ler o livro repetidamente ao longo de todos estes anos." Contudo, examinou o livro cuidadosamente mais uma vez e apareceu de novo perante o rei. O rei disse-lhe a mesma coisa novamente e mandou-o embora. O brâmane ficou dolorosamente aborrecido, mas pensou que deveria haver algum significado no comportamento do rei. Foi para casa, fechou-se no seu quarto e aplicou-se mais do que nunca ao estudo do livro. A pouco e pouco, significados ocultos começaram a reluzir na sua mente e a vaidade de correr atrás das bolhas de riquezas e honras, reis e cortes, riqueza e fama, apareceu à sua visão desimpedida. A partir desse dia, entregou-se inteiramente a alcançar a perfeição pela adoração a Deus, e nunca mais

pensou em regressar ao rei. Uns anos depois, o rei pensou no brâmane e foi à casa dele para ver o que estava a fazer. Ao vê-lo, agora radiante com a luz e o amor Divinos, caiu de joelhos e disse: "Vejo que realizastes agora o verdadeiro significado das escrituras. Estou pronto para ser vosso discípulo, se devidamente condescenderdes em fazer-me um."

1119. Havia um mosteiro hindu numa certa aldeia. Os monges costumavam sair todos os dias com taças de mendigar para recolher comida. Um dia, um monge, enquanto fazia as suas rondas, viu um Zemindar (proprietário de terras) a bater severamente num homem pobre. O homem santo, sendo muito bondoso, suplicou ao Zemindar que parasse de bater no homem. O Zemindar, cego de raiva, virou-se imediatamente contra o monge e descarregou toda a sua ira sobre ele. Espancou-o tão pesadamente que o monge caiu inconsciente no chão. Outro homem, vendo a condição do monge, foi ao mosteiro e contou o que tinha acontecido. Os seus irmãos correram para o local onde ele jazia. Carregaram-no para o mosteiro e deitaram-no num quarto; mas o homem santo ainda permaneceu inconsciente por um longo tempo. Tristes e ansiosos, os Irmãos abanaram-no, banharam-lhe o rosto com água fria, deitaram-lhe leite na boca e fizeram tudo o que era possível para o reanimar. Gradualmente, recuperou a consciência. Quando abriu os olhos e olhou para os monges, um deles, desejando saber se ele podia reconhecer os seus amigos, perguntou-lhe em voz alta: "Reverendo senhor, reconhece aquele que lhe está a dar leite?" O homem santo respondeu com uma voz fraca: "Irmão, aquele que me bateu está agora a alimentar-me." Não se pode realizar esta unidade de Espírito a menos que se tenha alcançado a consciência de Deus e se tenha ido além do bem e do mal, e da virtude e do vício.

1120. Certa vez, numa certa aldeia vivia um jovem chamado Padmalochan, que tinha a alcunha de Podo dada pelos aldeãos. Nessa aldeia havia um velho templo degradado. Não havia nenhuma imagem sagrada de Deus dentro do templo, e todo o edifício estava cheio de arbustos e árvores, e formava uma residência conveniente para aves e morcegos. Uma noite, de rompante, as pessoas ouviram os sons de cânticos e de búzios a sair do templo deserto. Homens, mulheres e crianças correram todos ansiosamente para o local, pensando que algum devoto pudesse ter instalado recentemente uma imagem de Deus e estivesse a realizar o serviço da noite. Com as mãos juntas, esperaram todos lá fora para ver a imagem enquanto ouviam os sons sagrados. Mas um deles, mais

curioso do que os restantes, teve a coragem de espreitar pelas portas. Para sua surpresa, viu que era Podo que estava a tocar o sino e a soprar o búzio lá dentro. O chão da sala do santuário estava tão sujo como antes, e não havia imagem para adorar. Ele gritou então dizendo: "Ó Podo, não tens nenhuma imagem de Madhava no teu templo! E repara! Nem sequer te deste ao trabalho de limpar e purificar o templo! Dia e noite os onze morcegos guincham ali. Ah, para nada levantaste toda esta agitação pelo soprar ruidoso do búzio!" Portanto, se quereis instalar a imagem sagrada de Deus dentro do templo do vosso coração, isto é, se O quereis realizar, qual é a utilidade de meramente soprar o vosso búzio para nada? Primeiro purificai o vosso coração. Quando a mente se torna pura, o próprio Senhor vem e faz dela o Seu assento. Nenhuma imagem de Deus pode ser colocada num lugar sujo. Os onze morcegos referidos acima são os onze sentidos (os cinco órgãos do conhecimento, os cinco órgãos da ação e a mente). Primeiro mergulhai profundamente dentro de vós mesmos e colhei as gemas que ali jazem escondidas. Depois disso, podereis ter tudo o resto. Primeiro tendes de entronizar Madhava no coração; depois podereis ter bastante de palestras e pregações. Fim.